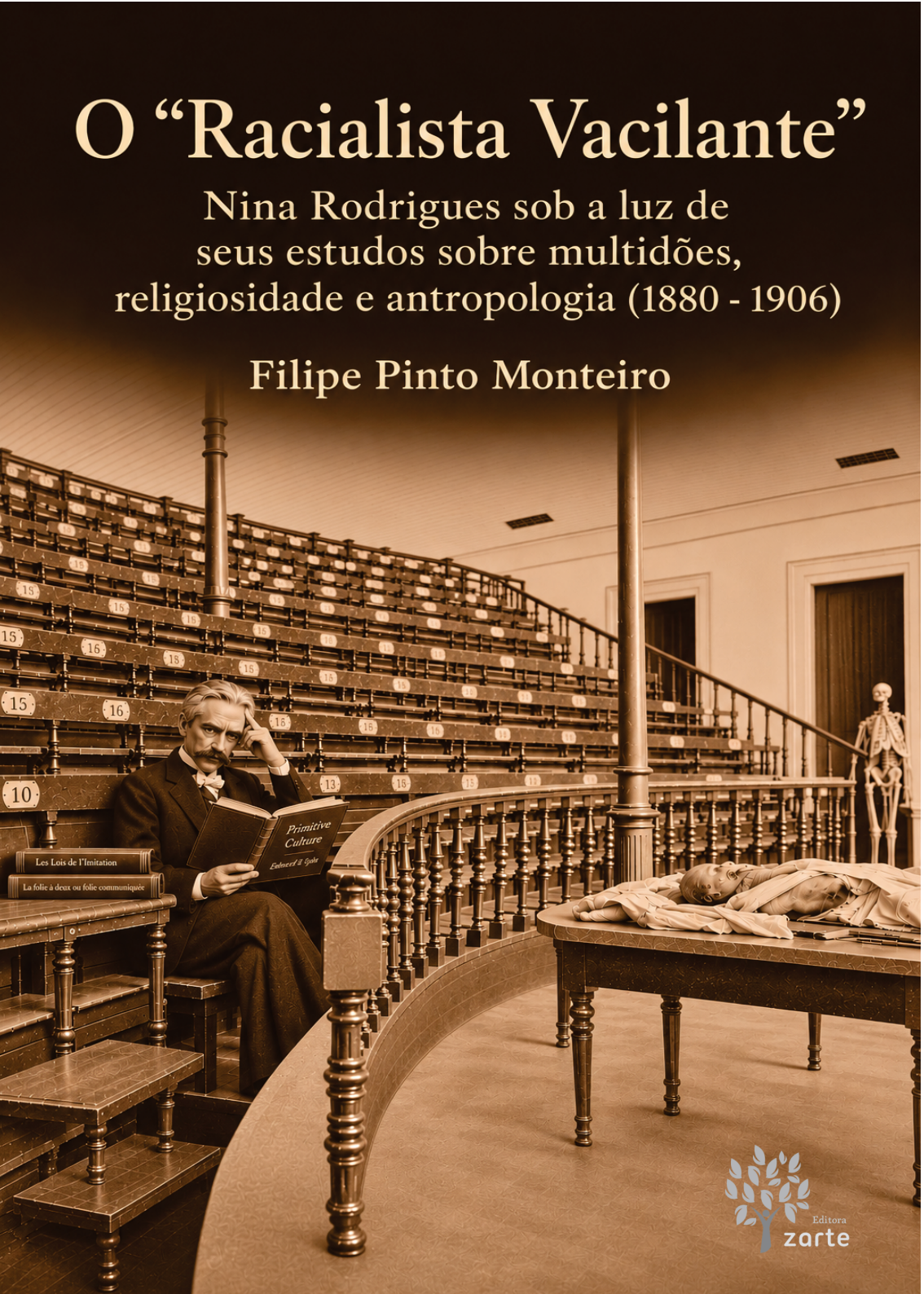
O “Racialista Vacilante”

Nina Rodrigues sob a luz de seus estudos sobre multidões, religiosidade e antropologia (1880 - 1906)

Filipe Pinto Monteiro



Editora zarte

O "RACIALISTA VACILANTE":

NINA RODRIGUES SOB A LUZ DE SEUS ESTUDOS SOBRE MULTIDÕES, RELIGIOSIDADE E ANTROPOLOGIA (1880 - 1906)

Filipe Pinto Monteiro

O "RACIALISTA VACILANTE":

NINA RODRIGUES SOB A LUZ DE SEUS ESTUDOS SOBRE MULTIDÕES, RELIGIOSIDADE E ANTROPOLOGIA (1880 - 1906)

Editora zarte

Feira de Santana - Bahia
2026

Copyright © 2026 by Filipe Pinto Monteiro

Projeto gráfico e Editoração eletrônica: *Editora Zarte*
Capa: *Filipe Pinto Monteiro*
Revisão textual e Revisão de provas: *Filipe Pinto Monteiro*

Conselho Editorial
Claudio André Souza
Danilo Uzêda da Cruz
Eraldo Medeiros Costa Neto
João Daniel Guimarães Oliveira
Maria de Lourdes Novaes Schefler
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda
Maria Victória Espiñeira González
Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M776 Monteiro, Filipe Pinto
O "racialista vacilante" [recurso eletrônico] : Nina Rodrigues sob a luz de seus estudos sobre multidões, religiosidade e antropologia (1880-1906) / Filipe Pinto Monteiro. – Feira de Santana : Editora Zart, 2026.
400 p. : il.

Ebook.
Formato: PDF.
ISBN 978-65-83341-54-9

1. Racismo científico – Brasil – 1880-1906. 2. Rodrigues, Raimundo Nina, 1862-1906. 3. Psicologia das multidões. 4. Religião e ciência. 5. Antropologia. 6. Medicina legal. I. Título.

CDU 323.14:572(81)"1880/1906"

Elaboração: Luis Ricardo Andrade da Silva – Bibliotecário – CRB 5/1790

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Zarte
Rua Nacional nº 300 A, Parque Ipê - CEP: 44054-064
Feira de Santana, BA
Telefone: (71) 99116-6034 WhatsApp
E-mail: zartegraf@gmail.com
@editorazarte
https://www.editorazarte.art.br/

Para minha mãe Ana Lúcia
Para minha avó Anna Teixeira
Meus anjos da guarda

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

INTRODUÇÃO 11

Capítulo 1
UM CIENTISTA MILITANTE NOS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA 31

A formação em medicina, o corporativismo médico e as primeiras classificações raciais 31

O espírito reformista: o ensino de medicina legal e a reestruturação dos serviços sanitários 59

A campanha contra o Código Penal brasileiro e o livre-arbítrio: raízes do pensamento autoritário 79

Repensando o Brasil: alienação mental, raça e a campanha contra o Projeto de Código Civil brasileiro 99

A sociedade que queremos frente ao "império dos fatos" 123

Capítulo 2
UMA PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES PARA O BRASIL *133*

Psicologia das Multidões: um objeto de estudo 133

O estudo das coletividades: Tarde e Sighele 139

A leitura aplicada de Nina Rodrigues 161

Causas próximas e causas distantes 181

Religiosidade: onde as causas se encontram 209

Capítulo 3
AS RAÇAS SE MOVEM 237

Raça e Evolucionismo no Ocidente 237

Nina Rodrigues e o evolucionismo-social: a influência de Edward Burnett Tylor 281

A "Raça" em Nina Rodrigues: equivalências

e ambivalências 329

CONCLUSÃO 349

REFERÊNCIAS 365

DADOS SOBRE O AUTOR 399

APRESENTAÇÃO

Há dez anos eu defendi minha tese de doutorado nas dependências da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. Por caminhos e descaminhos da vida, compromissos, demandas, aulas, artigos, financiamentos etc., nunca tive a oportunidade de editar e publicar este trabalho em formato de livro autoral. Não poderia, no entanto, deixar passar esta efeméride que, não à toa, coincide com os 120 da morte de Nina Rodrigues, sujeito-objeto desta obra.

Ao longo de todo este tempo, publiquei em periódicos de excelência, capítulos de livro e organizei uma coletânea com um conjunto múltiplo e interdisciplinar de pesquisadores também dedicados ao tema. Posso afirmar que minhas hipóteses em torno do paradigma rodrigueano tiveram uma gratificante acolhida na comunidade acadêmica, se tornando referência em trabalhos de historiadores(as) e sociólogos(as), o que muito me satisfaz, posto que faz parte de uma trajetória enriquecedora.

Investigar e se aprofundar na herança intelectual rodrigueana exigiu (e continua exigindo) um esforço constante, pois a cada nova leitura, a cada nota de pé de página, novas ideias e interpretações antes desapercebidas sobressaem-se. Não obstante, é impossível não se fascinar pelo seu pioneirismo no mapeamento dos espaços sagrados da população afro-baiana, no tempo dedicado à construção dos postulados da medicina-legal no Brasil, em sua atuação institucio-

nal, tanto em âmbito municipal, quanto estadual, e as outras diversas frentes de atuação, do sanitarismo à educação médica.

Mas neste livro, o leitor vai encontrar o que de mais rico localizamos em seu pensamento: a mais fascinante contradição de sua visão de mundo. Adepto e defensor do racismo científico, tentou o que hoje consideramos impossível, ou seja, a compatibilização de teorias segregadoras, com áreas e autores de outras ciências que se contrapunham aos estratagemas racialistas caros a ele — em especial Edward B, Tylor, na antropologia, e Gabriel Tarde, na sociologia. Aqui, portanto, é o primeiro resultado de um extenso e longo doutorado, que nos últimos dez anos têm se desdobrado em tantas outras propostas.

Como bom historiador, decidi manter a versão original, com pequenas mudanças e correções de eventuais erros. Afinal, é preciso respeitar nossa própria trajetória no tempo e o que deixamos para os leitores quando escrevemos.

INTRODUÇÃO

> "Longe dos olhos do público, passam-se as luctas em que ele se empenha contra o desconhecido: ora, junto à mesa do necrotério ou junto ao catre do hospital procura apanhar á boca das feridas um depoimento contra o desgraçado que as abriu; ora, no hospício ou na penitenciaria, vai aclarar os segredos dos naufrágios mais completos e das aberrações mais pungentes da personalidade humana". [1]

Após um levantamento minucioso das obras do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), tem-se a sensação de que ele escrevera de tudo um pouco. Controverso e polêmico, Nina foi, para o bem e para o mal, um personagem de destaque na sociedade brasileira em fins do século XIX e início do XX. Na esfera de atuação cientifica e acadêmica, tratou de temas inéditos e adotou teorias estrangeiras, acomodando-as, ao seu modo, à realidade brasileira. Deixou uma herança intelectual que suscita discussões até os dias atuais.

No universo da prática medicinal ele se dedicou intensamente à Saúde Pública, denunciando, sem meias-pala-

1 MACHADO, Alcantara. "A obra docente de Nina Rodrigues". In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *A medicina legal no Brasil. Homenagem aos juristas de São Paulo.* Bahia: Typ. Bahiana, de Cincinnato Melchiades. Bahia, 1905, p. 3.

vras, situações graves que comprometiam os serviços sanitários/higiênicos estaduais e federais, o ensino de medicina de modo geral e a atenção especializada aos alienados — só para citar algumas das questões que mais o afligia. Não fugia às contendas para as quais era arrastado (ou para as quais se arrastava), defendendo teses francamente discriminatórias, em especial em relação ao negro, ao indígena e ao sertanejo.

Nina viveu o momento caótico dos primeiros anos da República. Se por um lado, militou a favor de uma completa reformulação do ensino de medicina — ainda marcada pela "retórica pomposa e enfadada", típica do período imperial — por outro, procurou intervir na realidade cotidiana do novo país que se estruturava. Demandou, em diversas oportunidades, a valorização do perito, como profissional indispensável à atuação conjunta com a justiça. Insurgiu-se, quando da promulgação dos Códigos Penais e Civis, contra os legisladores por não incorporarem pontos que considerava essenciais, mas que não eram unanimidade entre médicos e políticos, sendo ao fim descartados.

Não à toa, colecionou disputas e conflitos com colegas de trabalho e angariou desafetos. A Memória Histórica apresentada à congregação da Faculdade de Medicina da Bahia em 1897, referente ao ano anterior, é um documento revelador, posto que serviu a Nina como uma espécie de desabafo frente à situação do "ensino médico-prático" em vigor na instituição. Nele, afirma:

> O ensino teórico com todo o seu aparato espetaculoso de sucessos oratórios, e que na avidez dos aplausos sacrifica, sem pejo, a utilidade do ensino, por mais de meio século de esterilidade banal, esse pendor invencível, símbolo de uma importação estrangeira sem

> critério, no termo de sua lenta agonia, já nem mais implora a caridade de um tiro de misericórdia. [2]

A Memória Histórica, que era publicada todos os anos por força de lei, não o foi desta vez. Recusada pela congregação, só viria à luz 79 anos depois, em 1976. Neste documento, Nina não poupa o professorado, nem o diretor da escola. Relata a incapacidade de fiscalização dos métodos de ensino e fala dos problemas na divisão das disciplinas ministradas e de seus conteúdos. Comenta sobre a precariedade do prédio da faculdade, dos laboratórios, a falta quase absoluta do ensino de anatomia, a intransigente posição de seus confrades contra a ampliação do ensino da perícia médica, entre outros problemas. E deixa um recado, com certo ar irônico, que resume seu espírito àquela altura da carreira:

> E cumprindo o meu dever desde que preste a esta respeitável Congregação o tributo da verdade como a sinto; me preocupa muito pouco o modo por que os outros cumpriram os seus. Se ferindo susceptibilidades exageradas ou doentias, o presente trabalho tivesse de ser rejeitado, a execução se poderia fazer sem constrangimento, porque nem tenho a disposição a articular em sua defesa uma só palavra; nem, menos ainda, reserva-lhe a celebridade das obras perseguidas, fazendo-a imprimir

2 RODRIGUES, Raimundo Nina. Memória Histórica apresentada pelo professor Nina Rodrigues à Egrégia Congregação da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia em 29 de março de 1897. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 73, outubro de 1976, p. 14.

> com o histórico da rejeição. Pois, se de fato, fosse lícito a alguém irrogar a esta Congregação a injúria de supor que ela se apraz de viver em sofismas e mentiras, fugindo ao conhecimento e a confissão da verdade, a ponto de procurar cancelar cuidadosamente tudo que não fosse elogio à sua vaidade e amor próprio, não seria eu, por certo, que havia de procurar roubá-la à doce ilusão desse extremo de decadência (...). [3]

Por conta das críticas incessantes de Nina, os ânimos se exaltaram e, anonimamente, conseguiram cortar o abastecimento de água de seu gabinete na faculdade, forçando-o e seus alunos a buscá-la no chafariz do Terreiro de Jesus, em frente ao prédio universitário, no centro de Salvador. Depois, chegou ao seu conhecimento o rumor de que haveria uma tentativa de roubo de peças históricas de seu recém-instalado Laboratório de Medicina Legal. Estas foram salvas por alguns de seus estudantes que agiram preventivamente. Não foi possível, entretanto, evitar a maior das tragédias. Em março de 1905, um grande incêndio criminoso destruiu parte do prédio da faculdade e reduziu a cinzas o museu do laboratório montado por Nina, incluindo aí, além de instrumentos científicos de época, peças inestimáveis como os crânios do bandido Lucas da Feira (mencionado no capitulo 1) e de Antônio Conselheiro (mencionado no Capitulo 2). [4]

---

3 *Ibidem*, p. 13.

4 LIMA, Lamartine de Andrade. *Roteiro de Nina Rodrigues*. Ensaios e Pesquisas 2, Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, abril de 1984, pp. 5 e 8.

Nina, como é sabido, alimentou já na fase avançada de sua carreira, uma afeição genuína pelas religiões de matriz africana. Num tempo marcado pela intolerância racial, pelas recorrentes incursões policiais nos terreiros, pela prisão dos negros "bruxos e feiticeiros", foi apelidado pelos colegas, jocosamente, de "negreiro", dada a aproximação com seus "objetos" de pesquisa. Seus estudos etnográficos eram resultado de suas andanças pela capital e pelo recôncavo baianos, de sua pesquisa de campo em terreiros de umbanda e candomblé, de sua investigação sobre os ritos funerários, sacrifícios e festas das nações bantu e sudanesa.

Nos dois principais domínios em que atuou — a medicina-legal e a antropologia — fez seu nome. Sem nunca rejeitar a ideia-síntese de inferioridade do negro, ele deixou aos seus sucessores uma "etnografia detalhada e verossímil da religião afro-brasileira", sendo mencionado, anos depois de sua morte, não apenas como o fundador da antropologia brasileira, mas também como o "primeiro etnógrafo do Brasil urbano". [5] Perto do fim da vida, falava nagô e iorubano e tornara-se Ogã de Oxalá pelas mãos da Ialorixá Pulcheria Maria da Conceição, segunda na linha de sucessão do hoje famoso Terreiro do Alto do Gantois.

Roger Bastide, em texto de 1961, credita a Nina as melhores páginas sobre as sobrevivências africanas publicadas até então,

> (...) primeiro porque seus informantes pertenciam ao candomblé mais tradicional, mais

5 MAGGIE, Yvonne e FRY, Peter. "Introdução". In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006, p. 10.

> puramente africano de sua época, o candomblé do Gantois; depois, porque suas descrições do culto, das hierarquias sacerdotais, das representações coletivas do grupo negro, são fiéis e sempre válidas. São sem dúvida livros incompletos mas, naquilo que descrevem, livros seguros.[6]

Esses fatos talvez tenham levado muitos a afirmar que Nina era mulato. Porém, há controvérsias. Arthur Ramos, por exemplo, em obra póstuma de 1956, afirma que Nina era branco. [7] O médico Lamartine de Andrade Lima (autor de referência para muitos que estudaram a obra de Nina) descobriu, em 1984, que o professor de medicina-legal era descendente de uma das cinco famílias de judeus sefarditas que chegaram às terras maranhenses fugindo das perseguições religiosas da Península Ibérica. [8]

Tal assertiva, entretanto, não elimina em definitivo as especulações, tendo em vista que os sefarditas também se deslocaram do território ibérico para o norte da África e de lá, para outras partes do globo. [9] Portanto, ainda não temos elementos para localizar exatamente de onde veio a família de Nina. Ademais, pensamos que no contexto da segunda metade do século XIX, até mestiços acabavam por incorporar argumentos do racismo científico.

---

6 BASTIDE, Roger. *O candomblé na Bahia.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961, p. 8. (Brasiliana, v. 313).

7 RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria-editora da Casa do Estudante do Brasil, 1956, p. 200.

8 LIMA, Lamartine de Andrade. *Op. Cit.*, p. 2.

9 VAINFAS, Ronaldo. Sefardismo africano no século XVII. *Afro-Ásia*, Salvador, n.47, 2013, pp. 399-406.

As obras de Nina permaneceram dispersas e inacessíveis por longos anos em arquivos e bibliotecas espalhados pelo país. Luiz Vianna Filho, em 1946, afirma que, interrompidos precocemente por sua morte em 1906, os trabalhos de Nina só viriam a ser retomados pelas mãos de Oliveira Vianna, Roquete Pinto, Gilberto Freyre, entre outros. [10] Waldemar Valente, em 1955, assegura que apesar do estimulo forte e proveitoso que Nina despertou em toda essa geração e outras por vir, sua herança cientifica teria ficado no mais completo esquecimento por pelo menos 20 anos. [11]

Seus estudos influenciaram ou, pelo menos, entusiasmaram, intelectuais do porte de Arthur Ramos, Afrânio Peixoto e Oscar Freire que apesar de se autointitularem seus discípulos, divergiram do mestre em diversos aspectos. Gilberto Freyre, autor cujas reflexões distanciavam-se sensivelmente de Nina, escreveu um texto convenientemente intitulado "Nina Rodrigues recordado por um discípulo". Neste afirma, em tom de veneração:

> Nina Rodrigues não foi um álgido que se enroscasse todo com volúpias de muçurana nas dobras de sua beca preta, arredio da vida pública, das lutas, dos problemas e das inquietações brasileiras, para gloriar-se de uma neutralidade cientifica que rigorosamente não existe nas ciências que tratam do homem. Foi

10 VIANNA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia*. Rio/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1946, p. 17. (Coleção Documentos Brasileiros, 55).

11 VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, p. 33. (Brasiliana, v. 280).

> um intervencionista; e intervencionista corajoso. [12]

Décadas mais tarde, Edson Carneiro e Mariza Corrêa mostraram, em seus estudos clássicos, que a "Escola Nina Rodrigues" não foi criada no tempo de vida de seu patrono. Na verdade, os indícios indicam que surgiu como uma invenção *a posteriori.* [13] E apesar da contínua reverência à sua imagem e do esforço para publicação *post-mortem* de suas obras inacabadas e outros folhetos perdidos, seus seguidores produziriam trabalhos teoricamente incompatíveis com as ideias centrais do "mestre". [14]

Muito material de fato foi publicado, reeditado ou reimpresso. Porém, nos estudos mais recentes sobre Nina Rodrigues que tivemos acesso, é uma constante a afirmação de que ao longo do século XX, pouco uso foi feito deste, incluindo os estudos publicados no exterior. [15] A exceção, tal-

12 FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis.* Rio de Janeiro: Editora Record, 1987, p. 194.

13 CARNEIRO, Edson. *Ladinos e Crioulos. Estudos sobre o negro no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964; CORRÊA, Mariza. *As ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

14 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit*, pp. 277-313.

15 A maior parte das publicações de Nina no estrangeiro foram traduções para o francês e o italiano de trabalhos já publicados ou por publicar aqui no Brasil. Alguns desses, em português, são utilizados neste livro. Entre os editados na Europa, segue a lista atualizada: Négres criminels au Brésil. *Archivio di Psichiatria, Antropologia Criminale e Scienze Penali per Servire allo Studio dell`uomo alienato e delinquente.* Turim, v. XVI, fasc. IV-V, 1894; Un cas currieux d`hymen double avec défloration unilatérale.

vez, foram os mais afamados, ligados ao estudo das religiões afro-brasileiras. A evidência, denunciada, entre outros, por Corrêa — como iremos ver em detalhes mais adiante — e da qual também compartilhamos, nos sugere que no momento atual, no alvorecer do século XXI, ainda há muito a se escrever em torno de suas contribuições médico-científicas.

Annales de la Société de Médecine legale de Belgique, 1896; Un cas de Blessure de la moêlle épinière par instrument piquant. *Annales d'hygiêne publique et de médecine légale*, Paris, série 3, n. 38, 1897, pp. 562-573; Des conditions psychologiques du dépeçage criminei. *Archives d'anthropologie criminelle, de criminologie et de psychologie normale et pathologique*, Lyon, tomo 13, 1898, p. 1-33; Epidémie de folie religieuse au Brésil. *Annales medico-psychologiques*, Paris, n. 55, 1898, pp. 371-392; Métissage, dégénérescence et crime. *Archives d'anthropologie criminelle, de criminologie et de psychologie normale et pathologique* Lyon, n. 83, 1899, pp. 477-516; Des formes de 1'hymen et de leur rôle dans la rupture de cette membrane. *Annales d'hygiêne publique et de médecine légale*, Paris, série 3, n° 43, 1900, pp. 481-518; L'animisme fétichiste des nègres de Bahia. Bahia: Reis & Comp. Éditeurs, 1900 (Publicado em Paris); La folie des foules. Epidémie de folie religieuse. Nouvelle contribution à l`etude des folies epidémiques au Brésil. *Annales medico-psychologiques*, Paris, 1901, v. XIII, pp. 19-32, pp. 189-199, pp. 370-81; v. XIV, pp. 1-18, 202-209; Os progressos da medicina legal no Brasil no século XIX. *Archivos de Criminología, Medicina Legal y Psiquiatría*, Buenos Aires, fasc. 1º e 2º, 1902; Atavisme psychique et paranoia. *Archives d'anthropologie criminelle, de criminologie et de psychologie normale et pathologique*, Lyon, ano 17, n. 102, 1902, pp. 325-355; Des ruptures de l'hymen dans les chutes. *Annales d'hygiêne publique et de médicine l'gale*, Paris, série 3, n. 50, 1902, pp. 206-234; La paranoia chezles nègres. Atavisme psychique et paranoia. *Archives d'anthropologie criminelle, de criminologie et de psychologie normale et pathologique*, Lyon, ano 18, n. 118, 1903, pp. 609-651 e n. 119, 1903, pp. 689-714; La psychose polynévritique et le Béribéri. *Annales medico-psychologiques,* Paris, 1906, n. 4, pp. 177-205.

Quando iniciamos o trabalho para feitura deste livro, Nina Rodrigues não se figurava como elemento central. Tínhamos um objetivo bem mais amplo, o de analisar estudos sobre fenômenos religiosos coletivos registrados entre a primeira metade do século XIX e a década de 1950. Conforme a pesquisa avançava, tornou-se claro que o conjunto documental, por mais vasto e instigante que fosse, era de natureza muito variada e atravessava períodos históricos distintos e complexos. Paralelamente, com a leitura aprofundada das obras de Nina, demo-nos conta de que estas eram tão ricas e ofereciam tantas possibilidades para reflexão que decidimos por limitar o escopo às próprias.

Reduzimos consideravelmente o recorte de nosso objeto de estudo, como também o recorte cronológico que, inicialmente, se pautou pela publicação das obras de Nina e seguia como ponto final 1916, ano em que foi defendida a última tese sobre *Psicologia das Multidões* [16] — tema de destaque neste livro, como ficará claro adiante. Neste ponto da pesquisa, ainda tínhamos a suspeita de que, ao contrário do que constataram Carneiro e Corrêa, Nina havia formado, sim, uma "escola", pelo menos no que toca à temática das coletividades.

Em nossa qualificação, entretanto, a Prof.ª Ana Maria Galdini Oda nos alertou para o fato de que as teses de doutoramento defendidas nas Faculdades de Medicina do Rio e Salvador à época eram definidas a partir de pontos sortea-

16 FIGUEIREDO, Elysio Gomes de. *Associações morbidas*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1916.

dos pelas bancas, algo que por sua vez gerava um altíssimo grau de plagiarismo de estudos publicados no exterior, o que de fato constatamos. Essa sistemática enfraquece a hipótese de que um recém-doutor que tenha feito uma tese sobre Psicologia das Multidões era um continuador do médico maranhense.

Como o material que dispúnhamos de Nina já era consideravelmente volumoso, decidimos por restringir o nosso estudo a estes, em especial aos seus textos "esquecidos". Não havia por que dedicarmos atenção à hipótese da existência dessa "escola" de psicologia coletiva, à parte. Até porque possíveis estudos de outra natureza (como nos sugeriu investigar a Prof.ª Oda), como artigos científicos, livros, ensaios etc. de outros autores não foram encontrados.

Sendo a tese formulada sobre os trabalhos de Nina Rodrigues em torno do fenômeno das massas, o Prof.º Marcos Chor, também em nossa banca de qualificação, chamou-nos a atenção para o cuidado de não tratar os mesmos como uma espécie de "produção acadêmica paralela" do autor. Mantivemos isso em perspectiva e organizamos a tese em capítulos que se concentram em uma determinada área de estudo de Nina, procurando também sugerir as implicações da sua reflexão em outras áreas de atuação deste mesmo autor. Nosso orientador, Prof.º Robert Wegner, também nos alertou sobre a forma de apresentação dos autores com os quais dialogamos. Dito de outra maneira, foi preciso definir claramente: as interpretações dos autores que Nina utiliza; aquelas do próprio; e as nossas próprias.

Além dos campos de estudo já mencionados em que atuou, Nina tornou-se conhecido pelas suas incursões no

campo da psiquiatria, muito embora não tivesse formação específica nesta área. Não tínhamos por meta, entretanto, a discussão minuciosa das inúmeras categorias nosológicas que ele empregou e o fizemos pontualmente, apenas quando estritamente necessário, posto que nossa tese está mais voltada para a história do pensamento social e intelectual.

Foi com este espírito que demos início à análise de suas obras no capítulo 1. Em duas décadas de atividades acadêmicas e práticas medicinais, Nina acumulou uma produção intelectual significativa. Artigos, livros, capítulos de livros, folhetos, opúsculos, coletâneas, discursos, uma tese de doutoramento, uma memória histórica e um manual de medicina-legal, fizeram dele um dos mais produtivos estudiosos de seu tempo. Um tempo marcado por profundas mudanças na sociedade da brasileira, com o ocaso do Império e da instituição da escravidão.

A reordenação política, econômica e jurídica do país, com a proclamação da Primeira República, fez com que Nina se aproximasse da então já conhecida geração de 1870 e, — ainda que não fosse um ativista de primeira hora —, reivindicou reformas profundas nos serviços médicos e sanitários. No primeiro capítulo avaliamos sua insurgência contra um Estado descentralizado e ineficaz no que toca ao atendimento à população. Examinamos suas propostas de mudança na prática da higiene e profilaxia públicas, sua adesão ao nascente periodismo médico, além do fortalecimento da perícia médico-legal, o *lócus* de atuação que impulsionou a sua carreira.

Já em 1891, Nina afirmava a importância desses posicionamentos e seu desejo de superar os atritos no seu meio profissional:

> O êxito futuro, o sucesso ou insuccesso do nosso serviço sanitário está todo dependente da orientação boa ou má que lhe imprimirem na phase em que nos achamos, de elaboração de um regimen federal. Á classe médica, á imprensa medica, pois, a tarefa e o encargo de encaminhal-a convenientemente. (...) Dominados como nos achamos, pelo mesmo desejo ardente de ver dotado o nosso paiz de uma bôa organização sanitaria, devem ser mais apparentes do que reaes as divergencias que nos separam. [17]

Francamente reformista, avesso à politicagem e extremamente genioso, tratamos Nina sob um aspecto diferenciado, isto é, como um nome de ponta na tradição do pensamento autoritário brasileiro, ao lado de personagens como Silvio Romero e Oliveira Vianna. Esta hipótese, explorada ainda no primeiro capítulo, parte do pressuposto que nos anos iniciais da república e no momento imediatamente posterior, ao longo dos anos 1920 e 30, formou-se uma linhagem de intelectuais com afinidades comuns. Voltados para o Brasil *real* — o das urbes em crescimento desordenado e dos sertões bravios — e renegando o Brasil *legal* — que só existia na letra de papel das casas legislativas — estes homens defendiam, reservadas as clivagens entre si, um Estado forte, regulador e centralizador.

17 RODRIGUES, Raimundo Nina. A organização do serviço sanitário no Brazil. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIII, n. 3, setembro de 1891.

Falar sobre um Brasil que parecia tão distante das leis e regulamentos promulgados pelos estadistas não seria possível, naquele momento, sem tocar na problemática racial. E assim o fizeram esses intelectuais, incluindo Nina Rodrigues que esboça suas primeiras classificações raciais, tratadas por nós já no capítulo 1. O Brasil àquela altura se apresentava como um gigantesco desafio pois não só era incapaz de absorver a mão de obra libertada do cativeiro — isto é, introduzi-la no mercado de trabalho formal — como também não oferecia qualquer proteção social para negros, mulatos ou índios, objetos de admiração e da pesquisa etnológica rodrigueana.

Se a medicina legal e a antropologia são ramos do conhecimento que, em seu nascedouro, devem muito a Nina, e se foi a partir desses nichos da ciência oitocentista que ele erigiu sua trajetória de sucesso, outros domínios explorados pelo professor maranhense também merecem destaque no conjunto de sua vasta bibliografia. Refiro-me aqui, explicitamente, à chamada *Psicologia das Multidões*, um campo fértil de pesquisas e estudos que o médico maranhense dedicou um tempo considerável de reflexão e que será abordado, em detalhes, no capítulo 2.

Tomamos conhecimento das obras de Nina sobre a também chamada *Psicopatologia Gregária* quando ainda cursávamos o mestrado no PPGHS da UFRJ. Nossa dissertação, sob orientação da Prof.ª Jacqueline Hermann, versou sobre um movimento messiânico conhecido como *Pau de Colher* que ocorreu entre 1934 e 1938 no sertão baiano. Nos dois anos de pesquisa levantamos uma longa bibliografia sobre o assunto e nos deparamos com os estudos de Nina sobre Ca-

nudos e Antônio Conselheiro. Ao aprofundar a investigação descobrimos outros textos de sua autoria, praticamente ignorados pela academia. Com a leitura pormenorizada e tendo, posteriormente, um panorama extenso da bibliografia atualizada sobre Nina, confirmamos o grande déficit de produções acadêmicas voltadas a eles.

No clássico de Mariza Correa, de 1982, encontramos, é verdade, algumas referências ao estudo das "coletividades", mas não indagações sistematizadas sobre a temática. Anos depois, em 2006, no centenário da morte de Nina Rodrigues, a própria autora alertou seus leitores, da importância de se reler e reinterpretar algumas de suas obras esquecidas, entre elas aquelas ligadas justamente à *Loucura das Massas*. [18] A louvável exceção à regra foi esforço empreendido por Ana Maria Galdini Raimundo Oda que abordou o tema em artigos científicos e em sua tese de doutorado, de 2003, muito embora, nesta última, privilegiasse os estudos de Nina relacionados campo da psicopatologia comparada. [19]

O capítulo 2, portanto, é um esforço para iluminar as operações teóricas que Nina desenvolveu, voltadas à gestação e ao funcionamento das multidões. Leitor compulsivo e consumidor de todo um conjunto de teorias e doutrinas que chegavam do exterior, Nina serviu-se de autores capi-

18 CORRÊA, Mariza. Os livros esquecidos de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76, 2006, suplemento 2.

19 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. 458 f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Campinas, SP, 2003.

tais como Gabriel Tarde, Gustave Le Bon, Scipio Sighele, Ernest-Charles Lasègue, Jules Falret, Evariste Marandon Montyel, Richard von Krafft-ebing, entre outros. O médico maranhense não os assimilou indiscriminadamente, porém. Tratou de pincelar, em seu juízo, o que de melhor estes intelectuais produziram e aplicar à realidade brasileira, fazendo as devidas adaptações.

Suas investidas direcionavam-se a eventos até então ignorados pela literatura médica especializada, tratados apenas pela imprensa jornalística e de forma bastante sensacionalista. Daí que Nina propôs o estudo "científico" de alguns casos, nomeadamente a epidemia de *Coreomania* de Itapagipe, Salvador, ocorrida em 1882; a loucura epidêmica de *Canudos* que se estendeu de 1893 a 1897 no interior baiano; o *histerismo* de Taubaté, São Paulo, registrado em 1885 e o fanatismo religioso de *Pedra Bonita,* no sertão de Pernambuco, ajuntamento que existiu de 1836 a 1838.

Os casos possuíam, obviamente suas especificidades e requeriam, cada qual, uma abordagem particular. Entretanto, de um modo geral, pode-se afirmar que Nina foi tecendo uma rede de termos e significados utilizados na época, sobretudo, por autores estrangeiros, para elaborar suas hipóteses. As teorias *da sugestão-imitação* e da *loucura a dois*, as *paranoias* e os *delírios crônicos*, a *morbidez religiosa* e o *estado de multidão*, forneceram a Nina todo um aparato conceitual que, acreditava, oferecia respostas científicas à ocorrência das manifestações "doentias" acima citadas.

Em sua opinião:

> O estado de multidão é evidentemente um estado de exaltação passional coletiva onde

> desaparece o controle da vida cerebral, e com ele, a personalidade consciente e o discernimento. Ora, da mesma forma que nos indivíduos e mais facilmente do que neles, as paixões, as emoções violentas das multidões se transformam em verdadeira loucura. [20]

Trabalhamos assim, com a hipótese de que Nina Rodrigues criou um estratagema teórico-epistemológico original e único, posto que rearranjou todo um conhecimento importado, aplicando-o aos casos específicos dos trópicos. [21] Mas não apenas. Ao fazê-lo elaborou novos paradigmas, tornando-se o fundador do campo de estudos da *Loucura das Multidões* no Brasil. Aqui, dizia, não seria possível compreender as coletividades anormais, o avanço das epidemias coletivas, sem levar em conta dois quesitos que sobre elas atuavam: a matriz fixa, racial, marcada pelo elemento negro e suas derivações, e uma matriz volátil, contaminada pelas "impulsões psicológicas", pelas patologias mentais – ambas conectadas e impulsionadas pelas devoções e práticas litúrgicas, ou seja, pelas religiosidades populares.

O tema racial, como mostramos acima, fez parte dos estudos de Nina sobre as multidões. Ao avançar sobre esse universo em específico, Nina tomou conhecimento de autores que relativizaram o racialismo fixista que lhe era tão caro. Não que Nina tenha posto em xeque o princípio de

---

20 RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 63.

21 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 11-22.

inferioridade do negro ou do mestiço frente ao branco. Esta premissa manteve-se como o pilar, o alicerce central de suas teorizações. Contudo, ele foi gradativamente repensando seus ideais fatalistas, o que nos levou a reavaliação do conceito de raça em seus escritos, tratada no capítulo 3.

Neste, apresentamos o intricado percurso do conceito de raça no ocidente e como este foi assimilado no meio científico baiano da segunda metade do século XIX. Formado em um tempo marcado pela ciência positivista que a tudo parecia ter resposta, atuando num ambiente de determinismos os mais variados, como o climático-telúrico e o racial, Nina se vê frente a propostas teóricas que contradiziam o que havia aprendido. Ao ler as obras do sociólogo Gabriel Tarde e, especialmente, do antropólogo Edward Burnnet Tylor, a definição de raça, para Nina, torna-se turva, maleável, elástica, aberta a novas intervenções.

O "radical do pessimismo" [22], como definiu em certa ocasião Lilia Schwarcz, dá lugar ao "racialista vacilante". Um intelectual que tenta, como um verdadeiro equilibrista, compatibilizar o que podemos considerar como um dogma, um paradigma um verdadeiro cânone, o racismo científico, com propostas recém-nascidas, que atravessavam áreas as mais variadas como a psicologia, a antropologia, a sociologia e o evolucionismo-social. Por tentar incorporar visões de mundo tão dispares entre si, Nina fez de parte de seus estudos, um retrato fiel de um momento tensionado,

22 SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nina Rodrigues: um radical do pessimismo". In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

de transição e inquietude por qual passavam intelectuais de sua geração.

Cabe sinalizar, por fim, a importância para esta tese da retomada recente pelos estudiosos dos clássicos de Gabriel Tarde e Edward B. Tylor, algo que permitiu-nos estabelecer a interlocução entre estes últimos e Nina Rodrigues. Ambos os autores, o primeiro no campo da sociologia e o segundo da antropologia e etnografia, permaneceram, durante a maior parte do século XX, desmerecidos, preteridos, por razões diversas, frente a outros grandes nomes de suas áreas, como Émile Durkheim, Bronisław Malinowski, Alfred Radcliffe-Brown, entre outros.

No Brasil, Gabriel Tarde recebeu recentemente grande atenção, não só pela publicação de antigas obras de sua autoria, traduzidas e comentadas por especialistas, assim como estudos acadêmicos, como os de Tiago Seixas Themudo e Eduardo Viana Vargas. Tylor, por sua vez, continua sem tradução para o português e apesar de alguns trabalhos valiosos sobre suas contribuições, como o de Celso Castro e Vanda Serafim, a retomada em torno de sua obra teve mais força no exterior com escritos de Robert Lowie, Laavanyan Ratnapalan, Frederico Delgado Rosa e, especialmente, George Stocking Jr.

Nosso trabalho é, de alguma forma, fruto do atual resgate destes autores que tiveram papel fundamental no momento de gestação da sociologia e da antropologia, enquanto formas de conhecimento, no século XIX. E se, como lembra Marilyn Strathern[23], casos como o de Malinowski

23 STRATHERN, Marilyn. Out of Context: The Persuasive Fictions of Anthropology [and Comments and Reply]. *Current Anthropology*, v. 28, n. 3, Jun. 1987, p. 254.

que conspirou para derrubar Frazer e Tylor e suas ideias tiveram sucesso em seu tempo, os destronados ou "assassinados" intelectualmente, renascem agora em pleno século XXI, trazendo consigo ideias, conceitos, recursos, significados, que tornaram possível, nesta ocasião, em especial, uma leitura mais refinada da obra de Nina Rodrigues.

CAPÍTULO 1

UM CIENTISTA MILITANTE NOS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA

A formação em medicina, o corporativismo médico e as primeiras classificações raciais

O momento em que o médico Nina Rodrigues inicia suas atividades científicas e acadêmicas coincide com a crise final do Império brasileiro. A crescente urbanização e a explosão demográfica das províncias, sobretudo no sudeste do país, assim como a dinamização da economia, fizeram parte deste cenário. Nas cidades, o mercado, em ritmo crescente, voltava-se para o comércio e para a prestação de serviços, enquanto nos campos o plantio e a exportação de café, principalmente no Oeste e Novo Oeste paulistas, ampliavam-se. [24]

Não menos importante, o desfecho da Guerra do Paraguai levou ao fortalecimento do exército enquanto corporação autônoma. A instituição, desmerecida pelos governos ao longo do século XIX, saía do conflito como ator relevante no cenário nacional. Cabe apontar, talvez como fator de

24 FERREIRA, Jorge; DELGADO e Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2013; CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

maior relevância para este estudo, o evidente desgaste do projeto político conservador que marcou o Segundo Reinado. O ocaso da monarquia, enfim, viria com dois eventos de grande envergadura na história contemporânea do país: a abolição da escravidão em 1888 e a Proclamação da República em 1889. [25]

Poucos anos antes, em 1882, Nina matriculava-se na Faculdade de Medicina da Bahia e, cinco anos mais tarde, completava o sexto ano do curso, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com a defesa da tese de doutoramento *Das amyotrophias de origem periphérica*. [26] Eminentemente técnica, sua tese era o pontapé inicial da carreira do médico maranhense e de sua futura inserção no mercado de trabalho que se desenhava na virada do século. Nina enveredou por um universo de complexas relações sociais entre médicos e pacientes, de conflitos entre diferentes instâncias do

25 COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 1987; DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

26 A tese, aprovada "com distinção", versava sobre as lesões generalizadas do sistema periférico nervoso. O mesmo tema será abordado por Nina em outro artigo, de abril de 1888, no qual reconhece que, por um lado, só depois da publicação de seu trabalho teve conhecimento de três observações anteriores sobre as amyotrophias, por outro, tal fato não anulava o ineditismo de seu trabalho: é "a primeira, que nos conste, publicada entre nós de um modo mais detalhado". In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Das amyotrophias de Origem periférica*. These de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1887; *Cf.* RODRIGUES, Raimundo Nina. Myopathia atrophica progressiva. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XIX, n.10, abril de 1888.

Estado e entre estas e a sociedade civil. Um período crítico de formação das conhecidas "profissões imperiais" — a medicina, o direito e a engenharia.

De acordo com Edmundo Coelho, em meados do século XIX, o diploma, ainda que imprescindível para o devido exercício da medicina, competia com outros fatores, nomeadamente:

> (...) o domínio de uma língua estrangeira (principalmente o francês), o conhecimento das teorias em voga na Europa, adequada proveniência social, uma certa cultura humanística, apropriadas referencias sociais (de outros clientes notáveis) e, certamente, posse de um diploma de medicina. [27]

A competência e a autoridade profissional do médico recém-formado dependiam, portanto, não apenas da chancela da comunidade médico-científica, ligada às Faculdades de Medicina, mas também dos anseios e das exigências da clientela a que servia. Nas últimas décadas dos oitocentos, tempo de atuação de Nina, o panorama não era menos desconfortante, dado que a "medicina clínica na virada do século poderia justamente ser tomada como uma relíquia do passado; e é significativo que, a despeito de sua pequena amostra, nos salões da alta sociedade descritos por Needell não se destaquem médicos". [28]

---

27 COELHO, Edmundo Campos. *As Profissões Imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro, Record, 1999, pp. 89-90.

28 COELHO, Edmundo Campos. *Op. Cit.* p. 219. Neste trecho ele se

Conforme notou Jeffrey Needell, os salões, clubes e óperas republicanos frequentados pela alta elite da *Belle Époque* foram gestados a partir das tendências socioculturais que se estruturaram no período imediatamente anterior, isto é, na alta corte do Segundo Reinado. Esta, formada basicamente de homens de negócio, latifundiários, burocratas do alto escalão e políticos enobrecidos, negligenciou a classe dos médicos — ainda que eles não estivessem de todo excluídos. [29]

Diferentemente do "despotismo" do Primeiro Reinado e da "anarquia" das Regências, como bem colocou Angela Alonso, foi sob a tutela do Império de Pedro II que se formaram os estamentos dominantes que detinham poder de decisão e comando. Na prática, era nesta atmosfera de *Ancién Regime* que se davam as ações políticas que definiam os rumos do governo. Este, contudo, já apresentava claros sinais de desgaste no final do século e passou a ser questionado por um grupo de intelectuais a partir dos anos 1870, do qual faziam parte inúmeros médicos, configurando-se assim uma crise "intra-elite", tal como ficará claro mais adiante. [30]

Nina, por certo, não frequentou a alta corte imperial, pelo menos no início de sua carreira, na distante província do Maranhão. No entanto, o padrão de comportamento ex-

---

refere à obra NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époche Tropical. Sociedade e cultura de Elite no Rio de Janeiro na virada do século.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

29 NEEDELL, Jeffrey D. *Op. Cit*., p. 130, 133 e 234.

30 ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 55, 59 e 86.

cludente da elite do Norte — com suas reuniões aristocráticas informais e exibição dos potentados da "boa sociedade" — não mudara (mesmo com sua visível e irreversível decadência), e o médico logo se deu conta destas contingências. Relativamente desconhecido e ainda sem clientela fixa na capital da província, Nina enfrentou dificuldades.

Em 1888, por exemplo, ele publicou no diário *Pacotilha*, de São Luiz, o artigo *A nova agricultura e o regimen alimentar do norte,* pelo qual foi, de imediato, ridicularizado. Tinha por objetivo apenas mostrar o baixo valor nutritivo da *farinha de mandioca*, suas consequências nefastas e os possíveis produtos que poderiam vir a substitui-la. [31] Era imprescindível, disse, que o governo estimulasse o cultivo de outras leguminosas, em especial, o trigo que deveria ser o cereal "sobre cujo uso alimentario devemos buscar assentar para este paiz os alicerces de uma civilisação solida e duradoura". [32] Em suas palavras:

> Este momento, por conseguinte, em que ruem todos os hábitos e velhas instituições mantidas e vasadas pelo antigo molde, em que buscamos para eles uma orientação da nossa civilisação, representa a maior opportunidade para subtrair sem abalo, pela cultura do trigo, ao jugo de uma alimentação que forçosamente tem que ser reformada agora, ou mais tarde. [33]

31 RODRIGUES, Raimundo Nina. A nova agricultura e o regimen alimentar do norte. *Pacotilha. Jornal da Tarde,* São Luiz, 5, 9 e 18 jun.-6 e 9 jul. 1888.

32 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, 6 de julho de 1888.

33 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, 9 de julho de 1888.

Com o nascimento de uma "nova pátria", agora livre da instituição escravocrata, era preciso destruir, com a ajuda da agricultura, o "anachrônico legado de povos selvagens" que impediam a formação, no seio do povo, de uma "conduta civil, segura e decidida nas suas determinações". Com certo ar de esperança, diz ele:

> E, particularmente a ti, oh! Maranhão, oxalá, te possas orgulhar tanto no futuro de ter sido um dia a Irlanda Brazileira, quanto te tem valido de humilhações, o teres pretendido no passado o titulo gloriozo de Athenas. [34]

Nina foi logo apelidado por seus colegas de "Dr. Farinha Seca". Mesmo frente à má recepção de seu estudo, o *Pacotilha* publicou em 1º de agosto de 1888 uma pequena nota de sua autoria, pela qual ele agradece à Junta de Higiene daquele Estado pela forma lisonjeira como esta se referiu, na edição do dia anterior, ao seu estudo sobre o "uso alimentario da farinha de mandioca" no norte do país, reparando, de algum modo, a troça de que foi vítima:

> Estou assim de sobra compensado da grande magoa que havia me causado o procedimento injusto, desleal e pouco digno do collega que em porta de botica procurava em termos, que não commentarei, chamar o ridículo sobre mim e a minha interessante propaganda. [35]

34 *Ibidem*.

35 RODRIGUES, Raimundo Nina. A Junta de Hygiene. *Pacotilha*. *Jornal da Tarde,* São Luiz, 1º de agosto de 1888.

Nina já estava clinicando em São Luiz, quando começou a redigir os trabalhos que já esboçavam algumas das pretensões de amplo alcance que o acompanhariam ao longo de sua vida e influiriam também nos seus estudos sobre as "epidemias de loucura" e sobre a matriz racial brasileira — temas que serão abordados nos capítulos seguintes. Atento ao momento em que o país vivia, Nina projeta uma postura marcadamente "reformista", comum a outros médicos de sua geração, sustentada pela defesa da ciência, ou melhor, do que estes profissionais entendiam como rigorosos métodos científicos utilizados na gestação e reprodução do conhecimento médico. [36] Diria ele em 1891:

> (...) a medicina entrou definitivamente na trilha segura das sciencias positivas, rica de methodos experimentaes de valor incontestável, poderosa de uma comprehensão philosophica altamente positiva e despegada de toda concepção metafisica. [37]

Essa manifestação de consagração e louvor da ciência, no universo específico na medicina, teve seus partidários mais devotados a partir dos anos 1870, com toda uma geração que pretendia redefinir o "estatuto de cientificidade do saber médico". Era imperioso, na visão desses homens, a regeneração e o aperfeiçoamento de um programa de pesquisas médicas condizentes com o que observavam na Europa,

---

36 ALONSO, Angela. *Op. Cit.*, pp. 188-205.

37 RODRIGUES, Raimundo Nina. Epidemia de influenza na Bahia em 1890. *Gazeta Médica da Bahia*, anno XXII, n. 12, Salvador, junho de 1891.

quando tinham oportunidade de fazê-lo. Como bem define Flávio Edler

> Nas referências constantes à "ciência positiva" ou "fato positivo" o termo "positivo" possui três significados básicos: em geral era usado no sentido de real, em oposição à quimérico; positivo tinha também a ver com preciso, em oposição a vago; por fim, num sentido axiológico designava um empreendimento útil, em contraposição a ocioso. [38]

Esta era a conotação que os médicos do Segundo Reinado, especialmente no último quartel do XIX, tentaram infundir à sua profissão: o caráter de utilidade e praticidade públicas. Afinal, suas perspectivas não pareciam favoráveis. Não só eram exíguos os cargos na precária administração pública, como a categoria se encontrava em estado de penúria, dada a crescente competição pela reduzida clientela e pela livre atuação de categorias distintas de curadores ou "charlatães". Não à toa, Nina foi, entre tantos outros, um dos que combateu a chamada "liberdade profissional" que habilitava a prática da medicina por qualquer pessoa.

Em todas as profissões, diz ele, existem diplomados incompetentes e ignorantes. Porém, Nina se pergunta: este fato provaria que os não diplomados são mais aptos e menos ineptos? "Ninguem, por certo, que zele o seu credito scientifico e sanidade mental, se animará a affirmar tão mons-

38 EDLER, Flavio Coelho. *Ensino e profissão médica no Brasil de Pedro II*. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014, p. 109.

truosa alogia, do que apenas seriam capazes os daltônicos intellectuais", responde. Fosse o contrário, se instalaria uma balbúrdia:

> (...) o remendão aspiraria ser advogado, o sapateiro transformar-se-ia em architecto, a simples parteira commum pretenderia invadir a obstetricia, o barbeiro não se limitaria a extrahir dentes, ousaria ser cirurgião, o servente de pharmacia julgar-se-ia capaz de exercer a medicina, o sachristão substituiria o Vigario, em seus impedimentos, enfim dar-se-ia um concurso geral de competências incompetentes, gerando dislates, produzindo crimes, occasionando prejuizos, um verdadeiro cahos, onde ninguém se entenderia, muito embora cada qual se julgasse mais entendido nas matérias de que não entendiam. [39]

Havia, assim, de um lado da balança a união progressiva dos interesses corporativos da classe médica em torno de mudanças na profissão, e de outro um regime centralizador e pouco flexível, mas que se enfraquecia gradativamente. [40] Os médicos que estavam inseridos no ambiente do ensino acadêmico no limiar das últimas décadas do Império enfrentaram uma intensa resistência por parte do governo de Pedro II. O monarca e seus ministros, engajados em reverter algumas das conquistas dos gabinetes liberais anteriores

39 RODRIGUES, Raimundo Nina. Considerações sobre a Liberdade Profissional. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. XXXVIII, n. 3, setembro de 1906.

40 EDLER, Flavio Coelho. *Op. Cit.*, pp. 56, 69 e 79.

— como o de Zacarias de Góes e Vasconcelos (1815-1877) — cooptaram muitos de seus próceres. As estratégias passavam pela nomeação em estabelecimentos onde existiam os poucos cargos disponíveis, como o Colégio Pedro II e as Faculdades de Medicina; em instituições de saúde, como as Juntas de Higiene Pública (Federal e estaduais); e para cargos políticos, até mesmo em ministérios, tendo em vista a conformação de uma representação comprometida não com as reivindicações legitimas de suas lideranças, mas sim com o sistema tradicional de patronagem política.[41]

O movimento pela transformação desta realidade ganhou força, segundo Edler, principalmente no que toca o ensino médico das instituições públicas superiores, com reivindicações palpáveis, concretas, imediatas, como ampliação dos laboratórios de pesquisa, divisão formal e atualizada das disciplinas acadêmicas e criação das especialidades, como a medicina-legal. Sua força, entretanto, era limitada, pois seus representantes estavam conscientes da necessidade de conciliação com os estratos superiores da sociedade para alcançar seus objetivos:

> A defesa da institucionalização dos novos campos disciplinares, feita pelas novas elites médicas, demonstra que elas se empenhavam por traduzir a linguagem técnica e especializada da profissão para o mundo profano das oligarquias senhoriais — em especial seu núcleo dirigente —, bem como procuravam consolidar dentre os médicos o sentimento

41 *Ibidem*, p. 33.

> de pertencimento a um estrato social que se relaciona com a sociedade em geral, através de uma ética de serviço. [42]

A relação do médico com a sociedade em geral resumia-se, a bem dizer, às camadas superiores dos grupos de elite. Se Nina, por um lado, compactuou com esse estratagema político para alavancar sua carreira, por outro, desenvolveu paralelamente estudos sobre temas vinculados às camadas mais carentes da população, como os surtos de *Beribéri*. Em setembro de 1888 ele apresenta o trabalho *Contribuição para o estudo da lepra no Maranhão*, publicado na Gazeta Médica da Bahia em edições recortadas até 1890. [43] O estudo que, a princípio, poderia ser classificado dentro do campo da dermatologia, o levou a escrever, pela primeira vez, sobre questões pertinentes aos negros e indígenas no Maranhão, algo que nos interessa, na medida em que seus desdobramentos se refletem também nos trabalhos sobre as loucuras das massas e naqueles diretamente relacionados à problemática racial.

Segundo o autor era possível identificar duas das principais fontes de disseminação da moléstia em solo maranhense: os colonizadores portugueses e a raça negra. Os primeiros a trouxeram do Velho Mundo e ainda continuavam a

42 *Ibidem*, p. 85.

43 RODRIGUES, Raimundo Nina. Contribuição para o estudo da lepra no Maranhão. *Gazeta Médica da Bahia,* Salvador, anno XX, n. 3 set. 1888; anno XX, n. 5, nov. 1888; anno XX, n. 7, Jan. 1889; anno XX, n. 8, fev. 1889; anno XX, n. 9, mar. 1889; anno XXI n. 3, set. 1889; anno XXI n. 35, nov. 1889; anno XXI n. 6, dez. 1889; anno XXI n. 10, abr. 1890.

cultivá-la, como era possível observar, inclusive fora da província, em focos endêmicos no Rio de Janeiro e na Bahia. Já os africanos, cujo "elemento ethnico" na população é tão significante para Nina, "são uma raça infectada de lepra".[44]

Tendo em mente o norte do país, e novamente o Maranhão, que possuía focos endêmicos, Nina supõe que o contágio é um fator importante para a irradiação da doença. Porém, diz ele, o caráter do contágio não pode ser reduzido apenas à descoberta do "bacillo da lepra". A reconhecida deficiência do conhecimento da biologia do micróbio "não permite reputar a sua presença uma prova positiva de contagio". [45]

A prova "positiva", isto é, comprovada e validada cientificamente, fazia-se necessária em contraposição à "fé no puro indutivismo", uma maneira de tratar dos problemas de saúde que, em sua opinião, já havia sofrido um forte revés. A posição de Nina revela que o contexto em que viveu, embora caracterizado pela união dos médicos em torno de um projeto corporativo pela valorização profissional, como observou Flavio, não estava livre de querelas cientificas:

> (...) em áreas localizadas do saber médico, como as que opuseram, por décadas, contagionistas versos anticontagionistas. Neste caso, por exemplo, cada corrente vinha acumulando evidências empíricas relevantes sem apresentar uma explicação satisfatória sobre a causa das doenças epidêmicas; dificultando,

44 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, setembro de 1888.
45 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, janeiro de 1889.

> assim, a formação de um consenso corporativo sobre as medidas higiênicas eficazes. [46]

À falta de consenso sobre a epidemia de lepra, algo relativamente comum ao longo deste período de definição dos saberes biomédicos, Nina contrapõe argumentos racialistas que, supostamente, poderiam iluminar o problema. Faz isto a partir das observações clínicas sobre três pacientes brancos. O primeiro teria contraído a lepra devido às relações sexuais duradouras com uma mulata; o segundo por ter trabalhado em um estabelecimento agrícola com número expressivo de escravos negros afetados pela moléstia; e o terceiro por ter tido uma ama de leite negra. [47]

Com os casos relatados, "produzidas estas provas em favor do contágio", todas relacionadas à presença de mulatos e escravos negros, a questão da "herança pathologica" na propagação da doença toma uma importância fundamental. Para o desalento de Nina a validade da tese, entretanto, dependia de observações que ele não tinha feito e que demandaria um tempo que não dispunha. Por exemplo: uma situação hipotética com o acompanhamento de uma criança leprosa, separada dos pais desde o nascimento e que manifestasse a doença anos depois.

Mas tal constatação não abala sua crença no fator da hereditariedade racial e o consequente contágio entre aqueles que tiveram contato com elementos da raça negra. Para reforçá-lo, Nina alude a autores como o dermatologista Carl

46 EDLER, Flavio Coelho. *Op. Cit.*, p. 109.
47 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, janeiro de 1889.

Wilhelm Boeck (1808-1875), o "leprologista" Daniel Cornelius Danielssen (1815-1894) e o clinico geral José Francisco da Silva Lima (1826-1910) cujas observações preenchem todos os requisitos científicos para compor quadros hereditários da doença — além de suas próprias como o caso da família Marinho, da ilha do Achuy, Maranhão, "na qual em linha recta a lepra comprehende já cinco gerações". [48]

Nina, entretanto, observa que invocar a intimidade das "relações de família" não seria inteiramente correto, visto que maior devem ser elas ou pelo menos iguais para os descendentes diretos. Já segundo os "princípios scientificos da selecção natural" o fato de se manifestar a lepra em outros indivíduos, colocados nas mesmas condições, em diversos membros da mesma família, ligados entre si unicamente por parentesco colateral, "deve fazer acreditar que muitas vezes esses indivíduos descendem de um tronco genealógico commum que foi em tempo affectado de lepra". [49]

As questões levantadas por Nina nas observações acima o levam a adentrar no terreno da "etnologia" e da "economia étnica" expressões que, segundo Mariza Corrêa, Nina utilizou pela primeira vez justamente em seu estudo sobre a lepra, ao tentar classificar racialmente a população do Maranhão. [50] Para sermos mais fiéis às palavras do médico, esta seria sua tentativa inicial de discriminar a influência patológica da "etnologia" maranhense. Sua empreitada nasce da

48 *Ibidem.*

49 *Ibidem.*

50 CORRÊA, Mariza. *As ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998, p. 321.

> (...) carência absoluta em que nos achamos de conhecimentos positivos acerca dos productos de cruzamento das diversas raças que contribuirão e estão contribuindo para o povoamento do Império e d`entre os quais a selecção natural terá de escolher aquelle que de futuro deverá revestir definitivamente o typo nacional. [51]

Os "conhecimentos positivos", os "produtos de cruzamentos", o "povoamento do império", a "seleção natural", são expressões que revelam, nas entrelinhas, algumas inquietações que Nina manifestará em inúmeros trabalhos de sua autoria, inclusive os ligados à loucura das massas e à formação racial brasileira. O "typo nacional" de que fala representava um desafio para parte da intelectualidade que à sua época e ao seu redor procurou definir a contribuição de cada raça, seja ela a branca ou europeia, vermelha ou americana, negra ou africana, para esse produto final.

Corrêa aponta que Nina Rodrigues fez parte de uma vanguarda de profissionais ligados às áreas da profilaxia e higiene públicas que no final dos oitocentos tentava aprofundar o conhecimento e as contingências da realidade nacional. Como também recorda Edler:

> A contrapartida do novo pacto formulado pelas elites médicas no último quartel do século era uma reforma radical tanto na formação dos novos esculápios – o que se daria através de um ensino que privilegiasse a especiali-

51 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, fevereiro de 1889.

> zação — quanto no desenvolvimento de um programa de pesquisas voltado para temas nacionais. [52]

Edler e Corrêa estão se referindo especificamente à corporação médica que passou a demonstrar uma inédita capacidade de mobilização em um momento de crise das instituições imperiais. Nina, entretanto, também incorpora ao seu discurso e à sua atuação como profissional, parte da "fortuna crítica" que foi elaborada pela chamada "Geração de 1870". Segundo Alonso, esta geração propôs um reformismo de amplo espectro nacional que não possuía um perfil homogêneo, subdividindo-se em diversos grupos, entre os mais importantes, os abolicionistas, os republicanos e os positivistas.

Estavam todos comprometidos com a "política científica" — designação para o fenômeno de conversão das mais importantes descobertas científicas dos estudos sociais em argumentos e princípios de orientação política — que operou mobilizando-os em torno de uma agenda liberal de reformas e insurgindo-se contra a marginalização política frente à dominação conservadora. [53]

Alonso explica que

> Os membros do movimento intelectual não compartilhavam uma posição social; sua unidade estava noutra parte. O que alinhava estes micro-contextos de experiência era a situação

52 EDLER, Flavio Coelho. *Op. Cit.*, p. 115.
53 ALONSO, Angela. *Op. Cit.,* pp. 99, 100 e 238.

> comum de marginalização politica. Eram grupos alijados pela dominação saquarema: não oriundos nem dos estamentos senhoriais, ancorados na lavoura agroexportadora dos engenhos de açúcar de Pernambuco e da Bahia, nem das tradicionais plantações de café do Vale do Paraíba. [54]

No exterior, movimentos semelhantes também foram gestados simultaneamente ao brasileiro, tal como a "Geração de Coimbra" que se opôs ao governo de d. Luís I (1838-1889) e a "inteligentzia" russa que desafiou o tzarismo, encorpado em figuras como Alexandre III (1845-194) e Nicolau II (1898-1918). [55] Aqui no Brasil, não havia uma ideia de revolução ou ruptura radical com o sistema político, ou como coloca Alonso, com o *status quo* imperial. A subversão da ordem social era tão perigosa quanto a sua manutenção, da forma que se apresentava naquele contexto.

Daí a opção pelas grandes reformas gradativas que manteriam certa continuidade com a tradição imperial, posto que se os inimigos eram representados pelas elites conservadoras, há de se considerar que outro perigo se avizinhava no horizonte: a inquietação das massas. As rebeliões escravas, as convulsões messiânicas, a malta incontrolável, indicaram para muitos que a transição para um regime liberal deveria se dar antes por consenso, do que por um conflito

54 *Ibidem*, p. 161.

55 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo: editora Brasiliense, 1983, p. 81.

aberto. [56] Angela Alonso propõe uma divisão em três "ondas temáticas" do movimento dos anos 1870:
a) 1868-1878: a configuração de uma autocritica do status quo imperial nos termos de seu próprio cânon intelectual;
b) 1878-1888: a emergência do movimento intelectual da geração de 1870;
c) 1889-1897: o memorialismo, a reconstituição da história politica e intelectual do Império, em termos doutrinários. [57]

Ainda segundo esta autora, o período retratado no item "b" corresponderia ao "pico de atividades do movimento intelectual". [58] É ilustrativo que Nina tenha se formado em medicina e dado início à sua carreira ainda no período abrangido pelo item "b" e que tenha calcado posições de destaque em sua área de especialidade no período contemplado pelo item "c". É preciso que fique claro que Nina não pertenceu propriamente à geração de 1870, mas talvez seja possível apreender a sua obra no contexto de emergência, afirmação e memorialização desta.

Com a República proclamada e a desordem política e administrativa instalada, Nina e seus colegas de profissão sentiram-se no dever de expor e manifestar suas insatisfações ao governo federativo. Roberto Ventura escreve que a mudança no padrão do pensamento intelectual que se deu a partir de 1870 tornou-se mais nítida e evidente nas primeiras décadas do século XX. A crise do liberalismo na Primeira República abriu um quadro dramático de embate entre

56 ALONSO, Angela. *Op. Cit.*, pp. 186 e 187.
57 *Ibidem*, p. 48.
58 *Ibidem*, p. 46.

ideologias e teorias. Diz o autor que "além da campanha em prol da modernização, assume importância a discussão de projetos contraditórios de reformulação do Estado, da sociedade e da cultura". [59]

Esses projetos estão ancorados nos primórdios da ciência social brasileira que, influenciada pelo pensamento autoritário, serviu para justificar "uma ideologia de Estado de caráter intervencionista e tutelar, em contraposição ao modelo de mercado e em ruptura com a concepção liberal de governo". [60] Os homens empenhados nesses programas passaram a advogar que o fim da escravidão e a Proclamação da República não produziram instituições que solucionassem os problemas reais do Brasil. Nina era um deles.

Nicolau Sevcenko afirma que foram fomentadas "correntes realistas de nítidas intenções sociais", "linhagens intelectuais da *Bélle Époque*", cujo anseio era interferir na ordenação de suas comunidades de origens. Tomadas por uma atitude salvacionista, suas lideranças não se contentavam em aplicar ao país conhecimentos vindos da Europa. Isto tinha por significação "um empenho sério e consequente de criar um saber próprio sobre o Brasil, na linha das propostas do cientificismo, embora não necessariamente comprometido com ele". [61]

Homens como Nina — atraídos não apenas pela medicina, mas por questões sociológicas e antropológicas — chegariam a "uma problemática que era também central no

59 VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 152.

60 *Ibidem*, p. 158.

61 SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.*, p. 85.

pensamento científico europeu e norte-americano do seu tempo: como dar conta, teoricamente, das evidentes desigualdades concretas entre os homens". [62] Aqui, no Brasil, o "atalho" ou "via transversal", como Corrêa define, que esta questão tomou "estava evidentemente ligado à presença maciça entre nós de milhões de descendentes de africanos". [63]

Enquanto parte de seu trabalho era publicado na Gazeta Médica da Bahia, edição de fevereiro de 1889, Nina realiza no mesmo mês o concurso para o cargo de adjunto da 2ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia, a de Patologia Geral. Ocuparia o lugar que era até então do conselheiro José Luiz de Almeida Couto (1833-1895) — republicano e abolicionista histórico —, vindo, inclusive, a se casar com uma de suas filhas. [64]

Empossado, Nina continuou com os olhos voltados para as problemáticas nacionais e em especial, maranhenses, que apresentavam uma situação *sui generis*, pela qual as teorias europeias, por si só, não davam conta — embora fosse ele grande entusiasta e leitor assíduo da literatura especializada estrangeira. Esta era importante, com suas doutrinas e paradigmas estabelecidos e aceitos pela comunidade científica internacional, mas careciam de pressupostos teóricos ancorados em "nossas questões". O Dr. Justo Jansen (1864-1930), em texto de 1906, após a morte de Nina, afirma o seguinte sobre os estudos de seu colega de faculdade em torno da atividade do ser humano:

62 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.*, p. 28.
63 *Ibidem.*
64 LIMA, Lamartine de Andrade. *Op. Cit.*, p. 3.

> Não se limitou, como infelizmente acontece com os raros escritores que no Brasil se preocupam com esses momentosos estudos, em passar para a língua pátria, habilmente desmarcado, o que no estrangeiro se publica de notável sobre o assunto; a maioria de seus trabalhos traz um cunho irrecusavel de originalidade, consistindo na aplicação, a casos brasileiros, dos grandes princípios que a respeito dos seus congêneres, estabeleceu a sciencia. [65]

O próprio Nina já demonstrava em missiva ao *Brazil* Médico sua preocupação com a produção nacional:

Carecemos de literattura medica nacional e, por esse motivo, é destituído de interesse para o publico profissional e muito pouco apreciado entre nós, qualquer trabalho médico, embora de incontestável valor, desde que seja publicado em língua portuguesa. [66]

Nina se empenha contra esta condição de desvalorização dos estudos nacionais ao analisar as "espécies" humanas maranhenses. Em seu Estado natal, as raças primitivas puras não mais existiam. A supressão do tráfico foi responsável por impedir a entrada continuada do "negro genuíno", incapaz de exercer influência na nossa "economia ethnica". Os americanos do "typo brasílico-guarany" tem desaparecido por completo, sobrevivendo em um ou outro ponto afastado do território, tendo pouca influência na população. Os

65 JANSEN, Justo. Nina Rodrigues (Notas intimas). *A Revista do Norte*, São Luiz, anno V, n. 12, agosto de 1906, p. 182.

66 RODRIGUES, Raimundo Nina. Carta da Bahia. *Brazil Médico*, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 6, fevereiro de 1894.

Europeus, chegados por força da imigração, também apresentam predomínio limitado, não passando da capital, São Luiz.

O resultado desse processo foi a formação de um tipo genuinamente brasileiro, produto da terra, dos cruzamentos que se deram ao longo de quatro séculos:

> (...) se não podemos dizer que a população do Maranhão é inteiramente mestiça, devemos pelo menos consideral-a como rigorosamente brazileira, neste sentido que mesmo naquellas famílias em que a pureza das raças primitivas tem se conservado, os seus descendentes actuaes já contão mais de uma geração puramente maranhense. [67]

Essa ideia de uma casta "puramente maranhense" reflete o esforço em abordar o tema da mistura das raças e seu vínculo com a lepra ao longo do processo. O caso aqui relatado por Nina pode ser analisado, de outra perspectiva, tendo como pano de fundo, a proposta reformista dos anos 1870, implementada a conta-gotas, nesta e na década seguinte. Como veremos mais adiante, Nina irá batalhar em diversas esferas institucionais pelo reconhecimento profissional e pela normatização do campo da Medicina Legal com suas ramificações na arena das disputas judiciais envolvendo negros e mestiços. Isto não se deu ao acaso. Segundo Edler:

67 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., fevereiro de 1889.

> A defesa de novas especialidades, até então não contempladas pelo ensino médico, era feita, em geral, com argumentos que ressaltavam a insuficiência dos conhecimentos médicos produzidos na Europa tendo em vista a particularidade da nosologia nacional. Afirmava-se, assim, a necessidade de estudos originais. [68]

Para isso, Nina identifica cinco grandes subgrupos de mestiços que formam a população de sua terra natal: o branco, o caboclo, o mulato, o cafuso e o negro. A sutileza dessas categorias pode ser notada na minuciosidade com que são tratadas. O *branco*, por exemplo, compreende não só o produto do cruzamento direto da própria raça, entre os portugueses, mas também os mestiços da raça branca com a americana ou a negra, cuja tendência é retornar à pureza racial, principalmente devido "a um certo espirito de casta" que a afasta do cruzamento com as raças inferiores.

O *caboclo* ou *mameluco* seria o sujeito resultado do cruzamento da raça branca com a vermelha. Este mantem-se, sobretudo, nos sertões da província do Maranhão e também é conhecido pela denominação de "cabeça chata", empregada no Ceará, região onde o grupo teve um predomínio maior. De acordo com Nina, o caboclo esta destinado a grandes e inesperadas modificações já que cada vez mais a influência da raça americana aborígene é restringida.

Os *mulatos* compreendem duas classes distintas: a dos "clássicos", mestiço do negro com o português que rareia

68 EDLER, Flavio Coelho. *Op. Cit.*, p. 119.

muito na província e outra à qual Nina não denomina, afirmando apenas que são mal definidos, incluindo: aqueles que tendem a voltar à raça negra, aqueles que são produto do cruzamento com caboclos e, por fim, um grupo, também sem denominação, que teria representantes em todos os outros grupos por ele estudados.

Os *cafusos* são definidos pelo cruzamento entre negros com brazilyo-guaranys, indivíduos estes escuros, arroxeados ou amulatados. Nina aplica a este grupo as considerações que foram feitas a propósito da estabilidade (ou da falta dela) dos caboclos. Por último, os *negros*, descritos como descendentes diretos dos africanos ou ainda dos mestiços em vias de retornar à negritude pelo cruzamento colateral.

Ao estudar as estatísticas do Hospital dos Lazaros de São Luiz, Nina afirma que, de modo geral, "todas as raças brazileiras são aptas a contrahir a lepra". Entretanto, diz, a moléstia é mais corriqueira entre os caboclos e do que entre os cafusos. Das raças puras, apenas a branca e a negra são aptos a contrair a moléstia. O índio é refratário à doença, mesmo aqueles ditos "domesticados" pelos portugueses.

À esta imunidade do índio, fenômeno que não é explicado por Nina, contrapõe-se a "predisposição natural" dos mestiços para o contágio da lepra. Daí que para explicar a endemia da moléstia na província, Nina recorre ao que ele denomina de "predisposição leprosa, ou a verdadeira herança leprosa" — além de fatores outros, como o clima quente e húmido, as condições topográficas e a péssima alimentação dos doentes. [69]

69 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, março de 1889.

Enquanto eram impressas em abril de 1890 essas linhas, Nina já havia publicado antes, em fevereiro e março desse mesmo ano *Os mestiços brazileiros*. [70] Diz o autor nesta obra que o fenômeno em que uma reação patológica apresenta características distintas para os diferentes tipos antropológicos que compõem a população "tinha já fundas raízes na consciência do nosso público profissional". [71]

Preocupado em não cometer os mesmos erros de colegas seus que trataram da "etnologia patológica", como define, Nina recusa a possibilidade de existência de um grupo mestiço único, "passível de uniformidade na manifestação de um caráter antropológico do valor das aptidões mórbidas"- contradizendo, assim, suas primeiras tentativas de encontrar um tipo "maranhense" integral, produto do cruzamento de diferentes raças, como demonstrado anteriormente. Tampouco seria possível estabelecer com precisão, para a grande maioria dos mestiços, "o parentesco real que os liga às raças de que provieram". [72]

A "filiação" tornava-se um modo insuficiente de classificação das raças e Nina decide recorrer aos caracteres "morfológicos", de acordo com os princípios pelos quais se

---

70 A primeira versão do estudo foi: RODRIGUES, Raimundo Nina. Os mestiços brazileiros. *Brazil Médico,* Rio de Janeiro, fev.-mar. 1890. Depois reapareceu na coletânea organizada por Arthur Ramos em RODRIGUES, Raimundo Nina. Os mestiços brazileiros. In: ____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. Utilizamos aqui a última versão: RODRIGUES, Raimundo Nina. Os mestiços brasileiros. In: ____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, pp. 127-138.

71 *Ibidem*, p. 128.

72 *Ibidem*, p. 132.

regem "as classificações das raças puras" — embora as oscilações e a falta de "equilíbrio proporcional na transmissão hereditária" dificultassem a tarefa: "(...) teriam como corolário lógico a constituição de uma série de tipos de transição ou intermediários entre os tipos mestiços mais opostos". Revendo o que escrevera em 1889 e com uma proposta mais ambiciosa, ele divide agora a população nacional em seis tipos, um a mais do que apresentou em relação ao Maranhão: *branco, negro, mulato, mameluco* ou *caboclo, cafuzo* e *pardo.*

A nova classificação merece alguns destaques. Primeiramente o mulato, subdividido em três subgrupos secundários, agora mais bem detalhados: "dos mulatos de primeiro sangue, dos mulatos que voltam ao branco e dos mulatos que voltam ao negro". Segundo o caboclo ou mameluco, grupo em que Nina inclui desta vez os "produtos mais complexos" do cruzamento do mulato claro com o índio. [73] Finalmente, com o termo "pardo" Nina reúne indivíduos mestiços "em que se associam os caracteres das três raças". Diz o médico que muitos supunham "ser este o tipo futuro da nossa população":

> Não o cremos nós, entretanto. Tal resultado exigia que as três raças mães tivessem tomado uma parte igual na constituição da nossa população mestiça, o que não é verdade, e que todas desenvolvessem no cruzamento igual capacidade eugenésica, o que pelo menos não é provável. [74]

73 *Ibidem*, p. 135.
74 *Ibidem,* pp. 135-136.

Em outubro de 1890, Nina Rodrigues é chamado para fazer parte da comissão organizadora do *III Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia*, ao lado do Drs. José F. da Silva Lima, presidente do Congresso, já citado anteriormente, e Manoel Victorino Pereira (1853-1902), orador oficial. O evento que ocorreria em outubro na cidade de Salvador foi patrocinado pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (SMCRJ) e pela Sociedade Médica da Bahia. [75]

É neste congresso que Nina vai apresentar o seu primeiro estudo científico sobre uma "epidemia de loucura" que ocorreu em Itapagipe, subúrbio da capital, em 1882. Intitulada *Abasia coreiforme epidêmica no norte do Brasil*, trazia informações importantes sobre o evento até então obscuro para a classe médica. [76] Como veremos em detalhe no próximo capitulo, Nina apresenta ao leitor a "teoria sugestivo-imitativa", emprestada de autores como Gabriel Tarde e Spicio Sighele. [77]

Nesse mesmo evento Nina volta a falar da lepra em um estudo que será posteriormente publicado na Gazeta Médica no ano seguinte, 1891, com o título de *A lepra no estado*

---

75 MAIO, Marcos Chor. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica. *Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro*, v. 11, n. 2, abr.-jun. 1995, pp. 226-237.

76 RODRIGUES, Raimundo Nina. "Abasia coreiforme epidêmica no norte do Brasil". In: ____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, pp. 25-39.

77 A abordagem – que se apropria de conceitos como "loucura comunicada" e "estado de multidão", de Lasegue, Falret e Le Bon – também será empregada em um estudo complementar, de 1901, sob o título de *Abasia coreiforme epidêmica que grassou no Norte do Brasil.*

da Bahia. [78] Para o autor é enganosa a ideia de que a doença é muito frequente em terras baianas, resumindo-se a casos isolados ou familiares. Afirma que através dos dados coligidos nos arquivos do Hospital de São Chistovão dos Lazaros de Salvador, inaugurado em 1787, seria possível reconstituir a história da moléstia neste estado. Conclui que a lepra tende a desaparecer na Bahia apenas com a supressão do tráfico africano e com os progressos da civilização, independentemente de medidas repressoras especificas. Também nunca houve no Estado condições propicias à constituição de focos permanentes da doença, ainda que o Hospital dos Lazaros, reduzido que estava a simples asilo de inválidos, não satisfizesse as "exigências do isolamento como medida prophylatica". [79]

78 RODRIGUES, Raimundo Nina. A lepra no Estado da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXII, n. 8, fevereiro de 1891.

79 *Ibidem*.

O espírito reformista: o ensino de medicina legal e a reestruturação dos serviços sanitários

Fosse a situação precária do Hospital dos Lazaros, em Salvador, Bahia, ou o abandono da instituição de nome análogo em São Luiz, Maranhão, ou mesmo qualquer outro estabelecimento similar, Nina demonstrava uma aberta insatisfação com a situação da saúde pública no Brasil. A luta por uma organização sanitária centralizada tornar-se-ia uma de suas grandes bandeiras, compartilhada por outros médicos que se desiludiram com o desgoverno que tomou os primeiros anos da República.

Em 1891, Nina foi transferido do posto de Adjunto da 2ª Cadeira de Clínica Médica, sem concurso, pela Reforma "Benjamin Constant" do ensino médico, para a chamada 5ª Secção, a Cadeira de Medicina Pública. Esta incluía as disciplinas de Patologia Geral e História da Medicina, Higiene e Mesologia e a que o projetou no meio acadêmico, a Medicina Legal. [80] Lente substituto, ocuparia o lugar do Prof.º Virgílio Clímaco Damásio (1838-1913) que, por sua vez, ocuparia um assento no Senado da República. [81]

A reforma do ensino, como um todo, foi alvo de severas críticas, mas as mais contundentes voltaram-se à nomeação dos médicos para cargos importantes da administração federal sem concurso público. Em resposta aos ataques, Nina

80 LIMA, Lamartine de Andrade. *Op. Cit.*, p. 4. e CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.*, p. 324.

81 AMORIM, Deolindo. Virgílio Damásio. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.* Salvador, v. 67, 1941, pp. 315-324.

responderia no ano seguinte que "se á alguma faculdade deste paiz já demonstrou a experiência que sem precedencia de concurso se podem ter professores de grande merecimento, a essa foi sem duvida a Faculdade de Medicina da Bahia". [82]

Nina foi beneficiado pelo "espirito de corporativismo profissional" que, segundo Edmundo Coelho, foi alimentado nas escolas públicas superiores, mesmo antes das profissões se organizarem no mercado, tornando o ensino oficial um "ancoradouro seguro de privilégios". Significativamente, a burocratização precedeu a profissionalização aninhando no cume da administração membros da elite que "demarcavam e controlavam rendosas sinecuras". Nina, a despeito de suas remotas raízes maranhenses, conseguiu inserir-se neste universo que se perpetuou na passagem da monarquia para a república. Segundo Edmundo Coelho

> (...) Nina Rodrigues estava impregnado de um liberalismo estatista que descria da capacidade de organização da sociedade, menos por razões objetivas do que pela crença na imanente carga de desordem que ele associava ao livre jogo de interesses privados, impondo-se, como indispensável, a regulação disciplinadora do Estado. [83]

Nina abraçou a Medicina Pública não apenas como uma profissão, mas como uma prática militante, dedicando-se em diversas frentes de ação. Tornou-se redator-chefe

82 RODRIGUES, Raimundo Nina. Lentes sem concurso. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 8, fevereiro de 1892.

83 COELHO, Edmundo Campos. *Op. Cit.*, p. 257.

ou "redator-gerente" da *Gazeta Médica da Bahia* e compôs a comissão encarregada de publicar a *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia* que só começaria a circular em 1902, tendo vida efêmera, encerrada em 1906, ano de sua morte. [84] Por esses meios de divulgação científica tratou de várias questões, entre elas a descentralização "exagerada" dos serviços sanitários no país, entregues em quase todo o território nacional às municipalidades que, por seu turno, não possuíam recurso material e humano para combater os flagelos que sobre elas incidiam.

Para ele, o *Conselho Superior de Hygiene* Pública do *Brazil* teimava, em nome da ordem democrática e do respeito à soberania municipal, propor aos poderes públicos que "fragmente, mutile e desfaça a obra incompleta da nossa unificação sanitária (...)". [85] Em correspondência enviada ao *Brazil* Médico, em 1894, disse:

> N`um paiz como o Brazil, constituído de centros de população disseminados em vasta extensão territorial, sem a menor communhão scientifica entre si, uma das necessidades mais palpitantes, era, sem duvida, a de centralizar, consagrando as tentativas e ensaios de uma vida scientifica local. Nada mais difícil, entretanto, pois que a cultura e a civili-

84 TAVARES-NETO, José. Sobre a "Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina na Bahia". *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76 v. 1, jan.-jun. 2006, pp. 113-117.

85 RODRIGUES, Raimundo Nina. A classe médica e a administração sanitária no Brazil e nos Estados-Unidos. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 9, março de 1892.

> zação dos estados brasileiros não recebem a menor influencia dos outros estados, mesmo circumvisinhos, nem da capital do paiz. [86]

Em Salvador, por exemplo, o serviço de desinfecção de que dispunham as repartições sanitárias municipais era ilusório e de todo ineficaz. A necessidade de uma administração superior que "pairasse" sobre as lutas e rivalidades locais "faz-se sentir a toda hora e de modo o mais imperioso". [87] Afirma Nina que "em casos de flagellos epidêmicos são de imperiosa necessidade medidas harmônicas e de conjunto, que a descentralisação nunca poderá fornecer". [88]

Como bem lembra Luiz Antônio de Castro Gomes:

> (...) Nina Rodrigues passou a denunciar a autonomia municipal e a estadual. Afirmava que, com a autonomia municipal, o poder dos coronéis, assim como a falta de recursos financeiros e de pessoal qualificado, impediriam a execução de códigos e posturas sanitários. Com relação aos serviços estaduais, ponderava que se haviam tornado uma mera fonte de apadrinhamento para os políticos baianos. As agências sanitárias eram apenas restos das organizações ineficientes criadas

86 RODRIGUES, Raimundo Nina. Carta da Bahia. *Brazil Médico*, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 6, fevereiro de 1894.

87 RODRIGUES, Raimundo Nina. Organização sanitária. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 8, fevereiro de 1892.

88 RODRIGUES, Raimundo Nina. A organização do serviço sanitário no Brazil. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIII, n. 3, setembro de 1891.

> durante a Monarquia. Descrevia o sistema da saúde pública existente como "caótico". [89]

As opiniões expostas por Nina através dos periódicos médicos fizeram parte de um movimento mais extenso que se serviu deste meio de divulgação para defesa dos interesses corporativistas e dos programas de reformas após os anos 1870, entre eles, destacadamente, a centralização dos serviços sanitários. Como bem recorda Edler:

> O jornalismo médico não somente tentava satisfazer todas as necessidades corporativas, mas também representá-las. Mais que isso, apresentava uma face renovadora, militante e vanguardista, pois pretendia criar novas necessidades. Era, portanto, um espaço destinado à difusão de um diagnóstico não oficial e à representação de projetos alternativos que correspondiam às exigências profissionais dos esculápios. [90]

Atente-se, por exemplo, às consequências da epidemia de *influenza,* de 1890, que "derramando-se sobre a Russia e, quem sabe, da Azia, sobre a Europa percorreu nos dous últimos mezes do anno findo todas as grandes capitaes do velho mundo e transpondo o Atlantico passou a America,

89 GOMES, Luiz Antônio de Castro. As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização Conservadora na Bahia durante a Primeira República. Rio de Janeiro, *Dados,* v. 41 n. 3, 1998.

90 EDLER, Flavio Coelho. *Op. Cit.*, p. 122.

fez-nos a sua visita em janeiro do presente anno". [91] Nas capitais do velho mundo, a moléstia pôs em atividade todos os laboratórios disponíveis, oferecendo aos cientistas uma oportunidade preciosa de estudo e análise. Já em Salvador, afirma Nina que o relator só tinha diante de si uma "série incompleta e superficial dos factos", apreciados a partir de uma "observação clinica mutilada". [92]

Em 1892 foi a *febre amarela* que incidiu sobre a cidade de Salvador, sem, no entanto, criar aparentes focos de infecção e irradiação da doença. Nina, em tom irônico, escreveu que para aqueles familiarizados com a eficácia da higiene profilática moderna, nada mais fácil do que dominar uma epidemia que se iniciava. Porém, tão precárias são as condi-

91 RODRIGUES, Raimundo Nina. A epidemia de influenza na Bahia em 1890. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXII, n. 12, junho de 1891.

92 Importante observar que a problemática da descentralização dos serviços sanitários voltaria a ser tema de debate entre a classe médica no final da década de 1910 e início da seguinte. Médicos como Miguel Pereira e Belisário Penna, próceres do movimento sanitário na Primeira República, vinham criticando o modelo federativo voltado para o princípio da autonomia estadual e municipal, o que limitava ações coordenadas no âmbito federal. Outro indicativo de que os problemas denunciados por Nina permaneceram insolúveis nos anos seguintes à sua atuação foi uma nova epidemia de influenza ou Gripe Espanhola que assolou a capital do país em 1918 e forçou o Estado a assumir posturas centralizadoras, como, por exemplo, a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), entre outras. Ver LIMA, Nísia Trindade e Hochman, Gilberto. "Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira república". In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996, pp. 23-40.

ções "a que se acham reduzidas as duas repartições de hygiene do Estado, tão infeliz e desacertada foi desde o principio a sua organização, (...) que ellas não poderão oppor o menor embaraço á invasão da epidemia". [93]

Esta poderia muito bem chegar, de forma avassaladora, pelo porto da cidade, cuja inspetoria de saúde, uma repartição federal, não passava de um "simulacro", sem recursos para organizar um "serviço quarentenário". Além de possuir apenas duas embarcações a serviço das visitas médicas ordinárias a navios suspeitos, que transportavam doentes e cadáveres, não possuía um lazareto para evitar o contato com doentes e nem um serviço de desinfecção rigoroso.

Deploráveis também eram as condições do serviço sanitário terrestre. Sem pessoal suficiente, veículos e aparelhos, as "fumigações de chloro e sulfurisação" eram feitas em condições precárias, não conseguindo sequer a desodorização do ambiente. A desinfecção química das vestimentas não era realizada e as estufas esterilizadoras estavam abandonadas na alfandega. Soma-se a esses fatos uma cidade sem o menor respeito aos princípios higiênicos elementares, "e se adquirirá a convicção de que atingimos á mais lamentável das anarchias no serviço sanitário (...)". [94]

Esse tipo de denúncia só se tornou possível com o movimento do "periodismo médico" que, entre outras coisas,

93 RODRIGUES, Raimundo Nina. A febre amarela. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 7, janeiro de 1892.

94 RODRIGUES, Raimundo Nina. A organização do serviço sanitário no Brazil. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIII, n. 3, setembro de 1891.

criou vínculos com a imprensa estrangeira. [95] Edler destaca o caráter independente deste ramo de divulgação científica que possibilitou o intercâmbio com os principais centros produtores de ciência e a articulação do movimento corporativo, afirmando no cenário nacional novas lideranças médicas. [96]

Nina Rodrigues era um nome em ascensão e não se furtava em delatar a inexistência de organização, planejamento e execução de projetos preventivos e profiláticos. O Dr. Antônio Augusto de Azevedo Sodré (1864-1929) — professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e um dos fundadores da revista *Brazil* Médico — propôs uma solução provisória que a Nina pareceu satisfatória. Uma descentralização parcial, tendo os Estados a liberdade para estruturar seus serviços de higiene pública, sendo esta uma "organização provisória aceitável" que serviria como garantia para a centralização futura — Afinal, diz Nina, "descentralisador com o imperio, somos francamente unicistas com a republica para tudo o que diz respeito á organização e exercício da medicina". [97]

Nina dizia não pregar um modelo de "absorpção e asphyxia" como foi em tempos do Império, mas, ao contrário, uma centralização repousada "n`uma perfeita divisão do

95 FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-1843). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 331-351, 1999.

96 EDLER, Flavio Coelho. *Op. Cit.*, p. 125.

97 RODRIGUES, Raimundo Nina. Exercicio de medicina publica. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 4, outubro de 1892.

trabalho, sem invasão de attribuições, que só pode implicar uma subordinação razoável e nunca uma absorpção completa dos poderes locaes". [98] Uma organização nesses moldes parecia utópica, mas houve uma iniciativa do poder legislativo baiano que sancionou a Lei n. 30 de 29 de agosto de 1892, regulando os "serviços hygiene pública e vaccinação" em todo o Estado. [99] A lei, uma versão modificada de um projeto elaborado pelo Dr. Manoel Joaquim Saraiva (1840-1899), criava, entre outros, o *Conselho Geral de Saúde Pública da Bahia*, com atribuições de fiscalizar os municípios que descumprissem leis e regulamentos sanitários, e o *serviço de estatística demographo-sanitaria* que se demonstrou, ao fim, ineficiente.

Em um dos relatórios do conselho de estatísticas sobre os dados demográficos do estado, Nina e outros, demonstram a necessidade de conhecimento dos tipos étnicos brasileiros, entre outras coisas, concluindo que o conhecimento sobre a realidade brasileira estaria ameaçado de ser "computar a zero":

> No Brazil, desde os seus limites geográphicos, ainda litigiosos, desde a sua composição ethnica que ainda não esta definida, desde a sua forma fundamental de governo, em que a republica ainda se acha no berço, até a direcção dos serviços administrativos os mais simples e insignificantes, tudo se agita como que num mar de duvidas e de incerteza, porque sem

98 *Ibidem*.

99 RODRIGUES, Raimundo Nina. Exercicio de Medicina Pública. *Brazil Médico*, Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1893.

> recenseamentos fidedignos e repetidos, sem registro civil regular, sem estatisticas pedagogicas, sanitarias, economicas, agricolas, industriaes, etc, desconhecemos quase que por egual, a nossa expansão demographica, os elementos da nossa riqueza publica, as nossas verdadeiras necessidades politicas ou sociaes. [100]

Ainda no âmbito da Medicina Pública, Nina denunciou, enquanto professor de medicina legal na Bahia, a absoluta falta de condições de trabalho para o perito. Preocupou-se não apenas com a formação deste profissional, mas também com a estruturação de um serviço médico-legal adequado. Até a Proclamação da República as autopsias e perícias eram feitas pelos serviços médico-legais das Chefaturas de Polícia, com as quais Nina mantinha apenas relações informais. "Entendiam-se muito bem", afirma o Dr. Estácio Luiz Valente de Lima (1897-1984), legista da Faculdade de Direito da UFBA, ao lembrar também que "em quase todas as pericias difíceis, Nina era convocado. Não havia ciúmes, felizmente". [101]

Após 1889, os responsáveis na polícia por estas atividades tornaram-se servidores estaduais, o que, na prática, manteve a inexistência de qualquer vínculo formal com a

100 RODRIGUES, Raimundo Nina *et al.* Serviço demografo-sanitario no Estado da Bahia. Parecer do Conselho Geral de Saúde Pública. *Gazeta Médica da Bahia*, ano XXV, n. 7 e 8, jan.-fev. 1894.

101 LIMA, Estácio de. *Velho e novo "Nina"*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1979, p. 51.

Faculdade de Medicina da Bahia, a qual estava sob administração da União. A situação era complexa, pois a polícia também não possuía uma estrutura satisfatória para a realização, por exemplo, das necropsias. Estas se davam na capela dos mortos do Hospital da Misericórdia, no necrotério do Hospital Santa Isabel, na Santa Casa de Misericórdia e na própria sala de dissecação do Gabinete de Anatomia da Faculdade de Medicina da Bahia — espaços sem meios adequados de conservação dos corpos. [102] Com esse quadro desfavorável, segundo Corrêa, Nina passa a advogar pela absorção do serviço médico-legal da polícia pela Faculdade de Medicina da Bahia, o que só irá se concretizar em 1905, um ano antes de sua morte. [103]

Bem antes disso, Nina já lutava pela constituição do campo da Medicina Legal no Brasil, em geral, e na Bahia, em particular. Dizia que "não se improvisa um médico legista, como não se improvisa um oculista ou um gynecologista". [104] Não era possível ensinar ao alunado, em um período de oito meses, as disciplinas de Hygiene e Medicina Legal, Patologia Geral, Clínica Médica, Clínica Obstétrica e Ginecológica e História da Medicina. [105] E ia além, defen-

102 LIMA, Lamartine de Andrade. *Op. Cit.*, p. 4.

103 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.*, p. 128.

104 RODRIGUES, Raimundo Nina. Exercício de Medicina Pública. *Brazil Médico*, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1893.

105 A necessidade de contemplar um vasto conteúdo programático no curto período mencionado fez com que Nina publicasse, mais tarde, uma espécie de apostila ou guia pratico de exame cadavérico, direcionado ao alunado. *Cf.* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Manual de autópsia médico-legal*. Salvador: Reis & Cia, 1901.

dendo a exigência de diploma à parte, para que não ocorressem absurdos, como os deficientes e incompletos exames de sanidade mental que comprometiam a "causa da justiça". [106]

A sua campanha em prol da medicina legal se deu, sobretudo, através dos periódicos médicos. Estes, fortalecidos após a onda reformista dos anos 1870, ofereciam um espaço inédito para a exposição de investigações pessoais, como a de Nina, e a ampliação do consenso quanto à validade dos fundamentos de novas doutrinas. Engajado, Nina publicaria aqui e no exterior. Edler afirma que nessa imprensa a "forma racional" pela qual eram expostas as ideias e teorias tinha peso equivalente "à autoridade de quem as apresentava, ou dos autores nos quais o expositor se apoiava". Segundo o historiador:

> A imprensa médica foi, assim, o fermento dos debates que antecederam a institucionalização das novas disciplinas. Através dela, diversos ramos do saber médico que não dispunham de espaço nas instituições oficiais puderam legitimar-se perante os pares; seus representantes puderam consolidar suas posições, e legitimar os novos campos disciplinares. [107]

Como já foi dito, Nina Rodrigues foi antecedido por Virgílio Clímaco Damásio, professor em um tempo que, como bem disse Corrêa, as defesas de tese e os concursos

106 RODRIGUES, Raimundo Nina. Exercício de Medicina Pública. *Brazil Médico*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1893.

107 EDLER, Flavio Coelho. *Op. Cit.*, p. 131.

de ingresso eram verdadeiros "torneios de oratória". A palavra fácil era mais importante para um professor do que a demonstração de um conhecimento específico, "o que tornava o médico, no âmbito das faculdades, principalmente um teórico". [108] Não obstante esta realidade, ou talvez por causa dela, Virgílio foi encarregado pelo governo imperial de viajar à Europa com o fim de "organizar entre nós, assentando-o em bases mais cientificas e práticas, o exercício importantíssimo da medicina judiciária (...)". [109]

No relatório final de sua viagem, um tomo de 750 páginas, ao qual não tivemos acesso, mas foi transcrito em partes por Estácio de Lima, Virgílio assim se manifesta: "A Itália foi o berço da Medicina Legal e a pátria de sua emancipação científica". [110] Identificado o seu nascedouro, a garantia de esplendor da medicina forense deveu-se à Alemanha que a colocaria em lugar de destaque ao lado de outras disciplinas irmãs. Isto porque "A universidade alemã, por sua vez, dispõe de todos os recursos da ciência contemporânea", escreveu Virgílio. [111] De volta ao Brasil, sem os fundos necessários para aplicar na Bahia o que vira na Europa, Virgílio se aposenta em 1895, e passa de vez seus encargos a Nina Rodrigues, que se torna, enfim, catedrático.

Em sua missiva ao Brazil Médico Nina deixa claro que a correção do estado de imperícia do serviço médico-legal

---

108 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.*, p. 97.

109 LIMA, Estácio de. *Op. Cit.*, p. 29.

110 DAMÁSIO, Virgílio Clímaco. *Ensaio e exercício da medicina, especialmente da medicina legal, em alguns paizes da Europa.* Bahia: 1886 *Apud* LIMA, Estácio de. Op. Cit., pp. 29-43, p. 35.

111 *Ibidem*, p. 41.

baiano passava pela adoção das medidas propostas pelo Dr. Virgílio, "(..) a saber: adaptação ao nosso paiz da pratica seguida na Allemanha". Ao projeto apresentado ao legislativo estadual, Nina apresenta uma detalhada proposta retificadora, adaptada da organização médico-judiciária alemã, "aclimando-a ao nosso meio social". Por extensa que é, não iremos aqui transcrevê-la, mas tão somente, o que a torna deveras relevante, os votos de sucesso que Nina faz ao empreendimento, capaz de dar ao Estado e ao país ares "civilizacionais":

> Debate-se no parlamento estadoal a lei que deve regular o exercicio da profissão medica neste Estado. Seja a Bahia a Baviera do Brazil: dê aos Estados seus irmãos, dê a União republicana e ao imperio a lição e a prova de que não abdicou ella ainda o sceptro que empunha da direcção mental do paiz. Mostre que o berço de Ruy Barbosa foi o primeiro Estado brazileiro a dar solução condigna e completa a esta magna questão, que tão directamente entende com os direitos mais charos dos cidadãos e de um paiz civilisado. [112]

Na sua primeira incursão na "Revista dos Cursos", com um texto intitulado *Os progressos da Medicina Legal no Brazil no século XIX*. [113] Nina afirma:

---

112 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*.

113 Essa foi a Lição de abertura do curso de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, pronunciada em abril de 1901. Posteriormente foi publicada, resumida, na Argentina, nos *Archivos de criminologia, medicina legal y psiquiatria*, Buenos Aires, 1902,

> O volumoso relatório (...) em que Virgilio Damasio condensou os fructos de sua excursão scientifica á Europa e em que traçou magistralmente o plano de organização do ensino e do exercício da medicina legal no Brazil, constitui um titulo sufficiente para que seja considerado o iniciador do ensino de medicina legal na Bahia. [114]

Na *Memória Histórica* apresentada à mesma Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia referente ao ano de 1896, citada na introdução desta tese, Nina já dava mostras da importância social do perito como um agente da ordem pública. [115] Foi uma oportunidade para Nina alegar, entre outras coisas, que a clínica forense era tão importante quanto a clínica civil. Tratava-se de algo mais que a arte de curar, tratava-se de uma tática política, nas palavras de Corrêa, parte de uma

> (...) estratégia mais ampla de autonomizar o campo da medicina legal em relação ao da clinica e de marcar fortemente a sua presença no cenário médico e social como um 'perito',

---

Fasc. 1º e 2º. A versão aqui utilizada é a seguinte: RODRIGUES, Raimundo Nina. Os progressos da medicina legal no Brazil no século XIX. *Revista dos cursos da Faculdade de Medicina da Bahia.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, anno I, Tomo I, 1904, pp. 11- 54.

114 *Ibidem*, p. 31.

115 RODRIGUES, Raimundo Nina. Memória Histórica apresentada pelo professor Nina Rodrigues à Egrégia Congregação da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia em 29 de março de 1897. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 73, outubro de 1976.

> diferenciado de seus colegas clínicos gerais ou médicos funcionários da polícia. [116]

O ensino e a prática efetiva da medicina legal exigiam a presença constante em hospitais, necrotérios, laboratórios, delegacias e tribunais. Nina reclamava que ao serviço externo do alunado e do professorado não se destinava tempo especial, tal como ocorria em outras disciplinas. Tomadas, em grande parte, pelo ensino teórico, do qual é crítico mordaz, Nina quer distanciar-se destas, ao requerer um horário para seus discípulos que não fosse aquele ordinário e invariável de um gabinete de química ou de histologia, mas um que respeitasse as contingências fortuitas que o serviço exigia.

Aliado às suas demandas, um fenômeno distinto acompanharia sua tática, fortalecendo seus argumentos em favor da especialidade. Conforme eram debatidos os protocolos de atuação do perito dentro da Faculdade de Medicina da Bahia, a medicina pública incorporava áreas cada vez mais amplas da vida social. Daí, por exemplo, o necessário "exame dos casos mais diferentes de atentado à ordem social" que, como veremos nos próximos capítulos, se estenderá aos conflitos provocados pelas multidões e forçará Nina a inteirar-se dos debates sobre psiquiatria, psicologia das massas e mestiçagem racial. [117] O trabalho do perito, em grande medida, tratava de crimes e criminosos. Requisitado pela justiça inúmeras vezes Nina deixou uma vasta contribuição para a literatura criminológica, como o caso

116 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.*, p. 124.
117 *Ibidem*, p. 132.

do famoso *Lucas da Feira*, escravo fugitivo, conhecido pelos seus delitos na cidade de Feira de Santana, Bahia. Em uma extensa análise sobre o bandido, Nina declara sua filiação à escola criminal italiana, encabeçada por Cesare Lombroso (1835-1909), Enrico Ferri (1856-1929) e Raffaele Garofalo (1851-1934). Diz, porém, que apesar do grande entusiasmo que esta causou entre os brasileiros, a contribuição nacional para tal área do conhecimento — também definida por ele como "antropologia ou sociologia criminal"— é quase nula.

Corrêa afirma que as opções teóricas "mais duradouras" de Nina parecem ter sido àquelas ligadas não só ao grupo lombrosiano, mas também à escola médico-legal francesa encabeçada por Alexandre Lacassagne (1843-1924) e Paul Broca (1824-1880), muito embora houvesse sérias clivagens entre ambas. Lombroso não apenas mediu e pesou crânios, como também "criou toda uma taxonomia de traços faciais e corporais" que permitiam identificar o que subsistia de nossos ancestrais primitivos no homem contemporâneo, levando-o ao crime e à loucura. Broca, por sua vez, aperfeiçoou, como nenhum outro, os métodos de medição craniana. Elaborou novos instrumentos como o craniômetro, o craniógrafo, o cefalógrafo e o estereógrafo. [118]

Com o título sugestivo de *Estudos de craniometria. O craneo do salteador Lucas e o de um índio assassino*, escrito em 1892, Nina esforça-se para contribuir com um estudo genuíno para a literatura especializada. [119] Lucas, filho de

118 *Ibidem*, pp. 87-89.

119 RODRIGUES, Raimundo Nina. Estudos de craniometria. O cranco do salteador Lucas e o de um índio assassino. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 9, março de 1892.

africanos gêges, havia fugido da casa de seu senhor em 1828 e com a ajuda de escravos "marrões" organizou uma quadrilha de salteadores que até 1848, "infectou, roubando e assassinando, as principaes estradas da então villa da Feira de Sant`Anna". Preso, Lucas admitiu ter roubado à mão armada, assassinado três pessoas e "deflorado" diversas donzelas.

Enforcado em 1849, sua sepultura foi aberta anos depois pelo Dr. Silva Lima que requisitou o crânio para a coleção do gabinete de anatomia descritiva da Faculdade de Medicina da Bahia. Com ele em mãos, Nina dá prosseguimento à técnica comparando as medidas e os índices do crânio de Lucas com os de outros negros, especialmente quatro deles, também identificados como criminosos. Citando padrões e medições detalhadas, Nina afirma que não se encontram assimetrias no crânio de Lucas e que este levava vantagem sobre os outros, concluindo, assim que "o craneo nada offerece de anormal e chocante". [120]

Essa afirmação preliminar será complementada por Nina em um trabalho posterior sobre Lucas, publicado em 1895 na Itália com o título de *Nègres criminels au Brésil* e traduzido por Arthur Ramos (1903-1949) apenas como *Lucas da Feira*. [121] Revisto o trabalho de craniometria, Nina

120 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., anno XXIII, n. 12, junho de 1892.

121 O trabalho foi publicado inicialmente como RODRIGUES, Raimundo Nina. Nègres criminels au Brésil. *Archivio di Psichiatria Scienze Penali ed Antropologia criminale*, v. XVI, fasc. IV-V, 1895. Foi depois incluído na coletânea organizada por Arthur Ramos em 1939: RODRIGUES, Raimundo Nina. "Lucas da Feira". In: ____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. Aqui utilizamos a versão de 2006: RODRIGUES, Raimundo

mantém a superioridade de Lucas frente aos quatro tipos comparativos. Justifica tal assertiva por ter sido ele "negro creoulo, ou pelo menos mulato carregado com uma dose mínima de sangue branco". [122] Nina se pergunta se as anomalias insignificantes encontradas no crânio de Lucas colocariam em xeque os estudos clássicos europeus sobre criminosos quando aplicados à realidade brasileira.

Sua resposta é taxativa: "não o creio. Na minha opinião, é preciso somente completar, em Lucas, o estudo físico do criminoso com seu estudo psicológico". [123] Em um manual de autópsia médico-legal, escrito para propósitos didáticos, em 1901, Nina trata das anomalias craneanas como um dos elementos para identificação da raça de um cadáver. Tendo o Prof. Irving Rose como referência, diz que se pode tirar elementos de valor dos índices radial e tibial. Em todo caso, afirma, "será prudente, a exemplo dos bons mestres ouvir a respeito um anthropologista competente". [124]

Não obstante a sintonia com os esquemas lombrosianos, Nina irá observar certa defasagem destes quando de sua análise do crânio de Antônio Conselheiro. Em *A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços*, de 1897, e em *Epidemia de loucura religiosa em Canudos; história médica do alienado meneur,* de 1901, Nina trata do fenômeno coletivo deflagrado por um homem que ele con-

---

Nina. "Lucas da Feira". In: _____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, pp. 103-109.

122 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 106.

123 *Ibidem*, p. 106.

124 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Manual de autópsia médico-legal*. Salvador: Reis & Cia, 1901, pp. 137-138.

sidera um alienado, fortalecido pela população rústica dos sertões, textos que serão examinados no capítulo seguinte.[125]

125 RODRIGUES, Raimundo Nina. "A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços". In: _____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, pp. 41-56; RODRIGUES, Raimundo Nina. "Epidemia de loucura religiosa em Canudos; história médica do alienado meneur". In: _____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, pp. 85-91.

A campanha contra o Código Penal brasileiro e o livre-arbítrio: raízes do pensamento autoritário

O estudo da criminalidade e suas consequências tornaram-se tema central do primeiro livro publicado por Nina Rodrigues em 1894, intitulado *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.* [126] O autor classifica seu trabalho como um "ensaio de psychologia criminal brasileira" que teve "por objecto exclusivo o ensino da medicina legal na faculdade em que tenho a honra de ser professor". [127] Trazia lições que havia administrado no ano anterior, destinava-se ao estudo das modificações que as "condições de raça" imprimiam na legislação penal e fazia uma contraposição ao *Código Penal da República*, promulgado também em 1894.

Em essência, Nina insurgia-se contra os "velhos conceitos metaphysicos da philosophia espiritualista" que concebia uma alma de mesma natureza para todos os povos e raças. Tal concepção, "irremissivelmente condemnada em face dos modernos conhecimentos científicos", dizia, permitia uma interpretação pela qual as raças inferiores poderiam alcançar níveis de inteligência muito próximos, senão

126 primeira edição do livro é a seguinte: RODRIGUES, Raimundo Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.* Bahia: Edição Econômica, 1894. A segunda edição, com prefácio de Afrânio Peixoto, é a que utilizamos neste trabalho _____. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933. Ainda foram elaboradas duas reimpressões, uma da Editora Companhia Nacional de1938 e outra da Livraria Editora Progresso de1957.

127 *Ibidem*, p. 27.

iguais, aos das raças superiores. Um observador "atento e despido de prejuízos", afirma, não poderia aceitar essa assertiva. [128]

Não poderia, pois, a interpretação "espiritualista" é entendida por Nina como um modelo que se afasta da experimentação científica moderna, empírica, como pondera Lilia Schwarcz. [129] A universalidade de sentimentos e moralidades podia ser desmentida de modo formal, segundo Nina, pelo exame comparativo

> (...) do critério de reprovação ou louvor, de criminalidade ou permissão, de punição ou de prêmio, que em uma época dada emprestaram os diversos povos a certos actos, ou que, para um mesmo povo, tiveram elles no decurso de sua evolução social. [130]

Desta maneira, Nina argumenta que diferentes "famílias antropológicas", no decorrer de sua evolução, compreendem ideias morais e jurídicas de forma distinta. Sendo assim, o crime não passa de um conceito relativo, à semelhança do próprio Direito, do qual é a negação. Resulta daí que "o que é para nós acção delictuosa póde não ser tal para outros povos da terra". Se o delito não é o mesmo para povos diversos, a justiça, por consequência, também não deveria ser:

---

128 *Ibidem*, p. 30.

129 SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre Antropologia Criminal e Mestiçagem na Obra de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno 140, n. 76, suplemento 2, 2006, p. 49.

130 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 39.

> E dahi concluiu-se a abstracção do termo justiça, como representando a existencia de um sentimento innato, impresso de todos os tempos na alma humana e correspondendo a existencia de ordem superior, sem a menor ligação aos interesses materiaes e egoisticos da vida terrena. [131]

Nina afirma que a cada fase da evolução de um povo, a cada grau de seu desenvolvimento intelectual e moral, corresponde uma criminalidade própria. Ao se fazer a comparação entre raças antropologicamente distintas, chega-se à conclusão de que "o postulado da vontade livre como base na responsabilidade penal só se pode discutir sem flagrante absurdo, quando fôr applicável a uma agremiação social muito homogênea, chegada a um mesmo gráo de cultura mental média". [132]

O que seria este "grau de cultura mental média", não sabemos. De qualquer forma, Nina reitera que tal não seria o caso do Brasil, um país de população mestiça e desequilibrada, ainda em vias de organização e muito distante da centralização do Estado. Torna-se, assim, premente para ele repensar a legislação penal nacional que, já com a República proclamada, "tomou por base o pressuposto espiritualista do livre arbítrio para critério de responsabilidade penal". [133] Richard Negreiros de Paula, em tese recente, recorda que no entendimento do médico Afrânio Peixoto (1876-1947)

131 *Ibidem*, p. 46.
132 *Ibidem*, p. 50.
133 *Ibidem*, p. 59.

e do jurisconsulto Antônio Muniz Sodré de Aragão (1881-1940), três eram as escolas penais que entraram em conflito na virada do século:

> (...) *escola clássica*, que defendia o pilar do livre-arbítrio; *escola antropológica*, que negava os clássicos e se debruçava sobre o estudo 'científico' do criminoso; e, por fim, a *escola eclética*, que leva em consideração tanto o livre-arbítrio dos clássicos quanto as teorias cientificistas da escola antropológica. [134]

A adoção do ponto de vista da Escola Clássica trazia em seu cerne a concepção iluminista de "contrato social" — sempre vinculada às renomadas teorizações do filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778) — pelo qual os homens renunciam a seus direitos naturais para se tornarem cidadãos e detentores de direitos políticos duradouros e unificados. Tal filosofia inspirou o Código Criminal de 1830 (a despeito da existência da escravidão) e se manteve como elemento norteador do Código Penal de 1890. [135] Segundo Negreiros,

> (...) a adoção do fundamento de que a aplicação da pena não se isolaria da responsabilidade moral manteve o novo Código aos moldes

134 PAULA, Richard Negreiros de. *Paciente duplicado: psiquiatria e justiça no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1890 e 1910.* 283 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2011, p. 196.

135 *Ibidem*, pp. 74 e 77.

> teóricos que orientavam as doutrinas clássicas do Direito. Fator que contrariou os ideais das demais correntes jurídico-filosóficas que, no geral, criticavam os fundamentos apoiados nos conceitos de livre-arbítrio e contrato-social. [136]

Um dos críticos mais severos foi justamente Nina Rodrigues, para quem tais concepções jurídicas representavam um mal para toda a sociedade, pois não faziam distinções entre indivíduos, garantindo, assim, uma ilusão de igualdade entre as diversas raças. Diz Nina, sobre as normas publicadas em 1890: "O art, 4.º do código vigente dispõe expressamente: A lei penal é applicavel a todos os indivíduos, sem distincção de nacionalidade, que, em territorio brazileiro, praticarem factos criminosos e puníveis". [137]

O Código Penal de 1890, inspirado pela autoproclamada *Escola de Direito do Recife* [138], cujos representantes de maior destaque são Tobias Barreto de Meneses (1839-1889) e Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914), é, assim, alvo de críticas. Do ponto de vista "histórico e social", diria Nina, até seria possível concordar com Romero: todo brasileiro é mestiço se não no sangue, pelo menos nas ideias. Já do ponto de vista do "Direito Penal", era preciso levar em consideração todos os elementos antropológicos distintos da população. [139]

---

136 *Ibidem*, pp. 196 e 197.
137 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 77.
138 ALONSO, Angela. *Op. Cit.*, p. 134.
139 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 89.

Tobias e Romero, entre outros, fizeram parte da Geração de 1870, já citada anteriormente. Havia, entretanto, pouco diálogo destes intelectuais, formados, principalmente, nas escolas de direito de Recife e São Paulo, com os ativistas médicos, da Bahia e Rio de Janeiro, mais preocupados com seus interesses corporativistas. Como bem escreve Alonso

> A efetivação de reformas e a vocação decididamente mais técnica das escolas de medicina, em contraposição ao direcionamento abertamente politico das de direito, seguramente contribuíram para que a agitação politica não fosse tão acentuada naquelas instituições. [140]

O que não significa dizer que não havia médicos envolvidos no amplo movimento reformista que ambicionou reestruturar os pilares da sociedade imperial. Notemos, inclusive, que o discurso desses agentes se compunha de elementos "organicistas" e "cientificistas" que viriam a se tornar componentes intrínsecos do repertório dos descontentados em geral. Exemplo: à sociedade afligida por doenças, decrepitudes e degenerações de toda sorte, cabia a aplicação de remédios, curativos e regenerações. Era uma "diagnose" do Brasil, como quando Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva (1836-1912) dizia ser a escravidão um foco maldito de onde se exala um "miasma atrofiador" ou Joaquim Nabuco (1849-1910) que, por sua vez, descrevia-a como uma doença que afetava todo o "organismo" da sociedade,

140 ALONSO, Angela. *Op. Cit.*, p. 124.

sendo necessário reformá-la "cirurgicamente" — "amputar a extremidade gangrenada para salvar o corpo".[141]

A questão escravocrata remetia diretamente ao papel que teria a vasta população negra na sociedade brasileira. Silvio Romero e Nina Rodrigues foram responsáveis pelas primeiras iniciativas de estudo sistematizado voltadas para o universo afro-brasileiro, as quais tocavam em pontos críticos deste debate. Romero, centrado na contribuição desses povos para a literatura e o folclore e Rodrigues, voltado para os fenômenos religiosos, culturais e criminológicos, sempre a partir do ponto de vista médico e antropológico.

Schwarcz lembra que algumas das matrizes teóricas da Escola do Recife tinham por base o "critério etnográfico" pensado por Romero, qual seja, a raça e sua homogeneização em todo o território. [142] Roberto Ventura afirma que Silvio Romero reputava à idealização romântica do índio e à questão da escravidão a até então ausência de uma etnologia essencialmente afro-brasileira. A contribuição de Romero visava, assim, preencher este vazio e revelar que a cultura brasileira podia e deveria ser definida como "mestiça ou compósita" e que seu caráter dependia da "integração de elementos díspares". [143] Segundo Ventura:

> A perspectiva anti-romântica e pró-abolicionista de Romero se relaciona ao projeto de investigação "integral" da contribuição cultural das raças. Para tanto, constrói uma teoria

141 *Ibidem*, pp. 184 e 191.

142 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 154.

143 VENTURA, Roberto. *Op. Cit.*, pp. 47 e 48.

> etnográfica hierarquizada, em que o negro é apresentado como superior ao indígena, e o branco mais evoluído do que ambos. [144]

Embora hierarquizadas, as raças mostravam um "paralelismo analógico" nos vários estágios de seu desenvolvimento, como lembram Domingues e Sá sobre as assertivas de Silvio Romero. [145] Ventura aponta que se servindo de ferramentas deterministas e evolucionistas, tal como Nina Rodrigues, Romero também via um futuro marcado pela mestiçagem, mas invertia a fórmula pessimista: o mestiço era a garantia de diluição do sangue negro no sangue branco. Não à toa, Nina proclama:

> (...) afasto-me definitivamente do Dr. Sylvio Romero, a cujos importantes trabalhos na espécie devo ensinar-vos a render o devido e merecido preito. Não acredito na unidade ou quasi unidade ethnica, presente ou futura, da população brazileira, admittida pelo Dr. Sylvio Romero: não acredito na futura extensão do mestiço luso-africano a todo o territorio do paiz: considero pouco provavel que a raça branca consiga fazer predominar o seu typo em toda a população brazileira. [146]

144 *Ibidem*, p. 49.

145 DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol e SÁ, Magali Romero. "Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX". In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.). *A recepção do darwinismo no Brasil.* Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003, p. 117.

146 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 90.

As propostas e previsões elaboradas por Romero o aproximava da *Escola Clássica*, fundada na concepção do livre-arbítrio, que por sua vez chocava-se com a *Escola Antropológica*, à qual de ligava Nina, modelada pelo estudo científico das raças "perigosas". A concepção de um tipo homogêneo em todo o país foi um dos elementos que levaram o legislador brasileiro a elaborar uma verdadeira aberração, na visão de Nina, "criando a seu beneficio as regalias de raça". Ou seja, considerando iguais perante a letra da lei "os descendentes do europeu civilisado, os filhos das tribos selvagens da América do Sul, bem como os membros das hordas africanas, sujeitos á escravidão". [147]

O historiador José Bastos lembra, em relação ao pensamento de Nina, que

> Essa pretendida uniformidade racial, desígnio que direcionava as preocupações intelectuais daquela geração, esbarrava, de um lado, na constatação de uma profusa mestiçagem, o que esmaecia o ideal de um padrão racial eugênico, comparável à aparente uniformidade racial europeia e, por outro lado, com a incomoda presença do elemento negro, sobre o qual incidia o anátema imposto pelo saber instituído, que o desqualificaria como raça inferior, infensa a qualquer projeto civilizatório. [148]

147 *Ibidem*, p. 77.

148 BASTOS, José Augusto Cabral Barreto. "Nina Rodrigues". In: ____. *Incompreensível e bárbaro inimigo: a guerra simbólica contra Canudos*. Salvador: EDUFBA, 1995, p. 82.

Ventura também é claro quanto ao posicionamento de Nina:

> Para o etnólogo, a concepção liberal de justiça, apoiada na universalidade das ideias, entra em contradição com a realidade nacional, devido à sua heterogeneidade étnica. A existência de raças não-brancas desmentiria princípios fundamentais ao liberalismo, como o livre-arbítrio e a capacidade de discernimento, sendo obstáculo à implantação de sistema politico de bases democráticas e representativas. [149]

Há de se levar em conta, tal como faz Ventura, que o sistema político de "bases democráticas e representativas", significava, na prática cotidiana, uma severa restrição dos direitos civis e políticos da população brasileira. Tal programa, caso tivesse sido seguido à risca, restabeleceria "a situação jurídica de exclusão da cidadania que o índio, o escravo e, em parte, o liberto, apresentavam à época da colônia e do Império". Ventura escreve que embora o projeto não tenha vingado como Nina tanto queria — uma República que discriminaria na letra da lei os tipos raciais compósitos e diferenciados — o fato é que a Primeira República manteve, na prática, a exclusão política, pela conhecida manipulação do sistema eleitoral. [150]

Isso se deu, segundo Ventura, pois nunca houve um rompimento radical entre o bacharel, este homem de letras, citadino, e o patriarca, detentor do poder oligárquico nas

149 VENTURA, Roberto. *Op. Cit.*, p. 53.
150 *Ibidem*, p. 54.

áreas rurais. Ainda que com uma crescente diferenciação social nascente no coração das urbes, "as ocupações das cidades se restringiam ao setor de serviços e a uma estrutura burocrática, atrelados ao dinamismo da agricultura de exportação". Se o bacharel foi capaz de pressionar por algumas mudanças na configuração do *status quo* imperial, se mostrou impotente, ao fim e a cabo, em romper com a ordem patriarcal que manteve, já sob a luz da República, índios e negros como párias da sociedade. [151]

Essa delimitação entre as raças e suas consequências jurídicas têm, entre seus fundamentos científicos, como lembra o autor congolês Kabengele Munanga, a *Teoria da Recapitulação*, elaborada pelos biólogos Karl Ernst von Baer (1792-1876) e Ernst Haeckel (1834-1919). A premissa — da qual Nina era um entusiasta — era de que a evolução "ontogênica", ou seja, o desenvolvimento de um organismo individual, nada mais é do que uma recapitulação abreviada da evolução "filogenética", isto é, aquela que caracterizava a diferenciação histórica entre diferentes formas de vida. [152] O que significa, escreve, "que o individuo herda os traços somáticos e o estágio mental correspondente à sua raça". [153]

---

151 *Ibidem*, p. 123.

152 "Tanto Von Baer quanto Haeckel inserem-se na tradição embriológica das universidades alemãs que, entre 1790 e 1860, desenvolveram estudos sobre o crescimento e diversificação das formas orgânicas, indicando a relação histórica entre diferentes formas vivas e produzindo as bases conceituais para os estudos sobre desenvolvimento humano". In: GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Estudos sobre desenvolvimento humano no século XIX: da Biologia à Psicogenia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 134, mai.-ago. 2008.

153 MUNANGA, Kabengele. "Negros e mestiços na obra de Nina

Nina tenta expor a fragilidade dos argumentos dos juristas brasileiros que, como lembra Schwarcz, foram "enganados pelo principio voluntarista da Ilustração: a falácia da igualdade". [154] A visão de um país conformado pela unidade étnica, como descrevia Romero, ao prever o branqueamento futuro da população, estava longe de se confirmar aos olhos de Nina. Preocupado com a dominação numérica dos negros, algo que julgava inegável, Nina fazia um "cálculo político", ao prever um país dominado por uma raça inferior. Munanga diz que em longo prazo, essa estratégia fez de Nina um "ideólogo" da sociedade brasileira, "pois despertou a atenção da classe dominante sobre os aspectos políticos da demografia do negro no Brasil". [155]

Schwarcz nos recorda de que o médico se fez um verdadeiro "missionário", posto que tratou de desqualificar as máximas de seus colegas de Recife e alertou seus compatriotas das questões maiores que estavam em jogo. Eram, assim, "respostas politicas a contextos políticos". O tema da inimputabilidade penal dos negros implicava encarar um problema de "segurança nacional", cabendo ao "médico social, especializado em doenças sociais, alertar a nação". [156]

Rodrigues". In: ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A. & FERRETTI, Sérgio F. (Orgs.). *Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues.* São Paulo: Paulinas, 2007, p. 28.

154 SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre Antropologia Criminal e Mestiçagem na Obra de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno 140, n. 76, suplemento 2, 2006, p. 48.

155 MUNANGA, Kabengele. *Op. Cit.*, p. 20.

156 SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nina Rodrigues e o Direito

Essa interpretação da obra de Nina também está em Corrêa, quando ela afirma que os ensaios do médico maranhense enveredam por um caminho tanto médico, quanto político, instigando tanto o antropólogo contemporâneo, quanto o historiador social. Pistas sobre relações familiares, gestos anotados, vestígios da presença constante de atores politicamente menos importantes em sua época seriam bons exemplos. Em suas observações iniciais, diz Corrêa, Nina "já apontava para a necessidade de combinar os exames físicos com uma análise que chamava de psicológica, mas que era fortemente sociológica e politica". [157]

Schwarcz destaca os pressupostos de Nina:

> O livre-arbítrio transformava-se, portanto, em um pressuposto espiritualista, em uma falsa questão, como se a igualdade fosse criação própria dos "homens de lei", assim como o pressuposto da universalidade dos homens; sem nenhum embasamento científico. A lei pressuporia a igualdade e a universalidade e era contra esses princípios da Ilustração que os profissionais médicos — em tudo contrários aos modelos Iluministas — contrapunham-se. Diferença não é, portanto, sinônimo de pluralismo, mas marca ontológica, porque desenhada pela natureza. Era a face pessimista do pensamento realista brasileiro, que diagnosticava no cruzamento a falência

Penal: Mestiçagem e criminalidade". In: ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A. & FERRETTI, Sérgio F. (Orgs.). *Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues*. São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 42 e 49.

157 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.*, p. 186.

> nacional e a primazia dos médicos sobre os demais profissionais. [158]

O próprio Nina, aliás, não poderia ser mais explícito:

> A Revolução Franceza inscreveu na sua bandeira o lema insinuante, que proclamava as idéias de "Liberdade, Egualdade e Fraternidade", os ideais de Voltaire, Russeau e Diderot, as quaes até hoje ainda não se puderam conciliar, pois *abherrant inter se*, como se repelliam as concepções d`aquelles três grandes philosophos, consideradas de modo absoluto. [159]

O inconformismo com a situação criada pela legislação penal só reforçava a sua desconfiança em relação aos políticos e gestores brasileiros que para guiarem-se nesse mar de incertezas recorrem à "applicação de uma legislação estrangeira, não exigida pelo gráo de nossa evolução social (...)". Instaurada a disputa pelo predomínio científico entre direito e medicina, diz Schwarcz, dois contendores sobressaem-se:

> Ora o remédio, ora a lei; o veneno para uns, o antídoto na mão dos outros. Se para os 'ho-

158 SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre Antropologia Criminal e Mestiçagem na Obra de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno 140, n. 76, suplemento 2, 2006, p. 52.

159 RODRIGUES, Raimundo Nina. Considerações sobre a liberdade profissional. *Gazeta Médica da Bahia*, v. XXXVIII, n. 6, dezembro de 1906.

> mens de direito' a responsabilidade de conduzir a nação estava vinculada à elaboração de um código unificado, para os 'profissionais médicos' somente de suas mãos sairiam os diagnósticos e a cura dos grandes males que assolavam a nação. Enquanto os profissionais médicos pretendiam curar as doenças e nossas heterogeneidades, bacharéis acreditavam encontrar no direito uma prática acima das diferenças sociais e raciais observadas. [160]

Richard Negreiros aprofunda detalhadamente a disputa aberta entre psiquiatras — invariavelmente adeptos das teorias biologizantes —, e os demais jurisconsultos e magistrados que recorriam à letra da lei para estabelecer seus parâmetros de atuação nos tribunais. Fosse em relação à custódia dos alienados ou à avaliação mental de criminosos — ambas ações cercadas de controvérsias — os psiquiatras eram convocados quando necessário e produziam laudos e contra-laudos disponibilizados para o juiz e o júri. [161]

Tais documentos, entretanto, permaneceram à sombra das decisões dos tribunais, servindo mais como um elemento de complementação do que um fator determinante nos rumos dos julgamentos. Não representaram uma ameaça ao poder do juiz ou do júri, pois segundo Negreiros, os laudos estavam submetidos a outras variáveis, como a competência e experiência dos advogados envolvidos, a composição

160 SCHWARCZ, Lilia Moritz. "O espetáculo da miscigenação". In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.). *A recepção do darwinismo no Brasil.* Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003, p. 174.

161 PAULA, Richard Negreiros de. *Op. Cit.*, pp. 202 e 245.

do corpo de jurados, a história dos réus, a competência da defesa e da promotoria, as provas colhidas durante o inquérito policial e até por fatores externos, alheios a práxis do tribunal. [162]

Ao fim, e a despeito de seu papel nos julgamentos para os quais foi convocado, Nina estava investindo em um discurso crítico que atestava o fracasso da República dos bacharéis, suas leis inexequíveis, artificiais e sem legitimidade. Isto demonstra, como já apontamos, seu afinamento com os anseios da geração de 1870. Mas foi além. Como destaca Ventura, Nina Rodrigues, assim como Silvio Romero, fizeram parte de uma inflexão sociológica brasileira do início do século, na medida em que esboçaram, em linhas gerais, a necessidade de se romper o antagonismo entre o que consideravam o Brasil *legal*, com a sua face *real*. É Oliveira Vianna (1883-1951) que vai retomar esses questionamentos no período imediatamente posterior à ação de ambos, confirmando, assim, o fortalecimento de uma tradição do pensamento autoritário. [163]

Alonso também menciona o fato de que a reflexão crítica sobre o peso da herança colonial e sobre a "formação" do Brasil não é invenção de autores pós-1930 tais como Gilberto Freyre, Sergio Buarque e Caio Prado Jr. A geração de 1870 já havia discutido tais questões, gerando categorias de explicação, argumentos "empíricos", conceitos e termos aplicáveis, enfim, todo um repertório que foi reelaborado posteriormente por autores dos mais diferentes matizes

162 *Ibidem*, pp. 255 e 256.
163 VENTURA, Roberto. *Op. Cit.*, pp. 158-160.

ideológicos, tal como Oliveira Vianna e seu idealismo autoritário. [164]

É nesta perspectiva que, acreditamos, Nina Rodrigues deva ser entendido, ao se observar, por exemplo, no periodismo médico, as reformas que julgava imprescindíveis para o progresso da Bahia e do Brasil. Estas passavam por um conhecimento mais profundo da realidade brasileira a modo de possibilitar uma intervenção tutorial, protecionista, enfim, mais consistente e eficaz do Estado. Isto passava também pela aplicação dos conhecimentos sobre "psychologia moderna", pois assim, "tanto mais fácil será descobrir móveis de acção, inteiramente alheios á influencia da vontade livre (...)". [165] Neste ponto vale transcrever um trecho da obra de Nina:

> Ora, desde que a consciencia do direito e do dever, correlativos de cada civilisação, não é o fructo do esforço individual e independente de cada representante seu; desde que elles não são livres de tel-a ou não tel-a assim, pois que essa consciencia é, de facto, o producto de uma organização psychica que se formou lentamente sob a influencia dos esforços accumulados e da cultura de muitas gerações; tão absurdo e iniquo, do ponto de vista da vontade livre, é tornar os barbaros e selvagens responsaveis por não possuir ainda essa cons-

164 aALONSO, Angela. *Op. Cit.*, pp. 340-341.

165 RODRIGUES, Raimundo Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1957, p. 71.

> ciencia, como seria iniquo e pueril punir os menores antes da maturidade mental por já não serem adultos, ou os loucos por não serem sãos de espirito. [166]

Entre o civilizado e o bárbaro, o produto mestiço dominante no Brasil exigiria que se aprecie "(...) uma attenuação, mais ou menos considerável, da responsabilidade, na hypothese de um conflito entre civilisados e semi-civilisados". [167] Neste caso, o mais comum no Brasil, diz Nina, a igualdade política não pode compensar a desigualdade moral e física. Por isso, diz Munanga, Nina propõe "no lugar da unidade, a institucionalização da heterogeneidade, através da criação de uma figura jurídica denominada responsabilidade penal atenuada". [168] Esse é o instrumento legal pelo qual poderiam ser geridas as desigualdades entre raças e seus "subprodutos", contemplando assim a ausência de um mesmo grau de cultura mental.

Esse panorama da mestiçagem se apresenta tanto ao nível individual, quanto ao nível social. O organismo híbrido, desequilibrado e degenerado, tem seu símile na sociedade mestiça, conturbada e conflagrada pelo próprio conjunto de seus componentes e, no caso brasileiro, pela tendência a fazer iguais perante a lei raças distintas, desiguais, incompatíveis. Se o indivíduo mestiço é um produto inviável, a sociedade mestiça também o será e Nina advoga um tratamento diferenciado pelo Estado para os indivíduos assim identificados que nela vivem.

---

166 *Ibidem*, p. 64.
167 *Ibidem*, p. 87.
168 MUNANGA, Kabengele. *Op. Cit.*, p. 28.

Cabe lembrar aqui que a concepção de uma sociedade mestiça é a pedra angular que atravessa todos os trabalhos de Nina Rodrigues sobre as multidões no Brasil. Como veremos no próximo capítulo, *O regicida Marcelino Bispo*, de 1899; *A hecatombe de Pedra Bonita em Pernambuco*, de 1901; e *Loucura coletiva numa sessão de espiritismo em Taubaté*, também de 1901; são casos analisados pelo autor e identificados como fenômenos, ou melhor, sintomas representativos de uma população doente, porque marcada pela mistura de raças. [169]

Em um país como o Brasil, com as características acima descritas, "o germen da criminalidade", como descreve Nina, fecundado pela tendência degenerativa da mestiçagem, há de rebentar com vigor. Eis que Nina se posiciona quanto à questão que se propôs a discutir: "Posso illudir-me, mas estou profundamente convencido de que a adopção de um código único para toda a república foi um erro grave que attentou grandemente contra os princípios mais elementares da physiologia humana (...)". [170]

A desigualdade "antropológica e sociológica" das raças que compõem a nação é, assim, orgânica, involuntária e

169 RODRIGUES, Raimundo Nina. "O regicida Marcelino Bispo". In: _____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, pp. 111-116; _____. "A hecatombe de Pedra Bonita em Pernambuco". In: _____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, pp. 91-101; _____. "Loucura coletiva numa sessão de espiritismo em Taubaté". In: _____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, pp. 77-79.

170 RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 176.

pouco modificável, ou seja, determinada. Esta era uma realidade que exigia uma "attenuação ou dirimissão da responsabilidade penal, incompatível com a manutenção da civilisação superior que nessa população se queira fazer vingar". [171] Para que isso aconteça

> Oxalá a consciencia exacta da superioridade que nos assiste neste particular, possa guiar o legislador brazileiro na confecção da nossa legislação criminal, da qual não se possa vir a dizer nunca que mesmo para o seu tempo já era ruim e atrasada. [172]

171 *Ibidem*, p. 187.
172 *Ibidem*, p. 211.

Repensando o Brasil: alienação mental, raça e a campanha contra o Projeto de Código Civil brasileiro

As preces de Nina Rodrigues não foram ouvidas e a batalha por uma legislação penal que refletisse a variedade de raças e cruzamentos do país teve continuidades e desdobramentos. Um destes pode ser identificado no terceiro livro de sua autoria, intitulado *O alienado no direito civil brasileiro*. [173] Publicado em 1901, a obra tinha como objeto de critica o *Projeto do Código Civil* brasileiro elaborado também neste ano pelo jurista Clóvis Bevilaqua (1859-1944), mas só instituído no país em 1916. "A analyse do Projecto nos mostrará que aquillo que aqui se affirma da responsabilidade penal tem aplicação inteira à capacidade civil", alerta Nina. [174]

O médico maranhense expande o escopo inicial do livro e traz para a sua crítica outros projetos em debate no parlamento naquele momento: o do senador Antônio Coelho Rodrigues (1846-1912), o do jornalista Joaquim Felício dos Santos (1822-1895) e um esboço preparado pelo jurisconsulto Augusto Teixeira de Freitas (1816-1883). Todos, sem exceção, apresentavam graves falhas por omitir conhecimentos que Nina já considerava consolidados na área da

173 A primeira edição da obra é a seguinte: RODRIGUES, Raimundo Nina. *O alienado no Direito Civil brasileiro.* Bahia: Imprensa Moderna, 1901. Encontramos referências a uma segunda edição, sem data: _____. *O alienado no Direito Civil brasileiro.* Rio de Janeiro, Edições Guanabara, s/d (Biblioteca de Cultura Scientifica). Aqui utilizamos a terceira edição: _____. *O alienado no Direito Civil brasileiro.*
São Paulo: Companhia editora Nacional, 1939.

174 *Ibidem*, p. 26.

Medicina Legal. Isso levou a uma situação delicada exposta nestes projetos: a inclusão nos domínios da loucura de todos os casos de insanidade mental que podem afetar a capacidade civil, incluindo aqueles mais ou menos frequentes nas raças ditas inferiores.

O projeto Bevilaqua, a rigor, reduzia a três os estados de insanidade: moléstias-mentais, surdo-mudez e perturbações mentais transitórias. Na tentativa de tipificar melhor o que seriam as tais moléstias mentais a comissão revisora do código substituiu a expressão "alienados de qualquer espécie" por "loucos de todo gênero". Nina insurge-se contra quaisquer destas deliberações, que seriam resultado de um puro arbítrio, pois jamais se conseguiria incluir todos os casos de incapacidade civil por anormalidade ou perturbação psíquica nesta "rubrica genérica". [175] Em resumo:

> (...) a obra medico-forense de Clovis Bevilaqua teve todas as falhas que deviam decorrer naturalmente da carência de uma instrucção technica e profissional: falhas que no Projecto se aggravaram com a intervenção da comissão revisora, sem duvida da competência mais alta e indiscutível em matéria de direito, mas porventura mais arredia do convívio e familiaridades com os modernos estudos de biologia. [176]

Após um longo estudo comparativo entre os projetos de códigos civis existentes no Brasil e a confrontação minucio-

175 *Ibidem*, p. 32.
176 *Ibidem*, p. 15.

sa com outros textos de lei, principalmente da Alemanha, França, Itália, Japão, Bélgica, México, Argentina, Espanha, Uruguai, Chile e Holanda, Nina aponta para o pecado capital de Bevilaqua:

> O Projecto colloca assim no mesmo plano, ao lado do simples fraco de espirito, ou imbecil, o maníaco ou o demente paralytico terminal, a par da simples fraqueza mental senil, a confusão mental declarada; juntamente com as loucuras chronicas ou incuráveis, os episódios delirantes, mais ou menos efêmeros, dos degenerados. [177]

No Brasil, afirma Nina, a forma incompreensível pela qual o governo trata os alienados, exigia um projeto consistente com os avanços médico-legais. Estes, uma vez mais, vinham da Alemanha, país que adotou uma especificação dos estados de insanidade "distinguindo, a moléstia mental ou alienação mental, a fraqueza intellectual, a prodigalidade, a embriaguez habitual, os estados de inconsciencia ou de perturbações momentaneas da atividade do espirito". [178]

A aprovação do projeto Bevilacqua pelos legisladores — com os erros devidamente apontados por ele — poderia levar, por exemplo, à generalização da "interdição absoluta" do incapaz. Nina tornara-se, a esta altura, um profissional não apenas interessado, mas comprometido com o aprimoramento da Medicina Legal como uma ferramenta eficiente

177 *Ibidem*, pp. 146-147.
178 *Ibidem*, p. 22.

de auxílio aos serviços de Saúde Pública e da Justiça Social. Francisco Franco da Rocha (1864-1933), em pronunciamento a respeito da passagem do médico maranhense por São Paulo, dá mostras de seu prestígio:

> Surge um facto extraordinário, cujo estudo compete á Medicina Legal? — Nina Rodrigues esta na brecha: Marcelino Bispo, Custodio Serrão, Antônio Conselheiro e outros, foram-lhe temas de importantes artigos em revistas scientificas. Projecta-se um Codigo Civil brasileiro? — o provecto mestre se apressa em mostrar, na sua esphera, os pontos fracos que carecem de reparo; não poupa sacrifícios a fim de concorrer com as suas luzes para melhoramento das nossas leis. [179]

Firmando posições no campo institucional, Nina foi eleito sócio da *Medico-legal Society of New York* e fundou com Alfredo Britto, Juliano Moreira, entre outros, em 1895, a *Sociedade de Medicina Legal da Bahia*. Desta, foi presidente, compondo também o conselho editorial de seu órgão de divulgação, a *Revista Médico-Legal da Bahia*. Tentaria, a partir de então, convencer seus compatriotas e correspondentes do estrangeiro, de que os estudos de *psiquiatria forense* ajudariam a entender adequadamente a situação singular do Brasil, país definido pelas consequências desastrosas dos cruzamentos humanos.

---

179 ROCHA, Franco da. "O professor Nina Rodrigues". In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *A Medicina Legal no Brasil. Homenagens aos juristas de São Paulo pelo Dr. Nina Rodrigues.* Bahia: Typographia bahiana, 1905, pp. 186-187.

As observações empíricas, tão valorizadas por Nina — "é uma característica sua, o apreço pela pesquisa em campo, médica ou etnográfica", escreve Oda — podiam oferecer evidências contundentes do desequilíbrio mental dos negros e mestiços. [180] Em *Mestiçagem, degenerescência e crime*, de 1899, Nina toma como laboratório de experiência a comarca de Serrinha, a 150 km do litoral baiano, com cerca de 10 a 12 mil habitantes. [181] A população ali era dominada pelo tipo pardo que, como já mencionado, reunia elementos das três raças em proporções variáveis. Se em Serrinha, ao contrário do restante do país, o pesquisador encontrou uma população pouco indolente e apática, também não era de todo laboriosa ou "fortificada". Ao contrário, a mestiçagem legou a esse núcleo populacional um espirito pouco empreendedor, "sempre estreito e quase nulo".

Tendo o povo de serrinha desenvolvido laços mais ou menos estreitos de parentesco, Nina identifica "acúmulos notáveis de tara hereditária degenerativa" em especial a neurastenia e a epilepsia, partes da sintomatologia da degradação mental. A degenerescência física é também expressiva desde "verdadeiras monstruosidades" como natimortos e crianças "sulcadas por rugas de uma velhice precoce" até

180 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Passado e presente na psicopatologia da paranoia. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, dezembro 2009, p. 760.

181 A primeira versão deste artigo foi publicada na França: RODRIGUES, Raimundo Nina. Métissage, dégénéréscence, et crime. *Archives d`Anthropologie Criminelle*. Lyon, 1899. Em nosso estudo utilizamos a seguinte versão com tradução de Mariza Corrêa: ____. Mestiçagem, degenerescência e crime. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos,* Rio de Janeiro, 2008, v. 15, n. 4, pp. 1151-1180.

estigmas inferiores como lábio leporino, palato fendido e surdo-mudez. [182]

Procurando desvendar as causas originais de tais fenômenos Nina descarta a existência de condições climáticas ou sanitárias especiais. O mesmo é aplicado à consanguinidade, antes um fator de agravamento do que propriamente gerador das perturbações. As causas então deveriam ser mais longínquas e poderosas e não são outras "que as más condições nas quais se efetivaram os cruzamentos raciais dos quais saiu a população da localidade analisada". [183]

O crime em Serrinha, ao contrário do que poderia se aferir em comparação com outras populações mestiças do país, é muito baixo. As estatísticas a que Nina teve acesso, sobretudo as coligidas por outros pesquisadores no Ceará, São Paulo e Minas Gerais, eram muito incompletas para efeito de comparação. Mas do fato da paz reinar em Serrinha, não faz Nina concluir que a degenerescência não tenha influência nítida nos atos criminosos. Tanto é que ele encontra nesta localidade a família de um menor assassino, preso em uma penitenciária em outro ponto do Estado da Bahia, fruto de uma degradação muito grave na família.

A história do menor *José d'Araújo*, de Santo Antônio das Queimadas, ilustra, na ótica de Nina, como a criminalidade associa-se "franca e intimamente" com manifestações de

182 Nina considerava a surdo-mudez uma condição degenerativa. Há um texto de sua autoria sobre o assunto: RODRIGUES, Raimundo Nina. Um caso de surdez verbal com paraphasia. *Gazeta Médica da Bahia*, anno XX, n. 12, junho de 1889.

183 RODRIGUES, Raimundo Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos,* Rio de Janeiro, 2008, v. 15, n. 4, p. 1161.

degenerescência física ou psíquica. O menino havia cometido "parricídio" entre os nove e dez anos de idade. O assassinato do pai o levou à casa de correção e seu acompanhamento revelou a ausência de qualquer sentimento de pesar em relação ao evento. Nina recorda que sua fisionomia era sem expressão, referindo-se ao crime "como se se tratasse da coisa mais natural do mundo". [184]

O médico, então, registra:

> Pois bem, hoje, quatro anos após a publicação dessa observação, encontro em Serrinha uma parte da família deste criminoso, e pude me convencer que nesta criança a criminalidade nata é apenas a manifestação de uma degenerescência muito grave da família que, se nele revelou-se pela obliteração moral que conhecemos, em seus primos se traduz nos defeitos físicos mais graves. [185]

Ao estabelecer sérias restrições e objeções tanto ao projeto do Código Penal de 1894, quanto ao Código Civil de 1901, Nina procura apresentar um país que não se enquadra em uma legislação pensada e estruturada sem amparo científico no estudo da realidade brasileira. É mais uma vez, o inevitável confronto entre o Brasil *legal* x o Brasil *real*. Manobrando as teorias raciais para construir seus argumentos a favor de um Estado regulador e centralizador — capaz de discriminar, com as ferramentas oferecidas pela medicina, aqueles mais propensos à criminalidade ou à loucura — os

184 *Ibidem*, p. 1169.
185 *Ibidem*, p. 1170.

anseios do médico maranhense vão ecoar nos primeiros anos da República.

Nina se alinha, assim, ao que Wanderley Guilherme dos Santos classifica como a "práxis" liberal brasileira. Isto é, um conjunto de ideias e comportamentos políticos de caráter liberal, traduzidos como guias estratégicos para a ação. [186] Em nosso entendimento, Nina fez parte de uma espécie de "linhagem genealógica" de pensadores nativos que, no final do Império e início da República, preocuparam-se, em seus espaços específicos de atuação, com a estruturação de um Estado Liberal.

Poderíamos questionar essas assertivas, contrapondo-as às nossas afirmações anteriores de que Nina — assim como Silvio Romero e Oliveira Vianna — personificaram um conjunto de crenças sobre o pensamento autoritário que, em tese, seria contrário ao liberal. As incompatibilidades, contudo, são apenas aparentes. Como esclareceu Wanderley, foi Oliveira Vianna quem colocou de forma "tão clara e completamente quanto possível" o dilema do liberalismo no Brasil.

Para este autor do início do século XX, não existe um sistema político liberal, sem uma sociedade liberal. Por isso era preciso, um profundo conhecimento da realidade brasileira para a construção de mecanismos efetivos que superassem as questões mais candentes. O Brasil, para Oliveira Vianna, mantinha-se como uma sociedade parental, clânica e autoritária. Como consequência, "um sistema politico li-

186 SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Décadas de Espanto e uma apologia democrática.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998, pp. 9-11.

beral não apresentará desempenho apropriado, produzindo resultados sempre opostos aos pretendidos pela doutrina". [187]

Daí que a aplicação e a determinação de um sistema político adequado ao país, dependeria, por exemplo, dos conhecimentos sociológicos, como viria a propor Oliveira Vianna. É uma forma de "autoritarismo instrumental", cujo exercício autoritário do poder — inspirada nesta classe "ilustrada" de pensadores — seria a maneira mais rápida para se alcançar uma sociedade liberal, período após o qual poderia (se assim fosse possível) vir a ser abolido. [188]

O paralelismo com o "diagnóstico" da sociedade brasileira feita por Nina é notório. Uma sociedade mestiça e atrasada, cuja maior parte da população não compreende e nem teria como compreender, os pressupostos de uma civilização avançada e democrática, requer uma abordagem distinta. Mariza Corrêa afirma:

> Em todo o caso, não parece ter sido apenas pela persuasão ideológica, apoiada em relação de favor entre as raças, que os negros e seus descendentes foram socialmente excluídos da participação de vários setores da vida pública brasileira, mas também pela manutenção de uma política autoritária em cuja definição a presença da discriminação não pode ser esquecida. [189]

187 *Ibidem*, p. 34.
188 *Ibidem*, pp. 45 e 46.
189 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.*, p. 56.

Dito em outras palavras, as regras, leis, códigos, regimentos, dispositivos, estatutos, enfim, os regulamentos instituídos, a serem implementados pelas lideranças políticas, fossem na esfera federal, estadual ou municipal, deveriam refletir o estágio de desenvolvimento de seu povo. Wanderley aponta para o longo alcance dessas ideias:

> Acredito que se possa descobrir sinais de autoritarismo instrumental desde o inicio da história independente do Brasil. A ideia de que cabia ao Estado fixar as metas pelas quais a sociedade deveria lutar, porque a própria sociedade não seria capaz de fixa-las, tendo em vista a maximização do progresso nacional, é a base tanto do credo quanto da ação politica da elite do Brasil do século XIX, até mesmo dos próprios liberais. [190]

Os "autoritários instrumentais" contrapunham-se aos "liberais doutrinários" que limitavam o escopo das reformas político-institucionais a medidas estritamente "legais" que, por si só, tornariam o sistema semelhante às versões mais sofisticadas e abstratas do Estado Liberal. Os doutrinários Tavares Bastos, Assis Brasil e Rui Barbosa, assentaram seus estudos em uma premissa diametralmente oposta àquela a qual uniu, em uma cepa intelectual variada e diversificada, homens como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Vianna.

190 SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Op. Cit.*, p. 46.

Esses autores estavam cada qual, em uma "zona de fronteira" que aproximavam seus ensaios históricos sobre a formação nacional. Esta é uma possível interpretação, segundo Gildo Marçal Brandão, do que conhecemos como "pensamento social" no Brasil ou "pensamento politico brasileiro". Brandão está preocupado com a investigação dessas "famílias intelectuais" e de como tratá-las não como "uma preciosidade arqueológica", mas com intuito de demarcar a existência "no plano das ideias e das formas de pensar, de continuidades, linhagens, tradições", o que não é de pouca monta, diz, em um país que sempre menosprezou a vida intelectual, caracterizada como uma tarefa de "senhores ociosos". [191]

Brandão, entretanto, é muito cuidadoso ao dizer que esta estratégia analítica abrangente — que também adotamos, direcionando nosso olhar ao legado de Nina Rodrigues — nada tem a ver com a busca de constelações ideológicas transcendentais. Pensar numa história imóvel, ou seja, em uma teoria cuja sociedade brasileira já estava prefigurada desde a chegada dos portugueses — para usar um exemplo didático — seria absurdo. Ao contrário, diz, trata-se de partir da "altíssima taxa de mortalidade das iniciativas intelectuais", sepultadas neste vasto cemitério de ideias, mas que exumadas, formam "padrões que se constituem ao longo de reiteradas tentativas, empreendidas aos trancos e barrancos, por sujeitos e grupos sociais distintos, de responder aos dilemas postos pelo desenvolvimento social". [192]

---

191 BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento politico brasileiro. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, 2005, pp. 232, 238 e 242.

192 BRANDÃO, Gildo Marçal. *Op. Cit.*, p. 251.

Nina Rodrigues, autor-chave deste estudo, apresenta um padrão de escrita em seus trabalhos acadêmicos que parece reforçar seu comprometimento com uma verdadeira "dissecação" do meio social. Em relação à questão racial, sua tática foi começar pela face degenerada do problema, isto é, o ramo negro, o segmento africano do mestiço brasileiro. Como bem lembra Ana Maria Galdini Raimundo Oda sobre os interesses específicos de Nina:

> Ele nos conta que, no início de sua carreira, estava apenas interessado em estudar se as doenças em geral tinham variações entre as raças; depois, passou a estudar as implicações que as variações étnicas trariam ao funcionamento mental e à imputabilidade penal; e, enfim, viu-se colocado "face a face com essa esfinge do nosso futuro — o problema 'o negro' no Brasil". [193]

Corrêa também escreve sobre o fato:

> Nina Rodrigues retomou o problema da definição do negro como pessoas ou como coisa, dilema retórico da escravidão, recolocando-o do ponto de vista científico: depois dele, e desde aí, o negro passaria a ser considerado um "objeto de ciência". A formulação é de Silvio Romero, mas foi com Nina Rodrigues

193 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: A paranóia nos negros, de Raimundo Nina-Rodrigues. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, junho de 2004, p. 149.

> que ela recebeu toda a sua carga empírica. No âmbito da sociedade brasileira, e através de uma convivência de três séculos que parecia ter esfumado aquele dilema, substituindo-o por preocupações mais imediatas, senhores e escravos tinham, não obstante, recortado espaços onde a repressão e a resistência se manifestavam de maneira acentuada, nua: o quilombo e o tronco. A luta e a violência repressiva, tornando evidente a tentativa de uns em firmar-se como sujeitos, como de outros a reduzi-los a objetos, se não desaparecem, passam a ser, depois da abolição do trabalho escravo, analisadas de outro ângulo. [194]

Peça fundamental no fenômeno do mestiçamento da população, o negro apresentava comportamentos que seriam objeto de reflexão de Nina pela via da psiquiatria forense. Em um trabalho clássico sob o título de *A paranoia nos negros,* de 1903, o médico maranhense faz uma compilação das informações sobre a incidência da paranoia nos dois principais hospícios do país, o Hospício Nacional dos Alienados, do Rio de Janeiro, comandado por médicos João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921) e o Hospício dos Alienados de São Paulo, dirigido por Franco da Rocha. [195]

---

194 CORRÊA, Mariza. O*p. Cit*., pp.167-168.

195 Originalmente o artigo foi publicado na França: RODRIGUES, Raimundo Nina. La paranoïa chez les nègres. *Archives d'Anthropologie Criminelle, de Criminologie et de Psychologie Normale et Pathologique*, Lyon, ano 18, n. 118, pp. 609-651 e n. 119, pp. 689-714, 1903. Aqui, utilizamos a única versão em português: RODRIGUES, Raimundo Nina. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. *Revista*

Havia uma questão premente em toda esta exposição que era a própria definição da paranoia enquanto "espécie nosológica". Tanto no Brasil, quanto nos países europeus, muitas eram as suas definições e formas clínicas. Era preciso, portanto, ter cuidado com as variações de autor para autor. Nina considerava a doença como um desvio de organização mental, uma espécie de desagregação das funções psíquicas. Consistia na interrupção, "numa parada" do desenvolvimento em uma fase infantil e defensiva do instinto de conservação humano. Tal desvio poderia ou não se manifestar por um delírio sistematizado mais ou menos completo.

Em resumo:

> (...) visando adaptar nosso trabalho, que deve ser publicado na França, às idéias psiquiátricas francesas, parece-nos conveniente aceitar como formas clínicas da paranóia: 1o) o delírio crônico de Magnan; 2o) os delírios sistematizados dos degenerados, nas formas agudas ou crônicas; 3o) os perseguidos-perseguidores, os querelantes etc; 4o) a paranóia indiferenciada ou sem delírio. [196]

Essa concepção, com suas subcategorias bem delineadas, como se pode constatar acima, servirá de contraponto

---

Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, ano VII, n. 2, junho de 2004, pp. 161-178; ano VII, n. 3, setembro de 2004, pp. 131-158; ano VII, n. 4, dezembro de 2004, pp. 217-239.

196 RODRIGUES, Raimundo Nina. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,* ano VII, n. 2, junho de 2004, p. 171.

a uma importante vertente da psiquiatria italiana que considerava a paranoia um "retorno atávico ao homem primitivo". Tal teoria, elaborada pelo psiquiatra e neurologista Eugênio Tanzi (1856-1934) em parceria com o médico Gaetano Riva, "é pouco precisa, escorregadia e confusa", critica Nina. [197] Bem acolhida entre os alienistas europeus, seus pressupostos faziam "reviver repentinamente, nos dias de hoje e entre nós, o verdadeiro selvagem (...)". [198]

O ponto nodal da crítica de Nina é o fato de que considerar o "retorno atávico" é admitir que os delírios, as alucinações, entre outros sintomas da paranoia, não são características patológicas, mas tão somente fatos normais no processo da evolução humana. Diversas são as objeções a esta opinião, entre elas a de que as concepções delirantes são fermentadas com auxilio das ideias dominantes de cada época. Afinal, diria Nina, "essa teoria não explica como o alienado pode pensar com as ideias e as concepções modernas e não exclusivamente com as ideias e as concepções atávicas". [199]

Servindo-se de uma série de autores prestigiados — como o neuropsiquiatra e sexologista alemão Richard Freiherr von Krafft-Ebing (1840-1902) e o psiquiatra fran-

197 Originalmente publicado como: RODRIGUES, Raimundo Nina. Atavisme psychique et paranoia. *Archives d'Anthropologie Criminelle, de Criminologie et de Psychologie Normale et Pathologique*, de Lyon, ano 17, n. 102, 1902, pp. 325-355. Neste trabalho utilizamos também a única versão em português: RODRIGUES, Raimundo Nina. Atavismo psíquico e paranoia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, dezembro 2009, p. 769.

198 *Ibidem*, p. 770.

199 *Ibidem*, p. 782.

cês Jacques-Joseph-Valentin Magnan (1835-1916) — o médico apresenta a ideia de que o paranoico é uma espécie de "degenerado superior". O seu cérebro, desequilibrado e mutilado, por razões variadas, faz o sujeito regredir "a modos de funcionamento correspondentes a camadas psíquicas mais antigas". [200]

Há algo como um rompimento no sincronismo mental, na harmonia do espirito, colocando em liberdade "fragmentos ou núcleos mentais secundários". Para entender essa "dissolução regressiva" Nina cita o antropólogo e psicólogo italiano Giuseppe Sergi (1841-1936), que comparou a formação da constituição mental "a uma sucessão de deposições ou superposições em camadas" das aquisições feitas pelos indivíduos através de seus instintos e de outras tendências que, ao se estratificarem, adquiririam relações muito íntimas e complexas entre si. [201]

No paranoico, salienta, as ideias são produto de um funcionamento insuficiente e precário dessas relações. As semelhanças que elas podem apresentar com as ideias de outras épocas ou de nossos ancestrais, afirma Nina

> (...) provêm apenas da correspondência que pode existir, de um lado, entre os sentimentos, as tendências e a capacidade intelectual do nível mental ao qual a dissolução de superposições psíquicas reduziu o doente e, de outro, a mentalidade de nossos pais à qual correspondeu esse nível na formação evolutiva da nossa mentalidade. [202]

200 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Op. Cit.*, p. 762.
201 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 782.
202 *Ibidem*, p. 784.

Esse processo lhe dá apenas um "aspecto" de retorno atávico do homem primitivo, mas, ao contrário do que muitos pregavam, não representa nada que não possa ser classificado apenas como parte de uma personalidade doentia. [203] A seguinte passagem, em que Nina diferencia o atavismo do que ele classifica como esses "resquícios desagregadores da organização mental", as "sobrevivências", talvez possa nos ajudar a entender seu pensamento:

> O atavismo é um fenômeno mais orgânico, do domínio da acumulação hereditária, que pressupõe uma descontinuidade na transmissão, pela herança, de certas qualidades dos antepassados, saltando uma ou algumas gerações. A sobrevivência é um fenômeno antes do domínio social, e se distingue do primeiro pela continuidade que ele pressupõe: representa os resquícios de temperamentos ou qualidades morais, que se acham ou se devem supor em via de extinção gradual, mas que continuam a viver ao lado, ou associados aos novos hábitos, às novas aquisições morais ou intelectuais. [204]

É com esta concepção em mente que Nina vai atestar, através do estudo de diversos casos clínicos, sua ocorrência entre negros e mestiços brasileiros. Interessante notar, como o faz Oda, que Nina não estabelece uma interlocução direta

---

203 Para um debate mais aprofundado em torno desta questão *Cf.* ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Passado e presente na psicopatologia da paranoia. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, dezembro 2009, pp. 759-765.

204 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, p. 300.

com um dos maiores especialistas sobre o tema da paranoia de seu tempo, o psiquiatra Emil Kraepelin (1856-1926). [205] O seu trabalho seminal, *Compendium der Psychiatrie*, de 1883, teve inúmeras edições, sendo a mais difundida no Brasil a de 1904, traduzida no ano seguinte pelo neurologista Antonio Austregésilo Rodrigues Lima (1876-1960). [206]

Apesar disso, em trabalho posterior, Oda recorda que Nina elaborou uma espécie de "dicionário de sinônimos" do termo paranoia estabelecendo correspondência entre as classificações das escolas psiquiátricas francesa, alemã, italiana, do que classifica como "fluminense" (composta por João Carlos Teixeira Brandão, Márcio Nery e Francisco Franco da Rocha) e de um autor português Júlio de Mattos. Seu objetivo era uma definição operacional do conceito para ser utilizado nos estudos clínicos "sobre as psicoses delirante-alucinatórias em negros e mestiços da Bahia com interlocutores europeus (...)". [207]

Dois de seus alunos, Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, também iriam propor uma discussão detalhada do problema que se encontrava em um "verdadeiro estado de babel

---

205 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Op. Cit*., pp. 762-763.

206 *Cf.* KRAEPELIN, Emil. *Compendium der Psychiatrie.* Leipzig: Verlag von Ambr. Abel., 1883; KRAEPELIN, Emil; ____. Paranoia (Verrücktheit). *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 98-106; v. 1, n. 2, p. 183-196; v. 1, n. 3-4, 301-309, 1905.

207 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia de Kraepelin (Brasil, 1905). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p. 499.

ou confusão psiquiátrica...". Com eles, as principais categorias ou subcategorias kraepelianas são descritas, comentadas, suas modificações acompanhadas ao longo do tempo e comparadas com os casos clínicos que enfrentavam. [208] Nina, por sua vez, se contenta apenas em informar o leitor que "Não é possível, compreende-se, tentar realizar aqui o estudo das relações entre a paranóia aguda, as demências precoces, a demência paranóide de Kraepelin (...)". [209]

Como bem lembra Oda, o objetivo principal de Nina foi demonstrar que, ao contrário do pensamento predominante em seu tempo, a manifestação da paranoia no negro era, fundamentalmente, a mesma que no branco. [210] Sem, entretanto, nunca colocar em dúvida a inferioridade do negro frente ao ariano, Nina opina:

> Portanto, com o auxílio das faculdades, aliás inferiores, da memória e da imitatividade que o negro possui em alto grau, é evidente que ele pode atingir uma cultura intelectual elevada, mais que suficiente para fornecer os elementos de um delírio complexo e bem sistematizado. Devemos, conseqüentemente, admitir que tanto no negro quanto no branco, bem guardadas as proporções relativas de

208 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Op. Cit.

209 RODRIGUES, Raimundo Nina. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,* ano VII, n. 4, dezembro de 2004, p. 218.

210 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: A paranóia nos negros, de Raimundo Nina-Rodrigues. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, junho de 2004, p. 147.

> capacidade mental de cada raça, existem homens inteligentes e ininteligentes, os primeiros dotados de uma grande capacidade mental, os segundos reduzidos a uma capacidade bastante inferior. [211]

Em uma resenha elogiosa sobre *A paranóia nos negros* publicada no *The British Journal of Psychiatry*, de 1904, o psicólogo britânico Havellock Ellis (1859-1939) escreve que Nina Rodrigues, "one of the best know of Brazilian alienists", havia identificado certas particularidades na manifestação desta doença nesta raça, tal como "a special prevalence of motor and psycomotor hallucinations (...)". Mais, importante, entretanto, era notar que

> The contentes of the delusion may be complex, but the mental level of the negro is normally so much lower than that of the white that a thoroughly well systematized and chronic delusion, such as is fairly common among whites, is extremely rare in the opinion off all Brazilian alienists, and when found, the author asserts, always indicates either that the subject belongs to one of the higher African races or else that he has a trace of white blood. [212]

---

211 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 233.

212 "O conteúdo do delírio pode ser complexo, mas o nível mental do negro é normalmente tão menor do que o do branco que um delírio completamente crônico e bem sistematizado, como é bastante comum entre os brancos, é extremamente raro na opinião de todos os alienistas brasileiros, e quando encontrado, o autor

Mas como diferenciar os tipos encontrados no Brasil? "Reconheçamos sem rodeios que a distinção não é fácil", constata Nina. Mas a existência, por exemplo, dos "mestiços pretos escuros" era uma prova de que sua intuição sobre o assunto deveria estar na direção correta. Estes são seres que "(...) poderiam facilmente ser tomados por negros puros, dotados de uma inteligência muito superior àquela que possuem habitualmente os últimos". [213]

A partir das informações colhidas em São Paulo e no Rio, e somando a estas, as suas observações pessoais, Nina apresenta, entre outros, alguns casos que corroborariam as suas hipóteses: a negra Umbelina Maria do Bonfim, consumida por um fogo imaginário e incapaz de reconhecer partes de seu corpo; o negro Manoé, que se dizia "D. Manoé", cuja missão era restaurar a monarquia e levar de volta ao trono a imperatriz; o negro J. Nicolau da Silva, vítima de feitiçaria de uma amante que havia coberto a abobora que lhe serviu de refeição com panos embebidos com sangue menstrual para lhe causar impotência; o negro Lino Marqueton, possuidor de grande fortuna de moedas de ouro, parte dela escondida em sua garganta; o mulato P. C. da Rocha Pitta

---

afirma, sempre indica que ou o sujeito pertence a uma das raças superiores da África ou então que ele tem um rastro de sangue branco" In: ELLIS, Havelock. Paranoia among Brasilian Negros [La paranoiacjs les nègres]. (Arch. d`Anth. Crim., Sept. and Nov. 1903). Nina-Rodrigues. *The British Journal of Psychiatry*, 1904, p. 169.

213 RODRIGUES, Raimundo Nina. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,* ano VII, n. 2, junho de 2004, p. 162.

que mantinha diálogos com um *Deus-Lesma* e que reclamava títulos de nobreza. [214]

As histórias de vida desses e de outros pacientes e o conteúdo delirante ou alucinatório sistematizado servem a Nina para demonstrar as aquisições cognitivas, a grande memória e a capacidade imitativa de negros e mestiços. Mas não só. Destaca o médico que também era preciso levar em conta fatores outros como as festas sagradas ou profanas com seus movimentos corporais, contorções e gestos sugestivos; a excitação ou exaltação dos instintos; o comportamento pouco disciplinado e violento; a conduta anormal obsessiva; enfim, todas estas características que produzem "a desordem, a confusão, o estupor, que se associam tão freqüentemente nos negros com a paranoia (...)". [215]

Diziam os especialistas que a raça ariana, por ser superior e ter um grau de desenvolvimento mental mais avançado, era capaz de apresentar sintomas paranoicos "mais complexos". Nina, por outro lado, afirma que os indivíduos de ascendência africana também eram capazes de apresentar tais sintomas. Seriam, pondera, recorrentes tanto nos descendentes de sudaneses puros, um grupo considerado por ele superior na África, quanto naqueles sujeitos que teriam algum refinamento do sangue pela mistura com o branco. [216]

---

214 RODRIGUES, Raimundo Nina. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,* ano VII, n. 2, junho de 2004, pp. 161-178; ano VII, n. 3, setembro de 2004, p. 144.

215 *Ibidem*, p. 235.

216 Nina apresenta ao leitor uma espécie de catalogação dos principais grupos trazidos pelos portugueses. O autor recorreu

Quando não há uma fusão com o elemento branco ou quando o negro não pertence aos grupos superiores de suas tribos de origem, enfim, quando o "espécime" em destaque é apenas um "negro médio", os sintomas predominantes são os delírios paranoicos incoerentes, rudimentares, "uma paranoia não plenamente desenvolvida". [217] Nestes casos seria prudente aplicar a ideia de "confusão mental paranoica", outro conceito elaborado pelo psiquiatra italiano Francesco Del Greco para diagnosticar uma moléstia menos complexa e variável em seu conteúdo. [218]

às pouquíssimas informações que pôde levantar nas repartições aduaneiras, nos autos de apreensão de escravos após a proibição do tráfico, nas memórias de traficantes, autoridades régias e artistas da época e, por fim, na imprensa baiana. Identificou na Bahia e em outras regiões do país, como Pernambuco e Rio de Janeiro, dois grandes grupos, os *Bantus*, provenientes da África Meridional ou Austral e das ilhas do Golfo de Guiné — como São Tomé, Príncipe, Fernando Po e Ano-Bom — e os *sudaneses* ou *superequatoriais*, da África Setentrional, o norte do continente — sendo estes últimos tratados como uma casta superior entre os africanos. Ver: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 43.

217 RODRIGUES, Raimundo Nina. Op. Cit., p. 234.

218 DEL GRECO, Francesco. *Sulle varie forme di confusione mentale: studio clinico-psicologico*. Napoli: Tip. del Manicomio, 1897 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, pp. 234-235.

A sociedade que queremos frente ao "império dos fatos"

Tratar da paranoia nos negros brasileiros, esclarecer as suas formas mais recorrentes, investigar casos notórios de degradação racial, como no caso de Serrinha, faz de Nina um "observador da realidade nacional", como se autodefinia. Segundo Corrêa, Nina talvez fosse o exemplo mais producente de um grupo de intelectuais que se autoproclamavam "críticos imparciais" da nação. Eram sujeitos que, seguindo ainda na esteira da Geração de 1870, definiram o restante da população como seus objetos privilegiados de análise, se interessaram por questões da medicina, da literatura, da política ou da religiosidade de "membros da comunidade nacional que não eram considerados parceiros do jogo político". [219]

Esse jogo político excludente criou a possibilidade desses intelectuais atuarem sobre a fenda aberta entre a cultura do povo e as instituições que, em teoria, deveriam representá-las. Porém, a irremediável assimetria entre ambas levou, segundo Luiz Werneck Vianna, à formação de dois grupos ou "partidos" com propostas distintas: os "americanistas", como Tavares Bastos, com uma crítica radical ao Estado e os "ibéricos", como Oliveira Vianna, vinculados às elites sociais e com propostas mais pragmáticas.

A via americana cultuava abertamente o paradigma anglo-saxão que imperava ao norte do continente. Seus en-

219 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit*., pp. 42, 43, 53, 63 e 64.

tusiastas iam além, ao afirmar que "América do norte seria como um ocidente passado à limpo", dado os avanços culturais e políticos lá observados. Distanciavam-se, definitivamente, do iberismo como se conhecia no Brasil ou do localismo caótico hispano-americano das repúblicas recém-independentes do sul.[220]

A "escola" americana buscava na história de Portugal, em seu absolutismo, despotismo e intolerância religiosa uma explicação para as dificuldades brasileiras. Bastos chegou a afirmar que "isolados como o Japão, recebíamos o ar vivicante da Europa através do Portugal empestado". Vale mencionar um trecho do texto de Werneck Vianna para contrapor os ditos "americanistas" ao grupo "ibérico" ao qual Nina Rodrigues pode ser interposto:

> Os "males do presente" não se devem ao singular atraso brasileiro, nem ao estado de dissociação da sociedade civil. Tavares Bastos inverte o problema: é o poder quem corrompe, quem impede o individuo de se elevar à cidadania, como é ele quem, através de suas ações, inibe a iniciativa e enfraquece o espirito público: "no estado evolucionário da nossa sociedade há, é certo, altos problemas morais e sociais que interessam igualmente, ou muito mais, à sorte do povo: a instrução, o trabalho livre, a liberdade de cultos, por exemplo; mas todos dependem da solução dada à forma de

220 VIANNA, Luiz Werneck. Americanistas e Iberistas: A Polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, 1991, p. 155.

> governo, questão prévia que domina as outras. [221]

Werneck Vianna argumenta que nesta estratégia estava subentendida a ideia de que o problema da "ordem" se encontrava em sua forma, no molde em que foi polida, no marco civilizatório que deveria ser inscrita. O "império dos fatos", nesta perspectiva, deveria ser negado pela ação das elites políticas, afinal, em Bastos, a singularidade da formação brasileira se contém na configuração de seu sistema político formal. Como bem apontou Werneck Vianna, neste caso, "a reforma do Estado antecede à da sociedade civil". [222]

Acontece que para os intelectuais "ibéricos", este tipo de abordagem não possuía razoabilidade, não tinha fundamento na qualidade do que é real, criando-se, entre seus adeptos, desde a independência, uma caricatura de país, um "Brasil artificial". Oliveira Vianna conclama e vangloria, em contraposição à Tavares Bastos, tudo o que nos distinguia enquanto sociedade. As relações sociais, em especial aquelas estabelecidas no mundo agrário, entre raças distintas, representavam a nossa singularidade. [223] Nina Rodrigues, como vimos, também faz desta relação particular entre as raças a matriz que define a sociedade.

Para Oliveira Vianna, escrevendo em um tempo no qual racialismo científico já perdia força, era possível, no mínimo, se identificar com o grupo de estudiosos que o precedeu, do qual Nina fazia parte e foi citado, mantendo-se

221 VIANNA, Luiz Werneck. *Op. Cit.*, p. 157.
222 *Ibidem*, p. 162.
223 *Ibidem*, pp. 163 e 164.

fiel à discriminação das raças como chave interpretativa da sociedade brasileira:

> Há cerca de 40 anos, pelo menos até 1890, os nossos meios intelectuais, os nossos centros de cultura, os grandes nomes mais representativos das ciências sociais, como das ciências naturais, estavam, com efeito, deixando-se impressionar pelas provas inegáveis das diferenciações raciais em nosso país. Para não falar dos sociólogos e historiadores, como Sylvio Romero e José Verissimo, basta recordar o que se passava nos centros de cultura, onde se moviam os especialistas na ciência do Homem: naturalistas como Baptista Caetano e Baptista Lacerda, ou médicos como Moura Brasil, Erico Coelho, Jansen Ferreira e, principalmente, Nina Rodrigues.
>
> Este grupo de espíritos, na sua maior parte médicos, estavam então vivamente empenhados em estabelecer a discriminação, sob critérios rigorosamente científicos, dos caráteres diferenciais das três raças formadoras da nossa nacionalidade: a negra, a americana, a caucásica. Eles já haviam observado que essas raças, esses "tipos antropológicos" como diríamos hoje, não reagiam de uma maneira idêntica aos diversos estímulos vindos do meio social ou do meio cósmico: cada qual parecia ter uma individualidade própria, uma maneira peculiar, uma forma específica de reação (...). [224]

224 VIANNA, Francisco José Oliveira. *Raça e Assimilação.* São Paulo: Companhia Editora Nacional/Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1938, p. 21 e 22. (Série Brasiliana, v. 4, 3ª edição).

Note-se que a menção a Nina Rodrigues não se dá apenas por força de sua importância no meio em que atuava. Justifica-se devido à sua contribuição genuína e original no que toca o estudo das raças. Diz ele em obra de 1938:

> Os trabalhos de Nina Rodrigues chegaram mesmo a fixar certas idiossincrasias de ordem patológica e de ordem psicológica, próprias aos nossos tipos mestiços, especialmente aos tipos componentes do grupo afro-ariano. Ninguém, como Nina Rodrigues, até hoje traçou, com método tanto quanto possível científico, os caraterísticos, não só fisiológicos, como principalmente psicopatológicos que diferenciam os nossos mulatos dos tipos fundamentais que lhes dão origem. [225]

Segundo Jair de Souza Ramos, para Oliveira Vianna, tal procedimento era de fundamental importância, afinal de contas

> A América surge, na concepção de Viana, como uma espécie de campo de experimentações oferecido pela natureza e pela história para o estudo das raças. E como tal, oferece um patamar experimental que pode fazer evoluir os estudos até então feitos na Europa, os quais, por deficiência do material observado, nunca conseguiram ir além de um plano teórico. [226]

---

225 *Ibidem*.

226 RAMOS, Jair de Souza. Ciência e racismo: uma leitura crítica de Raça e Assimilação em Oliveira Vianna. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, mai.-ago. 2003, p. 582.

O mundo rural que Oliveira Vianna caracterizou encontrava sua expressão maior na atividade unitária exercida pela patronagem política do clã fazendeiro. Não fosse o poder e a força persuasiva da solidariedade parental e gentílica, correríamos o risco de naufragar no caos anárquico que viviam nossas vizinhas repúblicas caudilhescas. A ideia era fugir ao padrão de análise que se matinha apenas no plano normativo ou idealista e enveredar por um caminho que iluminasse o fato de que a nossa "experiência histórica particular deveria levar a uma institucionalidade também particular". [227] Segundo Corrêa

> O conhecimento do "Brasil real" será o trunfo mais constante com que eles jogarão no ambiente intelectual da Corte, depois capital, ainda dominado pelas "ideias francesas", sem abandonar, no entanto, a legitimação que elas apresentavam ao seu saber. [228]

Configura-se, assim, uma argumentação a favor das ações do Império brasileiro como forma de garantir o apoio ao patriarcado rural, posto que deste último não se origine uma ordem propriamente dita, mas apenas uma tendência agregadora. Tendência essa que deveria ser em favor de uma aristocracia, à época já politicamente usurpada, confinada em seus redutos, "último elo na corrente das agências de controle social dos seres subalternos do campo". O Rei aqui é quem modera o "caudilho", mas sempre tendo em pers-

227 VIANNA, Luiz Werneck. *Op. Cit.*, p. 165.
228 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.*, p. 39.

pectiva apenas a reprodução da ordem já estabelecida, "deixando intocados os supostos da vida social". [229]

Segundo Oliveira Vianna, no Brasil era manifesta a inviabilidade do "liberalismo politico e do sistema de representação", pois cá não havia cidadãos. O povo subalterno — negros, índios e mestiços — estava marginalizado pelo exclusivo agrário e submetido ao estatuto de dependência pessoal. A cidadania era, pois, incompatível com uma situação real de não solidariedade, dispersão e fragmentação que possuía sua contra-tendência na patronagem política do clã cuja existência era garantida pelo Império brasileiro.

Esse quadro de análise é classificado por Luiz Werneck Vianna como um "iberismo instrumental". Para que fique mais claro, muito embora tal modelo "autóctone" ou de uma "aristocracia ibérica" seja valorizada por Oliveira Vianna, esta é apenas um meio para um fim. É "instrumental", na medida em que o objetivo é alcançar valores que se identificam com uma cultura educadora e civilizatória (anglo-saxã e liberal, em outras palavras) que "não nega a Ibéria concreta e contingente, mas a realiza como uma comunidade nacional em que as virtudes públicas e o interesse geral prevaleçam sobre a cultura do individualismo e sobre o interesse particular". [230]

Neste estratagema teórico, bem delimitado estão o patriciado rural e, acima de tudo, os seres subalternos do campo, a todo o tempo citados por Oliveira Vianna. Signi-

229 VIANNA, Luiz Werneck. *Op. Cit.*, pp. 167 e 169.
230 *Ibidem*, p. 171.

ficativamente, diz respeito a homens, mulheres e crianças marginalizadas pelo exclusivismo agrário e submetidas ao paradigma da dependência pessoal. O sistema produtivo latifundiário, somado a esta massa populacional "de cor" segregada e mantida sob o braço possante do caudilho rural, continua Oliveira Vianna, não possibilitou o aparecimento do cidadão, interditando formas de "legitimação racional-legal". [231]

São nítidas a insistência e a ênfase na especificidade do modelo de sociedade que imperava no Brasil e que se diferenciava em inúmeros aspectos, dos países do Norte, das repúblicas do Sul e, finalmente, dos paradigmas do Velho Mundo. Como já indicamos alocar Nina Rodrigues, agora, entre os interlocutores "ibéricos", parece-nos sensato, tendo em mente o seu esforço para compreender as singularidades brasileiras e, assim como Oliveira Vianna — baseado nas teorias de superioridade racial — vasculhar, inquirir e expor as peculiaridades que marcavam toda a gente apartada.

A questão racial em Oliveira Vianna encontra muitos pontos em comum com a de Nina Rodrigues. A incapacidade do mestiço para a adaptação à civilização ocidental e a prática do *self-government* (leia-se anglo-saxã); a fraqueza física e moral, acompanhada da predisposição para as mais diversas moléstias físicas e mentais; a subserviência, a servitude e a improdutividade, incompatíveis com um tempo que já vivenciava o aceleramento urbano e industrial; enfim, um quadro de discriminação racial que, segundo Jeffrey

231 *Ibidem*, pp. 166 e 171.

Needel, estabelecido nos círculos de prestígio europeus "endured into the interwar period, and with it Viana's unhappy conclusions. In Brazil, the pioneer of "scientific" Afro-Brazilian study, Nina Rodrigues, accepted such theories". [232]

232 NEEDELL, Jeffrey D. History, Race, and the State in the Thought of Oliveira Viana. *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 75, n. 1, February 1995, p. 14.

CAPÍTULO 2

UMA PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES PARA O BRASIL

Psicologia das Multidões: um objeto de estudo

É possível afirmar que Nina Rodrigues foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a, sistematicamente, teorizar e formular hipóteses sobre o campo da *Psicologia das Multidões.* Esse aspecto foi apontado, pela primeira vez por Arthur Ramos no prefácio do livro *As collectividades anormais,* coletânea de textos de Nina Rodrigues, reunida pelo primeiro em 1939:

> Nina Rodrigues, já apontado como o iniciador dos estudos de etnografia e psicologia social do negro, no Brasil, já conhecido como estudioso de nossos problemas de raça e de cultura, aclamado como uma das autoridades em criminologia e ciência penal.... talvez não fosse lembrado, pela nossa pobre ciência nacional, tão esquecida dos precursores, como um dos pioneiros do movimento da psicologia coletiva.
> No entanto o seu nome fora apontado pelos estudiosos europeus, como um dos fundadores da psicologia das multidões, um dos criadores da psicologia gregária, normal e patológica, ao lado dos Rossi, dos Sighele, dos

> Tarde, dos Le Bon, dos A. Marie... Na história das epidemias religiosas, o seu nome é citação obrigatória, pois foi ele um dos primeiros a realizar observações e comentários científicos sobre fenômenos brasileiros de psicopatologia gregária, trazendo assim contribuições fundamentais à nova ciência em elaboração pelos teóricos europeus. [233]

Como é possível notar na citação acima, Ramos esforçou-se para mudar um cenário de desvalorização da obra de Nina Rodrigues sobre as multidões. Contrapôs a este fenômeno o reconhecimento, no exterior, de sua contribuição para a nova ciência que emergiu no final do XIX. A tentativa, entretanto, não causou grande impacto. Ao longo das décadas seguintes, os trabalhos sobre a produção científica de Nina permaneceram focados na sua valiosa contribuição para os campos antropológico-criminais, médico-legais e, sobretudo, para a etnografia das religiosidades afro-brasileiras. Mariza Corrêa, em artigo publicado sobre Nina, informa que "infelizmente", boa parte de seus trabalhos que não se encaixavam nesses temas "permanece inédita e este texto é assim também uma sugestão para que os interessados nos assuntos tratados por ele naqueles trabalhos os leiam". [234]

Em outra resenha bibliográfica Corrêa denuncia o que

233 RAMOS, Artur. "Prefácio". In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 10.

234 CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a "garantia da ordem social". *Revista USP*, São Paulo, n. 68, dez.-fev. 2005-2006, p. 131.

classifica, oportunamente, de "um escândalo epistemológico de grandes proporções na história das ciências sociais no Brasil". [235] Ela refere-se ao quase completo desconhecimento de alguns trabalhos de Nina — artigos publicados em francês e italiano, e outros tantos esquecidos nas gazetas e folhetins médicos —, além de importantes livros, que há muito não recebem novas e atualizadas edições, nem mesmo reimpressões. Diz a pesquisadora:

> (...) um dos autores obrigatoriamente citados quando se trata de analisar as chamadas relações afro-brasileiras no país, é também o estranho caso de um pensador famoso cuja obra é praticamente desconhecida de grande parte dos pesquisadores brasileiros, e quase inacessível a eles, não só aos que se interessam por essas relações como também àqueles que se interessam pela história do sanitarismo, da saúde pública, dos códigos civil e penal, ou pela história da loucura no nosso país. [236]

Ana Maria Galdini Raimundo Oda foi uma exceção a essa regra, pois examinou alguns escritos do pesquisador maranhense relacionados à *Psicologia Gregária*. Ao analisar um estudo de Nina sobre uma epidemia histérica que ocorreu em Salvador, em 1882, Oda ressalta que, diferentemente da maioria dos médicos no Brasil, ele deu uma contribuição original ao caso. Sua preocupação estava em entender

235 CORRÊA, Mariza. Os livros esquecidos de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76, 2006, suplemento 2, p. 62.
236 *Ibidem*.

"como manifestações histéricas individuais teriam se propagado desta maneira, que condições haviam permitido que se tornassem coletivas ou epidêmicas". [237]

Recentemente, em um texto sobre religião e saúde mental, Paulo Dalgalarrondo, médico interessado na história da psiquiatria no Brasil, e coautor de diversos textos com Ana Maria Oda, afirmou que Nina foi possivelmente o primeiro a estudar as epidemias de loucura coletiva no país — uma pressuposição da qual compartilhamos a partir das fontes analisadas. Nas palavras de Dalgalarrondo, os trabalhos de Nina que abordavam fenômenos histéricos e neurastênicos de grande proporção expressam uma "percepção aguda de como crenças poderosas podem atuar sobre um terreno fértil de populações vulneráveis ao contágio imitativo". [238]

As populações propensas às epidemias de loucura usualmente são caracterizadas, por Nina Rodrigues, como miscigenadas, o que coloca a "questão racial" no epicentro de seus estudos. Porém, segundo Corrêa apesar de o acalorado debate sobre relações raciais ser também o foco das análises feitas sobre o legista maranhense até muito recentemente, "já é boa hora tanto de enfocarmos outros ângulos

237 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Sobre o diagnóstico diferencial entre a histeria e a beribéri: as epidemias de caruara no Maranhão e na Bahia, nas décadas de 1870 e 1880. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VI, n. 4, dezembro de 2003, p. 140.

238 DALGALARRONDO, Paulo. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, n. 34, supl. 1, 2007, pp. 25-33.

de seu trabalho como de procurar reler suas observações sobre essa questão". [239]

Repensar o problema do negro a partir dos trabalhos de psicologia coletiva pode nos oferecer novas injunções, já que a mistura de raças nunca foi o principal e nem o único tema na produção acadêmica de Nina. Este, ainda segundo Corrêa, estava mais preocupado com questões relacionadas à Saúde Pública, como é possível depreender, por exemplo, de sua ativa participação em comissões e grupos de planejamento institucional, ordenamento urbano, administração sanitária, na Bahia e em âmbito federal. [240]

Preocupado com a estruturação de um serviço sanitário adequado em Salvador, Nina versou sobre os mais diversos temas como vimos no capítulo anterior, além de outros de menor impacto como vacinação, abastecimento de carne verde e observações meteorológicas. [241] A partir da projeção que ganhou com estes estudos Nina chegou a ser nomeado como representante do Brasil no *IV Congresso Internazionale d'Assistenza Pubblica e Privata* (IV Congresso Interna-

239 CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a "garantia da ordem social". *Revista USP*, São Paulo, n. 68, dez.-fev. 2005-2006, p. 139.

240 CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil.* Bragança Paulista: Edusf, 1998.

241 FONSECA, Pedro Henrique Miranda. O sanitarista Nina Rodrigues. *Suplemento Cultural da Associação Paulista de Medicina*, São Paulo, n. 99, jul. 1995; JACOBINA, Ronaldo Ribeiro e CARVALHO, Fernando Martins. Nina Rodrigues, epidemiologista: estudo histórico de surtos de beribéri em um asilo para doentes mentais na Bahia, 1897-1904. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, mar.-jun. 2001, pp. 113-32.

cional de Assistência Pública e Privada) que se reuniria em Milão, na Itália, em 1906, ano de sua morte. [242] Na realidade, argumenta Corrêa que o Nina especialista na questão racial nasceu muitos anos depois, graças à publicação "seletiva" de seus estudos, por "autoproclamados" discípulos, particularmente Arthur Ramos, este sim, interessado no assunto.

Tendo por base esses apontamentos e inspirados em autores como Oda e Dalgalarrondo, nossa intenção é, de alguma maneira, seguir as sugestões de Mariza Corrêa, e reconstituir o discurso de Nina sobre enfermidades mentais contagiosas. Acreditamos que se assim procedermos será possível não apenas recompor o extenso quadro analítico de Nina — exposto, sobretudo, na obra *As collectividades anormais* — mas também rever os debates sobre raça, evolucionismo e miscigenação em suas obras.

No primeiro item do capítulo pretendemos examinar as reflexões de Nina sobre a relação estabelecida entre o individual e o coletivo, a partir do sentido do seu diálogo com autores que elaboram suas hipóteses sobre o funcionamento das multidões e o papel da loucura no seio destas. No item seguinte, nos propomos a aprofundar a investigação e esclarecer como Nina mobilizou um amplo arsenal teórico para explicar a gênese da multidão, os elementos capitais de sua gestação, divididos em causas próximas (as paixões humanas) e causas distantes (raça e hereditariedade).

242 LINS E SILVA, AUGUSTO. *Atualidade de Nina Rodrigues. Estudo bio-bibliográfico e crítico*. Rio de Janeiro: Cia. Editora da Leitura, 1945, p. 31.

O estudo das coletividades: Tarde e Sighele

A *Psicologia Coletiva* surgiu na segunda metade do século XIX, um momento em que se esboçava, em linhas gerais, um ramo do conhecimento mais amplo que viria a se chamar *Psicologia Social*. Não há consenso entre os estudiosos do tema sobre o momento em que esta última se estruturou enquanto disciplina cientifica, mas sabe-se que foi em algum ponto da primeira metade do século seguinte. O estudo das coletividades, por sua vez, emergiu paralelo a outras ciências afins, em especial a sociologia. Suas vertentes francesa e italiana, muito próximas uma da outra, produziram trabalhos importantes sobre as multidões e Nina Rodrigues tornou-se leitor assíduo de seus autores de maior renome. [243]

É sabido que Nina foi um profissional que circulou por centros acadêmicos de excelência no Brasil, como as Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia, e foi correspondente de sociedades científicas importantes da Europa, especialmente na França e Estados Unidos. [244] Tal experiência possibilitou que adquirisse algumas obras de difícil acesso para a grande maioria dos acadêmicos, citadas em seus trabalhos. Tendo acumulado experiência no campo da psiquiatria

243 MUNNÉ, Frederic. *La construcción de la Psicología Social como ciencia teórica.* Barcelona: Alamex, 1989; GINNEKEN, Jaap Van. The 1895 debate on the origins of crowd psychology. *Journal of the Hisiory of ihe Behavioral Sciences*, v. 21, October 1985, pp. 375-382.

244 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit*., pp. 319-335.

clínica, comentou e criticou diversos autores, entre eles os franceses Gabriel Tarde (1843-1904) e Scipio Sighele (1868-1913).

Tarde pode ser apontado como um dos marcos da sociologia francesa do século XIX. Tornou-se presidente da *Société de Sociologie de Paris* e professor do *Collège de France*, firmando-se em seu tempo e publicando obras em toda a Europa. Após sua morte, porém, seu legado permaneceu à sombra de Émile Durkheim (1858-1917) e apenas muito recentemente, nas quatro últimas décadas do século XX, surgiu um renovado interesse em seus trabalhos que ganharam novas edições e reimpressões.

Segundo interpretações recentes, Tarde elabora uma espécie de microssociologia da existência de crenças e desejos. Ele procura entender como se dá a sua perpetuação e/ou desaparecimento no meio social. Tal explicação ocorre, grosso modo, pela analogia que é estabelecida entre a repetição de fenômenos em áreas como, por exemplo, a física e suas ondas vibratórias continuadas, com aqueles da transformação social que, por sua vez, funcionariam pela sugestão, imitação e repetição. [245]

Tarde também cita a biologia, a astrologia, a química e a geologia como fontes das partículas elementares que apresentavam comportamentos de agrupamento e reprodução que se assemelham ao mundo social. [246] Essa tendência, em

245 VARGAS, Eduardo Viana. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2001; ____. A microssociologia de Gabriel Tarde. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 27, 1995, pp. 93-110.

246 TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia - e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

última instância, aplicaria o termo "social" a qualquer tipo de associação. Segundo o sociólogo Eduardo Viana Vargas, para Tarde, indivíduos e sociedades são "como células e átomos, são todos compostos e, como tais, imediatamente relacionais". [247]

Indivíduos relacionais, capazes de formar uma sociedade, enquanto uma entidade distinta, foram objeto de estudo também do jurista Sighele, um dos nomes fortes da escola de criminologia italiana ao lado de Lombroso, Ferri e Pasquale Rossi (1867-1905). De certa forma, Sighele tentou aplicar à dimensão da coletividade, ideias que Lombroso já havia pensado para o indivíduo delinquente. [248] O homem, vítima de seus próprios instintos, seria, também, sensível às influências externas igualmente negativas. Sugestionável, a multidão atuaria em conformidade com um modelo pessimista já aplicado ao desempenho individual.

A definição de coletividade que aparece na obra de Sighele corresponde de início, a um agregado heterogêneo, composto por indivíduos de idade, sexo, classe e condições sociais diferentes. O que os unem é a crença comum em uma ou mais ideias que tiveram origem e foram exaustivamente repetidas por um indivíduo agregador capaz de constranger os demais a segui-lo em um empreendimento comum.

---

247 VARGAS, Eduardo Viana. Multiplicando os agentes do mundo: Gabriel Tarde e a sociologia infinitesimal. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 55, junho de 2004, p. 175.

248 BOSC, Olivier. De la folla delinquente à la follacultura: Scipio Sighele et Pasquale Rossi prophètes italiens de la modernité au tournant du siècle. *Laboratoire italien. Politique et societé,* Lyon, n. 4, 2003, pp. 37-56.

Ao receber estímulos de um agente externo e manifestá-los conforme as impressões adquiridas, os indivíduos apresentam uma condição que Giuseppe Sergi chamou de *receptividade reflexiva*, considerada por Sighele uma lei fundamental da psique humana, exacerbada nas multidões. [249]

Sergi e Sighele seguem uma tradição de interpretação da *Psicologia Fisiológica Francesa* de meados do XIX, um ramo do conhecimento que, segundo Daniela Barberis, compreende a relação de um sujeito com o mundo a partir do *ato reflexo.* [250] A atividade psíquica, quando motivada por estímulos externos (ou necessidades físicas), nada mais é do que um mecanismo de *estimulo-resposta*. Interpretada como uma característica inata ao homem, sua eficácia é maior no meio do turbilhão das gentes "onde todas as imaginações são excitadas, e onde a unidade de tempo e de lugar apressa de um modo extraordinário, e quase fulminante, a alteração das impressões e dos sentimentos". [251]

Autores como o francês Théodule Armand Ribot (1839-1916) — patrono da psicologia fisiológica, segundo Barberis — determinam essa característica de forma bastante clara. É de autoria de Ribot o seguinte comentário: "A lei mais

249 *Cf.* SERGI, Giuseppe. *Antropologia e scienze antropologiche*. Messina: C. de Stefano, 1889.

250 BARBERIS, Daniela Silvia. *Indivíduo e personalidade na psicologia fisiológica francesa do final do século XIX*. 318 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

251 SIGHELE, Scipio. *A multidão criminosa. Ensaio de psicologia coletiva.* Rio de Janeiro: organização Simões, 1954, p. 36. (Coleção livros de ontem e hoje).

geral que rege os fenômenos psicológicos é a lei da associação. Por seu caráter compreensivo ela é comparável à lei da atração do mundo físico". [252] Notemos aqui que Ribot, assim como Tarde, compara as atividades mentais associativas às conexões observáveis no mundo natural. Tal não ocorre ao acaso. É, fundamentalmente, uma leitura influenciada pelo filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903) — também citado por Nina — e suas comparações entre as sociedades humanas e os organismos animais. [253]

Tendo em perspectiva esse modelo associativo, Tarde e Sighele, dois dos principais interlocutores de Nina Rodrigues, entendem que são os atos-reflexos que predominam em meio à coletividade. Ambos se apropriam, a partir daí, de duas leis gerais relacionadas aos atos-reflexos e que explicariam o funcionamento da sociedade: a *sugestão* e a *imitação*. Estão preocupados em entender como essas duas grandes forças, são capazes de entusiasmar e alarmar uma coletividade sob a iniciativa de um sujeito, apto a manifestar suas intenções com habilidade e despotismo. Essa característica aglutinadora de certas personalidades é algo essencial na formação das duplas, trios e demais ajuntamentos, que podem vir a alcançar dezenas de milhares de pessoas. [254]

---

252 RIBOT, Théodule Armand. *La psychologie anglaise contemporaine.* Paris: Félix Alcan, 1870, pp. 423-424 *Apud* BARBERIS, Daniela Silvia. *Op. Cit.*, p. 22.

253 SPENCER, Herbert. *Les premiers principes.* Paris: Félix Alcan, 1888 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 55.

254 SIGHELE, Scipio. *La coppia criminale: psicologia degli amori morbosi.* Turim: Torino Fratelli Bocca Editori, 1897.

Tarde chama a atenção, por exemplo, para as sublevações que sucederam com frequência em regiões onde o flagelo da fome se perpetuou. Ao contrário do que se pensava até então, diz ele, em artigo de 1893, elas não ocorriam ao mesmo tempo, mas obedeciam a um encadeamento de eventos, deflagradas "como um rastilho de pólvora, a partir de uma primeira faísca". [255] Ou seja, em algum lugar iniciou-se um primeiro levante, sob a inspiração de um condutor, seguido por novos agitadores e assim, "pouco a pouco, a ação destes prolongou-se, por imitação de multidão a multidão (...)". [256]

A coletividade não tem outra ideia a não ser a que lhe insuflam e que se propaga "de um só ao cérebro de todos". O insuflador, para Tarde, é responsável por seus efeitos diretos, ainda que o motivo principal, ao se expandir, possa mudar de feição, intensificando-se "por uma espécie de progressão matemática" e o que era desejo moderado, torna-se paixão e fanatismo. A supraexcitação que se observa nestes casos é "em grande parte sua obra própria", mas também produto de um reflexo mútuo, de uma cooptação, de um trabalho co-executivo — entre indivíduo e coletividade. [257]

---

255 O artigo original foi publicado em: TARDE, Gabriel. Foules et sectes au point de vue criminel. *Revue des Deux Mondes*, Paris, n. 120, pp. 349-387, 1893. Posteriormente foi inserido na obra ____. *Essais et mélanges sociologiques*. Paris: A. Maloine Éditeur, 1895, pp. 1-59; finalmente foi publicado em: ____. *L'opinion et la foule*. Paris: Félix Alcan, 1901, pp. 157-226. Aqui utilizamos a seguinte versão: ____. "As multidões e as seitas criminosas". In: ____. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p 141-199.

256 *Ibidem*, p. 153.

257 *Ibidem*, pp. 143 a 147.

Um público de teatro, diria Tarde, só pode ser interpretado como uma associação de indivíduos no momento do aplauso, porque acompanha e repercute "o impulso de um aplauso inicial". Há, segundo ele, um ponto de origem e um meio de propagação. Em resumo:

> Pode-se afirmar que todas as formas de associação humana distinguem-se: a) pela maneira como um pensamento ou uma vontade entre mil irá tornar-se dirigente, pelas condições da concorrência de pensamentos e vontades de que sairá vitoriosa b) pela maior ou menor facilidade que nela é oferecida à propagação do pensamento, da vontade dirigente. [258]

O papel do condutor das massas é algo imprescindível para Tarde. A multidão quando em marcha, mesmo em desordem e confusão, deve sua existência à iniciativa de um indivíduo. Indispensável, portanto, é a diferenciação entre condutor e conduzidos, entre comandante e comandados, ou, como se diz em francês, entre *meneurs* e os *menés*. A partir do momento em que um conjunto de homens se põe a vibrar numa mesma comoção, é possível

> "(...) afirmar que um inspirador ou um líder qualquer, um grupo de lideres ou inspiradores, entre os quais um só é o fermento ativo, insuflou-lhe a alma, subitamente aumentada, deformada, monstruosa, e perante à qual ele

258 *Ibidem*, p. 152.

> próprio é às vezes o primeiro a surpreender-se, o primeiro a assustar-se". [259]

Certa vez, conta Tarde, um médico lhe recomendou um tratamento de inalação em um estabelecimento em Mont-Dore, França. Neste, reunidos ao acaso, trezentos ou quatrocentos homens amontoados em um espaço estreito se submetiam à terapia com vapores de agua a 40º. Tradicionalmente os pacientes giravam ao redor da caldeira central acompanhando os ponteiros do relógio. Em poucas oportunidades, no início das sessões, Tarde afirma ter girado no sentido contrário, numa tentativa frustrada de criar uma contracorrente. Em virtude de um instinto de sociabilidade que atuava em conjunto com um "instinto de imitação que nos acompanha por toda parte", seu experimento fracassou, tendo os pacientes seguido fielmente o impulso original recebido anteriormente. Conclui então:

> Pois, se um ato insignificante, tão pouco capaz de comover o espirito ou o coração como o do primeiro banhista que teve a ideia de girar nesse sentido, foi a tal ponto sugestivo e desenvolveu uma tendência coletiva tão enraizada, qual deve ser então a potencia contagiosa de paixões suscitadas nas massas por um líder que lhes insufla a ideia de assassínio, pilhagem e incêndio ou lhes promete mundo e fundos. [260]

259 *Ibidem*, p. 151.
260 *Ibidem*, p. 168.

É preciso, portanto, levar em conta os caracteres individuais, evidenciar o papel de um sujeito habilidoso como orientador das massas. Quando este não se faz presente, a multidão, segundo Tarde, em texto de 1898, não se forma:

> A multidão é o grupo social do passado; depois da família é o mais antigo de todos os grupos sociais. Ela é incapaz, sob todas as suas formas, de pé ou sentada, imóvel ou em marcha, de estender-se além de um pequeno raio; quando seus líderes cessam de tê-la *in manu*, quando ela deixa de ouvir a voz deles, a multidão desaparece. [261]

O líder é alguém com persuasão e capaz de deixar "un popolo in catalessi!", como afirmou Sighele, para quem os agrupamentos humanos têm a tendência a "imitare la grande armonia dell'universo", que se reflete na "unione di sistemi planetari in cui un infinito numero d'astri minori girano attorno a dei soli". [262] Sighele afirma que esta forma de sugestão

> (...) non è própria soltanto del mondo dei delinquenti : essa si verifica, s'intende in modi e con effetti diversi, ma per la identica ragione, anche nel mondo degli onesti e nelle forme

261 TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 13.

262 "União do sistema planetário em que um número infinito de planetas menores gira em torno do sol" In: SIGHELE, Scipio. *Op. Cit*, p. 4.

> non criminose di degenerazione quali il suicidio e la pazzia. [263]

Não importa se o sujeito é honesto, criminoso, suicida ou louco (pazzo), o caráter sugestivo é o que possibilita o primeiro passo para a associação entre duas pessoas e depois a ampliação desse fenômeno para grupos de pequeno, médio e grande porte. Sighele concentra seus esforços em explicar, de forma detalhada, o poder da *sugestão*, que para ele é um axioma do processo de associação entre dois indivíduos: "Per noi è un assioma che l'associazione fra due individui — in qualunque campo essa si manifesti — è dovuta al fenomeno della sugestione". [264]

Pensamos que em Sighele a palavra "sugerir" tem por significado "inspirar" ou, em muitos casos, "impor" a outras pessoas predispostas certos hábitos, expressões, posturas e até pensamentos. Tal efeito não levaria um indivíduo "inconsciamente imitate dall'altro?", pergunta o autor. [265] Por certo que sim, responde. Sugestão e imitação resumem em si essa característica peculiar de reprodução de um padrão de comportamento ou de um bloco de ideias vigorosas e persistentes. Devemo-nos perguntar então que sugestão e que imitação são essas, como foram instrumentalizadas por

263 "(...) não é própria apenas do mundo dos delinquentes: essa se verifica, naturalmente de modos e efeitos diversos, mas pela mesma razão, também no mundo dos honestos e na forma não criminosa de degeneração tais como a suicida e a louca". In: SIGHELE, Scipio. *Op. Cit*., p. 17.

264 "Para nós, é um axioma que a associação entre dois indivíduos - em qualquer campo que ela ocorra - é devido ao fenômeno da sugestão" In: *Ibidem*, p. 80.

265 *Ibidem*, p. 22.

Tarde e Sighele e, por fim, como Nina Rodrigues se apropriou de tais categorias através destes autores.

Para tal empreitada é importante compreender a tradição interpretativa formada ao redor desses termos, o modo como foram alterados semanticamente, a partir de reflexões teóricas ou com base em sua aplicação a casos concretos, enfim, seus usos e abusos. Margareth Pelling, historiadora da saúde, já dizia que os historiadores usualmente demonstram certa incapacidade "to distinguish between the new version of the concept, and the old". [266] Pelling expõe nada menos do que uma preocupação concernente à História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*), segundo a qual é preciso evitar a naturalização de um significado, como se a essência metafísica das ideias que lhe foram agregadas em um dado momento permanecesse imutável e perene. [267]

O contrário é que é verdadeiro, segundo Reinhart Koselleck. É preciso estar atento, entre outras coisas, para o significado das intenções contemporâneas por trás das análises, o caminho da recepção de determinados vocábulos pelos intérpretes de gerações distintas, quando surgiram ou caíram em desuso, quando formaram, enfim, um vocabulário. [268] Nessa perspectiva de análise:

---

266 PELLING, Margareth. "Contagion/germ theory/specificity". In: BYNUM, W. F. e PORTER, Roy (Orgs.). *Companion Encyclopedia of the History of Medicine*. London and New York: Routledge, 1997, p. 310.

267 FERES JUNIOR, João. For a critical conceptual history of Brazil: Receiving Begriffsgeschichte. *Contributions to the History of Concepts*, v. 1, n. 2, 2005, pp. 185-200.

268 KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.10, 1992, pp. 134-146.

> (...) a compreensão das alterações, dos desvios, das ocultações, etc., conscientes ou não, mas articulados na linguagem, é um caminho historiográfico privilegiado para apreender com maior precisão os significados próprios e as funções normativas de um conceito contemporâneo. [269]

Com isso em mente, devemos atentar, de forma muito sucinta, para o fato de que a sugestionabilidade já havia sido objeto de reflexão, indireta e não sistematizada, pelo menos desde o final do século XVIII. Aqui a primazia coube ao médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815) autor da teoria do *magnetismo animal.* [270] Concebida como *mesmerismo*, em essência, propunha a existência de um "fluido" magnético que percorreria todo o corpo humano. Explica Daniela Barberis que Mesmer dizia ser capaz de manipular este fluido, como uma corrente elétrica, para fins terapêuticos. Acreditava em poder suscitar crises e curá-las, uma prova de que o tal fluido mantinha uma conexão entre ele e o paciente, ou seja, entre duas pessoas, uma dupla. [271]

O papel do magnetizador é, no mesmerismo, algo central e foi assim que o médico e aristocrata francês Aman-

---

269 JASMIN, Marcelo Gantus. "História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares". Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, n. 57, 2005, pp. 27-38.

270 *Cf.* MESMER, Franz Anton. *Mémoire sur la découverte du magnétisme animal.* Paris: chez P. Fr. Didot le jeune, 1779; ____. *Mémoire de F. A. Mesmer, docteur en Médecine, sur ses découvertes.* Paris: Chez Fuchs, 1798-99.

271 BARBERIS, Daniela Silvia. *Op. Cit*., pp. 46 e 50.

d-Marie-Jacques de Chastenet, o marquês de Puységur (1751-1805), discípulo de Mesmer, entendia também esta proposta terapêutica. Mas ao magnetizar seus doentes, Puységur descobriu um novo estado de consciência, para além das convulsões usuais, o estado de sono. Quando sonâmbulo, o enfermo estaria plenamente ciente de sua doença e seria possível induzir, por parte do médico, um tratamento mais eficaz.

O par magnetizador-sonâmbulo reflete um tipo de relação baseada na sugestão e na imitação, e que será praticada nos "gabinetes magnéticos", procurados pela população francesa e alemã. É também um indicativo de que uma ideia, uma imagem, uma sensação, um movimento, enfim, são capazes de circular entre duas pessoas, sendo uma a indutora e a outra a receptora.

Controversa, a cultura *magnético-sonambúlica* só será contestada como prática terapêutica na década de 1840 pelo médico e cirurgião escocês James Braid (1795-1860), personagem-tema de Lindsay Yeates, em tese de doutorado recentemente defendida. [272] Ao repetir as experiências mesmericas, Braid obteve resultados muito semelhantes, mas não comprovou a existência do fluido magnético. Propôs, por outro lado, um fato de ordem mecânica, alcançado pelas *suggestions*, baseado unicamente na fisiologia do cérebro e que ele denominará de *Hipnotismo*. [273]

---

272 YEATES, Lindsay Bertram. *James Braid: Surgeon, Gentleman Scientist, and Hypnotist*. 829f. Thesis (Doctorate in Philosophy). Faculty of Arts & Social Sciences, University of New South Wales, Sydney, Australia, 2013.

273 Yeates aponta para o detalhe importante de que Braid utilizou

As *suggestions* foi um termo introduzido na literatura psicológica especializada por Braid, um dos primeiros a estabelecer "the systematic regularities between the incremental 'suggestive' activities of the operator and the consequent effects manifested by the subject". [274] O *braidismo* fará largo uso da sugestão não como sinônimo de hipnotismo, mas como um artifício conveniente para alcançá-lo. [275]

A prática do hipnotismo nesses moldes também será incentivada pelos médicos franceses Hippolyte Bernheim (1840-1919) e Auguste-Ambroise Liébeault (1823-1904), cabeças-chave da *Escola de Nancy*. Bernheim e Liébeault trataram a hipnose como um estado de sono profundo, induzido pela sugestão, com fins terapêuticos. Se por um lado reconheceram o caráter fisiológico do processo, não renegaram os laços, ainda que tênues, com o magnetismo animista (do qual se diziam sucessores).

Acusados de charlatanismo pela *Escola de Salpêtrière*, os médicos de Nancy assistiram ao neurologista francês Jean-Martin Charcot (1825-1893) e seus discípulos apresentarem outra explicação para hipnose. Estes tiveram sucesso em hipnotizar pacientes histéricas e sugerir algum tipo de comunicação a estas, principalmente por movimentos corporais. O "grande hipnotismo" aqui é diretamente vincula-

---

o termo "hipnotismo" (com o sufixo "ismo") para falar da condição hipnótica de outrem e que o termo "hipnose" (com o sufixo "ose") denotando doença, infecção ou desordem, surgiu apenas com os trabalhos da Escola de Nancy, na segunda metade do XIX. In: YEATES, Lindsay Bertram. *Op. Cit*.

274 *Ibidem*, p. 363.

275 *Ibidem*, p. 346.

do à histeria e tomado, nesta dupla-face, como um verdadeiro paradigma.

Delineia-se uma histórica disputa entre Salpêtrière e Nancy — a primeira assegurando que a hipnose só era viável em indivíduos predispostos e a segunda o contrário: qualquer pessoa, independente de predisposições neuropatas próprias, poderia ser hipnotizada. Ambas as escolas estão ensaiando experimentos, distanciando-se da psicologia metafísica, da pura observação introspectiva e magnificando fenômenos para poder estudá-los:

> Though Bemheim and the Nancy School performed counter-experiments which undermined the findings of the Paris School, they were nonetheless indebted to the 'experimentalist' project. They aspired to found not an experimental individual psychology, but an experimental social psychology — as it would later become. Their object was to test and vary powers of suggestion, which in their case too were to be artificially enhanced by the hypnotic state. [276]

276 "Embora Bemheim e a Escola Nancy tenham realizado contra-experimentos que minaram as conclusões da Escola de Paris, estavam, no entanto, em débito com o projeto "experimentalista". Aspiravam a encontrar não uma psicologia experimental individual, mas uma psicologia social experimental — como viria a se tornar. Seu objetivo era testar e diversificar os poderes da sugestão, que no caso deles também eram artificialmente alcançados pelo estado hipnótico". In: CARROY, Jacqueline e PLAS, Régine. The origins of French experimental psychology: experiment and experimentalism. *History of the Human Sciences*, Londres, Sage (London, Thousand Oaks and New Delhi), v. 9, n. 1, 1996, p. 79.

Com esse panorama em perspectiva, voltamos a Sighele que afirmara que a *teoria sugestiva-imitativa* seria capaz de explicar os casos de associação entre pessoas normais, criminosos e suicidas. No que diz respeito aos alienados, Sighele não considera viável a associação entre eles. A sua particularidade é esta, ou seja, enquanto "pazzo" ele vive para si, em seu triste sonho cotidiano e não é susceptível de constituir uma relação duradoura com outros doentes.

Porém, quando em contato com um indivíduo são, se estabelece a chamada *Loucura a Dois*, o embrião dos grandes ajuntamentos, uma manifestação social analisada por diversos autores, entre eles o alienista francês Henri Legrand du Saulle (1830-1886), citado por Sighele. [277] O indivíduo sugestionável, considerado ingênuo e geralmente destituído de inteligência, recebe impulsos e ideias desordenadas e confusas, passa a imitá-las continuadamente, sendo arrastado para a loucura de seu companheiro. Notemos aqui os ecos de Nancy, para a qual o hipnotismo, através da sugestão, poderia ser aplicado a qualquer pessoa, fosse ela sã ou não, o que explicaria a abrangência dos fenômenos, sua expansão por uma população.

A loucura compartilhada entre duas pessoas — os estudos de caso de du Salle o confirmariam —, não apresentam apenas, como poderia se supor, a coexistência de duas ilusões paralelas, mas semelhantes. Representam, antes, uma única empresa real, com objetivos claros e determinados. Cria-se uma intricada relação entre dominante e dominado.

277 DU SAULLE, Legrand. *Le delire des persc'cutions*. Paris: Délahaye, 1873 *Apud* SIGHELE, Scipio. *Op. Cit*, pp. 29, 30 e 31.

A obediência de um ao outro não se dá por puro capricho, mas consiste, segundo Sighele, no misterioso fascínio pelo qual o sugestionado "manca del coraggio di ribellarsi, e la sua paura diventa rispetto, il suo odio si tramuta in amore". [278]

Sendo assim, o fenômeno da sugestão, seguido pelo fenômeno da imitação, com graus diversos de intensidade, se manifestariam nas quatro principais formas analisadas por Sighele: a *coppia sana*, *a coppia criminale*, a *coppia suicida* e, finalmente, a que mais nos interessa, a *coppia pazza* (o par louco).

Para uma compreensão melhor desse processo, é preciso também, muito rapidamente, situar o conceito de imitação, tal como já o fizemos com o de sugestão. Pelling, já citada neste texto, chama a atenção para o fato de que é enganosa a ideia de que alguns conceitos sempre foram "purely medical". [279] Daí que filósofos, linguistas e literatos costumam apontar na Renascença a deflagração de uma nova e criativa fase da produção artística baseada na imitação ou *mimesis* (μιμησισ) proveniente do classicismo grego e romano. [280]

De uma forma geral, obras de artistas como Giovani Boccacio, Johannes Martini, Nicolas Poussin, Erasmo de Roterdã foram vivamente influenciadas pelo legado de homens como Cícero, Seneca, Quintiliano, entre outros da

278 *Ibidem*, p. 61.

279 PELLING, Margareth. *Op. Cit*., p. 310.

280 SULLIVAN, Dale L. Attitudes toward imitation: Classical culture and the modern temper. *Rhetoric Review*, 8:1, 1989, pp. 5-21; SALVADOR, Luc-Laurent. The mechanical and universal nature of imitation. In: *Workshop Agents in interaction - Acquiring competence through imitation.* Minneapolis/St. Paul, pp. 10-13, may 1998.

antiguidade. [281] Nos séculos XVII e XVIII o uso da *imitatio* moderna na arte visual e textual enfrentou debates em toda Europa. Seria possível imitar um clássico sem o copiar integralmente? Dever-se-ia imitar apenas um artista ou reunir elementos de vários deles? O plagiarismo, a apropriação indevida e o anacronismo, tornaram-se fantasmas a pairar sobre a "genialidade" do artista moderno. Se, para os mais críticos, a imitação igualava-se a uma "doença", na maioria das vezes também era também "an antidote to originality run wild". [282]

Já no século XIX, Gabriel Tarde assimilou a concepção geral de *imitation,* para explicar o mecanismo de propagação de algo novo e original pela sociedade dos homens. Importante, neste ponto, notar um corte fundamental: trata-se aqui da imitação não apenas como um recurso artístico ou literário, como até então era tratada, mas como uma lei ob-

281 PIGMAN III, George W. Versions of Imitation in the Renaissance. *Renaissance Quarterly*, v. 33, n. 1, Spring 1980, pp. 1-32; SMITH, Albert James. Theory and Practice in Renaissance Poetry: Two Kinds of Imitation. *Bulletin of the John Rylands Library*, n. 47, 1964, pp. 212-243; BROWN, Howard Mayer. Emulation, Competition, and Homage: Imitation and Theories of Imitation in the Renaissance. *Journal of the American Musicological Society*, v. 35, n. 1, Spring 1982, pp. 1-48.

282 LOH, Maria H. New and Improved: Repetition as Originality in Italian Baroque Practice and Theory. *Art Bulletin*, 86, n. 3, September 2004, pp. 477-504; DURO, Paul. The surest measure of perfection: approaches to imitation in seventeenth-century French art and theory. *Word & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*, v. 25, n. 4, 2009, pp. 363-383; NITCHIE, Elizabeth. Longinus and the Theory of Poetic Imitation in Seventeenth and Eighteenth Century England. *Studies in Philology*, v. 32, n. 4, October 1935, pp. 580-597.

servada como condição básica da interação humana. Não se trata, no entanto, de uma lei universal e onipresente, mas como ele classifica, uma "lei de contingência", imposta pelos atores que dela se utilizam e que para o sociólogo Tiago Seixas Themudo resume a forma como Tarde entendia o percurso de fluxos e tendências agregadoras em uma sociedade. [283]

Tarde torna-se o mais notório teórico deste que é um fenômeno regulador das iniciativas renovadoras e repetitivas. Estas ocorrem pelas mãos do homem, entendido enquanto "ser social", um "imitador por esencia". Tarde, no estudo clássico *As leis da imitação*, faz uma comparação destas com as leis da física e da biologia para reforçar a sua hipótese: "la imitación desempenã em las sociedades um papel análogo al de la herencia en los organismos ó al de la ondulación em los cuerpos brutos". [284] Caberia, então, a pergunta:

> Cuando lo homogéneo de que hablo, éter, protoplasma, masa popular igualada e nivelada, se diferencia para organizar-se, la fuerza que le obliga á salir de sí mismo, no es la misma causa, al menos si juzgamos por lo que ocorre em nuestras sociedades? [285]

283 THEMUDO, Tiago Seixas. *Gabriel tarde. Sociologia e subjetividade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002, pp. 57 e 58.

284 A edição original é a seguinte: TARDE, Gabriel. *Les lois de l'imitation*. Paris: Félix Alcan, 1890. Aqui utilizamos a versão: ____. *Las Leyes de la imitación: estudio sociológico.* Madrid: Editora Daniel Jorro, 1907, p. 32.

285 *Ibidem*, p. 98.

A homogeneidade só predomina quando uma coletividade se diferencia do resto da sociedade, tal como uma célula individual do resto de um corpo vivo ou um objeto físico em movimento. Mas para que a imitação ocorra é necessário entender como se dá o vínculo entre aquele que sugere e aquele que imita. Daí que Tarde muda de estratégia: "Aqui el sociologo debe ceder la palavra al psicólogo". [286] Isso o leva a resgatar os debates sobre como uma sugestão "de persona a persona" constitui a própria vida social. Seu entendimento é o de que a sugestão se encontra vinculada a um fenômeno "de los más misteriosos que nuestros alienistas filósofos estudian en la actualidad com apasionada curiosidade, sin llegar a compreenderlo: el sonambulismo".[287]

Em nota de pé de página, Tarde sabe que esta é uma expressão "pasada de moda", mas quando publicou seu estudo pela primeira vez, diz ele, "la palabra hipnotismo aún no había substituído por completo a de sonambulismo". Tendo dito, ele afirmará que o homem social é, por natureza, um sonâmbulo, um magnetizado (ou um hipnotizado). O "estado social" seria como uma forma de sonho, um sonho de mando e de ação. Ideias sugeridas e imitadas: "Tal es la ilusión del sonâmbulo y tambiém del hombre social". [288]

Tarde supõe que o sonâmbulo social impulsiona a imitação de seu "medium" até este último converter-se e magnetizar uma terceira pessoa que, por sua vez, o imitará e assim sucessivamente: "esta cascada de sucessivas y enca-

286 *Ibidem*, p. 100.
287 *Ibidem*, p. 102.
288 *Ibidem*, p. 102 e 103.

denadas magnetizaciones es la regla". [289] Interessa-nos particularmente a magnetização ou "electrización" de caráter "morboso" que, segundo Tarde, é "problema elemental y fundamental que la psicología sociológica (que comienza allí donde acaba la fisiológica) debe tratar de resolver". [290]

Para isso ele procura definir "la substancia" que o ato de imitar comporta. Essencialmente, trata-se de uma "ideia", um "querer", um "juízo" ou um "propósito", em que se expressa certa dose "de creencia y de deseo, que es, en efecto, toda el alma de las palavras de una lengua, de las oraciones de uma religión (...)". [291] Para Tarde, o desafio vai além da compreensão de como, por exemplo, uma palavra é sugerida de um indivíduo a outro, mas sim como o primeiro se fez entender:

> Si el oyente se hubiese limitado á repetir el sonido em cuestión como um papagayo, sin darle el sentido deseado, no se concibe como esta *ecolalia* superficial y mecánica habria podido conducirce á la inteligencia de la significación dada por um extranjero, y hacerle passar del *sonido* á la *palavra*". (...) Seguramente, la admisión de tal postulado no debe ser difícil á quien conoce los esfuerzos hipnóticos, los milagros de la sugestión, tan vulgarizados em estos últimos tiempos. [292]

289 *Ibidem*, p. 111.
290 *Ibidem*, p. 238.
291 *Ibidem*, p. 175.
292 *Ibidem*, pp. 238 e 239.

Os sentidos transmitidos pelas palavras, isto é, as crenças e os desejos são a matriz comportamental das duplas normais, criminosas, suicidas e loucas e suas associações progressivas que resultam nas multidões. As obras de Tarde e Sighele, quando tomadas em conjunto — como Nina Rodrigues o fez — propõem um modelo de análise conveniente, sobretudo no que toca a sugestão e a imitação. Foi com isto em mente que Nina escreveu seu trabalho inaugural sobre as multidões — *Abasia coreiforme epidêmica no norte do Brasil*, de 1890. [293] Nele o autor examina uma a epidemia coletiva de dança que ocorreu em Itapagipe, subúrbio de Salvador, em 1882.

293 O trabalho é apresentado por Nina pela primeira vez em um evento: RODRIGUES, Raimundo Nina. "Abasia coreiforme epidêmica no norte do Brasil". In: *3º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia*, Salvador, outubro de 1890. Depois, é reimpresso em duas edições de um mesmo periódico: _____. Abasia coreiforme epidêmica no norte do Brasil. *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, n. 42, 15 de novembro de 1890 e n. 43, 22 de novembro de 1890. Finalmente ressurge na coletânea de Arthur Ramos: _____. "Abasia coreiforme epidêmica no norte do Brasil". In: _____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. Aqui utilizamos a última versão, de 2006: ___. "Abasia coreiforme epidêmica no norte do Brasil". In: _____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, pp. 25-39.

A leitura aplicada de Nina Rodrigues

O primeiro registro que se tem conhecimento sobre a moléstia apareceu em outubro de 1882 na *Gazeta Médica da Bahia*. Era um pequeno texto sob o título *Uma moléstia singular* e que descrevia assim a enfermidade:

> As pessoas affectadas depois de caminharem naturalmente em apparencia por algum tempo, dobram de repente uma ou ambas as pernas, ou o tronco para um dos lados por alguns minutos, como se fossem cóxas, paralyticas, ou cambaleassem, continuando depois a marcha regular. (...)
> Não temos ainda informações exactas e minuciosas sobre esta epidemia de nova especie, que parece ir em progressivo desenvolvimento, mas esperamos obtel-as dos collegas que mais de perto a teem observado, bem como o juízo que tiverem formado ácerca da etiologia e da natureza da doença. [294]

Posteriormente em abril de 1883 é publicado no mesmo periódico o relatório de uma junta médica organizada pela Câmara Municipal de Salvador para averiguar o caso de uma multidão de histéricos que tomou as ruas do bairro. Sob o título de *Choreomania*, trazia informações preciosas sobre a doença nervosa que levava a uma disfunção moto-

294 *Gazeta Médica da Bahia*. Uma moléstia singular. Salvador, ano XIV, n. 4, outubro 1882.

ra chamada *Coreia*. De acordo com o documento a doença "transmite-se facilmente pelo que se chama contágio por imitação". [295]

Seis anos mais tarde, em 1889, o assunto seria abordado pelo médico sergipano José Dantas de Souza Leite (1859-1925), em obra intitulada Études *de pathologie nerveuse.* [296] Leite havia se formado em medicina na Bahia e também em Paris, fez seu internato nos Asiles d'Aliénés de la Seine, foi sócio da Médico-Psychollogical Society de Londres e terminou a carreira clinicando no Rio de Janeiro. [297] No capitulo V de Études..., intitulado *Réflexions à propos de certaines maladies nerveuses observées à Bahia (Brésil),* o autor traz a conhecimento duas pacientes suas que apresentaram sintomas semelhantes aos observados nos epidêmicos de Itapagipe.

Segundo relatos, o bairro foi subitamente tomado por uma multidão de pessoas dançando e remexendo em um ritmo desordenado, espasmódico, sem sequência e ordenamento. Souza Leite chegará à conclusão de que as suas duas pacientes eram remanescentes do evento que ficou conheci-

---

295 *Gazeta Médica da Bahia*. Choreomania. Parecer da comissão medica, nomeada pela camara municipal ácerca da moléstia que ultimamente appareceu em Itapagipe e que se tem propagado em toda a cidade. Salvador, ano XV, n. 10, abril 1883, p. 448.

296 LEITE, Souza. Études de pathologie nerveuse. Paris: G. Steinheil Éditeur, 1889.

297 SANTANA, Antônio Samaroni de *et al. Dicionário biográfico de médicos de Sergipe: séculos XIX e XX.* Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009; SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

do como a *Epidemia de Itapagipe*. A receptividade e a reprodução da afecção, em ambas, afirmam Leite, se dá pela

> (...) l'imitation, résultat préparé petit à petit par une suggestion inconsciente qui fut déterminée par le spectacle des contorsions de ses condisciples. La représentation des gestes et des mouvements devenait de plus en plus intense et impulsive parmi les faits de la mémoire de la malade jusqu'au jour où ils sont éclatés. [298]

Leite vê uma semelhança do que aconteceu na Bahia com outros casos registrados na Europa, no século XIX, tais como os histéricos de Friuli, Itália, de 1878 e os de Pledran, França, em 1881, descritos pelo médico Jean Marie Joseph Baratoux (1855-?). [299] Apoiado em Charcot e no fisiologista francês Paul Richer (1849-1933) que publicaram, em 1883, um dos primeiros estudos [300] sobre uma condição nervosa

---

298 "(...) imitação, resultado preparado gradualmente por uma sugestão inconsciente que foi determinada pelo espetáculo de contorcionismo de seus colegas. A representação dos gestos e dos movimentos tornou-se cada vez mais intensa e impulsiva a partir dos fatos da memória das pacientes até o dia em que foram separadas". In: LEITE, Souza. *Op. Cit*., p. 63.

299 *Cf.* BARATOUX, Jean Marie Joseph. Lettre écrite à M. Bourneville par le Dr Baratoux, au sujet de l'épidémie des possédées de Pledran (Bretagne). *Le Progrès medical. Journal de médicine, de chirurgie et de pharmacie*, Paris, 9º ante, n. 28, 9 jubile 1881.

300 *Cf.* CHARCOT, Jean-Martin e RICHER, Paul. Su di una forma speciale d`impotenza motrice degliorti inferiori per diffetto di coorinazioni. *La Medicina contemporânea - giornale periodico mensile di Scienza pratica medico-chirurgica*, n.1, 1883; BLOCQ,

chamada astasia-abasia (impossibilidade de ficar em pé e de andar), seu diagnóstico também foi este: "C`est dire que nous avons été en présence d'une petite épidémie d'abasie et d'astasie". [301] Leite afirmará que as Américas não estavam livres de casos do tipo: "(...) ces épidémies prennent déjà place dans la pathologie de quelques pays américains". [302]

Tanto para a junta dos médicos baianos, quanto para Souza Leite, a razão pela qual a moléstia mental alcançou dimensões epidêmicas tão desproporcionais permanecia um mistério. Na realidade não há, nos textos citados, nenhuma indagação maior neste sentido, nem uma preocupação em entender as causas que levaram à multiplicação dos casos. Nina Rodrigues, por outro lado, vai fundamentar o seu primeiro trabalho sobre as multidões justamente neste enigma.

Como ficará claro no item seguinte deste capítulo, o médico maranhense vai procurar entender as causas primárias que teriam levado dezenas de milhares de pessoas, sob a influência da sugestão e da imitação, a apresentarem os mesmos sintomas mórbidos. A *teoria sugestiva-imitativa* proposta por Tarde e Sighele é, portanto, uma construção discursiva importante para Nina. Este, entretanto, não a assimilou integralmente. O autor maranhense vai afirmar que a significação dada por Sighele e Tarde ao "par louco" sepa-

---

Paul Oscar. Sur une affection caracte´rise´e par de l'astasie et de l'abasie. *Archives de Neurologia*, Paris, 1888, n. 15, pp. 24-51 et 187-211.

301 LEITE, Souza. *Op. Cit*., p. 63.

302 *Ibidem*.

rado de "outras espécies de associações a dois tais como o par suicida, o par criminoso, etc., é por conseqüência inadmissível". [303] Não haveria uma multidão vesânica distinta e paralela às outras espécies de multidões. Pelo contrário: há apenas uma única "multidão vesânica de formas múltiplas, oposta à multidão normal".[304]

Para sermos mais fiéis ao pensamento de Nina, cabe dizer que para ele todas ou quase todas as espécies de multidão podem apresentar sintomas ora de normalidade, ora de insanidade. Então, se existe um par amoroso normal, a sua versão louca também é uma possibilidade; se há um par criminoso, a sua versão insana pode vir a emergir em algum momento; assim como há seitas religiosas e políticas normais, as loucas são uma realidade. Em resumo "a loucura não é mais do que o estado psicológico em que se pode encontrar uma espécie de multidão qualquer". [305]

Com efeito, Nina escreve que na nova fase em que entraram os estudos de psicologia coletiva, "fase começada por Scipio Sighele e tão brilhantemente desenvolvida por ele e outros autores, a parte concedida à influência da loucura foi muito inferior à que ela é na realidade". [306] A loucura é, assim, um elemento central para Nina, enquanto psicólogo social para se pensar a respeito das multidões.

---

303 RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 61.

304 *Ibidem*.

305 *Ibidem*.

306 *Ibidem*, p. 58.

Enquanto na operação lógica de Sighele as multidões se definem como tal, antes pelas "leis universais" da sugestão e da imitação, Nina Rodrigues, por seu turno, toma por base seu caráter patológico. A loucura em Sighele está em um plano inferior, não é a causa matriz do problema, antes uma manifestação secundária, quando muito. Dito de outra forma, o caráter doentio da multidão é antes uma consequência possível, mas não certa, do poder sugestivo-imitativo do que uma causa destes. [307] É mais um sintoma, separado dos outros, assim como o são o caráter normal, o suicida ou o criminoso. [308] Nina não é de todo avesso a essas ideias e re-

307 Sighele, em determinado ponto, parece contradizer o que Nina afirmou sobre ele, quando o primeiro diz que as seitas políticas e religiosas, dependendo da extensão e intensidade, poderiam sim chegar ao ponto de se converterem em verdadeiras "loucuras epidêmicas". Dos movimentos que precederam a revolução de Cristo, passando pelas demonomanias da Itália medieval, até a renascença alemã, haveria uma infinidade de "psicoses epidêmicas". Entretanto, ele volta a afirmar que, se bem examinadas, "são apenas, no fundo, a exageração patológica do fenômeno da sugestão, que é a lei universal do mundo social". In: SIGHELE, Scipione. *A multidão criminosa. Ensaio de psicologia coletiva.* Rio de Janeiro: organização Simões, 1954, p. 44 e 45 (Coleção livros de ontem e hoje).

308 É preciso notar que Sighele utiliza, em alguns trechos, termos como "delírios", "loucuras reais", "crimes loucos", "crimes de degenerados" para classificar algumas das cenas mais sangrentas da Revolução Francesa. Em outra passagem, Sighele coloca em cena, agora sim, os verdadeiros loucos e degenerados, saídos dos hospitais e asilos, libertados pelos revolucionários, que puderam "melhor entregar-se livremente ao seu delírio nas praças e nas ruas, do que na célula solitária". O louco, portanto, é retratado como mais um agente do pandemônio que a França vivia, entre tantos outros, tais como o criminoso ou o revolucionário. In: SIGHELE, Scipio. *Op. Cit.*, pp. 90, 96, 97.

conhece que o contágio mental por sugestão é um importante fator da constituição do estado de multidão e implica

> (...) não somente a preparação prévia pelas causas que podemos com Gustavo Le Bon, chamar distantes, mas ainda a excitação passional do momento por uma causa ocasional que pode ser qualquer uma das causas próximas deste autor. [309]

Porém, diz Nina, "se estes fatores podem explicar a constituição ordinária de um estado de multidão, não dão uma explicação satisfatória dos excessos, dos atos violentos e criminosos das multidões". [310] O próprio Sighele admite que a sugestão e a imitação são insuficientes para explicar as ações violentas. Recorrendo a autores como Mathieu Basbarte (1814-1889) e Hubert Lauvergne (1796-1859), ele incorpora a hipótese de existência de uma espécie de "disposição homicida primordial" que encontra na tendência imitativa uma poderosa auxiliar. [311] Nina Rodrigues leu atentamente Tarde e Sighele, o que o levou a contestar a habilidade do último em formular suas hipóteses. Dizendo ser

> (...) incompleta a explicação que Sighele pretendeu dar das condições psicológicas das

309 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 64.

310 *Ibidem*.

311 BARBASTE, Matheus. *De l'homicide et de l'anthropophagie*. Montpellier: Jean Martel Aîné, 1856, p. 97 e LAUVERGNE, Hubert. *Les Forçats: Considéré Sous le Rapport Physiologique, Morale et Intellectuel, Obsevés Au Bagne de Toulon*. Paris: Baillière, 1841, p. 206 *Apud* SIGHELE, Scipio. *Op. Cit*., pp. 55 e 56.

> multidões, no momento em que cometem atos acompanhados de violências, porque omitiu a intervenção da loucura em sua execução. [312]

Como bem lembra Dominique Cochart, Sighele e Tarde possuíam uma visão semelhante:

> Pode-se resumir as ações das multidões da seguinte maneira: extorsões, ações maléficas, revoltas, pilhagens e incêndios (...) Para Tarde (1895), as multidões são responsáveis pelas renúncias coletivas, pelos assassinatos e pilhagens executados por bandos armados, pelos incêndios revolucionários, pelas setembradas, pelo São Bartolomeu, pelas epidemias de venalidade (...) Para Sighele (1892), uma multidão "chega ao ponto extremo do massacre e do assassinato, às atrocidades inomináveis". [313]

Para Nina, entretanto, a onipresença do mal, dos sentimentos pueris, das energias nefastas e insolentes, não era suficiente para esclarecer o comportamento das massas. Havia, de fato, a sugestão de um indivíduo interessado, a imitação daqueles que o acompanham, o contágio pelas emoções exacerbadas e a inevitável cólera ordinária, mas Sighele

312 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 65.

313 COCHART, Dominique. As multidões e a Comuna: Análise dos Primeiros Escritos sobre Psicologia das Multidões. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, n. 20, mar.-ago. 1991, p. 122.

> (...) deteve-se, porém, aí. Não pensou mesmo em pesquisar se este estado de furor é um estado anormal simples, ou, ao contrário, um verdadeiro estado patológico; não se preocupou absolutamente com suas conseqüências do ponto de vista da responsabilidade jurídica das multidões. [314]

O que norteia Sighele e Tarde, o eixo de suas explicações, o elemento que transpassa todas as suas análises é o caráter sugestivo-imitativo, ou melhor, como o primeiro elucida "a teoria da *imitação-sugestão*" desenvolvida. Este sim é o componente comum a todos os tipos identificados por Sighele: "Este desenvolvimento paralelo do fenômeno da sugestão — de uma para uma, de uma para várias, de uma para um grande número de pessoas — que vimos na loucura, verifica-se também no suicídio e no crime". [315]

Nina Rodrigues reage e diz que "por mais justa, porém, que sejam, estas observações não impelem Sighele a pesquisar a determinação do papel da loucura nos atos da multidão". [316] E conclui:

> Não são mais do que pontos de reparo próprios a facilitar o estudo da composição das multidões, e que, segundo o autor, tendem a demonstrar ser o fator antropológico, bom ou mau, que explica porque certas multidões são violentas e criminosas, enquanto outras são susceptíveis das maiores abnegações. [317]

---

314 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 66.
315 SIGHELE, Scipio. *Op. Cit*., p. 48.
316 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 67.
317 *Ibidem*.

No individuo, discorre Nina, "as fronteiras da loucura são facilmente transpostas pela violência das paixões e das emoções" e nos atos praticados pela multidão, "descobre-se também uma influência decididamente patológica". [318] Tal foi o caso do arraial de Canudos, na Bahia, liderado por Antônio Conselheiro no período de 1893 a 1897; assim como do povoamento de Pedra Bonita, em Pernambuco, criado pela dupla de beatos João Santos e João Ferreira, entre 1836-1838; da epidemia de Coreomania em Itapagipe, Salvador, em 1882, lembrada pelas suas danças convulsivas; e, por fim, do histerismo de Taubaté, São Paulo, e suas sessões de espiritismo registradas em 1885 — todos estes eventos analisados e descritos por Nina Rodrigues.

A partir de leituras variadas, o médico maranhense estabeleceu alguns padrões de comportamento similares dessas coletividades. Ele cita, de partida, a obra clássica *La folie à deux ou folie comunique*, dos psiquiatras franceses Ernest-Charles Lasègue (1816-1883) e Jules Philippe Joseph Falret (1824-1902). [319] O estudo — assim como o trabalho de Legrand du Saulle, já citado por nós — descreve a chamada *loucura a dois*, a forma "embrionária por excelência das manifestações em massa", um tipo de empreendimento conjunto simples, típico, exemplar, arquétipo e, portanto, de fácil demonstração. [320] Na parceria entre dois indivíduos

318 *Ibidem*, p. 58.

319 LASÈGUE, Charles e FALRET, Jules. La folie à deux ou folie comunique. *Archives générales de medicine*, septembre, 1877 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 59.

320 *Ibidem*, p. 111.

que partilham a mesma moléstia mental, se encontrava o primeiro grau de um fenômeno progressivo cujo resultado, respeitados certos condicionantes, é a loucura coletiva. [321]

Ao contrário de Tarde e Sighele, Nina informa que havia a suspeita de que a associação entre alienados era uma realidade, sobretudo entre indivíduos atingidos pela *paranoia persecutória* ou *religiosa* que "chegam a exercer sua influência sugestiva em outros alienados, induzindo-os a empreendimentos comuns". [322] À época, ainda segundo Nina, havia provas de que "a loucura é capaz de se comunicar, não somente de alienado a são, mas também de alienado a alienado". Esta última forma de associação, embora rara, foi observada pelo psiquiatra francês Evariste Jean Bruno Marandon de Montyel (1851-1908) — citado por Nina —, e por outros especialistas de renome da área da psicologia na América do Norte, na Inglaterra e na Alemanha. [323]

O que mais interessava a Nina, no entanto, era a possibilidade de os loucos se associarem com pessoas consideradas sãs. Para ele, a confirmação deste prognóstico poderia solucionar, quem sabe, algumas das principais questões que envolviam multidões em manifestações psicopatológicas públicas e/ou reuniões reservadas, como sessões de espiri-

321 Pereira, Mário Eduardo Costa. A loucura como fenômeno transindividual: sobre a *folie-a-deux*, segundo Lasègue e Falret. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano IX, n. 4, dez. 2006, pp. 709-713.

322 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 60.

323 MONTYEL, Evariste Jean Bruno Marandon de. Contribution à l'étude de la folie à deux. *Annales Médico-Psychologiques,* janvier 1880, p. 482 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 60.

tismo e candomblé. Poderia esclarecer o fenômeno de disseminação de um delírio, de uma alucinação, de um devaneio entre uma população sugestionável, fraca, receptiva.

Uma pessoa, no controle de suas faculdades mentais, porém sujeita ao contágio através de um parceiro louco, denunciaria uma situação deste tipo, ou seja, uma situação de loucura imposta. Neste caso específico, portanto, Nina sustenta a tese "largamente desenvolvida" de que os súcubos, isto é, os receptores passivos, ao contrário dos íncubos, os indutores ativos, "não são verdadeiros alienados" — pois parecem não haver "transposto os limites da loucura", ainda que não apresentem um estado mental inteiramente normal para os padrões da época. As duas principais formas de loucura a dois que abordamos até o momento — entre alienados e entre alienado e são —, inserem-se, assim, no seguinte quadro, elaborado por Nina:

> 1º Entre dois indivíduos sãos e normais; é a *coppia sana*, o par são de Sighele;
> 2º Entre dois indivíduos sãos, porém anormais; é o par criminoso, o par suicida, etc.;
> 3º Entre o alienado que tem aparências de razão e o indivíduo são, mas de inteligência limitada, que se torna apenas um convencido;
> 4º Entre o indivíduo alienado e o indivíduo são, mas predisposto e que se torna alienado;
> 5º Enfim, entre dois alienados. [324]

Cabe salientar, entretanto, que a loucura a dois pode, mas não leva, necessariamente, à loucura de massas. O caso

324 *Ibidem*, p. 74.

do regicida Marcelino Bispo é ilustrativo neste quesito. Homem de "inteligência acanhada", instrução "rudimentar", de uma "afetividade mórbida que lhe abria o coração a todas as sugestões em que entrasse uma solicitação de aparência generosa aos seus ideais confusos de grandeza pátria (...)", Marcelino foi executor da tentativa de assassinato do presidente Prudente de Morais (1841-1902) em 5 de novembro de 1897 que acabou vitimando o então ministro da Guerra Carlos Machado Bittencourt (1840-1897). [325]

Segundo Nina, o plano foi arquitetado, na verdade, por Diocleciano Mártir, individuo "irrequieto e astuto", florianista radical, o verdadeiro íncubo das ideias que terminariam por converter Marcelino em seu "prisioneiro moral", instrumento perigoso de ação política. Marcelino não era o "regicida" espontâneo que se costumava encontrar na literatura especializada, mas sim "um regicida por sugestão, recebida numa associação de crime a dois". [326] Vítima de um delírio místico efêmero e transitório, foi um súcubo induzido que tão logo se extinguiu o impulso de momento, tomou-lhe o coração de arrependimento, suicidando-se.

Dito isto, Nina afirma que imediatamente após a loucura a dois estão os casos de *contágio doméstico ou familiar*,

---

325 O texto referente ao caso aparece pela primeira vez como RODRIGUES, Raimundo Nina. O Regicida Marcelino Bispo. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 5º ano, T. 17, 1899 e depois é incluído na coletânea: _____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. Aqui utilizamos a versão desta última obra de 2006: _____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 111-116.

326 *Ibidem*, p. 118.

onde um delírio pode alcançar mais de cinco pessoas. Segundo os critérios de Lasegue e Falret, há descrições de casos classificados como *folie à trois*, *à quatre* e *folie en famille*. No entanto, Nina observa que dependendo do tamanho do grupo, já seria possível atestar uma situação "endêmica", mas que conservaria, ainda, as características principais da loucura a dois "pois que a natureza da herança mental leva a crer tratar-se de indivíduos atingidos da mesma predisposição mórbida". [327]

A partir daí, há um estágio superior a este, mais complexo, que envolve situações epidêmicas de "pequena escala". É o que representa, segundo Nina

> (...) as pequenas epidemias que explodem nas corporações religiosas, nos claustros, onde a aparente lucidez das pessoas atingidas pelo contágio alterna com francas manifestações de histeria, o que põe fora de dúvida a natureza mórbida dos acidentes. As condições de meio, a vida em comum, onde o espírito místico é continuamente alimentado pelas práticas religiosas de todos os dias, desenvolvem aqui, no mais alto grau, as predisposições nervosas dos reclusos, representando a neurose, assim preparada, os laços que no contágio doméstico eram representados por uma herança vesânica similar. [328]

Desses surtos menores em "claustros", "corporações" e "congregações" religiosas ou não, há como que um salto

327 *Ibidem*, p. 76.
328 *Ibidem*, p. 76.

para as grandes epidemias de loucura que comportariam, por sua vez, um volume muito superior de pessoas envolvidas. Note que no quadro montado até o momento, a partir do delírio a dois há o estabelecimento de um vínculo entre uma dupla e, a partir daí, a progressão para um contágio doméstico ou familiar. Com a existência de um meio fértil em práticas religiosas e misticismo descontrolado, observa-se a ocorrência de epidemias localizadas. Os grandes fenômenos de massa são o resultado da gradual evolução desses surtos circunscritos, dado que estes últimos "pela sua composição reproduzem rigorosamente as grandes loucuras coletivas". [329]

Porém, condição necessária para a explosão destas últimas é a conformação do *Estado de Multidão,* termo sugerido por Nina a partir da obra do psicólogo e sociólogo francês Gustave Le Bon (1841-1931). Com Le Bon a palavra *multidão* adquiriu significação particular nos novos estudos de psicologia coletiva, uma área do conhecimento impactada pelo enorme alcance de seus trabalhos. O autor alertava seus leitores para o perigo da anarquia das massas durante a Terceira República na França (1870-1940). Socialistas, sindicalistas, trabalhistas, sufragistas, entre outros, foram às ruas por suas reivindicações e Le Bon foi, de certa forma, a voz contrariada das elites políticas. Segundo Cochart:

> (...) apesar das diferenças, Tarde, Sighele e Le Bon chegam ao social pelo ângulo dos fenômenos coletivos, ou seja, através do comportamento das multidões; e os três concordam quanto ao perigo das multidões que ameaçam

329 *Ibidem*, p. 77.

> mesmo a própria sociedade. Le Bon (1895) é o mais alarmista: "as multidões tendem a destruir por completo a sociedade (...) seu único poder é a destruição; seu domínio representa uma fase de desordem [330]

Antes da celebridade, Le Bon foi um escritor autodidata e publicou textos de divulgação sobre os mais variados assuntos como política, história e etnografia. Filho de um meio conservador tornou-se médico em Paris e articulou suas perspectivas, consideradas antidemocráticas, com uma percepção pessimista da natureza humana. Isso se traduziu na importância que ele deu ao papel da raça no desenvolvimento da nação e suas fragilidades transmitidas hereditariamente. As teorias que criou possuíam, de um lado, o temor político dos números e de outro, o temor do possível império das raças inferiores que poderia vingar, por exemplo, nas colônias francesas, caso não fosse impedido o cruzamento entre europeus "puros" e nativos "inferiores". [331]

Neste ponto de nosso texto, nos importa em mostrar como a multidão, com Le Bon, tornou-se, fundamentalmente, um termo genérico para identificar agrupamentos humanos homogêneos e heterogêneos. Segundo este autor a multidão existe quando

---

330 COCHART, Dominique. *Op. Cit*., p. 115.

331 BARROWS, Susanna. *Distorting Mirrors: Visions of the Crowd in Late Nineteenth Century France*. New Haven: Yale University Press, 1981; BENOÎT, Marpeau. *Gustave Le Bon. Parcours d´unn intellectuel*, Paris, CNRS, 2000; CARROY, Jacqueline, OHAYON, Annick e PLAS, Régine. *Histoire de la psychologie en France. XIXe-XXe siècles.* Paris, La Découverte, 2006.

> Forma-se uma alma coletiva, transitória sem dúvida, mas que apresenta caracteres muito nítidos. A coletividade tornou-se, então, aquilo a que na falta de uma expressão melhor chamarei uma multidão organizada ou, se preferir, uma multidão psicológica. [332]

À semelhança de um corpo vivo, a turba psicológica é, para Le Bon, uma entidade composta de células distintas, de elementos heterogêneos que se unem em algum momento histórico específico criando um ente novo que "manifesta caracteres mui diferentes daqueles que cada uma dessas células possui". [333] Não se trata, portanto de uma simples reunião de pessoas ao acaso, sem rumo ou direção.

Segundo Le Bon, é possível distinguir as causas que determinam o aparecimento de caracteres que distinguem um corpo coletivo enquanto "multidão". Há, primeiramente, a força dos instintos que seriam naturalmente refreados caso o indivíduo se encontrasse isolado; em segundo lugar, o poder do "contágio mental", um fenômeno de ordem "hipnótica", que atinge todos os agrupados em um coletivo; e, por fim, o caráter de "sugestionabilidade" que, na verdade, para Le Bon, é um efeito do contágio e faz com que uma pessoa responda apenas a um operador, cometendo atos contrários ao seu caráter e aos seus hábitos corriqueiros. [334]

---

332 LE BON, Gustavo. *Psicologia das Multidões.* Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1954, p. 4.

333 *Ibidem*, p. 7.

334 Vemos aqui os ecos do braidismo, ainda interpretado de forma diversa: não é a sugestão que leva à hipnose, mas sim o fenômeno hipnótico, alcançada pelo contágio mental, que desencadearia a sugestionabilidade. LE BON, Gustavo. *Op. Cit*., p. 10.

Entre os seres sugestionados, uma determinada ideia ou imagem tende a transformar-se em ato de "verdade". Neste caso, desaparece por completo a diferenciação entre subjetivo e objetivo, o inverossímil torna-se plausível e ocorre algo como uma cristalização, uma fixação, que ao invadir o campo do entendimento "paralisa todas as faculdades criticas". Sob os argumentos de um orador de prestígio, as afirmações violentas e os sentimentos excessivos apresentam-se sob a forma de uma imagem poderosa e nítida ou "acompanhada apenas de alguns fatos maravilhosos: uma grande vitória, um grande milagre, um grande crime, uma grande esperança". [335]

É, aliás, eventos como esses que concorrem para o "poder misterioso denominado prestígio" de personagens-chave em fenômenos coletivos. O prestigio é o elemento mais poderoso da dominação que para Le Bon pode suscitar sentimentos inexplicáveis que variam da admiração ao temor e pertencem à "mesma ordem que a sugestão sofrida por um indivíduo magnetizado". [336]

Esses agitadores das massas, segundo Le Bon, contam com três processos de convencimento: a afirmação, a repetição e o contágio. Devidamente incutida no seio da multidão através de afirmações, uma ideia suficientemente repetida, adquiri um caráter contagioso "tão intenso quanto o dos micróbios". Le Bon afirma que a imitação "à qual se atribui tanta influência nos fenômenos sociais, é na realidade um simples efeito do contágio". Este sim é capaz de impor opiniões e maneiras de sentir. [337]

335 *Ibidem*, pp. 19, 20, 24, 29 e 46.
336 *Ibidem*, p. 104.
337 *Ibidem*, pp. 98, 99, 100, 101 e 102.

Nina Rodrigues, leitor de Le Bon, constrói sua concepção de multidão a partir destas ideias precedentes:

> A multidão é, sobretudo, uma associação psicológica. É na aquisição de uma individualidade psíquica própria, diferente da constituição mental de cada uma das partes componentes, que reside a característica da multidão. Nela desaparecem as diferenças, as desigualdades, as individualidades, para a formação de uma unidade psicológica onde domina o caráter inconstante e impulsivo dos primitivos. [338]

Para Nina, foi em referência a um estado mental agudo das coletividades que se estabeleceu o uso do termo multidão, e que "se poderia chamar de preferência *estado de multidão*". Esta condição especial, única, que Nina utilizará com frequência em seus textos devia manifestar-se corriqueiramente nos povos primitivos e atrasados, caracterizada por uma exaltação coletiva "onde desaparece o controle da vida cerebral, e com ele, a personalidade consciente e o discernimento". [339] Daí que, para além das características já citadas, é preciso distinguir duas frentes: as *causas próximas*, como uma excitação passional de momento e as *causas distantes*, ligadas, sobretudo, à herança étnica e racial. Ambas serão analisadas em seguida.

338 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 62.
339 *Ibidem*, pp. 62 e 63.

Causas próximas e causas distantes

Indivíduos reunidos, agregados ao redor de um líder, atuando conforme padrões de comportamento sugestionados representavam, no final do século XIX, um fator de desestabilidade para as sociedades europeias. Esta visão pessimista sobre a atuação das turbas foi também assimilada no Brasil, através do discurso médico, pelas mãos de Nina Rodrigues. Preocupado, como vimos, com o caráter doentio das coletividades, Nina propõe-se a investigar com mais profundidade as causas primárias que fomentavam estes fenômenos.

Tendo à sua disposição um material empírico nativo, tal operação ocorreu com a divisão estabelecida entre causas "imediatas" e "longínquas" que influíam sobre um coletivo. Este arranjo — tendo como referência aqui as indicações do médico e historiador José Luis Peset —, é resultado de uma longa tradição de estudos médicos que remonta ao filósofo grego Cláudio Galeno (129-200). Mais conhecido como Galeno de Pérgamo, foi ele que criou o paradigma clássico do pensamento médico causal para explicar as doenças, dividido em: *aitía proêgoumenê* (causa interna ou predisposta, vinculada à constituição do paciente); *aitía prokatarktikê* (causa externa ou excitante, ligada a atividades não-naturais, como excesso de comida ou de exercício); *aitía synektikê* (causa próxima ou conjuntural, ligada a eventos circunstanciais e momentâneos). [340]

340 PESET, José Luis. "On the History of Medical Causality". In:

Ainda que não hegemônico, o esquema galênico só verá mudanças efetivas com o advento de uma nova literatura médica na idade moderna, marcada pela preocupação em torno do crescimento das cidades, da expansão do comércio entre as nações, da multiplicação da massa trabalhadora, entre outros fatores. O filósofo e historiador Michel Foucault, citando o médico suíço Samuel Auguste André David Tissot (1728-1797), lembra que quanto mais complexo e tumultuado se tornava o espaço social, a saúde diminuía gradativamente, as "espécies" de doenças se diversificam e o burguês, configurado como agente social, sofria dos mais novos e variados "males dos nervos". [341]

Neste quadro complexo, a doença não era mais vista como algo derivado apenas do ambiente natural. Novos fenômenos mórbidos surgiam, em diferentes pontos da Europa e do mundo, forçando a formulação de uma nova etiologia causal que levasse em conta o aspecto coletivo e universal das doenças. Era necessária uma nova medicina classificatória e nesta "the galenic multicausal scheme" sobreviveu e difundiu-se, "although with quite a different content and interpretation". A aglomeração das urbes impunha:

> (…) an obligatory causal consideration, which varied between climatic theories, aerial theories, or live contagiousness. Their beha-

YES, Corinna Delkeskamp-ha e CUTTER, Mary Ann Gardell (Eds.). *Science, technology, and the art of medicine: European American dialogues.* Germany: Springer Science+Business Media, 1993, pp. 57-74.

341 FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 16 e 17.

> vior, fulminant reproduction, and diffusion along the routes of communication gradually encouraged physicians to opt for the theory of the *contagium vivum*, in other words, to consider epidemic diseases as transmissible by human beings. [342]

Essencialmente, constitui-se, com a contribuição de vários autores modernos — como Bernardino Ramazzini (1633-1714), Herman Boerhaave (1668-1738) e Johann Peter Frank (1745-1821) — um modelo causal cindido, *grosso modo*, em três pontos e que alcança o século XIX: causas ambientais (naturais); causas provenientes do ambiente social e causas relacionadas à constituição biológica dos indivíduos. [343] Suspeitamos que este seja o horizonte mais amplo que levou Nina Rodrigues — apoiado em uma literatura familiar, especialmente em Le Bon — a distinguir as causas próximas (ambiente social) das causas distantes (predisposição hereditária). Diz ele:

> Sem dúvida o contágio mental por sugestão coletiva é o fator principal da constituição do estado de multidão e implica, como é obvio, não somente a preparação prévia pelas causas

342 "(...) uma consideração causal obrigatória, variando entre teorias climáticas, teorias gasosas ou contagiosidade viva. O seu comportamento, sua reprodução fulminante e difusão pelas rotas de comunicação gradualmente encorajou médicos a optar pela teoria do *contagium vivum*, em outras palavras, a considerar doenças epidêmicas como transmissíveis por seres humanos". In: PESET, José Luis. *Op. Cit.*, p. 62.

343 *Ibidem*, p. 62, 63, 64.

> que podemos com Gustavo Le Bon, chamar distantes, mas ainda a excitação passional do momento por uma causa ocasional que pode ser qualquer uma das causas próximas deste autor. [344]

Iniciemos com os eventos de natureza que ressaltam e fortificam certas condições sentimentais e psicológicas circunstanciais. É nesses momentos, delicados e sensíveis, propícios à arregimentação das almas mais impressionáveis que atua, segundo Nina o "hábil *meneur,* advogado de talento, orador consumado", individuo com um senso de oportunidade único:

> O *meneur* não é mais, em suma, do que uma poderosa causa próxima, quer seja o catequizante, o verdadeiro chefe, o diretor ostensivo da multidão, quer seja o diretor inconsciente representado pelos mais exaltados e conseqüentemente pelos mais sensíveis às sugestões ambientais anônimas. [345]

Geralmente esse personagem de destaque é classificado por Nina como um alienado capaz de estabelecer algum tipo de comunicação com pessoas sãs. A participação ativa dessas figuras no comando e direção de ajuntamentos tumultuosos foi explorada pelo Dr. Paul Garnier (1848-1905), médico francês, cujo testemunho no *III Congres International D'anthropologie Criminelle* (III *Congresso de Antropo-*

344 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 64.
345 *Ibidem*, p. 64.

logia Criminal), reunido em Bruxelas, Bélgica, em 1892, é lembrado por Nina Rodrigues. Garnier, então médico-chefe da enfermaria especial da Delegacia de Polícia de Paris, foi chamado a examinar certo número de indivíduos que desempenharam papéis preponderantes em levantes ou insurreições:

> Há participação freqüente e ativa de verdadeiros alienados nos ajuntamentos tumultuosos, nos movimentos populares. Pela natureza de minhas funções, fui chamado a examinar um certo número de indivíduos que desempenharam um papel importante nos levantes ou insurreições. Não foi sem alguma surpresa que verifiquei obedecer a multidão a verdadeiros insensatos que, mais tarde, vão acabar num asilo de alienados, visto que, tendo voltado a calma aos espíritos, sua exaltação explode denunciando-se muito facilmente. Um acontecimento que provoca uma emoção profunda numa nação é como o toque de corneta que reúne apressadamente o exército dos desequilibrados. São os mais excitados dentre eles — muitas vezes verdadeiros delirantes — que vão fascinar a multidão por seus propósitos inflamados, e ei-los ali à cabeça do movimento. Sua audácia os impõem, aumentando naturalmente esta audácia com a sua imprevidência e inconsciência do perigo. [346]

346 GARNIER, Paul. Les crimes des foules. *Actes du troisième Congrès international d'anthropologie criminelle*. Bruxelles, F. Hayes, 1893 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., pp. 67 e 68.

Tendo em mente a observação de Garnier, Nina Rodrigues se indaga: "pondo de parte os meneurs desequilibrados, neuropatas e verdadeiramente alienados", não seria possível que o estado de multidão provocasse uma "manifestação de loucura transitória" entre indivíduos normais, mas predispostos por seu temperamento? Sua resposta é clara:

> O estudo das paixões humanas demonstra que sua violência pode provocar um verdadeiro estado delirante transitório durante o qual o indivíduo perde todo o discernimento e a consciência dos seus atos. [347]

Um dos casos analisados por Nina foi exposto no texto *A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços,* de 1897. [348] Conselheiro era forte candidato a *meneur* das multidões, homem afligido por uma vesânica latente "perfeitamente diagnosticável". Foi em um meio *sociologicamente instável*, ou melhor, em uma *fase sociológica*

---

347 *Ibidem*, p. 68.

348 O texto aparece de início em um periódico brasileiro: RODRIGUES, Raimundo Nina. A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano III, t. XII, fasc. 69, 1897. Depois é publicado na França: _____. Epidémie de folie religieuse au Brésil. *Annales médico-psychologiques*, Paris, mai.-jun. 1898. É, então, reimpresso na coletânea de Ramos: _____. "A loucura epidêmica de Canudos: Antonio Conselheiro e os jagunços". In: _____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. Aqui, como já dissemos, utilizamos a versão de 2006: _____. "A loucura epidêmica de Canudos: Antonio Conselheiro e os jagunços". In: _____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, pp. 41-56.

marcada por uma crise social e religiosa que "Antônio Maciel cavou os fundos alicerces do seu poderio material e espiritual quase indestrutível". [349] As populações "nômades e guerreiras" do Nordeste viviam à mercê

> (...) desse prestígio moral que desbanca, a ligeiro aceno, toda a influência espiritual do clero católico, assim como dessa bravura espartana que faz quebrarem-se de encontro à resistência de algumas centenas de rústicos campônios a tática, o valor, e os esforços de um exército regular e experimentado. [350]

Era preciso, portanto, desnudar

> (...) o segredo dessa crença inabalável, dessa fé de eras priscas em que a preocupação mística da salvação da alma torna suportáveis todas as privações, deleitáveis todos os sacrifícios, gloriosos todos os sofrimentos, ambicionáveis todos os martírios. [351]

Segundo Nina Rodrigues o elemento passivo dessa equação, embora aceitando inquestionavelmente as ideias delirantes, "reage por seu turno sobre o elemento ativo, retificando, emendando, coordenando o delírio que só então se torna comum". [352] A convivência prolongada e os modos

---

349 RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 41.

350 *Ibidem*, p. 42.

351 *Ibidem.*

352 *Ibidem.*

de existência semelhantes reforçam o bloqueio contra ingerências exteriores ao universo criado a dois ou mais pessoas e fortalecem o delírio que repousa em fatos ocorridos no passado ou em temores e esperanças projetadas no futuro.

Para Nina, Antônio Conselheiro "é seguramente um simples louco". [353] Porém, nota o médico

> (...) alguma coisa mais do que a simples loucura de um homem era necessária para este resultado e essa alguma coisa é a psicologia da época e do meio em que a loucura de Antônio Conselheiro achou combustível para atear o incêndio de uma verdadeira epidemia vesânica. [354]

Segundo Nina, a associação e a comunicabilidade de pessoas enfermas e predispostas que levam ao compartilhamento da loucura são "o reflexo senão de uma época pelo menos do meio" [355] de que fazem parte. Os predispostos já estão, em muitas ocasiões, presos a uma vesânia oculta e implícita. Bastaria uma causa próxima e imediata para desencadear uma explosão de "histeria" coletiva. Reforçando o argumento, Nina apresenta aos seus leitores um trecho de *Étude clinique sur le delire religieux,* de autoria do médico francês Jean Marie Dupain:

Uma vez constituído o meio, os predispostos de todo gênero, presa muitas vezes já de uma vesânia tranqüila, que pode ser designada com o nome de vesânia latente, por es-

353 *Ibidem*, p. 48.
354 *Ibidem.*
355 *Ibidem*, p. 42.

tar ainda desapercebida, seguem a impulsão psicológica, se não se tem o cuidado de dispersar os grupos mais ou menos compactos dos delirantes. [356]

A causa imediata ou a "impulsão psicológica" é, segundo Nina, personificada por Antônio Conselheiro. A loucura do "chefe desta turba" seria compatível com uma paranoia primitiva, nada mais do que o *delírio crônico de evolução sistematizada* de Magnan. De acordo com Sandra Caponi, Magnan propunha a divisão das patologias psíquicas em três grandes grupos: "as loucuras hereditárias ou degenerações; as loucuras intermitentes e o delírio crônico ou psicose". [357] Esta última categoria nosográfica estava, segundo Maria Galdini Oda, no centro das discussões europeias ao redor da paranoia, à época em que Nina escrevia. Apresentado originalmente em 1893, nas *Leçons Cliniques sur les Maladies Mentales*, o delírio era diagnosticado por Magnan a partir da identificação de quatro fases progressivas e degenerativas, sendo variável apenas o conteúdo persecutório do alienado. [358]

---

356 DUPAIN, Jean Marie. *Étude clinique sur le delire religieux*. France: Imprimeries Réunies, 1888 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 88.

357 CAPONI, Sandra. Magnan e a classificação das patologias psiquiátricas. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2011, p. 173. *Cf.* também _____. *Loucos e Degenerados. Uma genealogia da psiquiatria ampliada.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

358 MAGNAN, Valentin. *Leçons Cliniques sur les Maladies Mentales.* Paris: Bureaux du Progrès Mèdical/Louis Battaille, 1893 *Apud* ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: A paranóia nos negros, de Raimundo Nina-

Em relação a Antônio Conselheiro, o diagnóstico feito por Nina se deu pelas seguintes circunstâncias: "a longa duração do delírio, suas transformações em fases bem distintas, a sistematização delirante perfeita, as alucinações do alienado". [359] Nina identifica ao longo da vida de Antônio Maciel os mesmos estágios "admitidos na marcha da psicose primitiva". O primeiro período é identificado a partir de um "acesso de loucura" em que Conselheiro teve durante o tempo transcorrido de sua saída Quixeramobim e sua chegada ao Crato, Ceará. Atingido por alucinações, ele então penetra nos sertões baianos a partir de 1876, iniciando sua carreira de missionário, momento em que "a loucura religiosa o havia de elevar ao Bom Jesus Conselheiro da fase megalomaníaca da sua psicose". [360]

A luta aberta contra alguns vigários do interior o levou à carceragem, ocasião em que, segundo Nina, Conselheiro já estava "em pleno segundo período" da psicose primitiva. Isto é evidenciado pela coerência lógica do delírio na transmutação de sua personalidade. Posto em liberdade regressou ao seio de suas ovelhas, na Bahia, onde exerceu o papel de enviado de Deus até o advento da República, em 1889. Este fato político viria a influir poderosamente no prestígio pessoal de Conselheiro levando-o então ao terceiro período da psicose.

Nesta fase, afirma Nina, o delírio de perseguição que ele alimentava, voltado contra maçons e inimigos da religião

---

Rodrigues. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. VII, n. 2, 2004, pp. 151-153.

359 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 88.

360 *Ibidem*, p. 44.

"se concretizou na reação contra a nova forma de governo em que não podia ver senão um feito dos seus naturais adversários". [361] Com o aprimoramento do discurso, o autoproclamado messias arrebanhou um sem número de fiéis, levando uma vida que beirava a mendicância, prescindindo de "todos os cuidados higiênicos do corpo". Antônio Conselheiro não dormia e não comia, o que leva Nina a considerar seu suposto convívio com Deus, sintoma de origem alucinatória.

Declarando-se monarquista, diz Nina, Conselheiro proibiu a circulação de moedas republicanas, assim como o pagamento de impostos e não validou em sua comunidade nenhum ato do Estado civil brasileiro. Seu prestígio alcançou o apogeu e sua santidade tornou-se um "dogma incontrovertível". Em Canudos, inúmeras caravanas chegavam em busca da promessa da redenção frente à "fase tormentosa e agitada porque está passando o país". Tendo-se a luta em Canudos prolongado até a morte de seu líder, afirma Nina, "ninguém acreditaria que o louco a dirigisse, mesmo no período terminal ou de demência de sua psicose", isto é, a quarta fase do delírio de Magnan.

Antônio Vicente Mendes Maciel apareceu pela primeira vez nos jornais da Bahia e de Sergipe na segunda metade do século XIX. Sua penitência e sua dedicação às obras de caridade geraram insegurança nos sacerdotes do interior, que nem o ameaçando de excomunhão conseguiam demover o povo de ouvir o "latinório" do "Bom Jesus". Ensinava orações, rezava terços e ladainhas, citava trechos da Bíblia

361 *Ibidem*, p. 45.

como se tivesse escrito de próprio punho, tornando-se homem de grande prestígio entre os sertanejos — incluindo escravos, libertos e índios. Seus seguidores, os "conselheiristas", a certa altura, já reunidos em Belo Monte, não mais admitiam qualquer forma de desrespeito a sua figura santa e ilibada.

Canudos, dado a sua grandiosidade, teve grande repercussão entre escritores e cientistas. A historiografia sobre o movimento na primeira metade do século XX como bem colocou José Calazans, "monopolizou a temática conselheirista" até pelo menos os anos 1950. [362] Após a publicação em 1902 de *Os Sertões*, Antônio Conselheiro tornou-se o protótipo do "grande homem pelo avesso", um "apóstolo extravagante" e, através dele, "o sertanejo simples transmudava-se, penetrando-o, no fanático destemeroso e bruto". [363]

Esse quadro só mudaria a partir da década de 1960 com estudos sociológicos e históricos que trouxeram contribuições inovadoras ao movimento. Os autores marxistas se fizeram ouvir, com Edmundo Moniz e Rui Facó, expondo os conselheiristas como vítimas da opressão das classes dominantes. [364] O destaque, entretanto, voltou-se para os trabalhos de Maria Izaura Pereira de Queiroz, José Calasans Sil-

362 CALASANS, José. "Canudos não euclidiano". In: SAMPAIO NETO, José Augusto Vaz *et al. Canudos. Subsídios para a sua reavaliação histórica.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, pp. 2-7.

363 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões. Campanha de Canudos.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 298.

364 FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos. Gênese e lutas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963; MONIZ, Edmundo. *Canudos: A Guerra Social.* Rio de Janeiro: Elo Editora, 1987.

va, Consuelo Novais Sampaio e Walnice Nogueira Galvão, na medida em que estes reinterpretaram o movimento, procurando, cada qual, entender a gestação de um fenômeno social de religiosidade popular, enfatizando o cotidiano da comunidade, as crenças messiânicas, o impacto no imaginário social e na literatura popular, entre outros aspectos. [365]

Retomando o diagnóstico de Nina, é importante dizer que este foi complementado pelas leituras de Le Bon que afirmava que os "neurosados" tratavam com desdém as tentações mundanas. Tudo era sacrificado em nome de uma causa: família, bens, terras, interesses pessoais. "O próprio instinto da conservação neles se nulifica, a ponto tal que o martírio é, muitas vezes, a única recompensa que solicitam". [366] As palavras, quando na boca de personalidades desta monta, são "manejadas com arte", adquirem uma "força misteriosa", provocam "formidáveis tempestades", na alma do povo. As imagens, por sua vez, tornam-se "grandiosas e vagas", diante delas "os rostos se tornam respeitosos e as frontes se inclinam". Conquistam uma força misteriosa que "outrora lhes atribuíam os adeptos da magia".

---

365 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (Org.). *O messianismo no Brasil e no mundo.* São Paulo: Dominus/Edusp, 1965; SILVA, José Calasans. *Canudos na literatura de Cordel.* São Paulo: Ática, 1984; ____. Quase biografias de jagunços: o séquito de Antonio Conselheiro. Salvador, EDUFBA, 2013; GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*. Ática, 1974; ____. *O Império de Belo Monte: Vida e Morte de Canudos.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001; SAMPAIO, Consuelo Novais. Repensando Canudos: o Jogo das Oligarquias. *Luso-brazilian Review*, v. 30, n. 2, p. 97-113, 1993; ____. *Canudos, Cartas para o Barão.* São Paulo: EDUSP, 1999.

366 LE BON, Gustavo. *Op. Cit*., p. 93.

Pode-se compará-las, quando fixadas na mentalidade coletiva, "a essas temíveis divindades ocultas atrás do tabernáculo e das quais só trêmulo o devoto de aproxima". [367] Para Le Bon, as palavras e as imagens que as acompanham não tem outra natureza que não móveis e transitórias. Toda a miríade de fórmulas elaboradas em uma época pode ser revertida, mutilada, acrescentada em outra. Assim como também sofrem profundas transformações de um povo para outro. Não passam, portanto, de "ilusões" que tem afetado o ser humano "desde a aurora das civilizações", forçando-o a elevar "o maior número de templos, de estátuas e de altares" aos seus criadores. [368]

Nina utilizou essa interpretação de Le Bon em seu estudo sobre Antônio Conselheiro, o personagem-chave do movimento de Canudos: "Eles [os meneurs] se recrutam principalmente, diz Gustavo Le Bon, entre esses neurosados, esses excitados, esses semiloucos que rondam as bordas da loucura", formula Nina. [369] À época em que escrevia, Canudos ainda resistia e o médico apontou com certo ar derrotista, as três expedições aniquiladas pelos sertanejos, a saber, os cem praças comandados pelo alferes Pires Ferreira em Uauá; cerca de quinhentos soldados da expedição do major Febrônio de Brito, abatidos na serra do Cambaio; e algo em torno de mil e quinhentos homens da expedição comandada pelo coronel Moreira César. Enquanto os hospitais de campanha "regurgitavam" feridos e o número de

367 *Ibidem*, pp. 78 e 79.

368 *Ibidem*, p. 84.

369 LE BON, Gustavo. Op. Cit. *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 67.

oficiais mortos progredia exponencialmente, Nina ainda não tinha como dimensionar as consequências da tragédia.

O perigo potencial de neurosados, semiloucos e excitados de que Le Bon falou, levou Nina a considerar que àquela altura, psicólogos e alienistas estariam de acordo em "reconhecerem a facilidade com que as emoções violentas se transformam em verdadeiros estados mórbidos". [370] Krafft-Ebing também estudou as loucuras transitórias e segundo Nina, suas analises asseguram que os processos emotivos podem atingir uma intensidade fora do normal, exigindo um tempo considerável para desaparecerem por completo. São, portanto, emoções essencialmente patológicas, onde as reações motoras dos indivíduos deixam de ter o caráter de atos voluntários. Nas palavras de Krafft-Ebing, não se trataria rigorosamente de "emoções", mas de um "trouble mental transitoire provoqué par le choc émotif". [371]

Nesta perspectiva, a multidão, quando arrastada pela sugestão do chefe e dominada por alguma forma de loucura, embora passageira, é capaz de cometer ações inconsequentes, reproduzindo a paixão mórbida, o delírio de que estava também possuído o *meneur*, "da mesma sorte que o hipnotizador comunica ao seu paciente os sentimentos que o animam". [372] A comunicação, em geral, é estabelecida pela emoção e a transmissão operada por gestos, palavras, movimentos e atitudes "audaciosas". Para que as atividades do líder tenham efeito "é preciso que ele possua uma eloquên-

370 *Ibidem*, p. 68.

371 KRAFFT-EBING, Richard von. *Traité clinique de psychiatrie*. Paris: Maloine, 1897 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 68.

372 *Ibidem*, p. 96.

cia especial, composta de afirmações enérgicas e de imagens comoventes, enquadradas de raciocínios muito sumários", afirma Le Bon. [373]

Cabe apontar, como diz Nina, que o que impele, por outro lado, os *menés* a todo tipo de exageros, não é essa paixão pura e simplesmente. Mas sim, "a transformação que ela sofreu no meio incandescente onde se agitava a multidão, cuja cólera se transformou em um verdadeiro estado delirante". [374] Ribot, lembrado por Nina, certa vez escreveu que a cólera quando não produz mal para o indivíduo, nem para os outros, é algo normal e até útil, já que proveria o homem de algum instinto de defesa e de represálias contra inimigos. No entanto, é preciso reconhecer, diz, que "the area of normal anger is exceedingly restricted, and that no emotion more quickly assumes a morbid character". [375]

Para Ribot, a propósito das "fraquezas da vontade", caberia afirmar que naqueles afetados diretamente por um sujeito integrador "a parte do caráter individual é um *minimum,* ao passo que a parte das circunstâncias externas é um *maximum*". Scipio Sighele concorda e, por analogia, afirma que nos grupos de pessoas às quais falta uma tendência co--natural e distinta para um gênero determinado de vida, são as sugestões externas que atingem o "maximum". [376]

Com base nessas assertivas, diz Nina:

> Compreende-se assim que a intensidade das emoções, exagerada pelo crescimento das

373 LE BON, Gustavo. *Op. Cit.*, p. 166.

374 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 96.

375 RIBOT, Théodule Armand. *The psychology of the emotions*. Nova York: The Walter Scott publishing co., 1897, p. 223.

376 SIGHELE, Scipio. *Op. Cit.*, p. 130.

> aglomerações e pela repercussão sugestiva dos sentimentos que dominam a multidão, e que se produz nos meneurs, seja suficiente para transformar a cólera dos chefes de multidão em um estado francamente patológico. [377]

Suprimido o "controle cerebral e consciente" — sentença tomada de empréstimo de Le Bon — manifestam-se situações variadas de patologia entre os *menés*. Chegado, então, ao cúmulo do delírio e da agitação inquietante, o *meneur*:

> (...) perde esse poder discricionário que o hipnotizador conserva sobre seu paciente, não exercendo mais do que o papel de simples diretor da multidão, papel que lhe pode ser retirado por uma circunstância fortuita pelo mais simples e mais insignificante acontecimento, contanto que no momento desejado ele esteja ou pareça estar de acordo com as tendências da multidão. [378]

A loucura que agrega, soma e multiplica, foi também um fenômeno diagnosticado por Nina na epidemia coletiva em Itapagipe, em Salvador, no ano de 1882, já citada no primeiro item deste capítulo. Itapagipe foi tema de seu artigo inaugural sobre as multidões e trouxe à luz o parecer da comissão de médicos organizada pela Câmara Municipal para averiguar o caso. O relatório da junta, chefiada pelo Dr. José

377 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 70.
378 *Ibidem*, p. 97.

Luiz de Almeida Couto [379], falava sobre uma doença nervosa incluída na classe das *Coreias* que, até então circunscrita aos trabalhadores da Fábrica de Tecidos de N. S. da Penha, à rua da Ribeira, se espalhou por todo o "arrabalde":

> As primeiras manifestações conservaram-se durante algum tempo limitadas, circumscriptas; logo, porém, que a affluencia de moradores e visitantes aquelle bairro foi crescendo com a aproximação do tempo de festa, logo que a moléstia foi chamando mais a attenção sobre si, os casos foram se multiplicando, e o mal estendeu-se como actualmente o conhecemos. [380]

O conceito de *Coréia* foi cunhado no século XIX e designava distúrbios dos movimentos. A chamada síndrome coréica, no sentido atual, caracteriza-se pela hipercinesia arrítmica (os movimentos são rápidos, sem propósito e sem sistematização, de vários grupos musculares) e pela hipotonia muscular. É uma das principais manifestações da hoje chamada Doença de Huntington, degenerativa progressiva e fatal (hereditária) e da dita *Coréia de Sydenham,* uma

379 Lente de clínica médica e importante político do Império, foi professor e futuro sogro de Nina Rodrigues no tempo de sua graduação em medicina. In: MAIO, Marcos Chor. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica. *Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro*, v. 11, n. 2, abr.-jun. 1995, pp. 226-237.

380 GAZETA *Médica da Bahia.* Choreomania. Parecer da comissão medica, nomeada pela camara municipal ácerca da moléstia que ultimamente appareceu em Itapagipe e que se tem propagado em toda a cidade. Salvador, ano XV, n. 10, abril de 1883.

manifestação neurológica (benigna e limitada), possível na Febre Reumática (mas não obrigatória). [381] Mas no que toca a nossa discussão, a sucessão de danças e contorcionismos em massa era novidade no Brasil. Havia um precedente semelhante em São Luiz do Maranhão, na década anterior, de 1870, porém, sem a gravidade e o alcance da similar baiana.

O parecer dos médicos trazia a informação de que moléstias nervosas desse tipo "reinaram epidemicamente desde remotíssimas épocas" na Europa. Ainda que as diversas causas que transformaram a doença em "verdadeiros flagelos de países e nações inteiras" não existissem no Brasil ou por aqui estivessem atenuadas, as semelhanças não podiam ser ignoradas. "Ainda hoje", disseram os pareceristas, em diversas localidades da Europa:

> Fidedignas narrações dizem-nos o que foi a dança de S. Guido ou de S. Vito na Bélgica, na Holanda, na Alemanha desde o século undécimo; epidemias análogas produziram a tarântula na Itália, o tigre tier na Abissínia, o convulsionismo em França e a dança macabra em diversos países. [382]

O documento atestava, e isto é de fundamental importância para este trabalho, que todos os historiadores esta-

381 PORTER, Roy. "Chorea and Huntington's Disease". In: BERRIOS, G. E. e PORTER, R. (Org.). *A history of clinical psychiatry: the origin and history of psychiatric disorders.* Londres: The Athlone Press, 1999, p. 138-46.

382 *Gazeta Médica da Bahia*. *Op. Cit*.

riam de acordo em vincular a gravidade e a extensão destas epidemias "aos meios sociais da época" ou às "práticas incontestavelmente errôneas" que as acompanhavam. Importa sublinhar que práticas seriam estas:

> Os ajuntamentos dos enfermos em romarias ou para solicitarem a compaixão pública; a idéia falsa de que a moléstia era uma espécie de desejo irresistível de dançar e que só na dança não interrompida e cada vez mais convulsa e desordenada estaria a saciedade desse desejo e uma suposta melhora; a prostração que se sucedia a este delírio crescente do movimento e que naturalmente exercia sobre o espírito desses indivíduos e sobre a própria inervação uma influência progressivamente mais grave; as práticas religiosas que faziam dos atacados outros tantos possessos; tudo isso contribuiu para deixar daquelas epidemias tais impressões que ainda hoje celebra-se nas províncias do Reno, não obstante as tentativas do Governo e do clero com o fim de aboli-la, uma popularíssima procissão, chamada das cabras, em que todo préstito dirige-se ao templo a dar três pulos para diante e um para trás, movimentos que recordam, em mau arremedo, as desordens de locomoção dos antigos enfermos. [383]

Em sua comunicação de 1890, Nina Rodrigues aponta para o fato de que a rica história da epidemia "acha-se ain-

383 GAZETA *Médica da Bahia. Op. Cit.*

da hoje reduzida ao capítulo que dela escreveu a comissão médica, nomeada em 1883 pela câmara municipal para estuda-la aqui". [384] No mesmo texto Nina transcreve a carta de um "prático e respeitável colega" seu do Maranhão, o médico Afonso Saulnier de Pierrelevée (1830-?), a quem pede esclarecimentos sobre os acontecimentos semelhantes, anos antes, no Maranhão.

Pierrelevée destaca uma "endoepidemia" que eclodiu em 1878 e por vezes se fazia presente no inverno "época em que também recrudesce o beribéri". Os doentes que observara são em sua maioria mulheres e "a raça de cor é sem dúvida muito mais atacada que a branca". Nas "ligeiras considerações ao correr da pena", Pierrelevée diz que o povo maranhense denominou o mal de *beribéri de tremeliques*. [385] Já ele próprio classifica a doença como *coréia beribérica*, diagnóstico este com o qual Nina não concorda por se tratar de duas moléstias distintas e não associativas — a Coréia e o Beribéri. [386]

Nina considera que se o parecer da comissão médica tornou os fatos históricos em si bem conhecidos, a contribuição para os estudos clínicos, por outro lado, resume-se às observações do Dr. Souza Leite, também já citado no

384 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 26.

385 Há na literatura médica uma referência ao termo popular "Caruara" em referência a uma doença que comprometia os movimentos dos membros inferiores. *Cf.* DALGALARRONDO, Paulo; SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos; ODA, Ana Maria Raimundo. A psiquiatria transcultural no Brasil: Rubim de Pinho e as "psicoses" da cultura nacional. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo v. 25, n.1, março de 2003, pp. 59-62.

386 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., pp. 28 e 29.

primeiro item deste texto. O médico diagnostica duas pacientes suas remanescentes da epidemia com abasia-astasia, mas não dá indicações claras que expliquem a disseminação da moléstia pela população de Itapagipe. É possível apenas conjecturar que Leite associa uma possível prevalência da doença com as práticas religiosas da população devido ao destaque que ele dá às palavras com que Charcot inicia a sua lição sobre espiritismo e histeria e que, em sua opinião, todo neuropatologista deveria ter à disposição para consulta em seu gabinete:

> Il est incontestable que tout ce qui frappe vivement l'esprit, tout ce qui impressionne fortement l'imagination, favorise singulièrement, chez les sujets prédisposés, l'apparition de l'hystérie. Parmi tous ces traumatismes des fonctions cérébrales il n'en est peut-être point de plus efficace et dont l'action ait été plus souvent signalée, que cette croyance au merveilleux, au surnaturel, qu'entretiennent et qu'exagèrent, soit les pratiques religieuses excessives, soit dans un ordre d'idées connexes, le spiritisme et sa mise en oeuvre. [387]

387 "É incontestável que tudo que atinge vivamente o espírito, que impressiona fortemente a imaginação, favorece singularmente, nos sujeitos predispostos, a aparição da histeria. Entre todos estes traumatismos das funções cerebrais talvez seja o ponto mais eficaz e cuja ação tenha sido mais frequentemente assinalada, que esta crença no maravilhoso, no sobrenatural, que mantém e que exagera, ou as práticas religiosas excessivas, ou uma ordem de ideias conexas, o espiritismo e sua implementação". *Cf.* CHARCOT, Jean-Martin. *Leçons sur les maladies du système nerveux*, Paris, 1887, t. III, p. 226.

Somando à obra de Souza Leite, as reflexões do francês otorrinolaringologista Maurice Lannois (1856-1942) e do neuropatologista francês Paul Oscar Blocq (1860-1896), Nina chega à conclusão de que se tratava de uma doença do grupo das chamadas Grandes Coreias e que poderia ser denominada *abasia coreiforme*. Segundo Nina, o caráter epidêmico da moléstia de Salvador a aproximaria da conhecida dança religiosa de "Saint-Guy". Lannois lembra que a "Dança de São Guido" também aparecia na literatura médica com o nome de danse de Saint-Veitstans, Saint-Modestitanz, Saint-Johannistanz; Epilepsia Saltatoria; Orchestromania; Tanzplage (Flagelo da dança); Chorea Magna; Chorea Germanorum e Choreomania (título do relatório de 1883 publicado na Gazeta Médica da Bahia). [388]

Seus primeiros registros recuam aos séculos X e XI, com reincidências nos séculos XIV e XV na Europa. Na idade moderna, para solucionar o problema, as autoridades recorreram às táticas violentas e ao exorcismo, tentativas estas infrutíferas, levando o povo a recorrer à interseção de veneráveis santos, entre eles *Vitus* ou *Vito* (?-303 d.C), mártir católico quando vítima da perseguição do Imperador Diocleciano (245 d.C.-313 d.C.). [389] Segundo a tradição popular Vitus "demandé à Dieu de préserver de la chorée tous ceuxdan qui célébreraient l'anniversaire de sa mort". [390]

---

388 LANNOIS, Maurice. *Nosographie des chorées*. Paris: Librairie J.- B. Ballière et Fils, 1886, p. 9; BLOCQ, Paul Oscar. Sur une affection caracte´rise´e par de l'astasie et de l'abasie. *Archives de Neurologie*, Paris, 1888; n. 15, pp. 24-51 et 187-211.

389 WALLER, John. *A time to dance a time to die. The extraordinary story of the dancing plague of 1518.* Londres: Icon Books, 2009.

390 LANNOIS, Maurice. *Op. Cit*., p. 11 e 12.

No mesmo Congresso de Medicina e Cirurgia, de 1890, em que Nina apresentou o estudo sobre o caso de abasia-coreiforme de Itapagipe, outro colega seu ofereceu também uma *Contribuição para o estudo da Astasia-Abasia neste Estado.* [391] Alfredo Thomé de Brito (1863-1909), o autor, salientou no opúsculo que a ele parecia "já ser chegado o tempo de ficar definitivamente firmado o lugar que a essa afecção, endêmica entre nós há oito anos, deve legitimamente caber em nossa nosografia neurológica moderna". [392]

Brito chama a atenção para o fato de que a doença sobrevém "súbita ou progressivamente", dura de 3 a 15 meses estacionária, "terminando sempre pela desaparição repentina ou gradual, seguida embora de reincidências frequentes". [393] Nina Rodrigues estava atento a esses sintomas, mas sua preocupação central era outra, ou seja, encontrar uma resposta satisfatória para a "contaminação" do histerismo coreico em larga escala, em proporções desmesuradas. [394]

Nina admite que não era fácil "enumerar com plena certeza todas as causas que atuaram com eficácia no senti-

391 A memória apresentada neste evento também foi incluída como apêndice na coletânea organizada por Arthur Ramos nas edições de 1939 e 2006. *Cf.* BRITO, Alfredo. "Contribuição para o estudo da Astasia-Abasia neste Estado". In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais.* Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, pp. 149-203.

392 BRITO, Alfredo. *Op. Cit*., pp. 150 e 151.

393 *Ibidem*, p. 154.

394 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. 458 f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Campinas, SP, 2003.

do de conferir um caráter epidêmico a estas manifestações histéricas". [395] Quer a Comissão Médica, quer o Dr. Sousa Leite, a par das últimas novidades no campo da psicologia coletiva, defenderam que a epidemia havia se alastrado pelo mecanismo do contágio por *imitação* e/ou *sugestão*. Nina concordou com este o diagnóstico, mas ressaltou:

> Parece-me, porém, que ficou de aplicação muito restrita e local a apreciação das causas que prepararam o terreno, sem o qual de nenhum efeito teria sido a imitação (...) é necessário remontar a causas mais gerais e admitir que pairava no ambiente brasileiro alguma coisa de anormal que, atuando sobre a população do país de modo a enfraquecer o organismo e exaltar as faculdades psíquicas, a predispôs a ponto de casos isolados de abasia coreiforme poderem tomar de um momento para outro as proporções de uma epidemia tão extensa (...).[396]

Em sua opinião, as raízes da epidemia deveriam ser investigadas, por um lado, nas influências mesológicas de ordem física e, por outro, nos "fenômenos sociais complexos que se prendem à fase histórica porque passa o nosso país". No primeiro grupo estavam incluídos os fatores advindos da circunscrição da epidemia ao norte do Brasil, frutos da "decadência notória em que se acha esta porção da República". Temos, assim, o calor abrasador do Nordeste que "pro-

395 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 35.
396 *Ibidem*, p. 36.

digaliza às populações do Norte a indolência e a anemia"; as condições sanitárias e higiênicas "pouco lisonjeiras"; e o desaparelhamento da região para lidar com a forte repercussão das revoluções político-sociais de seu tempo. [397]

No segundo grupo Nina dá destaque aos fenômenos de ação/reação da população frente à "revolução política" do final do XIX. As reformas institucionais do país — sobretudo "a vitória do abolicionismo e as suas desastradas conseqüências econômicas" — se deram com uma "aceitação tácita e sem protesto" do povo. Quer se interprete esses fatos no sentido de uma "condenação e surda revolta de longa data", quer no sentido de um "indiferentismo e descrença necessariamente mórbidos", característicos de um povo ainda no berço, para Nina, "do ponto de vista médico em que me coloco têm eles um valor sensivelmente igual". [398]

Em 1901 Nina publica um livro com o título de *A loucura das multidões* ou *La folie des foules,* no original. [399] Dividido em diversos itens, ou melhor, em diferentes "observações". Importa-nos aqui a "observação III", cujo título é

397 *Ibidem*, p. 37.

398 *Ibidem*, p. 37.

399 O texto foi publicado inicialmente na França: RODRIGUES, Raimundo Nina. La folie des foules. Epidémie de folie religieuse. *Annales medico-psychologiques*, Paris, 1901. Posteriormente foi incluído na coletânea de Arthur Ramos: _____. "A loucura das multidões. Nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil". In: _____. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. Aqui, utilizamos a última versão da coletânea de 2006: _____. "A loucura das multidões. Nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil". In: _____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 57-101.

Abasia coreiforme epidêmica que grassou no Norte do Brasil. Nela Nina Rodrigues aprofunda sua investigação sobre os motivos para o alastramento da enfermidade e considera que foi preciso "muito certamente alguma coisa a mais do que a simples sugestão para fazer passar a doença ao estado epidêmico". [400]

Ele considera que só é possível admitir que a doença atinja tal forma "com o concurso de certas condições psicológicas do meio social onde se manifestou, e que deram à sugestão o poder de provocar, pelo contágio moral, a reprodução, a multiplicação dos casos". A sugestão é elemento crucial no quadro analítico, mas sozinha não explica o estado de epidemia. Algo haveria de expandir seus já conhecidos modos de operação, de ampliar os contatos entre os doentes e convalescentes. [401]

400 *Ibidem*.
401 *Ibidem*, p. 84.

Religiosidade: onde as causas se encontram

Haveria, portanto, de ter algum elemento com força suficiente para incrementar os caracteres de sugestionabilidade da afecção, capaz de pulverizar a "exaltação delirante" entre um que se espalhou desenfreadamente. Supomos que esse elemento, crucial para a nosografia da moléstia, seja a *religiosidade*, ou a *morbidez religiosa* — para ser mais fiel ao vernáculo médico-científico em vigor na época.

Tendo em mente as inúmeras condições do "meio social" que Nina já apontou anteriormente; os laços entre histeria e religiosidade observados por Souza Leite; os indicativos de que Le Bon é sua referência habitual; e seus inúmeros trabalhos focados na religiosidade afro-brasileira, escritos concomitantemente ou posteriormente aos das multidões; tomar o "caráter religioso" dos movimentos como algo diferenciado no quadro nosológico parece verossímil. Vejamos de que forma Nina Rodrigues tenta explicar, por exemplo, como alguns povos escaparam do "contágio formidável" das *cruzadas medievais,* uma "estranha e colossal" psicose epidêmica que grassou por toda a Europa medieval:

> Devemos por conseqüência admitir que a doença só pôde atingir a forma epidêmica com o concurso de certas condições psicológicas do meio social onde se manifestou, e que deram à sugestão o poder de provocar, pelo contágio moral, a reprodução, a multiplicação dos casos. (...) Este fato não é um caso particular das epidemias psíquicas de manifestações motoras, mas antes uma regra

> geral das psicoses epidêmicas. Nessa psicose epidêmica da idade média, estranha e colossal que foram as cruzadas, houve povos que escaparam ao contágio formidável, graças a suas condições psicológicas de momento. Michaud, citado por Sergi, observou que se as prédicas de Urbano II não exerceram a menor influência sobre os italianos, isso se deve às preocupações mercantis e às lutas locais pela liberdade. As preocupações religiosas, **gérmen e alimento da psicose** [grifo nosso], estavam em segundo plano. [402]

Essas manifestações são propícias à disseminação de doenças nervosas contagiosas e Nina tenta provar isto ao citar casos complexos de epidemias vesânicas em que as desordens motoras já se aliavam a distúrbios delirantes e religiosos. São seus os exemplos:

> As epidemias deste século, tais como a doença das pregações na Suécia (1840); a epidemia de Morzine na Alta-Savóia (1861); a de Verzegnies (1858); os *revivals, campmeetings*, etc; reduzem-se todas a manifestações ligadas, associadas a distúrbios motores e a desordens psíquicas que fazem delas verdadeiras alienações mentais. Estão hoje demonstrados irrefutavelmente a natureza histérica, que se acusa nos indivíduos atingidos, e o papel do contágio na formação destas epidemias. [403]

402 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 83.
403 *Ibidem*, p. 84.

Em Itapagipe, as danças, reuniões, festas e celebrações, eram parte significativa desse conjunto de "fenômenos sociais complexos" que determinou o avanço da epidemia. No relatório da Comissão Médica de 1883 evidências neste sentido já aparecem. As primeiras manifestações da coréia de Itapagipe mantiveram-se delimitadas ao bairro, mas com a "aproximação do tempo de festa" a moléstia chamou para si mais atenção, "os casos foram se multiplicando e o mal estendeu-se como atualmente o conhecemos". Nina segue o mesmo raciocínio:

> Só em 1882, é que a moléstia fez sua aparição na Bahia, no arrabalde de Itapagipe, começando por alguns casos que se multiplicaram no fim do ano e no começo do ano seguinte, por ocasião das festas populares que atraem e fazem afluir a este ponto uma grande parte da população. [404]

Na Bahia, segundo Nina, não é raro ver um coreico provocar a moléstia em certo número de pessoas, ao marcar presença "em certas festas populares, principalmente religiosas". [405] A própria comissão investigadora aponta para indícios desta natureza. O trânsito de pessoas atacadas pelas ruas da cidade; o ajuntamento popular nas duas ruas contíguas à capela do Rosário; a celebração de "uma série de festas" onde a maioria da população da cidade "se entrega a toda sorte de fadigas de corpo e impressões de espírito",

404 *Ibidem*, p. 80.
405 *Ibidem*, p. 31.

tudo concorrendo "para a disseminação da moléstia e para dar-lhe o caráter epidêmico". Trechos como estes serviram para Nina mostrar que o cortejo dos coreicos, quando em movimento e tumulto, se agigantava nas prolongadas festividades religiosas, características da população carente, miscigenada e supersticiosa.

Atentemos para o fato de que Nina Rodrigues pontua, detalhadamente, as circunstâncias, os eventos sociais e o conjunto de crenças e desejos que se intercruzaram em determinado momento da história para criar as condições que levaram à disseminação de uma moléstia nervosa na Bahia. Características próprias e definidoras do Brasil, um país em que "o monoteísmo europeu teve de entrar em conflito com o fetichismo africano e a astrolatria do aborígine". [406]

Esta linha de raciocínio que reitera a importância de fatores próximos e imediatos, como celebrações e rituais religiosos, também está presente na "observação II" (anterior à da epidemia de Itapagipe), intitulada por Nina Rodrigues de *Loucura coletiva numa sessão de espiritismo em Taubaté*. O texto é um rápido e sucinto exame de um encontro espirita que se deu no dia 13 de outubro de 1885. O médico Francisco Franco da Rocha já havia tecido alguns comentários sobre este episódio no livro *Hospital de alienados de S. Paulo. Estatísticas e apontamentos,* de 1896. [407] Ambos utilizaram como referência a reportagem *Loucura collectiva numa sessão de Espiritismo em Taubaté*, do jornal *O Paulista*, edição de 14 de outubro de 1885, título que Nina se apropriaria.

406 *Ibidem*, p. 37.

407 *Cf.* ROCHA, Franco da. *Hospital de alienados de S. Paulo. Estatísticas e apontamentos,* 1896.

No caso em questão foi relatado que um advogado da cidade paulistana se entregava com a família e seus escravos às práticas espíritas. A sessão tornou-se um autêntico episódio de *delírio coletivo* quando os crentes se reuniram para a celebração de uma cerimônia que chamaram de "Construção da arca de Noé". [408] As mulheres, descalças e com cabelos soltos, e as crianças, maltratadas e "cadavéricas", submetiam-se aos desmandos do chefe da seita. Quando este exigiu à imolação coletiva, parte da população da cidade, surpreendendo o grupo, levou as crianças, sendo seus praticantes presos pela polícia.

Nova tentativa de reunião dos exaltados religiosos ocorreu na noite seguinte, dia 14 de outubro de 1885, porém sem seus principais membros. Foi quando a própria população interveio e as mulheres entraram em histeria. Evitada a desgraça,

> As mulheres recolhidas à prisão são tomadas durante a noite de uma violenta agitação maníaca; entregam-se aos maiores excessos, rasgam as vestes e acabam por arrebentar um tabique de madeira que separava os compartimentos. Foi tal a agitação que foi preciso amarrar as mãos de uma delas. Tornou-se necessário solicitar para algumas delas o internamento no hospital [409]

Normalmente, associava-se a histeria à mulher branca, mas no caso em destaque Nina mostra que também era pos-

408 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 77.
409 *Ibidem*, p. 78.

sível que a morbidade atingisse as mulheres negras. Quando da segunda tentativa de reunião dos crentes, com a intervenção da população:

> Nesse momento, uma negra foi presa de um ataque (uma crise histérica, naturalmente). Era uma escrava pertencente a um dos crentes. Cai, rola por terra e se agarra a uma moça que quer absolutamente matar, porque, diz ela, recebeu para isso ordem de S. Lucas.

Segundo Angélica Almeida, apoiada em Corrêa, Nina Rodrigues tentava desta maneira, "(...) trazer a mulher negra para o âmbito do saber médico. Procurou exercer sobre ela a mesma dominação, embasada nos conhecimentos científicos da época, que era exercida sobre a mulher branca desde algum tempo". [410]

Franco da Rocha não deu o devido valor às práticas espíritas para a compreensão deste evento. [411] Nina, ao contrário, parece enxergar uma particularidade neste ponto. As atitudes dessas pessoas em relação ao sagrado seriam, em sua perspectiva, um importante fator para entender o quadro da loucura coletiva. Nina se vale, assim, dos mesmos pressupostos que utilizou para explicar a "histeria" de Itapagipe.

Para Nina, o histerismo de Taubaté só angariou tamanha proporção descrita pelas testemunhas, porque seus

410 ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. "Uma fábrica de loucos". Psiquiatria X Espiritismo no Brasil (1900-1950). 232 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP, 2007, p. 146.

411 ROCHA, Franco da. *Op. Cit*., pp. 23-25.

adeptos, em conjunto, configuraram-se em estado de multidão. E isto só foi possível na medida em que seus membros estavam sob o efeito de fatores externos e complexos, vivendo e se relacionando em um meio sugestionável, permeado por mitos, rituais, doutrinas e práticas de uma religiosidade "mórbida" e condenável como a espírita:

> Apenas, sob a influência do meio sugestivo, constitui-se um verdadeiro estado de multidão, e põe em uníssono todos os alienados, dirigindo os seus delírios num sentido especial e dando-lhes os traços epidêmicos dominantes. Se as grandes epidemias são assim compostas, é fácil achar aí a prova de que o contágio mental não manifesta um simples estado hipnótico, mas provoca pelo contrário uma verdadeira doença. [412]

Notemos que Nina faz um esforço para ir além do que então era classificado como "estado hipnótico", algo que se afirmara na literatura especializada, mas convencionalmente aplicado apenas ao indivíduo e não a uma coletividade, de caráter, obviamente, amplo e diferenciado. Se era possível um sujeito ser levado ao "estado de hipnose", Nina supõe, respaldado por Le Bon, que o coletivo, por sua vez, poderia alcançar o "estado de multidão", respeitados, como já mencionamos, certos condicionantes.

Esses condicionantes são causas próximas, atuantes, muitas vezes imediatas, as "paixões arrebatadoras", os "choques emotivos" e que se distinguem das causas que atuam

412 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 79.

em longo prazo. Estas, por sua vez, são vinculadas à herança étnica e racial, à preponderância do negro e do índio nas raízes da formação da sociedade brasileira, em geral, e baiana, em particular. Nina entrevia na mestiçagem um fenômeno ainda em vias de se completar no Brasil. Era o resultado de um quadro calamitoso de reunião de "raças em graus diversos de civilização". Uma fusão extremamente perniciosa, tendo em vista que os tipos brasileiros estavam "em períodos muito desiguais da evolução sociológica". Ser mestiço significava um distanciamento dos tipos puros — negros, índios e brancos —, e por consequência um afastamento de suas qualidades, quando existissem, enquanto raças isoladas.

Nina, seguindo a sugestão de Le Bon, enxerga no fator racial um diferencial que merece atenção à parte. Le Bon é claro quanto a esta questão ao dizer que "este fator, a raça, deve figurar na primeira linha, porquanto, por si só é muito mais importante que todos os outros". [413] Para este autor:

> A vida consciente do espirito representa apenas uma fração diminuta em confronto com sua vida inconsciente. (...) Os nossos atos conscientes procedem de um subtractum inconsciente formado, sobretudo, de influências hereditárias. Esse substractum encerra os inúmeros resíduos ancestrais que constituem a alma da raça. [414]

413 LE BON, Gustavo. *Op. Cit*., p. 59.
414 *Ibidem*. pp. 7 e 8.

Nina Rodrigues oferece ao leitor algumas pistas sobre a preponderância de fatores raciais no seu quadro de explicação. No capítulo III no livro *O animismo fetichista dos negros baianos* (citado por nós no primeiro capítulo) ele aborda, em pouco mais de uma página, o tema da epidemia de Itapagipe. [415] Seu esforço é no sentido de utilizar este evento singular para provar, entre outras coisas, que o fundo "nevropathico ou hysterico do negro" era característica saliente entre a população baiana.

A presença ou não da histeria entre os negros mantinha-se como tema de fortes embates à época da escrita desses textos. [416] A superstição excessiva do "áfrico-bahiano" que sob a influência dos sonhos, não conseguiria distinguir entre o real e o imaginário, confundia um sonho corriqueiro com a manifestação de entidades desencarnadas ou de espíritos de amigos mortos, era sinal de que o "mysticismo nevrophatico" podia ser detectado.

Mas, exemplos deste tipo, relacionados com fenômenos como sonambulismo, haviam de oferecer apenas provas indiretas da presença da histeria entre o povo negro da Bahia. Já era hora de apontar "casos incontestes" de histerismos na população africana, "não com o caracter de um facto excepcional e único, mas como casos ordinários da clinica comum". Para fundamentar essa assertiva, Nina cita, por

415 RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos.* Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Editora UFRJ, 2006, pp. 88 e 89.

416 ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Passado e presente na psicopatologia da paranoia. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, dezembro 2009, pp. 759-765.

exemplo, uma sessão espirita que presenciou na Rua da Calçada no Bomfim, em companhia de Alfredo Britto, Aurelio Vianna e Juliano Moreira, e que classificou como uma típica manifestação de histeria convulsiva.

Se "alguma duvida ainda pudesse subsistir" a respeito da força da histeria, bastava atentar-se para o papel "salientíssimo e preponderante" que teve a raça negra na "grande endo-epidemia de abaxia-choreiforme", isso seria "mais que sufficiente para desfazel-a em médicos e profanos". Para Nina a propagação da histeria entre os negros era um fato notável. Diz ele que constituem um ponto de interesse especial as relações existentes entre as exacerbações patológicas e as festas dos negros, como sambas e candomblés. [417]

Nina estava preocupado em revelar que o caráter doentio e epidêmico da moléstia se deve muito ao fato de seus participantes serem, em sua grande maioria, negros e/ou mestiços. São eventos que se destacam por serem ligados à população miscigenada, tendo ele próprio "conhecimento de explosões da epidemia coreiforme, quando já se tinha ella generalizado, em diversos candomblés e sambas". [418] Dá-nos a impressão de que, para Nina, eventos como esse são singulares, pois capazes de revelar ao cientista toda a morbidade advinda da reunião de "homens de cor".

Essas celebrações cotidianas são, como diz Le Bon, o efeito de um "instinto iludível", de "móveis ocultos, que nos escapam", "elementos inconscientes", "reminiscências mais ou menos vagas", de "forças secretas análogas às que obrigam a bolota transformar-se em carvalho ou o cometa a

417 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 88.
418 *Ibidem*. p. 88.

percorrer a sua órbita", enfim, de um "fundo muito fixo, no qual se enxertam opiniões tão móveis quanto a areia que reveste o rochedo". [419]

Para reforçar a hipótese da íntima relação entre os negros e a doença, Nina traz à discussão a confusão que os clínicos faziam entre o Beribéri e a Coréia, ou melhor, o que ele classifica como a "abasia coreiforme". [420] O melhor exemplo, já citado neste trabalho, foi o caso do relato de seu colega Dr. Pierrelevée que escreveu do Maranhão expondo suas considerações sobre os coreicos e como eles se faziam presentes na mesma época em que recrudescia também o chamado treme-treme. Eis que Nina tenta iluminar o problema ao afirmar que não eram os movimentos descoordenados dos beribericos que fortaleciam as epidemias de coreia, mas sim a agitação das danças sagradas dos negros:

> Se comprehende que si foi notável, como ficou provado, a influencia da marcha beri-berica no desenvolvimento da moléstia, pela apparencia longínqua que tinha com a do choreico, muito mais importante devia ter sido o efeito sugestivo das contorções das dansas sagradas dos negros. [421]

---

419 LE BON, Gustavo. *Op. Cit*., pp. 8, 24, 90, 91, 116.

420 Para uma discussão detalhada sobre as hipóteses sobre a origem e transmissão do Beribéri ver: PEARD, Julyan G. "Beriberi: Constructing a New Disorder in Brazil". In: _____. *Race, Place and Medicine. The Idea of the Tropics in Nineteenh-Century Brazilian Medicine*. Durham and London: Duke University Press, 1999, pp. 51-63.

421 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 88 e 89.

Em sua outra obra, de 1901, na "Observação III", já citada anteriormente, o médico maranhense concentra seus esforços no que poderia ter "influído poderosamente" para o desenvolvimento da epidemia: a "predominância numérica da raça negra e de seus mestiços em nossa população". Devido ao seu intenso caráter de sugestionabilidade, as danças e, sobretudo, as danças sagradas a que se entregam "tão apaixonadamente", os negros constituiriam "um poderoso agente provocador da histeria". Diz ele:

> As contorções que se apoderam dos negros durante essas danças já por si mesmas têm um caráter coréico, e sabe-se que em mais de um ponto da cidade foram estes exercícios coreográficos a fonte do desenvolvimento ou do recrudescimento da doença; não se deve esquecer, aliás, que nas duas cidades brasileiras onde a doença tomou grandes proporções, é muito elevado o número dos negros e seus mestiços. [422]

Parece-nos que Nina está apontando para o fato de que a população negra e mestiça da Bahia é extremamente sugestionável. Por esta razão, quando em festa e celebração, seus indivíduos transmitem a doença de forma contagiosa, através, sobretudo, dos movimentos corporais. Em outras palavras, não fosse o fato de mestiços e negros, considerados primitivos, formarem a quase totalidade do povo e criarem, em seus espaços de socialização, rituais próprios,

422 RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 83.

a possibilidade de uma epidemia coreica, tal como se deu, seria pequena, senão nula.

Está claro para Nina que a histeria desses seres híbridos só vicejava em meio a uma população predisposta, marcada física e intelectualmente pela herança étnica e racial. Le Bon, sempre lembrado por Nina, fala de "fatores remotos" capazes de tornar as multidões susceptíveis a certas convicções e inaptas a outras:

> Preparam o terreno em que se veem de súbito germinar novas ideias, cuja força e cujos resultados surpreendem, mas cuja espontaneidade é apenas aparente. (...) É isso apenas um efeito superficial, cujo longo trabalho anterior cumpre geralmente explicar. (...) [423]

Notemos, assim, que dois elementos atuam conjuntamente nas coletividades: por um lado, as "paixões de espírito", as "impulsões psicológicas", a "cólera patológica", temporalmente mais próximas dos fatos relatados, mais efêmeras e permutáveis, vivenciadas em tempos de festas e celebrações e, por outro, a marca da raça, um fator mais arraigado, enraizado. O fenômeno que as unem é a religião. Daí que para Nina o "fetichismo negro" ou a "astrologia aborígene" são fundamentais, enquanto devoções e práticas litúrgicas que incrementam o avanço de uma epidemia coletiva.

Neste mesmo livro, na "Observação IV", intitulada *Epidemia de loucura religiosa em Canudos; história médica do*

423 LE BON, Gustavo. *Op. Cit*., p. 58 e 59.

alienado meneur, Nina retorna ao arraial de Antônio Conselheiro e sua população de jagunços. Trazemos à tona esse texto, dado que ele pretende, aqui, compreender o campo de atuação da população rústica dos sertões, propícia a um "fetichismo mais ou menos grosseiro", onde o politeísmo não foi capaz de se opor "ao livre curso das mais infantis manifestações". Notemos na citação abaixo como Nina cria a imagem desses seres considerados desprezíveis, de baixa capacidade mental, próximos aos selvagens e a sua inabilidade de compreensão das abstrações do cristianismo:

> Tentaram-nos converter ao monoteísmo cristão; mas esta catequese, da mesma forma que entre os selvagens, não fez mais do que criar um conflito perpétuo entre a necessidade natural de uma manifestação franca de seus sentimentos religiosos inferiores e o constrangimento artificial de uma educação cheia de idéias abstratas e bem incapazes por si mesmas de provocar a emoção religiosa, por serem muito superiores ao alcance de sua capacidade mental efetiva. [424]

Em um espaço social bárbaro, onde, — "a despeito de todas as coações que lhes cria a imposição de uma organização social decalcada mais ou menos das instituições europeias" — essas populações não foram capazes de abandonar uma vida nômade e guerreira, segundo Nina é oportuno acrescentar que

424 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 85.

> (...) se observam com muita freqüência todas as manifestações mórbidas do desequilíbrio mental, desde a neuropatia, os simples temperamentos nervosos, até as grandes neuroses, a neurastenia, a histeria, a epilepsia e mesmo a alienação mental confirmada. [425]

O verdadeiro fanático, o verdadeiro alienado, tal como registra Nina, abandonava seu lar e seu trabalho, vendia seus bens e remetia os produtos ao Conselheiro, entregava-se a uma vida penosa e miserável, de disputa por martírios e sofrimentos terrestres. Seu único caminho, perseguido com "estranho fervor" era completar uma obra santa que sufocava todos os instintos naturais do homem, de sua própria conservação e do amor paterno. "Sem nenhuma dúvida, porém, haveria exagero em pretender que somente convencidos compunham esta turba", afirma Nina. [426] Frente a esta constatação, aos fatos observáveis até agora e às teorias de Lasègue e Falret

> (...) é impossível não admitir a existência do contágio, a comunicação de uma verdadeira alienação mental onde cada membro da seita refletia, segundo seu temperamento ou suas predisposições neuropáticas, a influência delirante de um louco. [427]

425 *Ibidem*, p. 86.
426 *Ibidem*, p. 87.
427 *Ibidem*.

Em Canudos o elemento passivo é, para Nina, o jagunço que robusteceu o conteúdo do delírio de Conselheiro "tornando-o capaz de fazer vibrar a nota étnica dos instintos guerreiros, atávicos, mal extintos ou apenas sofreados no meio social híbrido dos nossos sertões, de que o louco como os contagiados são fiéis e legítimas criações". [428] O jagunço é o legitimo produto mestiço do sertão, hibrido em sua natureza, resultado direto da "fusão quase inviável de civilizações muito desiguais". É um tipo humano que descende de antepassados selvagens e que teve de se adaptar às condições sociais da vida rustica e livre.

Essa ideia de uma escala da evolução social parece ter sido importada de Le Bon e, especialmente, Tylor, como veremos no próximo capítulo. Para o primeiro, quanto mais impulsiva, sentimental e irracional é uma coletividade, mais próximos estão seus membros de seres "que pertencem a formas inferiores de evolução, como o selvagem e a criança". [429] A raça, esse repositório de caracteres rudes, é o "solo invariável" no qual sentimentos movediços e superficiais emergem. São as "necessidades hereditárias da raça" que incutem em uma multidão um "respeito fetichista às tradições, um inconsciente horror às novidades". [430]

Os "resíduos ancestrais", esses "elementos misteriosos" de raças brutas e indóceis não são exclusividade dos homens que compõem as tropas do conselheiro. Podem ser identificadas em outras personagens célebres como João Abade,

428 *Ibidem*, p. 49.
429 LE BON, Gustavo. *Op. Cit*., p. 15.
430 *Ibidem*, p. 33.

jagunço de Gumercindo Saraiva, "o terrível cabo de guerra que dos pampas do Rio Grande, à frente das suas hostes veio bater às portas de S. Paulo"; Montalvão, o "destemido general das guerrilhas de Andaraí"; assim como jagunços o foram os Araújos e Maciéis, do Ceará, os Ledos e Leões, do Grajaú, no Maranhão, e "um pouco por toda parte, todos os guerrilheiros dos sertões do Brasil inteiro". [431]

Outra não foi a definição de Nina sobre o já citado regicida Marcelino Bispo que atentou contra a vida do presidente da República em 1897. Diz o autor maranhense que ele era mestiço de "sangue muito próximo dos índios brasileiros", posto que seus pais descendiam de índios do aldeamento de Urucu, em Alagoas. Após o evento, aberto inquérito de investigação sobre a sua família, descobre-se que Marcelino possuía parentes criminosos, "caboclos perversos e assassinos e dentre estes um que há tempos assassinou o próprio irmão". Daí que aos regicidas pertence, sem dúvida Marcelino Bispo, por sua própria natureza, "pois como todos os regicidas é evidentemente um degenerado". [432]

Em Canudos, os jagunços sob influência direta de Conselheiro foram responsáveis pela "primeira luta pelejada no Brasil em nome das convicções monárquicas". Aqui, Nina utiliza esta característica especifica para demonstrar até onde vai o "estágio inferior da evolução social" dessa camada da população rural. Os jagunços de Canudos são monarquistas não por convicção política e doutrinária, mas pela sua incapacidade mental de "compreender e aceitar a subs-

431 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 51.
432 *Ibidem*, p. 115.

tituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna — pela lei". [433]

Na verdade, é a debilidade mental do mestiço que influi em suas concepções políticas e sociais. Transpassa todas as esferas de sua vida e de sua organização em comunidade. A população mestiça dos sertões ainda necessita de um comandante em chefe, um condutor, enfim, um dominador político que será seu rei "como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses". Os mestiços de Canudos, devido à sua própria natureza, "serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância, do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto". [434]

Em Salvador, Nina notou que no tempo em que se deu uma grave epidemia de varíola, não era possível percorrer a capital "sem notar a singularidade de haver em cada canto de rua milho estalado ao fogo, de mistura com azeite de dendê". Em sua visão, prende-se a este fato a crença fetichista africana de que a erupção variólica era uma "manifestação da possessão pelo orixá Saponã, Homonolu ou Abaluaê". Nina então se pergunta: "Ora, se na população da capital têm curso práticas e doutrinas desta natureza, pode-se prever o que há de ser a religião dos sertanejos". [435]

Para estes, as entidades religiosas são poderosas, as divindades são materiais e tangíveis a ponto de se imporem com força suficiente para destruir o prestigio, por exem-

433 *Ibidem*, p. 52.
434 *Ibidem*.
435 *Ibidem*, p. 53.

plo, das crenças cristãs cuja história essa mesma população aprendeu pela força e coerção, mas que, "transcendente demais, não lhe pode criar a emoção do sentimento religioso". [436] Explica-se, assim, para Nina, a facilidade com que Conselheiro suplantou o clero católico, como foi aberto o caminho do fanatismo e da violência pelo fetichismo instintivo de seus seguidores.

Neste ponto específico, Nina distancia-se de Gabriel Tarde, para quem o fator religioso pouco importa na atuação da multidão. Disse o sociólogo francês:

> A multidão, grupo amorfo, surgido aparentemente por geração espontânea, é sempre sublevada, em realidade, por um grupo social do qual um membro lhe serve de fermento e lhe confere sua cor. (...) As multidões religiosas são as mais inofensivas de todas; só se tornam capazes de crimes quando o encontro com uma multidão dissidente e contramanifestante ofende sua intolerância, não superior mas somente igual à de uma multidão qualquer. (...) Daí, por exemplo, os massacres de arianos por católicos e de católicos por arianos, que ensanguentaram no século IV as ruas de Alexandria. [437]

Para Nina, uma certeza: "Ali se achavam de fato, admiravelmente realizadas, todas as condições para uma cons-

436 *Ibidem*.

437 TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 34.

tituição epidêmica de loucura". Era, fundamentalmente, uma população de "espírito infantil e inculto", atormentada e perseguida por uma "aspiração religiosa não satisfeita". No núcleo deste grupo humano, profunda sensação haveria de fazer, forçosamente, "a figura impressionante de um profeta ou enviado divino desempenhada por um delirante crônico na fase megalomaníaca da psicose". [438]

No primeiro estudo que Nina apresentou sobre Canudos, já citado por nós, ele estabelece de maneira detalhada como essa "incapacidade mental" em Conselheiro era resultado de um delírio vesânico. Após a derrota da comunidade, o seu cadáver foi enterrado onde antes havia um santuário de uma igreja em construção. Com o boato da ascensão celeste do profeta e com o fim de impedir o alastramento desta fé, autoridades locais exumaram o corpo e separaram-lhe a cabeça que foi enviada pelo Dr. Miranda Cúrio para Salvador.

Com a peça em mãos, Nina Rodrigues e o Dr. Sá Oliveira procederam com o exame craniométrico de Antônio Conselheiro, não apresentando nenhuma anomalia significante que denunciasse qualquer traço de degenerescência. Era um exemplar de mestiço onde se associavam caracteres antropológicos de raças diferentes. A conclusão foi inequívoca: "É pois um crânio normal". [439] Este resultado, que contradizia algumas lições da escola lombrosiana, leva Nina a afirmar, paradoxalmente, que está de acordo com as informações recolhidas sobre o alienado e confirmaria o diagnóstico de delírio crônico de evolução sistemática.

438 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 55.
439 *Ibidem*, p. 90.

No mesmo ano em que publicou este estudo sobre Conselheiro, Nina também escreveu um manual de autopsia para servir de guia aos estudantes de medicina, mencionado na nota 68 do primeiro capítulo. [440] O item em que ele descreve como se deve tentar estabelecer a identidade de um corpo unicamente pelo exame de seu esqueleto, o conduz para um campo de controvérsias. Algumas perguntas são inerentes ao exame: os ossos pertencem a um ser humano? Qual a sua altura? Idade? Sexo? E, o mais importante, qual a sua raça?

Ele admite que para esta última indagação não há base muito segura no exame do esqueleto. Diz que a identidade étnica dos cadáveres reduzidos a esqueletos é um dos problemas mais delicados que se pode oferecer ao perito de países com populações heterogêneas, como o Brasil. Mas Nina não perde a esperança e logo afirma: "(...) si as medidas craneanas não confirmaram as esperanças nelas depostas de um bom critério differencial das raças, o exame do esqueleto pode oferecer em certos casos esclarecimentos preciosos ao perito". [441]

Os cabelos são um bom exemplo dado que resistem por muito tempo ao processo de degradação do corpo em geral. Outras medidas de grande valor seriam os índices radial e tibial, assim como o pé chato e a saliência posterior do calcanhar. Essas possibilidades de exame Nina diz que retirou da monografia do Prof. Irving Rose [442], dos Estados Unidos,

---

440 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Manual de autópsia médico-legal*. Salvador: Reis & Cia, 1901.

441 *Ibidem,* p. 137.

442 ROSE, Irving. *Personal identity including the methods used for*

país "onde o problema da identidade ethnica tem importância igual a que tem para nós, para o diagnóstico da raça negra (...)". [443]

Logo após dissertar sobre Canudos, Nina Rodrigues irá dedicar algumas linhas sobre um "violento delírio religioso" que ocorreu no interior de Pernambuco, em 1838. Em sua "Observação V", intitulada *A hecatombe de Pedra Bonita em Pernambuco,* ele nos apresenta a um caso sebastianista que teve início com as pregações do mestiço João Santos na comarca de Flores. Sua principal fonte de informações é a obra de Antônio Áttico de Souza Leite, *Fanatismo Religioso. Memória sobre o reino encantado na comarca de Vila Bela,* de 1898. O mesmo autor já havia escrito sobre o ocorrido em uma obra intitulada *Memoria sobre a Pedra Bonita: ou reino encantado na comarca de Villa Bella, provincia de Pernambuco,* de 1875. [444]

Os eventos que se deram em Pedra Bonita são até hoje um tanto obscuros, posto que ao contrário de outros casos de messianismo, como Canudos ou Juazeiro de Padre Cícero, não se formou propriamente uma historiografia em torno do tema. Além da obra supracitada, de Souza Leite,

---

its determination in the dead and the living. *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 138.

443 *Ibidem.*

444 *Cf.* LEITE, Antônio Ático de Sousa. *Fanatismo Religioso. Memória sobre o reino encantado na comarca de Vila Bela, com um juízo crítico do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe*. Juiz de Fora: Solidônio Ático Leite, 2a ed., 1898; _____. *Memoria sobre a Pedra Bonita: ou reino encantado na comarca de Villa Bella, provincia de Pernambuco.* Rio de Janeiro: Editora Instituto Typographico do Direito, 1875.

apenas Maria Isaura tratou do tema de forma bastante sucinta em sua obra sobre messianismos. As referências mais conhecidas pelos estudiosos do tema são os romances *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego e *Romance d`A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do Vai-e-volta*, de Ariano Suassuna.[445]

A pedra "Bonita" ou do "Reino" é uma referência às duas formações rochosas de aproximadamente 30 metros de altura que, segundo o pregador João Santos, seriam os portões "encantados" por onde se daria o retorno de D. Sebastião. Percorrendo a região para difundir a crença, o profeta produziu forte impressão no espirito em uma população considerada predisposta, fetichista e supersticiosa. A ideia de uma intervenção sobrenatural foi sendo aos poucos aceita "pela disposição singular das rochas e por um tom prateado que dava brilho à mais alta, a *pedra bonita* como a chamavam". As autoridades eclesiásticas conseguiram o afastamento do "agitador", porém, em menos de dois anos, surgiu outro enviado divino, João Ferreira, cunhado do primeiro, que reuniu nada menos que 300 pessoas "com o fim de provocar o desencantamento do reino". [446]

As pessoas então reunidas entregaram-se, nas palavras de Nina, às mais estranhas práticas religiosas, misturadas com orgias sexuais desenfreadas, onde o que predominava era a satisfação imediata dos instintos animalescos, "em meio à mais revoltante promiscuidade". Em meio às orações, bebidas estimulantes e danças frenéticas, esperavam

445 REGO, José Lins do. *Pedra Bonita.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010; SUASSUNA, Ariano. *Romance d`A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do Vai-e-volta.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

446 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 92.

pelo fim, presos a uma "exaltação extrema e crescente", que os faziam até esquecer dos cuidados pessoais, "nem mesmo os exigidos pela higiene do corpo ou a simples mudança de roupa". [447]

João Ferreira, o orador, com suas prédicas e sermões, enumerava as riquezas que todos iriam desfrutar no futuro próximo: "negros e mestiços se tornariam brancos, os velhos rejuvenesceriam, os pobres se tornariam de repente milionários, poderosos, imortais!" [448] Para isso se tornar uma realidade, para se dar o desencantamento, as duas colunas de rocha sagrada deveriam ser banhadas com o sangue dos pecadores. A partir daí, Nina narra um cenário dantesco que se deu na comarca.

Fanáticos disputavam a morte, "oferecendo-se voluntariamente à execução", como foi o caso do pai do pretenso profeta, o primeiro a "abraçar a pedra e oferecer espontaneamente seu pescoço ao cutelo". Uma das cunhadas do já considerado "rei" também é sacrificada e apresentando uma gravidez avançada, "deu à luz no momento da execução". A própria esposa de João Ferreira é morta a punhaladas. Outros seguiram o exemplo oferecendo-se para o sacrifício ou encaminhando seus filhos para a morte, como um velho que subiu na rocha com dois netos no braço, precipitando-se no espaço.

Carlos e José Vieira, dois mestiços encarregados de organizar a carnificina, garantiram que uma viúva imolasse dois de seus filhos, mas não impediram que outros dois fu-

447 *Ibidem*.
448 *Ibidem*, p. 93.

gissem, para o desespero da mulher. As bases dos rochedos aos poucos eram embebidas de um "orvalho sangrento" e ao fim de três dias de sacrifícios, haviam sido mortos "trinta meninos, doze homens e onze mulheres, e mortos quatorze cães". [449]

Numa certa manhã um cunhado do rei, Pedro Antônio, irmão do primeiro profeta, João Antônio, declarou que chegara a hora do sangue de João Ferreira molhar as pedras. Tomado de pavor, foi capturado e morto imediatamente. Segundo Nina, devido às contorções e movimentos desesperados, "foi preciso quebrar-lhe o crânio para se certificarem que estava realmente morto e amarrar e suspender seu cadáver em duas árvores vizinhas". [450]

No quarto dia de sacrifícios, segundo Nina, "os cadáveres estavam num estado de putrefação de tal modo adiantado, que a turba teve que se retirar para um local próximo". As notícias logo chegaram às autoridades e foi organizada uma expedição à comunidade que já levantava pequenas cabanas de assentamento. "Ao som das litanias e dos cânticos religiosos", os fanáticos ofereceram renhida resistência, e deu-se um violento combate onde pereceram vinte e duas pessoas, entre tantas outras devidamente aprisionadas. [451]

No caso da Pedra Bonita, "mais do que em qualquer outra circunstância", afirma Nina, o desvio mórbido da população é atribuído à reunião de mestiços "psicologicamente mais equilibrados" que evocam violentamente sentimentos e crenças atávicas das "raças inferiores de onde haviam saído". Crenças essas identificadas na "litolatria" dos índios

449 *Ibidem*
450 *Ibidem*.
451 *Ibidem*, p. 94.

americanos e dos negros africanos, presentes entre a população pernambucana, que devem ser consideradas "um legado transmitido diretamente por herança a seus descendentes, puros ou mestiços". [452]

Nina não poupa nem a raça branca, cujas tendências supersticiosas e a fé cega "nos encantamentos e nas transformações em pedra" ligam-se, no Brasil, ao elemento fetichista do negro e do índio. A disposição "insólita" das formações rochosas e sua grotesca semelhança com os *menhirs* "fere naturalmente o espírito" do homem civilizado, porém, é a "tendência sanguinária", os "instintos cruéis da mais selvagem ausência de piedade" que parece incomodar Nina. Ainda hoje, diz, as raças inferiores e descendentes diretos que constituem as populações misturadas manifestam, comprovadamente, tais comportamentos "quando entregues a si mesmas".

O delírio vesânico, segundo Nina, nada criou de novo nesta ocasião tão horrenda. Apenas "despertou ao máximo tendências e instintos de crueldade, não apagados mas simplesmente adormecidos". A hecatombe da Pedra Bonita se assemelha tanto aos festins antropofágicos dos índios sul-americanos como ao "furor destruidor dos sacrifícios humanos praticados nas festas religiosas da Costa d'África, de onde provêm nossos negros, em grande parte". [453]

Fosse em Canudos ou em Pedra Bonita, Nina faz referências diretas à matriz racial fixa de negros, índios e caboclos, estruturada sob influência, entre outros, de Gustave Le

452 *Ibidem*.

453 HOVELACQUE, Abel. *Les nègres de l'Afrique sudéquatoriale*. Paris: 1889 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 95.

Bon. Esta corrente, decididamente fatalista, aqui no Brasil, condenava a presença no país dessa população altamente miscigenada e deturpada. Tal visão, entretanto, não o impediu de tratar a questão das multidões também pelo prisma sociológico e psicológico, partindo, sobretudo, das sugestões de Gabriel Tarde. Ao pessimismo alarmista, somava-se pelas mãos do médico maranhense, uma vertente de estudos aparentemente mais flexível que incluía entre as causas de uma epidemia coletiva as influências do meio social e suas contingências eventuais.

Nina não considerava incoerente um discurso que incorporasse, por um lado, o racialismo, e por outro, as propostas sócio-psicológicas. Seus trabalhos sobre as multidões no Brasil tornaram-se um reflexo desse modo próprio de pensar e demonstram a sua habilidade de interpretar casos nativos a partir de diferentes referências teóricas estrangeiras. Nina era capaz de aproximar visões antagônicas, sem necessariamente marcar posições definitivas em relação a elas, o que transforma seus escritos em um desafio para os estudiosos contemporâneos.

Levando em consideração a sua familiaridade com os autores europeus, tudo indica que Nina tentou dialogar diretamente com seus pares do ultramar, mas reservando-se o direito de construir um discurso autêntico e inovador. Seus textos revelam a posição privilegiada de um pesquisador que vivia em um país mestiço, "desordenado" e como esse *lócus* de atuação era, contraditoriamente, sua principal vantagem, seu foco de atuação e reflexão. Os problemas que faziam do Brasil um lugar condenado ao atraso, também faziam dele um "laboratório" que permitia a Nina conversar

de igual para igual com o grande centro de produção intelectual de sua época, a Europa.

CAPÍTULO 3

AS RAÇAS SE MOVEM

Raça e Evolucionismo no Ocidente

Apresentamos, no primeiro capítulo, um panorama geral das obras de Nina Rodrigues e como estas se inserem numa longa tradição autoritária do pensamento social brasileiro. Tal procedimento nos permitiu identificar e localizar adequadamente seus estudos sobre psicologia coletiva que tratamos no capítulo seguinte e que apresentam sinais evidentes de que Nina não era, tal como nos acostumamos a vê-lo, pura e simplesmente um racialista.

Ao tratá-lo desta forma, propomos uma nova interpretação que exige, prudentemente, uma digressão pormenorizada sobre a questão racial que tanto ocupou sua geração. Pretendemos aqui, neste item, abordar os principais debates e conceitos em torno do tema com o objetivo de iluminar as correntes cientificas entre às quais Nina tencionava-se, se esforçando para construir um discurso coerente e crível para seus interlocutores — ainda que para os pesquisadores atuais assim não parecesse.

O termo *raça*, entendido como um conceito "morfobiológico" — isto é, aplicado a povos distintos para explicar diferenças fenotípicas e caracteres somáticos — emergiu com força em meados do século XIX como parte de um discurso

cientificista construído pela classe letrada ocidental, sobretudo europeia. [454] Embora já circulassem no Brasil, os referenciais clássicos do "racismo científico" ou "racialismo" tiveram uma acolhida acalorada entre os intelectuais apenas no período entre o Segundo Reinado e os primeiros anos da República, manifestando-se em diversos ramos conhecimento, em especial a medicina, tendo em Nina Rodrigues um de seus difusores.

As raízes do racismo científico oitocentista, entretanto, são longínquas. Poderíamos, por exemplo, recuar até a ocupação da Península Ibérica pelos Mouros em 711 e sua expulsão em 1492. Há uma abundante produção historiográfica sobre a *limpeza de sangre*, em território espanhol, isto é, a criação, pelos cristãos, de estatutos e leis para discriminar muçulmanos e cristãos-novos. [455] Ou percorrer outra importante tradição de estudos que se refere à invasão da Inglaterra em 1066 pelos normandos. O domínio perdurou só até 1154, mas, segundo Michael Banton, estabeleceu uma histórica disputa entre a "gloriosa" nobreza saxã e os invasores, identificados, sobretudo na literatura, como assassinos, ladrões, prostitutas e bruxas. [456]

---

454 MUNANGA, Kabengele. "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia". In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.). *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira.* Niterói: Eduff, 2004, p. 22.

455 SICROFF, Albert A. *Los estatutos de limpieza de sangre. Controversias entre los siglos XV y XVII*. España: Taurus Ediciones 1985; GARCÍA-AREANL, Mercedes Y LEROY, Béatrice. *Moros y judíos en Navarra en la Baja Edad Media.* Madrid: Hiperión, 1984.

456 BANTON, Michael. *The idea of race*. Colorado: Westview Press, 1978; CRAIG, Cairns. Introduction: Race, Scripture, Science.

Embora muitos autores interpretem esses eventos e suas consequências como a gênese do moderno sentimento de preconceito racial, voltar à Idade Média nos parece um tanto exagerado, e deixamos algumas indicações de leitura nas notas bibliográficas. Mas antes, é importante fazer notar que, segundo o historiador Robert Bartlett, a palavra inglesa *race*, como a conhecemos hoje, é, entre outras possibilidades, uma tradução do latim medieval *gens* ou *natio* que, dependendo do escritor a que se consultasse, poderia ser sinônimo de "casta", "povo", "tribo", "família" e "linhagem".

Tal como afirmou Bartlett:

> Medieval terminology may have allowed a biological or genetic construal of race, but it also allowed a picture of races as changing cultural communities, often in competition, often forming and reforming, overflowing and cutting across political boundaries, providing identities and claims for their members. That seems to have been the "true answer" to the question about ethnic identity, in the Middle Ages as now. [457]

The Journal of Scottish Thought, University of Aberdeen, v. 2, n. 1, p. 1-33, 2009; *Cf.* MELMAN, Billie. Claiming the Nation's Past: The Invention of an Anglo-Saxon Tradition. *Journal of Contemporary History*, v. 26, n. 3/4, September 1991, pp. 575-595; HARRIS, Stephen J. *Race and Ethnicity in Anglo-Saxon Literature*. New York and London: Routledge, 2003.

457 "A terminologia medieval pode ter permitido uma interpretação biológica ou genética da construção da raça, mas também permitiu uma imagem de raças como comunidades culturais em mudança, muitas vezes em competição, muitas vezes formando e reformando,

Sem descartar inteiramente os condicionantes estritamente "biológicos", notamos que a significação "pré-moderna" da raça atribuída a muitos escritores do medievo, segundo Bartlett, pendia mesmo para concepções ligadas à "genealogia". Os termos *raça*, em português e *raza*, em espanhol são um produto direto desse processo, fosse ele decorrente de uma luta interna pelo poder entre grupos nobres ou um esforço de distanciamento da nobreza frente a outras camadas da população.

Apesar do risco do anacronismo, o medievalista David Nirenberg acredita ser possível romper com as limitações impostas ao uso da palavra *raza* às sociedades pré-modernas, em especial a espanhola. O assunto é delicado, polêmico e foge ao nosso objetivo principal. Basta lembrar que ele critica o que chama de "escuela de la descontinuidad", comum a muitos autores contemporâneos, que infere ao conceito apenas referências à cor da pele e outras características físicas externas.

Ele oferece ao leitor exemplos de autores que desenvolveram uma lógica racial mais ampla e extensa "com su cresciente naturalización de las características culturales", aplicadas, principalmente, a mouros e judeus. Nirenberg sustenta que é possível uma abordagem racial visando ilu-

---

transbordando e atravessando as fronteiras políticas, fornecendo identidades e reivindicações para seus membros. Essa parece ter sido a "verdadeira resposta" à pergunta sobre a identidade étnica, na Idade Média, como agora". In: BARTLETT, Robert. Medieval and Modern Concepts of Race and Ethnicity. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, Duke University Press, v. 31, n. 1, winter 2001, p. 54.

minar esta realidade ou pelo menos demonstrar "the inadequacy of some influential arguments for dismissing the relevance of race to the pre-modern by finding in medieval Spain some of the atributes of race that various scholars have located in modernity". [458] E continua:

> Además, y puesto que los efectos de la genealogía se expresaban primariamente de modo cultural, la clasificación religioso-racial de la práctica cultural se convirtió en ingrediente importante de la economía acusatoria. Casi cualquier rasgo cultural negativo podia así presentarse como «judaizante». [459]

Deste ponto de vista, seria inadequado descartar completamente alguns elementos não ligados ao "biologismo" tão característico dos oitocentos, mas que tiveram grande papel na formatação do conceito de raça. Tal formatação, de cunho cultural, mas, sobretudo, genealógico, de determinados grupos mantém-se e fortalece-se no alvorecer da era moderna. Na França, por exemplo, entre os séculos XVI e XVIII, o ainda difuso conceito de raça foi manipulado pela nobreza para demarcar posições sociais e políticas. A fina flor da fidalguia francesa ressentia-se de qualquer filiação

458 NIRENBERG, David. "Was there race before modernity? The example of 'Jewish' blood in late medieval Spain". In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin and ZIEGLER, Joseph (orgs). *The Origins of Racism in the West*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009, p. 241.

459 NIRENBERG, David. El concepto de raza en el estúdio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media*, Espanã, n. 3, 2000, p. 58.

aos chamados povos "gauleses", identificados diretamente com a plebe, e, portanto, desmerecidos de valor, para, assim, exultar uma suposta genealogia comum com os "francos", linhagem de origem germânica.

Notamos que o entrevero entre francos e gauleses é recorrentemente citado pela historiografia brasileira. O antropólogo Renato da Silveira cita o exemplo do aristocrata Henry de Boulainvilliers (1658-1722), autor de *Histoire de l'Ancien Gouvernement de la France*, obra de 1727 que organiza a sociedade a partir de uma ordem natural ditada pela distinção entre o sangue "vil e abjeto" da plebe e o sangue superior "claro e puro" da Nobreza. [460] Os representantes desta última casta, em teoria, seriam dotados de habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir e dominar aqueles aos quais se contrapunham:

> A sociedade francesa seria, portanto, o resultado da coexistência entre a aristocracia dos conquistadores francos, "raça superior" germânica vinda do Norte, fundadora de impérios, e a "raça inferior" dos gauleses ou galo-romanos, os nativos conquistados. A tarefa histórica da aristocracia franca seria impedir a contaminação do seu sangue privilegiado pelo sangue bastardo da burguesia galo-romana detentora do poder econômico. [461]

460 BOULAINVILLIERS, Henri. *Histoire de l'ancien gouvernement de la France: Avec XIV. Lettres historiques sur les parlemens ou états-généraux.* A la Haye & a Amsterdam, Aux dépends de la compagnie, 1727 (Tome I & II) *Apud* SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, n. 23, 1999.

461 SILVEIRA, Renato da. *Op. Cit*. p. 95.

Helga Gahyva remete à mesma "dualidade nacional francesa" e, utilizando uma terminologia elaborada pelo filosofo Lucien Goldmann (1913-1970), faz referência à chamada *querela das duas raças*. De um lado da trincheira, os francos ou "germanistas", reivindicando a posse de um rei que fosse eleito por seus pares, os nobres, e de outro, a monarquia absolutista ou "absoluta", que se fortalecia e sacrificava os grandes (senhores de terras) para incorporar funcionários e aliados da plebe. Soma-se — ao que Gahyva também classifica como "reação nobiliárquica" à concentração de poder nas mãos do monarca e ao veloz enobrecimento de setores da população plebeia — o ideal da realeza de preferir os méritos de uma burguesia ascendente e laboriosa às pretensões caducas do senhorio feudal. [462]

Segundo o historiador colombiano Max S. Hering Torres

> La época comprendida entre 1560 y el final del gobierno de Luis XIV (1643-1715) se caracterizó por revueltas populares, guerras religiosas y particularismos regionales. La lucha del absolutismo contra la nobleza reducía parcialmente sus privilegios, así como la exención de impuestos, la jurisdicción estamental y el derecho a la defensa propia. En este contexto se desarrollaron las posturas citadas como un intento por crear todo un mundo de ideas con el fin de rescatar el estatus privilegiado de la nobleza. [463]

462 GAHYVA, Helga. *O inimigo do século. Um estudo sobre Arthur de Gobineau (1816-1882).* Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2012, pp. 13-55.

463 TORRES, Max S. Hering. "Raza": variables históricas. *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá, Colombia, n. 26, abril de 2007, p. 19.

Roberto Ventura também remonta à França, agora do final do século XVIII, ao investigar as raízes do racismo europeu — instrumento que foi da nobreza contra as reivindicações da burguesia em ascensão. Assumido com uma significação feudal e nobiliárquica, serviu à manutenção dos privilégios estamentais, renegando, de acordo com Lilia Schwarcz, o humanismo, a filosofia do voluntarismo e o princípio universal da igualdade, herdados da Revolução Francesa. A nobreza, questionada e enfraquecida, resguardava-se, assim, como representante última de uma classe pura, etnicamente superior às demais. [464]

Essa polêmica é retomada no pós-revolução pelos primeiros historiadores republicanos franceses, dos quais Silveira destaca os irmãos Jacques Nicolas Augustin Thierry (1795-1856) e Amédée Simon Dominique Thierry (1797-1873). Ambos afirmaram que a Revolução Francesa teria sido a "revanche" dos gauleses, posto que, até então, estes formavam uma classe sem comando e liberdade, cerceada do monopólio das armas, apartada e acuada, enfim. Era esta a "raça" que encarnaria a "igualdade e a tendência associativa", "o espirito federativo e republicano", a "luta contra a tirania". [465]

Assim, o racismo terminou por prosperar no campo oposto da batalha, em virtude da postura revolucionária da burguesia, da intensa divisão do país e da consequente

464 VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 56; SCHWARCZ, Lilia Moritz. "O espetáculo da miscigenação". In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.). *A recepção do darwinismo no Brasil.* Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003, p. 176.

465 SILVEIRA, Renato da. *Op. Cit*., p. 95.

guerra civil. Ao contrário do que ocorria em outros países europeus, como Portugal [466], onde o racismo foi manipulado para unir o povo em torno de um sentimento nacional, sustentado pela aliança política entre uma burguesia "aristocratizada" e a nobreza, na França ele emergiu "no seio de uma batalha simbólica pela redistribuição do prestígio, da riqueza e do poder". [467]

Com o triunfo burguês e a agressiva expansão comercial e marítima do século XIX, o conceito de raça, há muito utilizado para marcar "castas" e "linhagens" puras, foi gradualmente manobrado para explicar as distinções inatas entre os homens europeus e os "outros", ou seja, americanos, asiáticos e africanos. A ciência de então teve um papel fundamental na separação entre os "civilizados" e aqueles ainda mergulhados na barbárie das novas e antigas colônias, como o Brasil onde atuou Nina Rodrigues.

Informa-nos Jair de Souza Ramos que aqui, em solo brasileiro, as representações sobre diferença racial, no período imediato ao pós-independência, estavam atreladas à construção da nova nação e da civilização que se queria impor. Assim,

> (...) a desqualificação do negro recaiu menos sobre uma leitura biológica do que sobre o fato de ele portar em si as marcas da selvageria africana, expressa nos hábitos bárbaros, na

466 NOVINSKY, Anita Waingort. Reflexões sobre o racismo (Portugal, séculos XVI-XX). *Revista USP*, São Paulo, n. 69, mar.-mai. 2006, pp. 26-35.

467 SILVEIRA, Renato da. *Op. Cit*., p. 96.

> violência de suas vidas, nos crimes passionais, nos assassinatos dos senhores, enfim, na não incorporação daqueles pressupostos hierárquicos, que sustentavam politica e hierarquicamente o Império Brasileiro, expressos na ideia de civilização. [468]

Já Thomas Skidmore nos informa que, ao contrário do que poderíamos imaginar, a questão racial, enquanto problema teórico, não foi uma premissa no intenso debate abolicionista de meados do século. O brasilianista tira suas conclusões tanto por parte de um representante dos escravagistas, o deputado mineiro Agostinho Marques Perdigão Malheiro (1824-1881), quanto dos abolicionistas, representados por sua figura máxima, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849 - 1910). [469]

Sem entrar no mérito se as afirmações do autor fazem ou não parte de uma historiografia que reitera o mito da "harmonia" ou "democracia racial", não há como negar que apesar de já circularem com frequência nos meios científicos e literários no exterior, o racialismo só entra em cena no Brasil, como fato relevante no debate público, na segunda metade do século XIX, pelas mãos de homens como Nina Rodrigues.

---

468 RAMOS, Jair de Souza. "O Brasil sob o paradigma racial. Sociologia histórica de uma representação". In: PENA, Sergio D. J. (Org.). *Homo Brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, p. 136.

469 SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit*., pp. 60-63.

Edler, por exemplo, afirma que no primeiro quartel do século XIX, diante das questões consagradas pela geografia médica europeia, que imputava aos fatores climático-telúricos ação decisiva sobre as patogenias, os médicos brasileiros apresentaram propostas "algumas das quais se opunham a velhos estigmas raciológicos veiculados em compêndios médicos europeus". [470]

Importante notar como o consenso médico de então girava em torno dos hábitos higiênicos como fatores morbígenos. Diz Edler que os agentes principais de mortalidade identificados pela classe médica seriam o abuso do "ato venéreo" e o "regime alimentar" da população. [471] Não custa lembrar que antes de aventurar-se pelos caminhos tortuosos do racialismo, um dos primeiros trabalhos de Nina Rodrigues, tal como demonstramos no primeiro capítulo, intitulava-se *A Nova agricultura e o regimen alimentar do Norte* que procurou apontar as desvantagens do consumo da farinha de mandioca no Norte do país. [472]

A medicina brasileira na primeira metade do século XIX parecia não apenas ignorar a questão racial como ele-

---

470 EDLER, Flavio Coelho. A medicina no Brasil imperial: fundamentos da autoridade profissional e da legitimidade científica. *Anuario de Estudios Americanos*, EEHA - Sevilha, v. LX, n.1, 2003, p. 151.

471 EDLER, Flavio. "A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais". In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Acces, 2001, p. 112.

472 RODRIGUES, Raimundo Nina. A nova agricultura e o regimen alimentar do Norte. *Pacotilha. Jornal da Tarde,* São Luiz, 5, 9 e 18 jun.-6 e 9 jul. 1888.

mento central para explicação das doenças, como contrariava a opinião de alguns poucos confrades europeus que atribuíam à "mistura das raças" a produção de novas doenças inexistentes no velho continente. Edler — citando Joseph François Xavier Sigaud (1796-1856), médico interessado nos estudos de história natural no Brasil — lembra que para a Academia Imperial de Medicina

> (...) as doenças que cada uma das raças trouxe ao país não teria degenerado pela transmissão às outras raças (...) "O piã, importado da África, a sífilis dos indígenas e a varíola da Europa" seriam idênticas ao que eram três séculos antes. Apenas à "natureza das localidades" e ao "regime das populações" poderia ser imputado "o segredo patológico do país". [473]

Sigaud produziu, na opinião de Luiz Otávio Ferreira, a obra síntese do pensamento higienista brasileiro na primeira metade do XIX, intitulada *Du Climat et des Maladies du Brésil ou Statistique Médicale de cet Empire.* [474] Como aponta Ferreira, antes mesmo das teorias raciais tornaram-se um paradigma dominante de explicação para as morbidades da população brasileira, o higienista francês rejeitava veementemente a ideia de que o problema sanitário pudesse decorrer da composição racial brasileira:

---

473 SIGAUD, Joseph François Xavier. *Du Climat et des Maladies du Brésil ou Statistique Médicale de cet Empire.* Paris: Chez Fortin, Masson et Cie, Libraires, 1844, p. 157 *Apud* EDLER, Flavio. *Op. Cit*., p. 113.

474 SIGAUD, Joseph François Xavier. Op. Cit.

> Mesmo reconhecendo a existência de patologias que acometiam de modo distinto brancos, negros e índios, para Sigaud a mistura racial não teria produzido novas doenças ou modificado profundamente a constituição física dos brasileiros. O clima das localidades e o regime alimentar é que deveriam ser considerados os principais fatores patogênicos do país. [475]

Justamente, para Skidmore, o "fator étnico" não estava posto para aqueles que lutavam pela abolição, dado que acreditavam não haver um sentimento aberto de preconceito racial na sociedade. Esse discurso, atribuído aos abolicionistas, era muito semelhante ao propagado por alguns naturalistas franceses que escreveram sobre o Brasil nos oitocentos, como Louis Couty (1854-1884), Conde Georges Vacher de Lapouge (1854-1936) e Pierre Denis (1883-1951). Couty, por exemplo, afirma que as uniões frequentes "entre cores" formaram uma população mestiça importante e que tanto os mestiços, quanto os negros alforriados, inteiramente misturados à população branca, tem com esta última, relações intimas quotidianas e lutam pela sobrevivência nas mesmas condições.

Couty chega a afirmar que a escravidão funcionava como uma proteção para os negros que eram bem alimenta-

475 FERREIRA, Luiz Otávio. "Uma interpretação higienista do Brasil Imperial". In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Acces, 2001, p. 218.

dos e protegidos contra a velhice e o desemprego. Em resumo: "O escravo não é de maneira alguma considerado como gado, como um ser inferior a ser explorado: é um operário agrilhoado à terra em condições frequentemente mais suaves daquelas que gozam nossos assalariados na Europa". [476]

Ainda assim, mesmo frente a este quadro, às evidências tão contundentes e aos relatos de brasileiros e estrangeiros, Skidmore pontua que a questão racial não era de toda ignorada:

> Having rejected the straightforward theory of absolute biological differences, the abolitionists nonetheless believed in racial influences. Those relative influences were hardly a matter of indifference. The abolitionists, like most of the elite, hoped to maximize the influence of the "higher" or "more advanced" civilization meaning the white Europeano Ergo: the whiter the better. [477]

476 COUTY, Louis. *L'Esclavage au Brésil*. Paris: Librairie de Guillaumin et cie., 1884 *Apud* PETRUCCELLI, José Luis. Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 7, dezembro de 1996, pp. 138-139.

477 "Tendo rejeitado a teoria íntegra das diferenças biológicas absolutas, os abolicionistas, no entanto, acreditavam em influências raciais. Essas influências relativas dificilmente eram uma questão de indiferença. Os abolicionistas, como a maioria da elite, esperavam de maximizar a influência da civilização "superior" ou "mais avançada", significando o branco europeu. Ergo: quanto mais branco melhor" In: SKIDMORE, Thomas. Brazilian intellectuals and the problem of race, 1870-1930. *Occasional Paper*, Vanderbilt University, n. 6, 1969, p. 2.

No campo literário e historiográfico, por exemplo, é Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) que vai explorar, de forma tímida, essa hipótese ao abordar a "miscigenação racial", já na década de 1840. É de sua autoria a proposta vencedora do concurso *Como se deve escrever a história do Brasil*, promovido pelo IHGB em 1847. O naturalista descreveu a importância do cruzamento das três raças — branca, indígena e negra — para a formação da nossa nacionalidade, ressaltando as proezas do colonizador português, romantizando o papel do indígena e relegando ao negro o lugar de mero coadjuvante.

Segundo Ronaldo Vainfas, a proposta, entretanto, não prosperou e poucos anos depois, o historiador e diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) elaborava, de modo inverso, uma história rigorosamente branca e elitista em *História Geral do Brasil*, publicada entre 1854 e 1857, onde a miscigenação racial permaneceu praticamente oculta. [478] Vale ainda lembrar que esta só voltaria a ser tema de reflexão entre historiadores com Capistrano de Abreu (1853-1927) e seus *Capítulos de história colonial*, de 1907. Ainda que de forma atenuada, "Capistrano revelou-se afinado, neste ponto, com certa raciologia cientificista", a mesma que "inspirava intelectuais do porte de Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Mello Moraes, Oliveira Vianna e outros", afirma Vainfas. [479]

---

478 VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 8, agosto de 1999, p. 2.

479 *Ibidem*, p. 3.

Para Skidmore, o tema só entra, em definitivo, na pauta de discussões da intelectualidade, de modo geral, após o fim da escravatura:

> The history of Brazilian thought about race changed sharply after the final step of total abolition was taken in 1888. At this point intellectual influences from abroad affected Brazil in a manner very different from the era of the abolitionist campaign. The nineteenth century had witnessed two contradictory movements of thought about race. On the one hand, the anti-slavery movement triumphed throughout the north Atlantic basin and finally even in the South Atlantic. While slavery crumbled under the impact of economic change and moral pressure, however, European thinkers at the same time were articulating systematic theories of innate biological differences among races. [480]

480 "A história do pensamento brasileiro sobre raça mudou drasticamente após a etapa final da abolição total feita em 1888. Neste ponto influências intelectuais do exterior afetaram o Brasil de uma forma muito diferente da época da campanha abolicionista. O século XIX havia testemunhado dois movimentos contraditórios do pensamento sobre raça. Por um lado, o movimento anti-escravidão triunfou em toda a bacia do Atlântico Norte e, finalmente, até mesmo no Atlântico Sul. Enquanto a escravidão desmoronava sob o impacto da mudança econômica e da pressão moral, no entanto, pensadores europeus, ao mesmo tempo estavam articulando teorias sistemáticas de diferenças biológicas inatas entre as raças". In: SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit*., p. 3.

Por esta época, nos círculos científicos ocidentais, o racialismo propagou-se, *grosso modo*, sobre duas escolas, uma *monogenista* e outra *poligenista*. A primeira, sob influência de dogmas religiosos adâmicos, pautava-se na origem comum da humanidade, produto de um tronco único — que remetia metaforicamente à parábola cristã do Éden —, mas que, degenerado ao correr dos tempos, resultou em uma hierarquia desigual, em povos com níveis mentais e morais distintos. Os segundos acreditavam na existência de diferentes centros de criação dos quais derivaram espécies humanas ontologicamente diversas que, por sua vez, possuíam heranças e aptidões incompatíveis. [481]

Os monogenistas, normalmente, serviam-se da teoria da *degenerescência* para explicar uma espécie de "desvio natural" de um tipo humano primitivo original, uma reversão do tronco adâmico "perfeito". [482] A categoria da degenerescência apareceu no século XVIII pelas mãos de naturalistas e biólogos, entre os quais se destaca Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788). [483] A caracterização deste conceito em função da sua utilização na psiquiatria perten-

---

481 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48, 55 e 62; conferir também os artigos da coletânea DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.). *Op. Cit*.

482 SERPA JR., Octavio Domont de. Degenerescência: queda, progresso e evolucionismo. *Cadernos IPUB*, Rio de Janeiro, UFRJ, n. 8, 1997, p. 25.

483 BUFFON (George-Luis Leclerc). *Histoire Naturelle, Générale et Particuliere, avec la Description du Cabinet du Roy.* Paris: Imprimerie Royale, 1749.

ce a Benedict-Augustin Morel (1809-1873), autor do clássico *Tratado das degenerescências.* [484] Segundo Serpa Júnior, suas escolhas "foram resolutamente setecentistas", o que explicaria suas referências ao fixismo, sua visão teológica da evolução humana e seu entendimento do lugar do homem na natureza. [485]

Trata-se de verdadeira teleologia divina que só pode ser interrompida pelo seu reverso, ou seja, a degeneração e suas consequências nefastas. Aqui, Morel se afasta de Buffon na medida em que para o primeiro o processo de regressão é um desvio doentio, mórbido do espécime primitivo, enquanto para o segundo o desvio é algo natural na evolução, podendo, inclusive, ser revertido, sob determinadas condições favoráveis.

Não obstante a deterioração da raça ser entendida por Morel como o avesso do progresso, em um sentido claramente teleológico, esse processo também está, no plano dos sintomas e consequências imediatos, fortemente ancorado em premissas fisiológicas. A degeneração foi pensada por ele como resultado de uma desordem do organismo, com repercussões físicas (tamanho da cabeça, cor da pele, infertilidade) e morais (intelecto, temperamento, instintos), transmitidas hereditariamente. [486]

Entre os monogenistas, o nome Jean Louis Armand de Quatrefages (1810-1892), autor de *L'espèce Humaine* (1877),

---

484 MOREL, Benedict-Augustino *Traité des dégénérescences physiques, intelectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives.* Paris: Baillière. 1857.

485 SERPA JR., Octávio Domont. *Op. Cit.*, p.30.

486 *Ibidem.*

se destaca. Para aqueles vinculados à esta escola, o termo *race* foi manobrado na literatura especializada para consolidar a ideia da existência grupos humanos distintos com uma origem em comum, fosse esta adâmica ou não. À bem da verdade, muitos autores recuam até Carl von Linnaeus (1707-1778), autor do famoso *Systema Naturae* (1735) e Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829), autor de *Philosophie Zoologique* (1809), para explicar as origens do monogenismo e as diferenças entre os homens como resultado unicamente da diversidade climática, entre outros fatores externos. [487]

Aqui no Brasil, podemos recuar até von Martius, já citado anteriormente, um nome forte ligado ao monogenismo. O naturalista percorreu o território brasileiro junto com Johann Baptist von Spix (1781 -1826) entre 1817 e 1920, esquadrinhando diferentes regiões e construindo um painel minucioso não só de suas características físico-geográficas, mas também sociais e políticas dos povos que lá viviam. [488] Segundo o historiador espanhol Juan Manuel Sánchez Arteaga a expedição austro-bávara relegou um conhecimento que "contribuyó decididamente a fomentar la creencia, entre los círculos científicos brasileños, en los efectos perniciosos de los cruzamientos entre indígenas y europeos". [489]

---

487 HALLER, John S. The Species Problem: Nineteenth-Century Concepts of Racial Inferiority in the Origin of Man Controversy. *American Anthropologist*, v. 72, issue 6, 2009, pp. 1319-1329.

488 GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. VII (2), pp. 389-410, jul.-out., 2000.

489 ARTEAGA, Juan Manuel Sánchez. Las ciencias y las razas en

Entre os nomes mais significativos que por aqui passaram, quem se destacou foi Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873) que, por sua vez, revelou-se um poligenista. O naturalista suíço — radicado nos Estados Unidos, renomado professor da Harvard e fundador do Museu de Zoologia Comparada de Cambridge —, esteve no Brasil entre 1865 e 1866 com sua esposa Elizabeth Cary Agassiz e a comitiva da Expedição Thayer. Nutriu uma relação de amizade com D. Pedro II o que facilitou seu deslocamento por Rio de Janeiro, Salvador, Belém do Pará, Amazonas e Ceará.

Seu diário, *Viagem ao Brasil: 1865-1866* foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1868 e aqui no Brasil apenas em 1938. Nele, Agassiz demonstra sua simpatia com a teoria da poligenia [490] ao afirmar que as raças humanas se acham, umas em relação às outras, na mesma proporção que as espécies de animais entre si:

Brasil hacia 1900. *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, v. LXI, n. 2, jul.-dic. 2009, p. 76

490 Lorelay Kury afirma que no início da carreira Agassiz acreditava que todos os seres humanos constituíam uma única espécie. Porém, sua transferência da Suíça para os Estados Unidos em 1846 foi um "divisor de águas", pois ele passou a acreditar que as raças humanas não se originaram de um ascendente comum. Diz a autora: "Como o fez para os peixes, Deus havia criado as raças para habitarem regiões específicas". Para Agassiz, a existência de raças humanas criadas separadamente não era uma contradição para a Bíblia, pois esta fazia referência apenas aos caucasianos. In: KURY, Lorelai B. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n. 41, 2001, p. 157-172.

> Por mim, julgo estar demonstrado que, a não ser que se prove que as diferenças existentes entre as raças índia, negra e branca são instáveis e passageiras, não se pode, sem estar em desacordo com os fatos, afirmar a comunidade de origem para todas as variedades da família humana. [491]

Do trabalho da socióloga Maria Helena Machado, concluímos que Agassiz era mais complexo do que críamos. [492] O estudioso suíço foi capaz de congregar o "finalismo estático" do pensamento cristão — incidindo, agora, sobre cada raça especifica — com os pressupostos de uma ciência naturalista moderna. Seu esquema teórico também partia da precedência do plano divino sobre a realidade do mundo natural. A diferença, porém, estava no fato de que as distintas espécies observadas eram "categorias de pensamento" do Criador do Universo, corporificadas, cada qual, em formas de vida individuais.

---

491 AGASSIZ, Jean Louis Rodolphe; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866.* Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975 *Apud* DIAS, Olívia Biasino *Olhares estrangeiros: impressões dos viajantes oitocentistas acerca da Bahia, sua diversidade racial e seu potencial para alcançar a civilização*. 226 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, Bahia, 2013, p. 67-68.

492 MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo "degeneracionista". *Revista USP*, São Paulo, n. 75, set.-nov. 2007.

Neste esboço, a humanidade não era proveniente de uma linha genealógica única, monogênica. Suas diferentes espécies eram resultado direto de mais de uma criação divina, "posição a qual ele nunca abdicou". [493] Adepto também da teoria da degeneração racial, Agassiz condenou o que classificou como hibridismo ou *mulattoism* (mulatismo), pois as diferenças entre os seres humanos eram inatas e assim deveriam permanecer, pois esta era a vontade divina. Diz a autora:

> A idéia de que as diferentes raças humanas houvessem sido criadas para habitar "províncias zoológicas" específicas, estando, portanto, aptas a responder apenas aos desafios de seu meio ambiente, encontrava sua base no poligenismo e moldava-se com perfeição à teoria de Agassiz do criacionismo, cuja idéia fundamental escorava-se numa visão estática do mundo natural. [494]

Como afirmam Schwarcz e Skidmore, quando da popularização das teorias de Charles Darwin (1809-1882) as disputas entre as duas escolas tenderam a arrefecer. Stocking Jr. lembra que muitos chegaram a dizer que o debate havia terminado após 1859, data de publicação da *Origem das Espécies*, já que o estudo havia contribuído para "the death of Adam". Na verdade, o darwinismo tornou-se, em pouco tempo, tábua comum para certificar, com as devidas manobras teóricas, visões dispares da evolução humana —

493 *Ibidem*, p. 73.
494 *Ibidem*, p. 74.

muito embora não tenha, por exemplo, convencido o próprio Agassiz. [495] Stocking Jr. diz que o primeiro a colocar em termos esse consenso foi o naturalista Alfred Russel Wallace (1823-1913), o qual:

> Had tried to show how darwinian theory might resolve the controversy between monogenists and poligenists by combining the view of each. All men had in fact descended from a common root. But the moment of that single ancestry lay so far in the past that by the time men`s forebears had acquired the intellectual capacities which made them truly human, the various races had already been differentiated by natural selection, and it might fairly be asserted "that there were many originally distinct races of men…" [496]

De uma forma geral, os monogenistas se demonstraram satisfeitos com o suposto evolucionista da origem una da

---

495 *Ibidem*, p. 70.

496 "Tentou mostrar como a teoria darwiniana poderia resolver a controvérsia entre monogenistas e poligenistas combinando o ponto de vista de cada. Todos os homens descenderam, de facto, de uma raiz comum. Mas o momento desta única ancestralidade estava tão longe no passado que pelo tempo em que os antepassados dos homens adquiriram as capacidades intelectuais que fizeram deles verdadeiramente humanos, as várias raças já haviam sido diferenciadas por seleção natural, e poderia muito bem se afirmar "que havia originalmente muitas raças distintas do homem" In: STOCKING Jr., George W. *Race, Culture and evolution Essays in the history of anthropology.* Chicago: The University of Chicago Press, 1982, p. 46.

humanidade, posto que Darwin sustentasse "um processo evolucionário que, por definição, começava com uma única espécie". [497] Já os poligenistas admitiam a possibilidade da existência de ancestrais comuns na pré-história, sem abrir mão, no entanto, da ideia de que as espécies humanas se separaram havia tempo suficiente para configurar heranças e aptidões diversas. [498]

Essa "reorientação teórica consensual" possibilitou interpretações variadas sobre a origem da espécie humana e seu processo de evolução. Nina Rodrigues, nosso personagem principal nos pareceu, de início, ser um poligenista convicto, dado que acreditava em disparidades inerentes entre as raças que analisava. Segundo Schwarcz, por exemplo, os mestiços — objetos privilegiados de estudo de Nina — do ponto de vista poligenista, "exemplificavam, segundo essa ultima interpretação, a diferença fundamental entre as raças e personificavam a ´degeneração` que poderia advir do cruzamento de ´espécies diversas`". [499] Mas, note-se, este fato não o impediu de defender a ideia de que os mestiços, ao longo das gerações, podiam regredir para a negritude ou progredir para o branqueamento — uma tese francamente monogenista, dado que sustentava a "regeneração" de linhas genealógicas com um passado em comum.

As inflexões teóricas de Nina parecem confirmar uma hipótese aventada por Skidmore, de que o darwinismo podia ser empregado pelos racialistas poligênicos, caso estes estivessem dispostos a adaptações em seus paradigmas ori-

497 SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit*., p. 95.
498 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit*., p. 55.
499 *Ibidem*, p. 56.

ginais. A corroborar esta afirmação, o autor cita o historiador George M. Fredrickson (1934 - 2008), um atento observador do pensamento racial americano, que escreveu: "a essência do pensamento poligênico com relação à raça foi preservada num quadro darwiniano". [500]

Arteaga confirma que nos últimos anos do século XIX as diferentes teorias raciais surgiram à luz da visão darwiniana da evolução. Fazendo referência ao Brasil e a Salvador, terra de estudos de Nina Rodrigues, também citado pelo autor, o mesmo afirma:

> Esto fue especialmente cierto en el caso de las vertientes poligenistas de la antropología evolutiva, que defendían — al igual que habían hecho anteriormente Morton, Agassiz y el conde de Gobineau desde presupuestos creacionistas y fijistas — una diferenciación de los grandes grupos raciales como especies zoológicas completamente diversas, a partir de un remoto ancestro comúno [501]

Schwarcz, por sua vez, também apresenta um quadro semelhante de análise ao afirmar que, se a adaptação monogenista do darwinismo era mais manifesta e imediata, é certo também que a utilização poligenista dos modelos darwinistas se deu de forma intensa. Mas o que importa a nós, como escreve a autora é que

---

500 FREDRICKSON, George M. *The Black image in the white mind: the debate on Afro-American character and destiny, 1817-1914.* New York: Harper & Row, 1971 *Apud* SKIDMORE, Thomas. *Op. Cit*., p. 95.

501 ARTEAGA, Juan Manuel Sánchez. *Op. Cit.*, pp. 78-79.

> A novidade estava, dessa forma, não só no fato de as duas interpretações assumirem o modelo evolucionista como em atribuírem ao conceito de raça uma conotação bastante original, que escapa da biologia para adentrar questões de cunho politico e cultural. [502]

O pensamento social no contexto da virada do século passava, necessariamente, por estas questões candentes. O complexo quadro apresentado nos parágrafos anteriores tornava-se cada vez mais turvo, conforme novas nomenclaturas surgiam. Ainda que houvesse intercâmbios e concessões entre as duas escolas, os monogenistas engajaram-se numa campanha em prol do progresso e da civilização entendidos como modelos universais. Assim, alcunhados de *evolucionistas-sociais*, seus próceres, geralmente de espirito otimista, aplicavam tais conceitos a diferentes agrupamentos sociais, reforçando a noção de uma humanidade única que poderia, dadas as condições corretas, caminhar rumo à prosperidade. [503] Como coloca Julyan Peard:

> In its original monogenetic version, drawn from Scriptures, sciences assumed that all races belonged to the same species, but that environmental factors had created a degeneration away from a primordial form to the racial varieties of the world. The softer forms of the monogenetic version allowed a blurring

502 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit*., p. 55.

503 *Ibidem*, pp. 57 e 58.

> of the different racial ranks because of the belief in the "infinitive adaptability of man" [504]

Desta corrente, se destacam os "pais da antropologia cultural", Edward Burnett Tylor (1832-1917), Lewis Henry Morgan (1818-1881) e Sir James George Frazer (1854-1941). Tylor terá um papel de suma importância para Nina Rodrigues, algo que veremos mais adiante. Por ora, basta dizer que estes três autores defendiam, *grosso modo*, que por baixo da "fina camada" de civilização erigida pelas elites brancas, havia um vasto sedimento de selvageria e barbarismo capaz de interferir no desenvolvimento natural e racional da humanidade. Ao descer na escala social, era possível encontrar esses "espécimes", camponeses e trabalhadores incultos europeus que mais se assemelhavam aos selvagens africanos e americanos.

Já os poligenistas, agarraram-se ao determinismo climático e, sobretudo, racial, daí a alcunha de *racialistas*, a partir da concepção de que as raças constituiriam "fenômenos finais", "resultados imutáveis", segundo Schwarcz, sendo todo o cruzamento condenável. Também conhecidos como *darwinistas sociais*, enalteciam o "tipo puro", único elemen-

504 "Na sua versão monogenética original, desenhada a partir das Escrituras, as ciências assumiram que todas as raças pertenciam à mesma espécie, mas que fatores ambientais criaram uma degeneração distante de uma forma primordial para as variedades raciais do mundo. As formas mais suaves da versão monogenética permitiram uma indefinição das diferentes classificações raciais por causa da crença na "adaptabilidade infinita do homem"". In: PEARD, Julyan G. *Race, Place, and Medicine: The Idea of the Tropics in Nineteenth-Century Brazil*. Durham: Duke University Press, 2000, p. 85.

to capaz de estimular o progresso ocidental, e em tom pessimista, condenavam a mestiçagem, a "hibridização" ou, para utilizar um termo técnico, a *entropia social*, que desaguava em um processo de degeneração racial. Aqui, as desigualdades observadas na humanidade são irreparáveis e a noção de diferença torna-se conceito-chave de análise. [505]

Um dos grandes nomes desta corrente cientifica foi Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) ou simplesmente Conde de Gobineau. Homem de grande erudição, mas originário de uma família de banqueiros falidos, era um diplomata de segundo escalão e dono de um título de nobreza arranjado. Autor de *Essai sur l'inégalité des races humaines*, publicado entre 1853 e 1855, tornou-se uma voz ativa na galeria de autores deterministas e fatalistas. [506] Como bem colocou Silveira, era um "ideólogo dos mais arraigados valores aristocráticos" e interpretou sua época do ponto de vista da perda de valores de uma elite acuada pelas conquistas da Revolução Francesa e ameaçada pelo perigo da degeneração das massas. [507]

Gobineau se via como parte de uma casta privilegiada, cerceada do poder político-econômico e frente ao desafio da mistura de "raças europeias" desiguais. De acordo com Peter Fry:

> There is little doubt that Gobineau's distaste for mixture reflected deep concerns for the

505 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit*., pp. 58-63.

506 GOBINEAU, Le Comte de. *Essai sur l'inégalité des races humaines.* Paris: Librairie de Firmin Didot et Cie, Tome I & II (1853); Tome III & IV (1855).

507 SILVEIRA, Renato da. *Op. Cit*., p. 104.

> future of his native country, which, since the French Revolution, had experienced the waning of the "racial purity" and political control of an elite of supposedly German descent to which he himself claimed to belong. His efforts could well be interpreted as an attempt to universalize the reaction to the French Revolution [508]

Schwarcz aponta para um importante momento de inflexão com a publicação das obras de Gobineau que "cortava as últimas amarras com a explicação monogenista e evolucionista social", na medida em que sugeria a completa inviabilidade do progresso para sociedades compósitas, isto é, híbridas, ocupadas por sub-raças não civilizáveis. [509] Era o caso da Bahia, em particular, e do Brasil em geral, país para o qual foi designado, a contragosto, como ministro plenipotenciário da França em 1869. Apesar da duradoura amizade que manteve com D. Pedro II, Gobineau anteviu em artigo de 1874 para o periódico *Le Correspondant*, previsões de que os brasileiros estariam extintos em menos de 200 anos. [510]

---

508 "Há pouca dúvida de que a aversão de Gobineau pela mistura refletiu as profundas preocupações para o futuro do seu país natal, que, desde a Revolução Francesa, tinha experimentado o declínio da "pureza racial" e o controle político de uma elite de ascendência supostamente germânica descendência à qual ele mesmo alegou pertencer. Seus esforços bem poderiam ser interpretados como uma tentativa de universalizar a reação à Revolução Francesa". In: FRY, Peter. Politics, Nationality, and the Meanings of "Race" in Brazil. *Daedalus*, Massachusetts, v. 129, n. 2, Spring 2000, p. 87.

509 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit*., pp. 63 e 64.

510 SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. A extinção dos

A obra de Gobineau, entretanto, é mais complexa do que as linhas anteriores o fazem crer. Em livro recente, Helga Gahyva argumenta que o Conde se declarava monogenista, mas sua obra apontava para o lado oposto. Diz a autora, que ele se distanciou da doutrina cristã e absteve-se de teorizar sobre o adamita. As raças então conhecidas já estariam sensivelmente distantes de sua versão original, tornando redundante retroceder na análise. Tal posicionamento não significou uma adesão incondicional ao biologismo que emergia em sua época. Pelo contrário, suas teorias raciais estão fundamentadas, sobretudo, na perda dos laços da nobreza após a Revolução Francesa, no fim de uma espécie de "moral feudal", na extinção dos *fils de roi*. [511]

O atestado de superioridade da "raça" nobre "não era fenotípico, mas societário", afirma Gahyva. [512] A reflexão Gobineana era tributária da ideologia germanista, gerada no contexto do litigio com os galos-romanos, na *querela das duas raças*, citada anteriormente. Seu pensamento baseava-se em um conjunto de disposições vinculado à estratificação social do Antigo Regime Francês. Elaborada, portanto, num momento em que a batalha já estava perdida, "sua ideologia racial se constituiu como lamento". [513] Em resumo:

> O esforço erudito de Gobineau, ao invés de trazer um conteúdo novo à ideia de raça, mo-

brasileiros segundo o conde Gobineau. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2013, pp. 21-34.

511 GAHYVA, Helga. *Op. Cit*., pp. 85, 91, 97, 98, 132 e 147.

512 *Ibidem*, p. 102.

513 *Ibidem,* p. 59.

> bilizava esse vocabulário ainda precariamente biologizado para renomear uma filosofia da história cujo vernáculo a Revolução de 1789 havia anacronizado. [514]

Independentemente da interpretação que se incida à Gobineau, o fato é que ele junto com outros poligenistas, polarizaram o debate sobre a origem das raças humanas com os monogenistas. Do conflito de ideias, Arteaga argumenta que não havia, objetivamente, formas alternativas de interpretação da realidade nos trópicos com força para se impor frente à ciência dos "povos caucásicos":

> Todos los cálculos antropométricos de la época parecían confirmarla, todos los gráficos de la anatomía comparada de las razas parecían demostrarla con contundencia. No existían herramientas conceptuales alternativas a las ciencias naturales para la crítica a la ortodoxia antropológica que, al menos hasta el umbral del siglo XX, describió sistematicamente a la naturaleza humana dentro de un panorama evolutivo de lucha por la existencia entre poblaciones y etnias, definidas muchas veces como verdadeiras especies enfrentadas por el dominio de los ecosistemas naturales. [515]

514 *Ibidem,* p. 155.

515 ARTEAGA, Juan Manuel Sánchez. La racionalidad delirante: el racismo científico en la segunda mitad del siglo XIX. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, Madrid, 2007, v. XXVII, n. 100, p. 385.

A noção de "perfectibilidade" do século XVIII, advinda do Iluminismo, era então subvertida, implicando não em uma qualidade intrínseca a qualquer homem, mas atributo apenas das raças civilizadas europeias, em contraste com as raças degradadas das Américas, da África e do Oriente. [516] Ricardo Benzaquen de Araújo sinaliza que foi a partir dos ideais iluministas que, irônica e surpreendentemente, a concepção de uma "unidade efetiva e absoluta do gênero humano" se pulveriza, multiplicando-se em uma infinidade de sub-raças, como as negroides, limitadas física e intelectualmente, impedidas do acesso às conquistas do espírito, reservadas aos arianos. A tensão entre os dois modelos que disputavam esse discurso — monogenista e poligenista — desembocou, portanto, nas polêmicas sobre a inferioridade dos povos não-brancos que marcou a cultura brasileira do século XIX. [517]

Nas duas últimas décadas dos oitocentos, o discurso científico sobre a moldura racial tomou força, impulsionado, entre outros motivos, pelo desejo da intelectualidade de "(...) inserir o país, pela construção de sua história, na marcha temporal da civilização". [518] Tão importante quanto, talvez fosse o medo da elite, à qual Nina Rodrigues ascen-

---

516 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit*., p. 61.

517 ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, pp. 35, 36 e 37.

518 DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol & Sá, Magali Romero. Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.). *A recepção do darwinismo no Brasil.* Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003, p. 98.

deu, frente à massiva presença de negros no conjunto da população. Considerados violentos e perigosos, capazes de produzir eventos como a insurreição no Haiti, passou-se a uma "releitura" de seus costumes e hábitos, agora classificados como fetichistas, atávicos, degradados. Segundo Ventura, no Brasil

> O racismo cientifico foi adotado, de forma quase unanime, a partir de 1880, enviesando os ideários liberais, ao refrear suas tendências igualitárias e democratizantes e dar argumentos para estruturas sociais e politicas autoritárias. [519]

Não obstante, o Brasil do final do XIX, considerado como uma espécie de "paraíso dos naturalistas" ou "laboratório racial" desafiava as concepções biológico-essencialistas, quando pensadas em função da realidade do país, definida, acima de tudo, pela mestiçagem ou *mongrelization* como definiam os supremacistas brancos da América do Norte e Europa. [520] Aqui, este fenômeno não era apenas um exercício de imaginação, como na Europa, mas vivenciada cotidianamente. Tal qual já verificamos, o tema racial estava presente nos enfrentamentos intelectuais, mas não de forma homogênea. Logo, "raça" aparece, como afirma Schwarcz, como um conceito de negociação, incorporado, principalmente, ao discurso médico e jurisdicional, conforme as

519 VENTURA, Roberto. *Op. Cit*., p. 58.

520 SKIDMORE, Thomas E. Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 79, novembro de 1991, p. 7.

especificidades de cada autor e de cada instituição a qual estava ligado. [521]

Ventura é enfático quanto a esta originalidade da recepção do racialismo no Brasil, ao criticar Dante Moreira Leite, Nelson Werneck Sodré e Roberto Schwarz. Tais autores, entre outros que nos vem à mente como o próprio Thomas Skidmore, argumentam a favor de uma espécie de "dependência cultural" do Brasil em relação aos países europeus, refletida na adoção acrítica das teorias cientificas, alienadas em relação à produção intelectual dos trópicos. Diz Ventura que o contrário é que é verdadeiro:

> (...) os sistemas de pensamento europeus foram integrados de forma critica e seletiva, segundo os interesses políticos e culturais das camadas letradas, preocupadas em articular os ideários estrangeiros à realidade local. O racismo cientifico assumiu uma função interna, não coincidente com os interesses imperialistas, e se transformou em instrumento conservador e autoritário de definição da identidade social da classe senhorial e dos grupos dirigentes, perante uma população considerada étnica e culturalmente inferior. [522]

---

521 SCHWARCZ, Lilia Moritz. "O espetáculo da miscigenação". In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.). *A recepção do darwinismo No Brasil*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003, p. 168 e 169; Condefrir também ____. "Raça como negociação. Sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil". In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil Afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 11-40.

522 VENTURA, Roberto. *Op. Cit*., 60;

Essa tradição historiográfica que assume que houve uma recepção passiva das vertentes europeias do pensamento científico-biológico no Brasil oitocentista foi prolífica e representou-se aqui também por Fernando de Azevedo, Nancy Leys Stepan, Vanya Sant`Anna e Simon Schwartzman. [523] Rechaçada por pesquisas pioneiras, como de Maria Amélia Dantes, Luiz Otávio Ferreira e Lilia Schwarcz, vale recuperar artigo sobre a Escola Tropicalista Baiana, de Flavio Edler, que questiona a rígida demarcação (consumada pelos autores supracitados) da história da ciência brasileira em dois períodos — um pré-científico, casuístico e metafísico, marcado pelo acumulo aleatório de conhecimentos sobre fenômenos mórbidos e outro científico, caracterizado pelos cânones racionais da anatomoclínica, da fisiologia e da medicina experimental. Essa simplificação, aceita também, entre outros por Antônio Caldas Coni, [524] não condiz com novas abordagens que

> (...) apresentam diversas evidências de que na corte o ambiente médico estava igualmente permeado pelas novas metodologias e pelo mesmo ideal de inovação científica, pautado por semelhante preocupação em se criar um

523 *Cf.* AZEVEDO, Fernando de. *As ciências no Brasil.* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1955; STEPAN, Nancy Leys. *Génese e evolução da ciência brasileira (Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica)*. Rio de Janeiro: Ed. Artenova 1976; SANT'ANNA, Vanya. *Ciência e sociedade no Brasil.* São Paulo: Ed. Símbolo, 1978; SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional/ Rio de Janeiro: Finep, 1979.

524 *Cf.* CONI, Antônio Caldas. *A Escola Tropicalista Baiana: Paterson, Wucherer, Silva Lima*. Salvador: Tipografia Beneditina.

> conhecimento original sobre as doenças endêmicas e epidêmicas que flagelavam a população. [525]

De acordo com Julyan Peard os médicos envolvidos com a Escola Tropicalista, dentre os quais ela cita Nina Rodrigues [526], estavam engajados em revigorar a medicina baiana, em particular e brasileira, em geral:

---

525 EDLER, Flavio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, mai.-ago. 2002, p. 380.

526 Assim como já afirmamos, no primeiro capítulo, que Nina Rodrigues foi antes um entusiasta do Positivismo, do que um ardoroso ativista, também é possível afirmar o mesmo em relação à Escola Tropicalista. Isso porque Nina de fato produziu trabalhos sobre assuntos em sintonia com a escola, como os casos de Beribéri. Porém, sua visão pessimista sobre a inviabilidade de uma nação mestiça entrava em conflito com o otimismo de Wucherer e Cia. Julyan Peard, em especial, no item *Beyond the Tropicalistas: The Response of Raimundo Nina Rodrigues*, afirma que o médico maranhense "(...) began to transcend the tropicalista thinking on te question of whether susceptibility to disease was racially determined. Not only was racial inheritance a key variable in the predisposition to certain disorders, he came to believe, but Africans and racially mixed peoples were also more predisposed to criminality, had inferior powers of reasoning, and should not, therefore, be allowed to become full citizens of the nation". In: PEARD, Julyan G. *Op. Cit*. p. 101. Conferir também: FERREIRA, Luiz Otávio. "O ethos positivista e a institucionalização das ciências no Brasil". In: LIMA, Nísia Trindade e SÁ, Dominichi Miranda (Org.). *Antropologia brasiliana: Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto.* Belo Horizonte: editora UFMG, 2008, p. 88; ALONSO, Angela. "Escravismo de Circunstância: o repertório moral do escravismo e do abolicionismo brasileiros". In: *Seminário Sociologia, Política e História*, PPGS-USP, em 30 de maio de 2011, p. 46.

> As well as helping to disseminate western medicine in Brazil, the tropicalistas set out to claim that there was something medically distinct about practicing medicine in the tropics. The tropicalistas wanted to set their own agenda of priorities in medicine, which they held was different from the European because of the climate and other social factors peculiar to Brazil. (…) The tropicalistas, therefore, primarily investigated and described locally ocurring disorders. Between 1866 and 1899 the *Gazeta Médica* published more than three hundred articles discussing local Bahian, or other northern brazilian, clinical cases. [527]

Dentre as diversas teorias europeias de cunho biológico-evolutivo, os brasileiros selecionaram aquelas que viabilizaram um tipo de "sincretismo" com a realidade nacional, ligado à construção do Estado-nação e à identidade das camadas "superiores". Renato Ortiz observa que a questão racial, tal como foi colocada pelos precursores das Ciências Sociais no Brasil em fins do século XIX, aponta para a problemática do "caráter" nacional, ou melhor, da "identidade" nacional. Sendo assim, diz o autor:

527 "Bem como ajudar a disseminar a medicina ocidental no Brasil, os tropicalistas alegavam que havia algo medicamente distinto sobre praticar medicina nos trópicos. Os tropicalistas queriam definir a sua própria agenda de prioridades na medicina, que era diferente da europeia por causa do clima e outros fatores sociais peculiares ao Brasil. (...) Os tropicalistas, portanto, investigaram e descreveram primeiramente desordens que ocorriam localmente. Entre 1866 e 1899 a Gazeta Médica publicou mais de três centenas de artigos discutindo casos clínicos locais baianos, ou outros casos do norte brasileiro". In: PEARD, Julyan G. *Op. Cit*., p. 41.

> O evolucionismo fornece à intelligentsia brasileira os conceitos para a compreensão desta problemática; porém, na medida em que a realidade nacional se diferencia da europeia, tem-se que ela adquire no Brasil novos contornos e peculiaridades. A especificidade nacional, isto é, o hiato entre teoria e sociedade, só pode ser compreendido quando combinado a outros conceitos que permitem considerar o porquê do atraso do país. Se o evolucionismo torna possível a compreensão mais geral das sociedades humanas, é necessário porém completa-lo com outros argumentos que possibilitem o entendimento da especificidade social. O pensamento social da época vai encontrar tais argumentos em duas noções particulares: o meio e a raça. [528]

O conceito de raça em sua versão poligenista conduzia a uma crítica radical à mestiçagem tornando-se moeda comum entre os intelectuais que se serviram das matrizes culturais europeias, devidamente maturadas em terras tropicais. Foi o caso da etnologia de Nina Rodrigues e da história literária de Silvio Romero que ao atuarem nos espaços marginais do modelo eurocêntrico, mas tendo-o sempre no horizonte, fizeram parte do que Ventura classificou como "estilo tropical", sincrético, original e único. [529]

Ortiz escreve como é interessante notar que os estudos de Nina Rodrigues, decorrentes de suas premissas racialis-

528 ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional.* São Paulo: editora brasiliense, 2012, p. 15.

529 VENTURA, Roberto. *Op. Cit*., 40 e 46.

tas, foram rearranjados para a compreensão do fenômeno do sincretismo religioso. Este é considerado, ao fim e ao cabo, uma devoção inferior. Para Nina, o sincretismo não seria resultado de um contato sincrônico entre crenças distintas, mas, de modo inverso, "atestaria os diferentes graus de evolução moral e intelectual de duas raças desiguais colocadas em contato". [530]

O processo de importação das teorias europeias pressupõe, assim, uma escolha daqueles que as consomem. Autores clássicos, setecentistas, como o filósofo e biólogo Georges-Louis Lecrerc, o Conde de Buffon (1707-1788) e o jurista Cornelius Franciscus de Pauw (1739-1799), são recorrentemente citados, mas não foram apropriados aleatoriamente. O principal motivo se deve ao fato de que a vida cotidiana nas ex-colônias, no caso o Brasil, era indiscutivelmente distinta daquela na Europa e, por consequência, exigia abordagens e parâmetros próprios.

Peard, mais uma vez, coloca em claras palavras este posicionamento, no que concerne aos tropicalistas:

> (...) even while the european`s temperate medicine continued to be crucially important, the tropicalistas chose to privilegie some aspects of european medicine over others, according to what they deemed most relevant to the requirements of their country. Like Europeans, this generation believed in science, but they looked to science produced in the tropics, about the tropics, to help them confront

530 ORTIZ, Renato. *Op. Cit*., 20.

> what they saw as the distinctive problems of health and civilization in a torrid zone. [531]

Há outro argumento explicativo da singularidade do discurso brasileiro científico e acadêmico: a defasagem entre o tempo de expansão e declínio das referidas teorias no Brasil e no Velho Mundo. No que concerne à medicina, campo de conhecimento no qual Nina Rodrigues estava inserido, Edler argumenta que tal afirmação carece de respaldo empírico. Bastaria observar as disciplinas básicas das faculdades no ultimo terço do XIX que seguiam o programa do ensino médico francês contemporâneo. [532]

A "tese da defasagem", diria Edler, aceita por uma historiografia clássica e memorialística, se dá a partir de testemunhos deixados por médicos engajados nas reformas da legislação sanitária e do ensino médico. No entanto, pondera o autor, é preciso discernir no discurso inflamado uma vertente que visava pressionar o governo imperial por mudanças, daquela que tentava "denunciar o caráter meramen-

531 "(...) Mesmo quando a medicina temperada europeia continuava a ser crucialmente importante, os tropicalistas escolheram privilegiar alguns aspectos da medicina europeia sobre os outros, de acordo com o que eles consideravam mais relevantes para os requisitos do seu país. Como os europeus, esta geração acreditava na ciência, mas eles olharam para a ciência produzida nos trópicos, sobre os trópicos, para ajudá-los a confrontar o que eles viam como os problemas distintos da saúde e da civilização em uma zona tórrida". In: PEARD, Julyan G. *Op. Cit*., p. 71.

532 EDLER, Flávio Coelho. O debate em torno da medicina experimental no segundo reinado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. III, n. 2, jul.-out. 1996, pp. 287-288.

te consumidor e passivo, mas não genericamente distinto, da medicina acadêmica brasileira em relação ao movimento científico que empolgava a Europa". [533]

Vale mencionar o trecho de um artigo escrito pelo geólogo Orville Adalbert Derby (1851-1915) na revista *Science* de 1883 e traduzido pela Revista Ciência Hoje:

> (...) se o progresso científico brasileiro for lento não será por indiferença ou ignorância da verdadeira natureza da ciência, mas porque o desenvolvimento material do Império não oferece as facilidades de pesquisa desfrutadas em países mais velhos e mais ricos. [534]

O historiador Patrick Petitjean, ao falar sobre a ciência nas relações Brasil-França — tendo como um dos focos o período que comporta a segunda metade do reinado de D. Pedro II e o início da república — afirma que a transferência de conhecimentos e práticas através de fronteiras não parece ter sido um processo espontâneo, nem consequência automática dos processos cognitivos. Supõe, isto sim, escolhas conscientes e voluntaristas, por parte dos cientistas, das elites esclarecidas e dos agentes do Estado. [535]

---

533 *Ibidem*, p. 289.

534 DERDY, Orville Adalbert. O estado da ciência no Brasil. *Ciência Hoje*, v. 10, n. 59, 1989, pp. 18- 21. In: EDLER, Flávio Coelho. *Op. Cit*., p. 289.

535 PETITJEAN, Patrick. "Ciências, Impérios, Ralações Cientificas Franco-brasileiras". In: HAMBURGER, Amélia Império *et al*. *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 1996, pp. 25-26.

Diz este autor:

> Western science was not spread from Europe into a scientific vacuum abroad: the context mattered. Colonial science was much more than a matter of gathering, exploring and developing. Moreover, its role cannot be reduced solely to the pursuit of European scientific activities in the colonies themselves. [536]

Daí inúmeras são as questões que devem ser identificadas e contextualizadas. A existência de um meio (intelectual, institucional, político etc.) capaz de acolher a ciência moderna. Tal é o caso, como apontou Flavio Edler, das Faculdades de Medicina da Bahia, do Rio de Janeiro e de periódicos como a Gazeta Médica da Bahia ou o Brazil-Médico; o papel ocupado pelo envio de cientistas ao estrangeiro e vice-versa, como vetores de transferência de saber. Assim foi Nina Rodrigues que não só se correspondia com pesquisadores europeus, como fez viagens regulares à França, ou seus colegas baianos Antônio Pacífico Pereira (1846-1922) e seu irmão Manuel Victorino Pereira (1853-1902) que re-

536 "A ciência ocidental não foi espalhada da Europa em um vácuo científico no exterior: o contexto importava. A ciência colonial era muito mais que uma questão de recolher, explorar e desenvolver. Além disso, o seu papel não pode ser reduzido apenas ao exercício de atividades científicas europeias nas próprias colônias" In: PETITJEAN, Patrick. "Science and the "Civilizing Mission": France and the Colonial Enterprise". In: Benediky Stutchey (ed.). *Science Across the European Empires - 1800-1950*, Oxford University Press, 2005, pp. 108-109.

ceberam lições de antissepsia em Edimburgo, Inglaterra [537]; e, talvez, mais importante, o objeto em si da transferência, a pesquisa voltada a ele, o conhecimento já adquirido à sua volta e suas devidas aplicações, como é o caso do "racialismo" assimilado no Brasil.

Petitjean lembra que o que ele chama de "anthropological racism" pode ser entendido, na configuração de trocas entre a Europa, em especial a França, e os territórios colonizados no século XIX, ou pelo menos aqueles sob sua influência direta, como uma valorização sistemática e permanente das diferenças, imaginárias ou reais, entre os povos. Em sua opinião, o neocolonialismo teve um papel inovador, posto que "(...) gave a global dimension to racism, by transforming it into a collective attitude directed against societies whose conquest was to be legitimated". [538]

Ao pensarmos na realidade brasileira, a disparidade racial, como já vimos, torna-se, assim, um problema teórico e prático de fundamental importância. Afirma Petitjean:

> In the mid-nineteenth century, two major innovations further widened this separation first, race was transformed into a permanent explanation for the evolution of human societies: the superiority of the white race was scientifically asserted as the "most achieved form of humankind." Second, the superiority of the white "race" was not a cultural question, but rather a scientific question, to be de-

537 PEARD, Julyan G. *Op. Cit*., p. 25.
538 PETITJEAN, Patrick. *Op. Cit*., p. 116.

monstrated by measurements of the volume of the brain-pan and facial angles. [539]

539 "Em meados do século XIX, duas grandes inovações ampliaram ainda mais esta separação. Em primeiro lugar, raça foi transformada em uma explicação permanente para a evolução das sociedades humanas: a superioridade da raça branca foi cientificamente confirmada como a "forma mais elevada da humanidade." Em segundo lugar, a superioridade da "raça" branca não era uma questão cultural, mas sim uma questão científica, a ser demonstrada por medições do volume do crânio e de ângulos faciais". In: *Ibidem*, pp. 116-117.

Nina Rodrigues e o evolucionismo-social: a influência de Edward Burnett Tylor

As tentativas de Nina Rodrigues de classificação racial, as implicações médico-legais das variações étnicas no âmbito dos códigos penal e civil, tal como vimos no primeiro capítulo e os ensaios sobre psicologia mórbida coletiva, abordados no segundo capítulo, colocou-o "face a face com essa esfinge do nosso futuro — o problema 'do Negro' no Brasil". [540] Sobre o assunto Nina publicou em 1896 na *Revista Brazileira,* em forma de "capítulos", *O animismo fetichista dos negros baianos* que, como sabemos, irá resultar no segundo livro de sua autoria, de mesmo nome, obra de grande impacto em seu meio. [541]

Neste estudo, que recebeu menção elogiosa do sociólogo Marcel Mauss (1872-1950), o autor traça um panorama da regularidade das práticas animistas e fetichistas em Sal-

---

540 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, p. 9.

541 A obra foi publicada, originalmente, em um periódico nacional: RODRIGUES, Raimundo Nina. O animismo fetichista dos negros baianos. *Revista Brazileira*, Rio de Janeiro, 1896. A edição seguinte foi impressa em francês, na Bahia: _____. *L`animisme fétichiste des négres de Bahia*. Salvador: Reis e Comp. Éditeurs, 1900. Uma terceira versão do texto saiu também no Brasil: _____. *O animismo fetichista dos negros baianos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935. Aqui, utilizamos a última edição, na qual a obra é reproduzida tal como a versão original, em fac-símile: _____. *O animismo fetichista dos negros baianos.* Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Editora UFRJ, 2006.

vador. [542] Mais do que isso, revela certa aceitação tácita seja por parte da população em geral, seja das autoridades legais que concedem as devidas licenças para as grandes festas anuais ou *candomblés*.

Segundo Mauss:

> Sobre a "Liturgia Fetichista", o Senhor Rodrigues dá boas informações. Os lugares de cerimônia, as "casas fetichistas" são bem descritas. Cada "terreiro" é a sede das assembléias. Há um "pai" ou uma "mãe" por terreiro. E esse pai (ou essa "mãe") contrariamente aquilo que se passa na Guiné é ao mesmo tempo feiticeiro e sacerdote. Ele tem, sobretudo, a faculdade de evocar o "santo". A organização desses grupos religiosos é a mesma das sociedades ditas secretas das costas da Guiné; a iniciação consiste na consagração do iniciado (ou da iniciada); depois vêm danças ao longo das quais o "santo" vem tomar posse do sujeito. [543]

O "animismo fetichista" é um conceito típico da etnografia dos oitocentos, que agrega, a nível teórico e descritivo,

542 A resenha original é a seguinte: MAUSS, Marcel. Nina Rodrigues, L´animisme fetichiste des nègres de Bahia. *L´Année Sociologique 1900-1901*. Paris, Librairie Felix Alcan, 1902, PP. 224-225. Neste capitulo utilizamos a versão em português: MAUSS, Marcel. Nina Rodrigues, L´animisme fetichiste des nègres de Bahia. *Caderno Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 2, n. 4, jul.-dez. 2005, pp. 124-125.

543 *Ibidem*, p. 124.

duas características das populações "primitivas" da África, Ásia e Américas, em especial a "áfrico-bahiana". A primeira destas, esboçada pelo antropólogo inglês Edward B. Tylor é a noção de que minerais, vegetais e animais possuem uma espécie de energia intangível, uma alma, um espirito animado, o animismo. [544] Os "povos atrasados" atribuíam "personalidades" aos objetos ao seu redor, o que não passava apenas de uma ilusão, em sua opinião.

Objetivamente, serviu à Tylor para elaborar uma definição mínima de religião, isto é, "la creencia em Seres Espirituales", que aparece em todas as "raças inferiores" com as quais o autor alcançou, através de testemunhos acessíveis, "una relación extrecha y profunda". Apesar de não ser uma invenção sua, o termo Animismo [545] caracteriza "las tribos más bajas de la escala de la humanidad, y desde ellas va asciendendo, profundamente modificado en su transmisión, pero conservado, desde el princípio hasta el fin, una continuidad ininterumpida, en médio de la alta cultura moderna". [546]

---

544 BIRD-DAVID, Nurit. "Animism" Revisited: Personhood, Environment, and Relational Epistemology. *Current Anthropology*, v. 40, n. 1, Special Issue Culture-A Second Chance? February 1999, pp. 67-91.

545 Segundo o próprio Tylor, o conceito foi pensado pelo médico e químico Georg Ernst Stahl (1659-1734), autor, entre outros de *Theoria médica vera. Physiologiam & pathologiam, tanquam doctrinæ medicæ partes vere contemplativas, e naturæ & artis veris fundamentis, intaminata ratione, & inconcussa experientia sistens* de 1708.

546 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. La religión en la cultura primitiva (2)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 28.

Nina era leitor atento de Tylor, tendo este último, de acordo com estudiosos [547], entre suas publicações, duas obras de grande importância: *Researches Into the Early History of Mankind and the Development of Civilization* [548], de 1865, e sua obra-prima *Primitive Culture*, de 1871, divido em dois volumes, o primeiro *The Origins of Culture* e o segundo *Religion in Primitive Culture.* [549] O "animismo" que emerge nestes livros tinha um significado fundamental para Tylor, posto que era a matriz, a essência, por assim dizer, de toda e qualquer religião, desde os povos mais selvagens até os mais civilizados — o que implicará também nas reflexões de Nina sobre a sociedade brasileira.

A segunda característica do "animismo-fetichista" diz respeito à adoração, por parte dos africanos, de coisas, objetos, eventos naturais, enfim, *fetiches* de toda sorte. O *fetisso* aparece inicialmente nas crônicas do viajante holandês Pieter de Marees nas costas do golfo de Guiné no século XVII; é apropriado pelo também holandês Willem Bosman (1672-1703) que tomou o Castelo de São Jorge de Mina dos portugueses; e, enfim, foi incorporado aos escritos do natu-

---

547 CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural/textos de Morgan, Tylor e Frazer; textos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005; STOCKING JR., George W. Matthew Arnold, E. B. Tylor, and the Uses of Invention *American Anthropologist*, New Series, v. 65, n. 4. august 1963, pp. 783-799.

548 TYLOR, Edward Burnett. *Researches Into the Early History of Mankind and the Development of Civilization* New York: Elibron Classics, 2005.

549 Aqui utilizaremos as edições em espanhol de ambos os livros: TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977 & _____. *Cultura Primitiva. La religión en la cultura primitiva (2)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977.

ralista francês Charles De Brosses (1709-1777) que pensava estar definindo a forma mais elementar de uma religião: o *fétichisme.* [550]

Tylor detalha a "doutrina do Fetichismo" e o percurso do conceito em seu tempo:

> Hace Siglos, los portugueses em África Occidental, al advertir la veneración dedicada por los negros a ciertos objetos, como árboles, peces, plantas, ídolos, guijarros, garras de animales, palos etc., compararon, muy logicamente, estos objetos com los amuletos o talismanes com que ellos estaban familiarizados, y les llamaron *feitiços* o "hechizos", uma palavra derivada del latin *facticius,* en el sentido de "magicamente artificioso". El francês y el inglês modernos adoptaran esta palavra do portugués, con las formas de *fétiche* y *fetish* (...). [551]

Segundo Tylor, pensadores como de brosses contribuíram para uma ampliação demasiada do conceito de fetichismo para designar uma suposta teoria geral da religião primitiva. Tylor, por sua vez, afirma:

> Yo creo, sin embargo, más conveniente utilizar la palavra Animismo para la doctrina de

550 SANSI, Roger. Feitiço e fetiche no Atlântico moderno. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, no 1, 2008, pp. 123-153. *Cf.* LATOUR, Bruno. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru; São Paulo, EDUSC, 2002.

551 TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit*., p. 219.

> los espíritus em general, y reservar la palavra Fetichismo a esse sector subordinado al que realmente corresponde, es decir, la doctrina de los espíritus incorporados en determinados objetos materiales, os unidos a ellos, o que ejercen su influencia através de ellos.[552]

Nina Rodrigues, ao se referir às concepções teológicas dos negros iorubanos no Brasil, também conclui que "(...) o termo fetichismo, como qualificativo geral das crenças africanas, tem hoje uma acepção por demais comprehensiva que mal se presta a qualificar as nuanças exixtentes nas modalidades pouco discriminadas do animismo primitivo". [553]

Se as origens europeias do fetichismo remontam aos séculos XVII e XVIII, no Brasil é apenas no XIX e, em especial, em jornais baianos da segunda metade da centúria, que ele passa a ser utilizado de forma pejorativa para fazer referências aos candomblés. Mas, ao contrário do que poderia se pensar, não há relação do fetiche com o feitiço, como queriam seus detratores. Enquanto este último é o objeto da feitiçaria, o primeiro é entendido pelos intelectuais da época como uma das características das religiões primitivas. [554]

A "mitologia áfrico-bahiana" é descrita em detalhes por Nina que, em meio a uma miríade de orixás e divindades — os animismos fetichistas — discrimina fenômenos tais como a *litholatria* ou culto às pedras; a *phytolatria* ou adora-

552 *Ibidem*, p. 219 e 220.

553 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 33.

554 BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1713 *Apud* SANSI, Roger. *Op. Cit*.

ção às plantas; a *hydrolatria* ou culto às aguas, entre outros. *Xangô*, por exemplo, é venerado através de um meteorito ou "pedra de raio". *Yemanjá* é adorada como uma sereia, divinizada pelos "fenômenos aquosos". *Iróco* é o nome pelo qual os devotos dotam a árvore gameleira de um poder animado ou moradia de um santo, e assim por diante. [555]

Esse universo "pagão" e a sua análise do ponto de vista de um expert médico, foi comentada pelo folclorista e antropólogo norte-americano Frederick Starr (1898-1933), que se refere ao estudo de Nina, em 1902:

> Dr. Nina Rodrigues, of the medico-legal faculty of Bahia, Brazil, has investigated a variety of interesting subjects in Brazilian anthropology, ethnology and criminology. Three of these recent papers are before us. In his *L`animisme fétichiste des négres de Bahia,* he presents most curious data. The Bahia negros — though nominally Catholic — are much what their African ancestors were in religious belief and practice. Among them are plain survivals of Mahommedanism with its unbounded love for amulets. Far more interesting are the numerous survivals of pure paganism. Hydrolatry, dendrolatry and litholatry still remain and examples of all three are given: there are however other objects of worship than water, trees and stones. The author discusses the method of securing and sanctifying fetches of all sorts. He also describes in detail the fetich priests, places to wor-

555 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., pp. 41, 45 e 46.

> ship, modes of worship, etc. Most interesting perhaps of all the curious subjects he presents, are the states of ecstasy or possession into which the devotees pass: these are critically examined, from the point of view of the medical expert. [556]

A determinação exata da natureza desses "states of ecstasy or possession" é uma questão que ultrapassa o puro estudo do "sentimento religioso" e adentra no campo do que Nina classifica como "apreciação médico-legal do esta-

556 "O Dr. Nina Rodrigues, do corpo docente médico-legal da faculdade da Bahia, Brasil, investigou uma variedade de assuntos interessantes em antropologia brasileira, etnologia e criminologia. Três de seus recentes trabalhos estão diante de nós. Em seu *L`animisme fétichiste des Negres de Bahia*, ele apresenta dados muito curiosos. Os negros Baianos - embora nominalmente católicos - são muito mais o que seus ancestrais africanos eram em crenças e práticas religiosas. Entre eles há sobreviventes plenos do maometanismo com seu amor sem limites pelos amuletos. Muito mais interessante são as inúmeras sobrevivências do puro paganismo. Hidrolatria, dendrolatria e litolatria ainda permanecem e exemplos de todos os três são dados: há, no entanto, outros objetos de adoração do que a água, as árvores e as pedras. O autor discute o método de garantir e santificar fetiches de todos os tipos. Ele também descreve em detalhes os sacerdotes fetichistas, lugares para culto, modos de adoração etc. O mais interessante, talvez, de todos os objetos curiosos que ele apresenta, são os estados de êxtase ou possessão pelos quais os devotos passam: estes são analisados criticamente, a partir do ponto de vista do médico especialista" In: STARR, Frederick. L`animisme fétichiste des négres de Bahia. Dr. Nina Rodrigues; Metisage, degenerescense et crime. Dr. Nina Rodrigues; Des formes de L`Hymen. Dr. Nina Rodrigues. *The American Antiquarian and Oriental Journal*, Chicago, vol. XXIV, march-april. 1902, p. 30. (Book Reviews).

do mental da raça negra". O neurologista Georges Gilles de la Tourette (1857-1904) e o antropólogo e linguista Julien Girard de Rialle (1841-1904) são algumas das referências de Nina para iluminar o misticismo de "seres insuficientemente desenvolvidos do ponto de vista intelectual". [557] Sob a ótica desses estudiosos, o "transe", por exemplo, é interpretado por Nina como um estado nervoso agudo, uma histeria "de que os fenômenos de exaltação religiosa indicam assaz claramente sinão a natureza, pelo menos a existência", registrou, citando Rialle.

Nos terreiros espalhados por toda a capital baiana, o pai ou a mãe de santo, a um tempo "pontífices e feiticeiros", dirigem as festas e organizam as confrarias ou colégios para os iniciados. "Supersticiosos, ignorantes e fanáticos", classifica Nina, exercem sobre os crentes uma "tyrannia espiritual". Apenas eles podem se comunicar com os Orixás durante as cerimônias em que a pessoa "está ou cai de santo", interpretando a seus interesses as revelações. Os casos de simulação e fingimento são raríssimos segundo o médico maranhense, visto que os diretores dos terreiros possuíam meios persuasivos e concretos para evitar este tipo de situação. [558]

A edição original de *O animismo* trazia um texto complementar, intitulado *Illusões da catequese no Brasil,* em que o autor salienta, novamente para depois relativizar, a misci-

557 TOURETTE, Georges Gilles de la. *Traité Clinique et thepeutique de l`hysterie d'après l'enseignement de La Salpêtrière*. Paris: Librairie E. Plon, Nourrit et Cie, 1891 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., pp. 85; RIALLE, Julien Girard de. *La mythologie compare*. Paris: C. Reinwald & Cia, Libraries-Éditeurs, 1878 *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., pp. 90 e 91.

558 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., pp. 55, 62, 69 e 71.

genação dessas exaltações delirantes e como essa característica representou, na prática, o fracasso da conversão católica dos negros traficados para o Brasil. [559] Importante observar como em um mesmo livro seu pensamento muda ao longo da narrativa. Essa característica "multiforme" é assim relatada por Nina:

> Com estas causas múltiplas que entendem com a difficuldade de conhecer, collidem outras que se referem à difficuldade de interpretar o sentido e a fórma das praticas fetichistas, grandemente modificadas pelo meio. Transportadas ao sólo americano, sottopostas pela violência da escravidão ao catholicismo, imposto e ensinado oficialmente, diluído o elemento africano num grande meio social de composição heterogenea, forçosa e inffalivelmente a pureza das praticas e rituais africanos tera desapparecido, substituída por práticas e crenças mestiçadas. [560]

559 Este texto apareceu como uma espécie de "apêndice" na coletânea de 1896, publicada na *Revista Brazileira*. Nina afirma, em nota de pé de página, que se tratava apenas um "extrato" da edição francesa *L`animisme fétichiste des négres de Bahia. Essai de éthnographie religieuse et de psychologie crminelle*, que estava sendo preparada pela casa editorial Wilke, Picard & cia. Segundo os organizadores da última edição, de 2006, Yvonne Maggie e Peter Fry, esse livro nunca foi editado e o texto referido, sob o título de *La conversion des áfrico-bahianais au catholicisme,* apareceu, isto sim, na edição francesa, mas naquela publicada em Salvador pela Reis e Comp. Éditeurs, em 1900. Em 1935 o texto foi incorporado por Arthur Ramos como capítulo com o título de *A conversão dos Áfrico-baianos ao catolicismo.*

560 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 30.

Para logo depois, referindo-se aos ritos funerários, ajustar sua hipótese apenas aos casos mais flagrantes:

> Comprehende-se com facilidade que havia de ser principalmente no que diz respeito ás honras fúnebres que a imposição das formalidades cathólicas ao enterramento dos negros suppostos convertidos, devia de alterar de modo mais completo os ritos fetichistas dos africanos. Mas ainda assim, naquillo que lhes não podiam tolher ou coagir, no culto ás almas dos seus mortos, as praticas fetichistas mantiveram-se firmes apezar da associação que soffreram com as praticas catholicas. [561]

Para enfim, afirmar que longe de o negro aderir às abstrações da doutrina católica, foi o próprio catolicismo que se adaptou ao "animismo rudimentar" para torná-lo assimilável a essa população. Aliás, não só o catolicismo, como se observa:

> O animismo fetichista africano, diluído no fundo supersticioso da raça branca e reforçado pelo animismo incipiente do aborígene americano, constitui o sub-solo ubérrimo de que brotam exuberantes todas as manifestações ocultistas e religiosas da nossa população. As crenças catholicas, as praticas spiritas, a cartomancia, etc., todas recebem e reflectem por igual o influxo da feitiçaria e da idolatria fetichista do negro. [562]

561 *Ibidem*, p. 96.
562 *Ibidem*, p. 107.

Nina, portanto, dá ênfase no hibridismo das manifestações religiosas dos baianos, mas sempre apontando para a força do negro e de suas idolatrias no conjunto. A mistura, a combinação, a fusão de crenças é um retrato das práticas religiosas comuns a essa população, algo que, por outro lado, não o impede de observar que, do todo, a parte que se sobressai, que se apresenta com mais vivacidade, ainda que pela via mórbida, é a do negro: "para nos servir da expressão de Tylor ou melhor da expressão consagrada na Costa D`Africa, pode-se affirmar que na Bahia todas as classes, mesmo a dita superior, estão aptas a se tornarem negras". [563]

Quando morreu em 1906, Nina já estava em tempo de finalizar o quarto livro de sua autoria, intitulado *Os africanos no Brasil.* [564] A obra, publicada postumamente, reunia uma série de estudos divulgados na imprensa, além de tex-

563 *Ibidem*, p. 116.

564 A história desta obra merecia uma narrativa à parte. Para os objetivos deste trabalho, basta lembrar apenas que Nina Rodrigues estava com a sua impressão adiantada quando veio a falecer, em 1906. Na versão original, o título dado pelo autor foi "O problema da raça negra na América Portuguesa". Após a sua morte, os papéis impressos, as notas e o material fotográfico, resultado de 15 anos de pesquisa, ficaram sob a guarda do médico legista Oscar Freire (1882-1923) que, por sua vez, também não finalizou o trabalho antes de morrer. A primeira versão do livro só saiu em 1932, organizada pelo jurista e jornalista Homero Pires (1887-1962). Este destacou no prefácio que "Os africanos No Brasil" teria sido o título do primeiro capítulo, mas se tornou, ao fim, o título geral da obra, sem mais explicações. À primeira versão seguiram-se sucessivas reimpressões e neste trabalho utilizamos: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

tos inéditos. A opção de Nina pelo estudo do negro como um elemento diferencial em nossa sociedade impôs certa cautela na abordagem do tema. A abolição da escravidão, evento recente ao tempo em que redigia, havia criado, em suas palavras, "uma avalanche" coletiva de sentimentos piedosos, um fenômeno que conferiu ao negro "(...) qualidades, sentimentos, dotes morais ou ideias que ele não tinha, que ele não podia ter". Apelar de tal sentença era um exercício inútil, vista a exaltação do momento que "não dava tempo nem calma para reflexões e raciocínios". [565]

Às vistas do médico maranhense, o fim da escravatura emprestou ao negro, pelo menos por um breve momento, a "conveniente" organização psíquica dos povos brancos mais cultos. Contra este fato, Nina protesta, bastando para isso recordar que o cativeiro era "um estádio fatal da civilização dos povos" ou então que "em vão continuaria a oferecer-lhe tácito desmentido a África inteira, onde a intervenção dos Europeus não conseguiu diminuir sequer a escravidão". [566]

Mas antes de lhe acusarem, inadvertidamente, de escravagista, Nina afirma que o "critério científico da inferioridade da raça negra" nada tem em comum com a "exploração revoltante" a que foram submetidos os africanos e seus descendentes. Do ponto de vista "neutro" da ciência, diz, esta "inferioridade", assim como o próprio cativeiro, nada mais é do que "um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções". [567]

565 *Ibidem*, p. 11.
566 *Ibidem*.
567 *Ibidem*, p. 12.

Consideramos que esta interpretação é apoiada nas leituras que Nina fez dos livros de Tylor, considerado o pai da antropologia cultural e fomentador da escola evolucionista-social. No primeiro volume de *Primitive Culture*, Tylor apresenta, em diversos momentos, seu interesse e afeição, com as tribos selvagens modernas. Tal como Nina, denuncia a ignorância em relação a essas populações, algo que provêm, entre outros, do fato de que alguns antropólogos têm procurado converter "la moderada diferencia intelectual existente entre un inglés y un negro, en algo equivalente a la inmensa distancia que separa a um negro de un Gorila." Assim, diz, não há por que se surpreender que alguns selvagens pareçam "macacos" aos olhos de "homens ilustrados" que os caçam como bestas ferozes nas selvas e que "no alcanzan a apreciar, en absoluto, la verdadera cultura que un mejor conocimiento descubre siempre entre las tribos más primitivas de la humanidade". [568]

Tylor é claro ao dizer que tanto antropólogos quanto historiadores de seu tempo sempre buscam no estudo da mitologia, armas para destruir "as estruturas" do que consideram seus "adversários" incivilizados, mas nunca instrumentos para esclarecer e ajustar as suas próprias:

> Una de las cualidades indispensables del verdadero historiador consiste em que sea capaz de contemplar el mito, desapasionadamente, como un producto natural y regular de la mente humana, que actúa sobre unos hechos adecuados de un modo conveniente a la si-

568 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 355-356.

> tuación intelectual del pueblo que lo produce, y que lo trate como una adherencia que debe ser deducida de la historia declarada, siempre que las pruebas demonstren que está decididamente em contra de la evidencia como hecho y que es, al mismo tiempo, claramente explicable como mito. [569]

De acordo com Vanda Serafim, no que toca o campo da História das Religiões e Religiosidades, há uma clara convergência entre Nina Rodrigues e E. B. Tylor. Este último, entretanto, nunca foi devidamente apreciado pela intelectualidade brasileira dos oitocentos e sua maior obra nunca recebeu uma tradução para o português, chegando ao país por meio de uma versão francesa de 1878 com o título *La Civilisation Primitive*. [570] Tal descaso com Tylor manteve-se ao longo dos anos e diz a autora, em artigo recente,

> O que mais me chamou atenção foi o fato de seu nome ser frequentemente referenciado pela bibliografia especializada como um dos pioneiros da temática, mas raramente aprofundado pela historiografia brasileira por conta do caráter evolucionista e positivista de seus estudos. [571]

---

569 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. La religión en la cultura primitiva (2)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 481.

570 *Cf.* TYLOR, Edward Burnett. *La Civilisation Primitive.* Paris: C. Reinwald et cie., 1876 (Volume 1 e Volume 2).

571 SERAFIM, Vanda Fortuna. Edward Burnnet Tylor e a contribuição inglesa ao estudo das religiões. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano VI, n. 16, maio de 2013, p. 174.

Mariza Corrêa já dizia que parece importante para um antropólogo ter uma vaga noção de quem foi Morgan ou Tylor, da importância que tiveram na constituição da disciplina da antropologia e, mais do que isso, da crítica que se pode fazer aos parâmetros teóricos e políticos de ambos. Contudo

> (...) embora reconheçamos como quase banal a afirmação desta dupla pertinência do campo antropológico — a um contexto do saber e a uma história politica —, quando visto de longe e em termos gerais, esse reconhecimento poucas vezes se estende ao estudo da história da antropologia no Brasil. [572]

O pesquisador português Frederico Delgado Rosa chama a atenção para outra problemática em relação à herança intelectual de Tylor. Presença obrigatória em qualquer manual ou coletânea de textos de história da antropologia, sua principal obra, no entanto, tem sido objeto de leituras parciais e apressadas, quando muito. Regra geral, afirma, estudantes e docentes do século XXI conhecem uns poucos parágrafos do primeiro e do segundo capítulos, os mais recorrentes nas compilações e justamente aqueles que podem, inapropriadamente, induzir ao erro quando separados do resto. Afirma Rosa:

> Porquê perder tempo com dois pesados volumes de 1871, num total de cerca de mil

572 CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade. A escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil.* Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001, p.22.

> páginas de teoria obsoleta e de etnografia pré-moderna em segunda mão? Para tentar responder a essa pergunta é necessário antes de mais devolver a Tylor o seu próprio pensamento, passando por cima de algumas ideias feitas. [573]

Como apontamos na introdução, o descaso com os trabalhos de Tylor não é um fenômeno sem fundamento. Marilyn Strathern ao relembrar o engajamento de Bronisław Malinowski (1884-1942) contra James Frazer (1854-1941) e Tylor, diz que o primeiro pretendia uma verdadeira "revolução na antropologia social", em que o resultado esperado era uma reviravolta no estilo oitocentista do evolucionismo-social para o modelo estrutural-funcionalista dos novecentos. Em última instância, o discurso "moderno" de Malinowski se contrapunha de tal forma ao conjunto de conhecimentos já considerado pré-modernos, que Tylor e Frazer chegaram a ser rotulados de obsoletos. [574]

Tendo a leitura completa da obra-prima de Tylor em perspectiva, talvez seja possível afirmar que ao deparar-se com povos então considerados primitivos e incultos da África, Ásia e Américas, o autor identificou semelhanças evidentes que estes exibiam ao serem comparados com as populações ditas "civilizadas", do continente europeu. O desafio então era encontrar uma fórmula para interligar em

573 ROSA, Frederico Delgado. Edward Tylor e a extraordinária evolução religiosa da humanidade. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, 2010, p. 297.

574 STRATHERN, Marilyn. Op. Cit.

um único e complexo processo de evolução social sociedades que se encontravam em etapas distintas de desenvolvimento.

Segundo o historiador Laavanyan Ratnapalan, Tylor toma emprestado do arqueólogo John Lubbock (1834-1913) [575] a identificação de estágios, comuns a todas as raças no planeta: o *selvagerismo*, nível mais baixo de desenvolvimento humano, "uncultured", primitivo, marcado pelas atividades de caça e coleta; o *barbarismo*, um degrau intermediário, "half-civilized", onde predomina o nomadismo, o pastoreio e a agricultura rudimentar; e por fim o *civilizatório*, o mais avançado, industrial, representado pelas nações europeias, em especial a Inglaterra vitoriana, da qual Tylor é representante autodeclarado. [576]

Já segundo George W. Stocking Jr., Roque de Barros Laraia e Celso Castro, o estratagema de Tylor é montado a partir de uma tendência bem mais ampla que tomou força nos anos 60 do século XIX, com contribuições de autores de diferentes áreas do conhecimento como o jurista Henry James Sumner Maine (1822-1888) e seu livro *Ancient Law* [577], de 1861, do também jurista e sociólogo Johann Jakob Bachofen

---

575 *Cf.* LUBBOCK, John *The Origin of Civilization and the Primitive Condition of Man: Mental and Social Condition of Savages.* London: Longmans Green, 1870.

576 RATNAPALAN, Laavanyano E. B. Tylor and the Problem of Primitive Culture. *History and Anthropology*, v. 19, n. 2, 2008, pp. 131-142.

577 *Cf.* MAINE, Henry James Sumner. *Ancient Law: Its Connection with the Early History of Society, and Its Relation to Modern Ideas.* London: J. Murray, 1861.

(1815-1887), autor de *Das Mutterrecht (O matriarcado)* [578], igualmente de 1861 e, sobretudo, do filósofo Herbert Spencer, autor de *First Principles of a New System of Philosophy* [579], de 1851. Segundo Laraia:

> Mais do que preocupado com a diversidade cultural, Tylor a seu modo preocupa-se com a igualdade existente na humanidade. A diversidade é explicada por ele como o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução. Assim, uma das tarefas da antropologia seria a de "estabelecer, grosso modo, uma escala de civilização", simplesmente colocando as nações europeias em um dos extremos da série e em outro as tribos selvagens, dispondo o resto da humanidade entre dois limites. [580]

Um leitor mais atento pode-se perguntar se não houve uma influência direta das teorias darwinistas-sociais em Tylor, dado que seus livros vêm à luz após a publicação de *Origem das Espécies* (1859). Percebemos que há uma grande controvérsia sobre esse assunto e que foge aos nossos objetivos imediatos. Claude Lévi-Strauss (1908-2009), em seu en-

578 *Cf.* BACHOFEN, Johann Jakob. *Das Mutterrecht: eine Untersuchung über die Gynaikokratie der alten Welt nach ihrer religiösen und rechtlichen Natur*. Stuttgart: Krais und Hoffmann, 1861

579 *Cf.* SPENCER, Herbert. *First Principles of a New System of Philosophy.* London: Williams and Norgate, 1862.

580 LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico.* Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 32-33.

saio clássico *Raça e História*, de 1952, diz que "os dois fundadores do evolucionismo social, Spencer e Tylor, elaboram e publicam sua doutrina antes de A origem das espécies, ou sem ter lido esta obra". [581] Cabe-nos apenas apontar que, de modo geral, há certo consenso em torno das influências pré-darwinianas em Tylor como recorda Stocking Jr.:

> It is fairly clear (…) that Tylor was primarily concerned with the general applicability of a pre-Darwinian classificatory tradition to the study of culture and the failure to mention Darwin, or natural selection, at a moment when they were both subjects of heated discussion, casts some doubt on the suggestion of a direct transfer of Darwin's major theoretical contribution. [582]

A tese que possibilita Tylor estudar minuciosamente os níveis primitivos do que ele chama globalmente de "Cultura" e "Civilização" da humanidade é o paralelo que ele constrói

---

581 LÉVI-STRAUSS, Claude. "Raça e história". In: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, 3ª edição, p. 337. (Biblioteca Tempo Universitário, 45).

582 "É bastante claro (...) que Tylor estava principalmente preocupado com a aplicabilidade geral de uma tradição classificatória pré-darwinista para o estudo da cultura e a falta de menção a Darwin, ou à seleção natural, num momento em que os dois eram temas de discussão acirrada, lança algumas dúvidas sobre a sugestão de uma transferência direta de grande contribuição teórica de Darwin". In: STOCKING JR., George W. "Cultural Darwinism" and "Philosophical Idealism" in E. B. Tylor: A Special Plea for Historicism in the History of Anthropology. *Southwestern Journal of Anthropology*, New México, v. 21, n. 2, Summer 1965, p. 132.

entre as tribos selvagens de seu tempo, descritas por viajantes e cientistas, com aquelas que viveram em eras passadas; e o estudo comparativo entre as primeiras e os povos civilizados. Em sua obra clássica, Tylor define o que entende por cultura logo no primeiro parágrafo do primeiro capítulo:

> La Cultura o la Civilización, tomada em su amplio sentido etnográfico, es esse conjunto que incluye el conocimiento, las creencias, las artes, la moral, las leyes, las costumbres y cualesquiera otras aptitudes y hábitos adquiridos por el hombre como membro de la sociedad. [583]

De acordo com Laraia, Tylor foi o primeiro a sintetizar no vocábulo inglês *Culture* "todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitidas por mecanismos biológicos". [584] Ficava assim definido o termo cultura como todo o comportamento "aprendido", independente de transmissão genética, adquirido ao longo do desenvolvimento e do progresso das civilizações.

Castro pontua que com este procedimento Tylor "distingue-se do uso moderno do termo cultura (em seu estado relativista, pluralista e não-hierarquizado)". [585] Afirmação esta muito semelhante com o que diz Stocking Jr., para

583 TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit*., p. 19.
584 LARAIA, Roque de Barros. *Op. Cit*., p. 25.
585 CASTRO, Celso. *Op. Cit*., p. 8.

quem cultura e civilização "in this very synonymity, which some modern renditions obscure by an ellipsis of the last two words, Tylor begs the whole question of relativism and in effect makes the modern anthropological meaning of ´culture` impossible".

Ao utilizar os termos "cultura" e "civilização" como sinônimos, Tylor tem por objetivo, segundo Stocking Jr., salientar a existência de uma "hierarquia de valores", posto que as civilizações espalhadas pelo mundo encontravam-se, cada qual, em graus distintos de uma sequência de desenvolvimento humano progressiva: "(…) when he went on in this same passage to speak of the `civilization of the lower tribes as related to the civilization of the higher nations`, it is clear that he meant degree rather than type or style of civilization" [586]

Assim, ao tratar, por exemplo, de "mitos" similares precedentes de regiões distintas do globo, "clasificándolos en grandes grupos comparados", é possível descobrir o resultado de certos processos imaginativos "que se repiten con la evidente regularidad de uma ley mental". [587] O mito ou superstição, em si, surgido em idades remotas

> (...) continúa relativamente inalterado entre las modernas tribus primitivas que menos se han apartado de aquella situación salvage,

586 STOCKING JR., George W. Matthew Arnold, E. B. Tylor, and the Uses of Invention. *American Anthropologist*, New Series, v. 65, n. 4. August 1963, p. 784.

587 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 269.

> mientras incluso grados superiores y ulteriores de civilización, en parte por conservar sus princípios reales y en parte por sostener sus resultados heredados em forma de tradición ancestral, la han proseguido, no solamente por tolerância, sino como um honor. [588]

Ao analisar as lendas e fantasias selvagens das "tribos inferiores", Tylor acredita encontrar elementos de uma mitologia universal, sendo o selvagem representante "de la infância de la espécie humana". Não à toa, um dos critérios científicos aplicados é a hipótese, então aceita no meio científico, de que a mentalidade do selvagem se assemelhava à de uma criança em desenvolvimento. Reafirmando o sentido evolucionista de sua tese, diz ele: "Few educated europeans ever throughly realize the fact that they have once passed through a condition of mind from wich races at a lower stage of civilization never fully emerge". [589]

Dito de outra forma, na linha evolucionária que começa nos povos mais atrasados — na maioria das vezes identificados nos aborígenes australianos — e segue até os mais avançados — as nações europeias, sobretudo a vitoriana Inglaterra —, muitas dessas tribos nunca saíram de um estágio de desenvolvimento comparado ao de uma criança do mundo civilizado. Os fatos coletados por Tylor, através dos relatos de viajantes e cronistas coloniais, "seeem to favour the view that the wide diferences in the civilization and mental state

588 TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit*., p. 270.

589 TYLOR, Edward Burnett. *Researches Into the Early History of Mankind and the Development of Civilization* New York: Elibron Classics, 2005, p. 107.

of the various races of mankind are rather diferences of development than of origin, rather of degree than of kind". [590]

Outro critério importante que favorece a sua visão evolucionista é a negação da "teoria da degeneração" das tribos selvagens. Ao recordar uma passagem do naturalista von Martius — "the leading advocate" da causa degeneracionista, em sua opinião — por uma tribo indígena da América do Sul, Tylor refuta a afirmação do explorador bávaro de que as práticas mágicas e superstições que presenciou deveriam ser reflexo da degradação de uma forma pura e original de adoração da natureza. [591]

Para Tylor, ao contrário, a feitiçaria, a bruxaria e as artes mágicas não pareciam, de forma alguma, fragmentos mutilados de um "sistema maior e mais avançado de crença e conhecimento" — este último tendo por base uma interpretação bíblica e edenística, da qual já fizemos referência. [592] De forma oposta, afirma o autor:

> (...) the history of the lower races, as of the higher, is not the history of a course of degeneration, or even of equal oscillations to and for, but of a movement which, in spite of frequent stops and relapses, has on the whole

590 *Ibidem*, p. 361.

591 VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. "Vergangenheit und Zukunft der Amerikanischen Menschheit". In: *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's Zumal Brasiliens*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867, Volume 1. *Apud* TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit*., pp. 136 e 364.

592 *Ibidem*, pp. 135 e 136.

> been forward; that there has been from age to age a growth in man`s power over nature, which no degrading influence have been able permanently to check. [593]

Em *Researches*, no capítulo dedicado ao estudo da dominação do fogo, da preparação da comida e da construção de embarcações, o autor defende que houve um aperfeiçoamento gradual dessas técnicas ao longo da história e a suplantação, pelas raças superiores, dos meios rudes utilizados pelas raças inferiores. Em sua conclusão, "On the whole, progress in these useful arts appears to be the rule, and whether its steps are slow or rapid, a step once made dos not seem often to be retraced". [594]

A visão holística de Tylor, entretanto, não refuta completamente a possibilidade de degradação de uma cultura dita "semi-civilizada". A História, diz ele, tomada como sua guia para explicação dos diferentes estágios da civilização, oferece uma teoria baseada "en la experiência real". Para Tylor:

> Esta es uma teoría del desarollo, en la que tanto el avance como el retroceso tienen sus

593 "(...) A história das raças inferiores, assim como a das mais avançadas, não é a história do curso de degeneração, ou mesmo de oscilações iguais para a frente a para atrás, mas de um movimento que, apesar de paradas e recaídas frequentes, no geral se dá para a frente; que tem havido de uma era a outra era um crescimento no poder do homem sobre a natureza, que nenhuma influência degradante foi capaz de verificar permanentemente". In: TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit*., p. 190.

594 *Ibidem*, p. 272.

> lugares reconocidos. Pero, en la medida en que la historia há de servirnos de norma, la progresión és primaria, y la degradación, secundária; la cultura debe ser conquistada, antes de que pueda ser perdida. Además, al establecer uma comparación entre los efectos del movimento progresivo y del retardatário sobre la civilización, debemos recordar que la difusión de la cultura opera muy eficazmente para proteger los resultados del progresso contra los ataques de la degeneración [595]

A exceção ao sentido de progresso da evolução da humanidade é pontual e não afeta todo o quadro explicativo de Tylor. O próprio afirma que há, por exemplo, casos de homens civilizados que adotaram uma vida selvagem em regiões isoladas gerando o que ele classifica de "degeneración independente". Tal se constata em raças mistas cuja civilização se encontra mais ou menos abaixo da raça superior. Um passo a mais, escreve, "y nos encontramos con los casos de los individuos civilizados que han sido absorbidos por las tribos salvages y han adoptado la vida salvage, sobre la que ejercen una pequeña influencia progressista". [596]

Tylor parte do pressuposto de que há certa uniformidade no desenvolvimento das "baixas civilizações" por todo o mundo, uma espécie de "unidade psíquica" da humanidade. Tal ideia provém da coleta de informações de autores como o missionário William Ellis (1794-1872), o geólogo Henry

595 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 52.

596 *Ibidem*, p. 59.

Rowe Schoolcraft (1793-1864), o orientalista Friedrich Max Müller (1823-1900) e o filólogo Hermann Steinthal (1823-1899), entre outros. Ao comparar práticas e vivências como a formação de linguagem gestual e escrita, a criação de imagens e desenhos, as tradições históricas e mitos de observação, o pensador inglês chega à ideia de que "The state of things which is found is not indeed that one race does or knows exactly what another race does or knows, but that similar stages of development recur in different times and places." [597]

Como então explicar essa ocorrência, essa multiplicação de saberes e crendices — que, não por acaso, compartilham de uma natureza muito parecida — em distintas e remotas regiões do globo? Tylor acreditava no provérbio italiano, de autoria do poeta e literato Giovanni Pascoli (1855-1912), "tutto il mondo è paese", ou seja, todo o mundo é um só país. Pouco importava a localização no mapa. Citando outro escritor, o inglês John Hawkesworth (1715-1773), afirma: "un conjunto de salvaje es igual a otro". "Hasta qué punto es realmente certa esta generalización, cualquer museo etnológico puede demonstrarlo", argumenta Tylor. [598]

Sendo assim, três seriam as possibilidades apresentadas pelo autor para justificar esta "coherencia de fenómenos": "(...) independente invention, inheritance from ancestors in a distant region and transmission from one race to another".

---

597 TYLOR, Edward Burnett. *Researches Into the Early History of Mankind and the Development of Civilization* New York: Elibron Classics, 2005, p. 362.

598 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 59.

Tylor, entretanto, deixa bem claro a sua opção predileta: "Sometimes, indeed, the first is evidently to be preferred". [599] O autor inglês também recorre ao antropólogo alemão Gustav Friedrich Klemm (1802-1867) e ao coronel do exército britânico Augustus Henry Lane-Fox Pitt Rivers (1827-1900), para explicar melhor como se daria essa "invenção independente", dispersada por todo o globo:

> A mi parecer, el doctor Klemm, en sus disertaciones sobre Utensilios y Armas, y el coronel Lane Fox, en sus conferencias sobre Guerra primitiva, adoptan una línea más instrutiva al atribuir el desarrollo inicial de las habilidades, no a un instinto ciego, sino a una selección, a una imitación, a una adaptación y a um perfeccionamento graduales de los objetos y de las operaciones que la Naturaleza, la maestra del hombre primitivo, ponde ante él. [600]

A natureza era a grande fonte de inspiração dos selvagens ou "teólogos primitivos" que, como classifica Tylor: "hacían pleno uso de su libertad especulativa" e sua doutrina animista primitiva era fundada "en la evidencia misma de sus sentidos". [601] Não por acaso o autor identifica em di-

599 TYLOR, Edward Burnett. *Researches Into the Early History of Mankind and the Development of Civilization* New York: Elibron Classics, 2005, p. 365.

600 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 75.

601 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. La religión en la cultura primitiva (2)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 146.

versas "zonas culturales", distribuídas pelo planeta, o culto primitivo ao sol, à lua, ao mar, à terra, ao céu, ao fogo, à água e assim por diante.

Para ele, se dois visitantes independentes de diferentes países, por exemplo, "um mahometano medieval en Tartaria y un inglês moderno en Dahomey, o un missioneiro jesuíta en el Brasil y un weslwyano en las islas Fiji" coincidem em descrever determinadas artes, ritos ou mitos análogos ligados à natureza entre os povos visitados, "resulta difícil o impossible atribuir tal semejanza a simple acidente o a fraude voluntario". [602] Tal posicionamento não o impede, entretanto, de também dar créditos ao "difusionismo", como bem lembrou Robert Lowie, em um texto publicado no ano da morte de Tylor:

> Though certainly a strong believer in the independent evolution of cultural phenomena in distinct areas of the globe, he was very much alive to the influence of diffusion In the Introduction to the English translation of Ratzel's *History of Mankind* he contrasts "the small part of art and custom which any people may have invented or adapted for themselves" with "the large part which has been acquired by adopting from foreigners whatever was seen to suit their own circumstances." [603]

602 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 26.

603 "Embora certamente um forte crente na evolução independente dos fenômenos culturais em áreas distintas do globo, ele estava muito atento à influência da difusão. Na Introdução à tradução inglesa da *História da Humanidade* de Ratzel ele contrasta "a pequena parte

Em *O animismo*, Nina Rodrigues cita Tylor em diversos momentos, trazendo para o debate sobre a raça negra no Brasil conclusões muito semelhantes às que o pensador inglês imputava às "raças primitivas modernas" de uma forma geral. Nina, entretanto, ao contrário de Tylor, não era considerado um "antropólogo de gabinete", coletor de informações de terceiros. Fez, como sabemos, uma ampla peregrinação pelos recantos de Salvador, Bahia, levando o leitor a conhecer personagens, lugares, práticas, ligadas diretamente à cultura e à religião afro-brasileira.

No cotidiano do negro brasileiro, por exemplo, era importante o papel dos sonhos para a sua "psicologia histérica". O tema dos sonhos e alucinações foi abordado por Tylor, de quem Nina retira um trecho, para chegar à conclusão de que "a observação do áfrico-bahiano não contradiz, ao contrario corrobora, os dizeres de Tylor". Continuando com as palavras do autor baiano:

> O habito que têm os negros de contar os seus sonhos provoca a frequência delles: d`ahi resulta que eles têm durante o somno tantas relações com os mortos, quantas têm durante a vigília com os vivos. Sem dúvida está neste facto uma das causas das suas tendências supersticiosas excessivas. Nelles a imaginação acha-se tão superexcitada que mal podem

---

da arte e do costume que qualquer pessoa pode ter inventado ou adaptado para si" com "a grande parte que tenha sido adquirida através da adopção dos estrangeiros o que quer que tenha servido à suas circunstancias". In: LOWIE, Robert. H. Edward B. Tylor. *American Anthropologist,* New Series, v. 19, n. 2, apr.-jun. 1917, pp. 264-265.

> distinguir entre o sonho e o pensamento, entre o real e o imaginário: também desfiguram involuntariamente a verdade e pretendem ver coisas que não existiram. [604]

Um dos casos relatados por Nina refere-se à história de um "rapaz creoulo", filho de africanos, ambos pais de terreiro, já falecidos. Certa vez, uma "rapariga" conhecida dele "caiu de santo" em um candomblé e lhe disse que seu pai havia pedido o sacrifício de um galo. Dias depois o sujeito foi surpreendido pela visita de um velho africano, amigo íntimo de seu pai, que lhe informou que a figura deste havia aparecido em seus sonhos na noite anterior e rogara por um sacrifício de um galo. Inquirido por Nina se já havia realizado o pedido, o rapaz lhe disse que faria no domingo próximo. Afirma Nina que o relato acima é a "confirmação literal" da seguinte citação de Tylor sobre os negros da Guiné Meridional:

> Consideram todos os seus sonhos como visitas dos espíritos de seus amigos mortos. Recebem com a mais séria e a mais respeitosa atenção os conselhos, as recommendações e as advertências que lhes vém em sonhos, e desde que despertam apressam-se a seguir os avisos que recebem por este modo. [605]

É o caso dos alimentos oferecidos aos mortos ou aos

604 RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Editora UFRJ, 2006, p. 86.

605 TYLOR, Edward Burnett. Op. Cit. *Apud* RODRIGUES, Raimundo Nina. Op. Cit., p. 87.

deuses que aparecem em seus sonhos. Seu destino é, entretanto, variável. Segundo Nina, a maior parte ali apodrece, é destruído ou substituído por outros. "Tylor nota com razão que quer os mortos, quer os deuses são vistos muitas vezes pelos fetichistas, em sonhos ou em extases religioso, trazendo os objectos que lhe foram offerecidos em sacrifícios (...)". [606] Tal se dá sob uma forma imaterial inacessível aos mortais. Há exceções em que tais alimentos podem ser consumidos pelos crentes, geralmente pelo dono do fetiche ou pelo feiticeiro.

Como que para realçar o curso de ideias que são gestadas nas "fases inferiores" da cultura e seguem seu rumo às "fases superiores", Tylor indica que a teoria animista de visita de seres espirituais "perduró, sin ningún cambio ni ruptura" até os tempos do cristianismo medieval. Refere-se ele "a la doctrina de los íncobus y los súcubos, essos demonios nocturnos, machos y hembras, que se juntan sexualmente com las mujeres e com los hombres". Tendo como fonte o acadêmico inglês Robert Burton (1577-1640), Tylor chega à conclusão de que em nenhuma outra época haviam aparecido tantos demônios como na Europa Medieval, completando: "y esto ocurría alrededor de 1600, después de Cristo". [607]

Levando estas considerações em conta, para Nina não era a inferioridade do negro que estava em discussão. "Ninguém se lembrou ainda de contestá-la. E tanto importaria contestar a própria evidência", afirma. Diante da necessida-

606 *Ibidem*, p. 95.

607 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. La religión en la cultura primitiva (2)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, pp. 259-261.

de de "civilizar-se de pronto" ou "capitular na luta e concorrência" que lhe movem os brancos

> (...) a incapacidade ou a morosidade de progredir, por parte dos negros, se tornam equivalentes na prática. Os extraordinários progressos da civilização europeia entregaram aos brancos o domínio do mundo, as suas maravilhosas aplicações industriais suprimiram a distância e o tempo. Impossível conceder, pois, aos negros como em geral aos povos fracos e retardatários, lazeres e delongas para uma aquisição muito lenta e remota da sua emancipação social. (...) A geral desaparição do índio em toda a América, a lenta e gradual sujeição dos povos negros à administração inteligente e exploradora dos povos brancos, tem sido a resposta prática a essas divagações sentimentais. [608]

Ainda que, em um esforço hipotético de análise, fosse possível abstrair a condição de escravos dos negros que foram despejados no Brasil e apreciando as qualidades de colonos "como faríamos com os de qualquer outra procedência", a sua predominância continuaria a ser um fator prejudicial ao país. Assim se mostravam os estados do Norte, de maioria negra e mestiça — "vegetando na turbulência estéril de uma inteligência viva e pronta, mas associada à mais decidida inércia e indolência, ao desânimo e por vezes

608 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, pp. 290-291.

à subserviência (...)" — em contraste com os do Sul, onde já se entrevia o esboço de uma nação branca, forte e vigorosa.[609]

Evitar um sentimentalismo, com "ares de modismo", que emergiu no pós-abolição, não significava aquiescer com os desmandos e abusos que sofreram os escravos. Pelo contrário, era a única forma de primar pelo "espirito científico", de assegurar uma "visão desapaixonada" das contribuições e defasagens que o negro legou ao Brasil. Por isso, para o médico, era incompreensível o desprezo que reinava sobre tudo o que dizia respeito aos negros; sobre as nações que ainda resistiam a seu tempo; sobre a procedência africana dos grupos a cá trazidos; sobre as sublevações de escravos maometanos no século XIX, os Malês, e a campanha de conversão ao islamismo; sobre a peleja de Palmares — a "Tróia Negra" — e outras insurreições quilombolas; sobre a sobrevivência das línguas nativas, dos cultos e mitos religiosos; sobre a manifestação das belas-artes dos colonos pretos; enfim, sobre os dados qualitativos e quantitativos, muitos dos quais Nina teve acesso limitado.

Nina apregoa, tal como o fez em sua exposição sobre as legislações civil e penal, respeito e proteção do Estado às raças inferiores. Na África, os cultos e crenças constituíam, nos informa, verdadeira religião de Estado, achando-se, pois, garantidos pelos costumes e pelos governos. Já no Brasil e na Bahia, em particular, "são ao contrário consideradas práticas de feitiçaria, sem proteção nas leis, condenadas pela religião dominante e pelo desprezo, muitas vezes ape-

609 *Ibidem*, p. 16.

nas aparente, é verdade, das classes influentes que, apesar de tudo, as temem". [610]

As temem, pois reuniam em si representações negativas das quais as classes dirigentes do Império brasileiro queriam distância. Desde a consolidação das forças conservadoras no núcleo do governo a partir da segunda metade do século XIX, não raro o Império brasileiro era abalado por uma massa de homens ferozes, sem moral, religião ou instrução alguma. As "nuvens de nagôs e minas" eram um obstáculo ao projeto civilizacional dos Saquaremas, que de acordo com Ilmar Rohloff de Mattos, difundiram um "sentimento aristocrático" que

> (...) referenciava os diferentes critérios que permitiam não só estabelecer distinções — entre a "flor da sociedade" e a "escória da população", no dizer do Timandro, por exemplo —, mas também e antes de mais nada hierarquizar os elementos constitutivos da sociedade — cada qual e todos "nunca deixavam de mais ou menos manter e conhecer o seu lugar" [611]

Notemos que se Tylor, como etnógrafo e representante de uma classe privilegiada da Inglaterra Vitoriana, voltava seus olhos para os territórios colonizados na África, o mesmo faz Nina Rodrigues, em relação ao Brasil. Tributário de

610 *Ibidem*, p. 264.

611 MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema. A formação do Estado Imperial.* Rio de Janeiro: Access, 1994, p. 106.

uma tradição que associou a coroa e a classe senhorial, os "dirigentes saqueremas", burocratas, professores, jornalistas, literatos e médicos, todos estavam unificados pela "adesão aos princípios de Ordem e Civilização quanto pela ação visando a sua difusão". [612] Era uma espécie de "colonialismo interno" que pressupunha a garantia da Soberania Nacional e o olhar atento do governo central sobre "o conjunto dos cidadãos e dos não-cidadãos, a totalidade do território (...)".[613]

Nina, assim como Tylor, se por um lado pregava o respeito e a estima pelas tradições afro-brasileiras, o fazia apenas para tentar entender em que ponto estas poderiam civilizar-se ou não. Como coloca Ilmar:

> (...) uma politica médica sempre preocupada em esquadrinhar o espaço urbano, em eliminar as razões dos males que afligiam a cidade, que ela confundia permanentemente com a sociedade, não deixaria de questionar a existência da escravidão, ou ao menos, a presença do escravo no espaço urbano. Brutalidade, vaidade, egoísmo, doenças, paixões, desordem, sexualidade desregrada e muitos outros males e desvios eram atribuídos à presença do escravo no seio da família branca citadina. E ao fazê-lo contribuía não só para o esforço das pálidas tendências emancipacionistas em meados do século; levava água também para o moinho daqueles que advogavam a presença dominante do elemento escravo no ambiente rural. [614]

612 *Ibidem*, p. 4.
613 *Ibidem*, p. 191.
614 *Ibidem*, p. 230.

Segundo Nina, apesar do mestiçamento, ainda era perfeitamente possível encontrar na Bahia esta espécie de "estratificação das sobrevivências morais africanas" em estado de "admirável pureza" — contrariando, ou ao menos relativizando, o que havia afirmado em estudos precedentes sobre o mestiçamento, em especial nos estudos sobre o Maranhão. [615] Preservá-las para análises científicas, antropológicas e sociológicas, devia ser um dever do Estado. Afinal, se por um lado, Nina demonstra uma preocupação maior com o negro, ele mesmo sublinha que o que importa ao Brasil é "o quanto de inferioridade lhe advém da dificuldade de civilizar-se". [616]

A concepção de "sobrevivências" de costumes primitivos em estado de "admirável pureza" pode ser exemplificada, por exemplo, na prática da "mutilação cadavérica" ou *dépeçage* discutida por Nina Rodrigues na 5ª Memória História apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. A redução do corpo humano à condição de provisão alimentar, segundo Nina, era um problema psicológico de épocas remotas das quais só resta na "estractificação psychica do homem moderno, a recordação organica da impulsividade sanguinaria, toda animalesca, felizmente dominada hoje, mas ainda assim capaz de reviver nos desvios morbidos da mentalidade". [617]

---

615 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 272.

616 *Ibidem*, p. 291.

617 RODRIGUES, Raimundo Nina. 5ª Memória. A psychologia da mutilação cadavérica. O esquartejamento criminoso. *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, Salvador, Typographia Bahiana, ano II, Tomo II, 1904, p. 161.

A teoria das sobrevivências, no entanto, não era uma hipótese nova no campo da etnologia e da antropologia comparada. Quem a formulou sistematicamente foi, novamente, Tylor, que se utilizou desse método como única forma de ter acesso à "cultura" de raças ancestrais já capituladas pelas sociedades modernas. Afirma Castro:

> Passava-se a dispor de uma espécie de "máquina do tempo" que permitia, observando o mundo dos "selvagens" de hoje, ter uma idéia de como se vivia em épocas passadas. Assim, as informações sobre a sociedade antiga e sobre a mente do homem primitivo, até então dependentes dos relatos da antigüidade greco-romana — Heródoto, Tucídides, Tácito etc. — poderiam ser complementadas por novos relatos. [618]

Mais do que apenas debruçar-se sobre os relatos de costumes de tribos primitivas, Tylor imaginava poder dominar "los princípios generales de la religión salvage", até então considerados por muitos escritores de seu tempo como inalcançáveis ou irrecuperáveis. Para este autor:

> Sus creencias y prácticas, lejos de ser un desecho de estupideces revueltas, son coherentes y lógicas en tan alto grado que, en quanto se clasifican, aunque sea toscamente, comienzan a revelar los princípios de su formación e desarollo; y estos princípios son esencialmente

618 CASTRO, Celso. *Op. Cit.*, p.14.

> racionales, aunque operan en unas condiciones intelectivas de intensa e inveterada ignorância. [619]

As sobrevivências é que permitiram a Tylor aprofundar a sua antropologia comparada que, de acordo com Rosa não procurava, como muitos diziam, acentuar uma fronteira entre o *nós*, civilizados, e os *outros*, selvagens. Muito pelo contrário:

> Com Edward Tylor, a religião dos primitivos passou a ser um instrumento, bastante ousado no seu tempo, de explicação dos dogmas e da parafernália mitológica e ritual das religiões civilizadas, incluindo o Cristianismo. Foi um tempo em que a literatura etnográfica se tornou acima de tudo matéria-prima para pôr a nu os fundamentos selvagens de crenças supostamente superiores, como a Imaculada Conceição ou a própria ideia de homem-Deus (...). [620]

Os escritos de Tylor parecem favorecer mesmo esta interpretação. Sua etnologia marcadamente oitocentista coloca no mesmo patamar o que ele classifica como o "negro da África Central" e o "camponês inglês" de seu tempo: "Si elegimos, de este modo, cosas que hayan cambiado poco en el largo curso de los siglos, podemos trazar um cuadro en el

619 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 38.

620 ROSA, Frederico Delgado. *Op. Cit*., p. 306-307.

que apenas habrá um palmo de diferencia entre un labrador inglés y um negro del Africa Central." [621]

Não há, neste sentido, nenhuma "dívida intelectual" de Tylor com o darwinismo, como bem denuncia Stocking Jr. Para este, apoiado em Margaret Hodgen, não é possível acusar Tylor de defender a "doutrina do mais forte", mas justamente o oposto, isto é, o que ele chama de doutrina das "sobrevivências na cultura". [622] Tal concepção era uma contraposição à "seleção natural", uma posição quase anti--darwinista:

> In a consideration of Tylor's alleged "cultural Darwinism," the pertinent point is simply that Tylor's primary methodological tool depended, not on the "survival of the fittest," but on the survival of the unfit - "processes, customs, opinions, and so forth, which have been carried on by force of habit into a new state of society different from that in which they had their original home". [623]

621 TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit*., p. 24.

622 HODGEN, Margaret Trabue. *The Doctrine of Survivals: A Chapter in the History of Scientific Method in the Study of Mano* London: Allenson & Co., Ltd, 1936.

623 "Em uma consideração do suposto "darwinismo cultural" de Tylor, o ponto pertinente é simplesmente que instrumento metodológico primário de Tylor dependia, não sobre a "sobrevivência do mais apto", mas sobre a sobrevivência dos inaptos - "processos, costumes, opiniões, e assim por diante, que foram levadas adiante por força do hábito em um novo estado de sociedade diferente daquela em que tiveram origem" In: STOCKING JR., George W. *Op. Cit*. pp. 133-134.

O próprio Tylor é bastante eloquente quanto a este aspecto de sua obra:

> Entre los testemonios que nos ayudan a descubrir el curso que realmente ha seguido la civilización del mundo, figura esse grupo de hechos para cuya denominación yo hé considerado conveniente introducir el término "supervivências". Son processos, costumbres, opiniones, etc., que han pasado, por la fuerza del hábito, a um nuevo estado de la sociedad, distinto de aquel en que tuvieran su marco original, y así perduran como pruebas y ejemplos de uma situación cultural más antigua, que há evolucionado hacia outra más nueva. [624]

É o caso, por exemplo, de uma crendice comum não apenas entre povos "semicivilizados", mas também entre os habitantes da Escócia, assim como entre os barqueiros do Danúbio, os marinheiros franceses e ingleses, além dos povos ribeirinhos em certas regiões da nova Zelândia e da Alemanha. Diz respeito ao cruel hábito de deixar uma pessoa se afogar pelo receio de que ao salvá-la estar-se-ia desafiando uma divindade poderosa, como o espirito das águas, que voltaria para vingar-se. [625]

Outra "sobrevivência", de caráter mais geral e que diz respeito a todos os povos e civilizações da humanidade é a própria "arte de contar". Segundo Tylor, tanto entre as raças selvagens, quanto entre às civilizadas a estrutura geral de

624 TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit*., p. 32.
625 *Ibidem*, pp.115 e 116.

numeração persiste como um "permanente monumento" de cultura primitiva. Afirma: "Esta estructura, el casi universal esquema de contar por conjuntos de cinco, de diez y de veinte, demuestra que, en la base de nuestra ciência aritmética, se encuentra la costumbre infantil y salvage de contar com los dedos de las manos y de los pies". [626]

Uma concepção mitológica como a destacada anteriormente ou uma forma padrão de numeração comum a vários povos, não poderiam ser entendidos de outra forma que não através do estudo de sua história, de sua gênese, diz Tylor, citando como referência Augusto Comte. Tal raciocínio, afirma, poderia e deveria ser aplicado à cultura em geral. Não pensava ele na possibilidade de tratar a "cultura" separada de suas "realidades passadas", como um elemento isolado, à disposição do pesquisador para utilizá-lo ao seu bel prazer. Daí que:

> Mediante la comparación de los diversos estadios de la civilización entre los pueblos históricamente conocidos, con la ayuda de las deducciones arqueológicas a partir de los vestígios de las tribos préhistóricas, parece posible estabelecer, de un modo elemental, una primera situación general del hombre, que, desde nuestro ponto de vista, debe ser considerada como una situación primitiva, cualquiera que fuese el estado anterior que, en realidad, hubiera podido precederla. Esta hipotética situación primitiva corresponde, notablemente, a

626 *Ibidem*, pp. 258 e 259.

> la de las modernas tribos selvajes, que, a pesar de su diferencia y de su distancia, tienen em común ciertos elementos de la civilización, que parecen vestígios de un primer estado de la raza humana em general. [627]

Essa "primera situación general del hombre" e o "primer estado de la raza humana em general" fazem parte de uma filosofia religiosa, uma filosofia de vida "antigua y universal", que possuí um aspecto "ético" e "moral" que interessa a Tylor. O antropólogo e folclorista Paul Radin (1883-1959), na apresentação de 1957 ao 2º volume de *Primitive Culture*, afirma que o autor inglês estava preocupado, mais do que geralmente se admitia, com "los aspectos filosóficos de la religión".

O animismo, matriz dessa "filosofia da religião primitiva", tinha origem em certas tribos "atrasadas" que "nunca desarollaron una sanción divina de las leys éticas y porque no existía entre ellos ninguna imposición teológica de la moralidad (...)". [628]A doutrina animista, afirma Tylor, é parte da vida selvagem que, "al traer hasta nuestro tempo la vida de la Edad de Piedra", é representante fiel de "las condiciones remotamente antiguas de la humanidad, no sólo en el orden material, sino también en el intelectual y en el moral". [629]

---

627 *Ibidem*, p. 36.

628 RADIN, Paul. "Introduccion a la Edicion Torchbook". In: TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. La religión en la cultura primitiva (2)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p.17.

629 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. La religión en la cultura primitiva (2)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 402.

Nina Rodrigues endossa essa visão particular de Tylor ao tratar do esquartejamento de cadáveres, já citado anteriormente. Se entre os homens "civilizados", tal prática é repugnante e imoral, o mesmo não ocorre entre algumas populações selvagens modernas. Estas possuem o hábito de ingerir determinadas partes do corpo humano ou empregá-las em rituais religiosos, algo que repousa "em crenças de caráter animistas das mais primitivas". Nina explica:

> Aqui é o coração que é ingerido para dar coragem do morto, a quem o come; ali é a mão que tem determinadas virtudes mágicas e assim por diante. Estamos aqui em pleno domínio fetichista. Assim como o selvagem crê que um objeto inanimado ou animado pode possuir virtudes e qualidades sobrenaturais, assim pode atribuir ao coração ou a outros órgãos qualidades e virtudes especiais (...). [630]

A ingestão ou utilização de pedaços do corpo humano seria um exemplo extremo do absoluto desapego desses povos com limites éticos e morais, sobretudo no que toca aos ditames cristãos. Diz Nina que "são pela maior parte casos de parada do desenvolvimento psyquico em phases remotas da evolução do sentimento e da concepção religiosa". [631] O médico maranhense faz coro às premissas de Tylor de que, seja nas tribos selvagens modernas ou nas comunidades rurais das sociedades europeias, observam-se doutrinas que

630 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 179.
631 *Ibidem*, p. 186.

só são explicáveis "en gran medida, como un producto desarrollado del sistema más antiguo y más primitivo". [632]

Estaríamos diante, portanto, de fenômenos que, apesar de ocorrerem contemporaneamente ao momento em que Nina ou Tylor escrevem, se encontram, do ponto de vista desses autores, em etapas rudimentares do desenvolvimento intelectual humano. Ao comentar, por exemplo, sobre a "tendencia manifesta e incoercivel" que o crioulo e o mulato possuíam para fundir o ensino católico e as crenças fetichistas, diz Nina:

> Como que para demonstrar que as leis da evolução psycologica são fundamentalmente as mesmas em todas as raças, esta fusão que tende a adaptar a comprehensão das concepções monotheistas catholicas á fraca capacidade mental do negro que se esta fazendo na Bahia exatamente segundo o mesmo processo porque, nos começos do cristhianismo, se fez a conversão da Europa polytheista ao monotheismo cristão então nascente. [633]

Os negros "mais boçaes e ignorantes" da população baiana ainda necessitavam de uma "legião de santos" para fazer a associação com seus orixás iorubanos. Isto era, segundo Nina, o "verdadeiro polytheismo para uso das classes menos cultas". Quem dá o embasamento para sua teoria é,

632 TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit*., p. 92.

633 RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Editora UFRJ, 2006, p. 109.

mais uma vez, Tylor, para quem na Europa não-cristã, os santos locais, patronos de certas profissões e ofícios, não podiam ser de pronto eliminados, mas apenas substituídos por outros que cumprissem a mesma função até que o "systema de divisão espiritual do trabalho" criasse, "com una admirável minudencia" um "exército de santos profissionais", comprometidos com o monoteísmo.

A interpolação de ritos católicos e iorubanos ou de missas católicas e candomblés não nos devem surpreender, dado que associações muito semelhantes eram feitas pelos europeus que viveram na África e se "rebaixam" à cultura local. Escreve Nina:

> Tylor affirma que é tal o prestigio communicativo das crenças fetichistas, que mesmo o europeu estabelecido na Africa experimenta a sua acção, não sendo diffícil descobrir-lhe no pescoço, um osso, uma garra ou um objecto similhante, que ahi traz ás escondidas. (...) O numero de brancos, mulatos e individuos de todas as côres e matizes que vão consultar os feiticeiros nas suas afflições, nas suas desgraças, dos que creem publicamente no poder sobrenatural dos talismans e feitiços, dos que, em muito maior numero, zombam deles em publico, mas occultamente os ouvem, os consultam, esse numero seria incalculável si não fosse mais simples dizer de um modo geral que é a população em massa, a excepção de uma pequena minoria de espiritos superiores e esclarecidos que tem a noção verdadeira do valor exacto dessas manifestações psychologicas. [634]

634 *Ibidem*, p. 115-116.

Tais manifestações, entretanto, não ocorriam apenas em territórios bravios do além-mar. Tylor recorda que mesmo nos países civilizados do continente europeu bastasse que circulasse o rumor de que alguém tivesse visto um fantasma para que contaminasse outras mentes que se encontrassem em um estado adequadamente receptivo. A condição do "moderno vidente de fantasmas" era mais regra do que exceção nas populações "incultas y imaginativas", cujas mentes perdem facilmente o equilíbrio. Assim, examinando a doutrina das aparições nas raças superiores, "la encontramos especialmente predominante em três âmbitos intelectuales: la hagiologia cristiana, la tradición popular y el espiritismo moderno". [635]

No caso brasileiro, Nina Rodrigues atestou este fato entre as elites quando tratou do que então se classificou na imprensa baiana e brasileira como "baixo espiritismo". No entanto, o que mais chamou a atenção do médico maranhense eram, de fato, as tradições populares afro-brasileiras que sobreviveram e proliferaram na Bahia e em Salvador, em particular, alcançando todas as camadas sociais, desde os negros mais pobres, até aqueles brancos, negros ou mulatos que alcançaram algum status econômico e social, mas não abriram mão das consultas aos pais de santo, babalorixás, e afins, quando alguma dificuldade lhes acometia.

635 TYLOR, Edward Burnett. *Op. Cit.*, pp. 46-47.

A "Raça" em Nina Rodrigues: equivalências e ambivalências

A questão racial é uma problemática que perpassa as principais obras de Nina Rodrigues. A tentativa deste autor de conciliar visões distintas sobre as idiossincrasias raciais impressiona pela complexidade e oferece elementos para uma discussão aprofundada sobre o tema. Ao contrário do que é comumente admitido, acreditamos que Nina não foi, indiscutivelmente, o maior e mais notório divulgador brasileiro do racialismo. Muito menos precursor do racismo contemporâneo. Acreditar nesta última premissa, por exemplo, seria um anacronismo semelhante àquele tributado por Helga Gahyva aos que consideram o Conde de Gobineau o "pai" do arianismo nazifascista do século XX e que em nada se assemelhava às propostas do referido escritor. [636]

Pode-se argumentar que tais assertivas não são uma novidade, na medida em que já se sabe, pelos trabalhos de autores como Mariza Corrêa e Lilia Schwarcz, que Nina assimilou e "abrasileirou" as teorias que colhia no exterior. Suspeitamos, no entanto, que os desdobramentos dos estudos de Nina não só erigiram um paradigma próprio, "rodrigueano", de interpretação da realidade brasileira, mas refletiram, também, uma reorientação teórica do conceito de *raça* em sua obra, hipótese que tentaremos elucidar neste item do capítulo.

Nina adotou, como mostramos no item anterior, parte do aparato intelectual proposto por Edward B. Tylor. A ri-

636 GAHYVA, Helga. *Op. Cit.*, p. 116.

gor, Tylor propõe um prospecto escalonado da evolução da humanidade. Dito de outra forma: sua visão está assentada nos "estágios" ou "escalas" em que o homem dá seus primeiros passos como um selvagem, progride para o barbarismo e evolui rumo à civilização. Pouco importa se são negros da África ou campesinos ingleses, para ele toda e qualquer raça pode vir a passar pelas etapas descritas.

Há embutida nesta proposta uma homogeneização das culturas e civilizações que contradiz frontalmente os princípios do racismo científico. Se negros, índios e brancos possuem a mesma possibilidade de prosperidade material e intelectual, a única característica que os distingue é, efetivamente, em qual estágio se encontram. Tratar as diferentes raças em uma mesma linha evolucionária tem, portanto, implicações diretas no significado do termo: "raça" deixa de ser sinônimo de diferenças inatas entre os homens e passa a configurar-se como um artificio ilustrativo das analogias e equivalências entre povos que se encontram em fases iguais ou distintas da evolução social.

Se a raça negra ou a raça "vermelha" encontra-se em um estado animista-fetichista na escala de desenvolvimento humano, a raça branca inculta e ignorante do mundo agrário inglês situa-se na mesma etapa. Pressupõe-se, assim, de acordo com Tylor, que os europeus civilizados, citadinos, urbanizados (e por que não, "vitorianos"), já passaram pelos níveis inferiores de progressão e avançaram ao extremo da escala social, posição à qual os selvagens teriam condições de almejar, dadas as condições favoráveis.

Nina Rodrigues, como já foi dito, serviu-se de Tylor quando precisou descrever as atividades culturais dos ne-

gros e mulatos baianos. Estes eram um produto mal-acabado da "marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade" ou casos de interrupção "do desenvolvimento psyquico em phases remotas da evolução". Levando-se em conta a afirmação de Nina de que as "leis da evolução psycologica" são rigorosamente as mesmas para todas as raças, não faz sentido imputarmos a ele um fixismo racial tão rigoroso, que impede, efetivamente, a ideia de mobilidade das raças pelos níveis hierárquicos relatados por Tylor.

As "superstições" dos negros baianos, sobrevivências de antigos "cultos e crenças religiosas", resquícios, ainda vivos, de um passado remoto, ilustram bem esta escala de valores graduados. Desorganizados, restritos a grupos ou famílias, seus cultos não possuíam ainda, segundo Nina, "a organização complexa do sacerdócio" como se via nas grandes religiões. Esta situação possibilitava, por exemplo, a ação de selvagens ou bárbaros, pouco sociáveis, com um temperamento cruel e sanguinário, tão comum àqueles que praticavam o *dépèçage*, já citado por nós, e "em flagrante conflito com os sentimentos dos seos contemporaneos". [637]

Quando Nina afirma que os "sentimentos" dessa população selvagem não estão de acordo com os de seus contemporâneos (leia-se "civilizados"), ele está afirmando que povos em diferentes níveis de desenvolvimento convivem na mesma linha de tempo e, no caso do Brasil e da Bahia, no mesmo espaço. E sendo assim, no que toca ao esquarte-

637 RODRIGUES, Raimundo Nina. 5ª Memória. A psychologia da mutilação cadavérica. O esquartejamento criminoso. *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, Salvador, Typographia Bahiana, ano II, Tomo II, 1904, p. 197.

jamento — que ele divide em social, religioso, guerreiro, judiciário e anatômico —, estão, cada qual, ligados a estágios distintos do aprimoramento mental da humanidade, dado que o "*dépècage* vae desaparecendo com o aperfeiçoamento e a cultura dos povos". [638]

Ao evocar o evolucionismo-social na tentativa de explicar o comportamento primitivo da população afro-brasileira, Nina se distancia não apenas do molde racialista ao qual se vinculou em estudos precedentes, mas também da doutrina poligenista. Se considerarmos que, a partir de Tylor, Nina adotou a teoria dos "estágios" aplicada às raças então conhecidas — todas reunidas em uma única progênie —, seríamos levados a acreditar que, em parte, sobretudo em seus trabalhos finais, Nina pendia favoravelmente ao monogenismo.

Contudo, não podemos afirmar que Nina Rodrigues tornara-se irremediavelmente um evolucionista-social. Seu pensamento, tensionado entre duas das principais vertentes do cientificismo do século XIX, não primou exatamente pela coerência. Para Tylor, por exemplo, o progresso era um movimento contínuo das raças em evolução. Sua postura otimista contrasta com o pessimismo sobre o futuro do Brasil que Nina Rodrigues nunca escondeu — muito embora não o tenha impedido de buscar soluções para o problema das raças "atrasadas" no Brasil, como seu esforço, em diferentes estâncias do poder estatal, para criar medidas concretas em áreas da Saúde Pública.

Seus trabalhos na esfera da Psicologia das Multidões oferecem um contraponto efetivo às premissas raciais tão

638 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 166.

bem cristalizadas pela historiografia contemporânea. Voltamos assim ao francês Gabriel Tarde que, por sua vez, irá relativizar de forma contundente a definição de raça da qual Nina seria supostamente devedor. Não é possível negar que, no que toca o caráter mórbido e doentio do estudo das multidões, Nina nem sempre concordava com Tarde. Mas também é verdade que, de um ponto de vista geral sobre as coletividades, ambos estavam muito mais em sintonia do que em desarmonia.

Tarde afirma que o que determina para qual lado inclinava-se uma coletividade é um conjunto de causas psicológicas e sociais. Entre estas, contam-se: as vicissitudes da história e seus avanços e reveses, como a formulação de leis, a criação de instituições nacionais, a religião, o nível de riqueza ou pobreza de uma civilização; as paixões cultivadas mais ou menos abertamente na sociedade; os vícios tradicionais que reinam livres; os preconceitos e o ceticismo do meio circundante; os relaxamentos de conduta e certos desregramentos da palavra escrita e falada; das complacências covardes pelo sucesso, dinheiro e poder; até, quem sabe, por uma nova imoralidade que, porventura, ocupa espaço nos corações inocentes. [639]

Tarde é categórico: nada "brota do chão por geração espontânea". Para que uma multidão seja capaz de pôr em prática uma ideia considerada descabida, que em outros tempos muito bem poderia ter recrutado não mais que dez

639 TARDE, Gabriel. TARDE, Gabriel. "As multidões e as seitas criminosas". In: _____. *A opinião e as massas.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 180 e 181.

adeptos, as "influências sociais" prevalecem sobre as "predisposições naturais". Notemos que estas últimas não são descartadas, mas são requeridas apenas "numa certa medida". Por exemplo, em texto de 1898, ao diferenciar "multidão" de "público" (Discussão à qual não nos interessa diretamente), Tarde afirma:

> (...) na composição de uma multidão, os indivíduos só entram por suas similitudes étnicas, que se adicionam e se reforçam, e não por suas diferenças próprias, que se neutralizam, e também que, no movimento de uma multidão, os ângulos de individualidade se atenuam mutuamente em proveito do tipo nacional que sobressai. Isso acontece apesar da ação individual do líder ou dos líderes que sempre se faz sentir, mas que é contrabalançada pela ação recíproca de seus comandados. [640]

Porém, o que conta de forma determinante, isto sim, é um estímulo por meio das conversações, das leituras, da presença nos cafés e nos clubes, dos encontros nas ruas, nas praças e nos pátios das fabricas. É daí que se forma um "alinhamento" entre os desiguais, capaz de lançar nessas almas, "num longo contágio de imitação lenta, a semente de ideias anteriores capazes de favorecer a acolhida de uma ideia

640 Esse texto foi publicado originalmente em: TARDE, Gabriel. Le Public et la foule. *La Revue de Paris*, jul. 1898, p. 287-306 e ago. 1898 p. 615-635. Depois incluído na obra _____. "Le Public et la foule" in: *L'opinion et la foule.* Paris: Félix Alcan, 1901, p. 1-62. Aqui utilizamos a seguinte versão: _____. "O público e a opinião". In: _____. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p 5-57.

nova". Seja ela uma proposta criminosa ou revolucionária, penetra fundo suas raízes e "do primeiro que a concebeu, ela transmite-se, por impressionabilidade imitativa ainda, a um único catecúmeno inicialmente, depois a dois, três, dez, cem, mil". [641]

Constatamos que em Tarde, a evidente multiplicação das causas que levam as multidões aos excessos mais escandalosos, não contempla os fatores "patológico", "doentio", "mórbido", que para Nina Rodrigues são essenciais. Para Tarde, ao contrário, fatores estes classificados por ele como "naturais", "etnológicos" ou "antropológicos" — sobretudo aqueles ligados à "antropologia física" —, vinculados ao fundo hereditário dos participantes das coletividades, existem e são parte de um todo, mas não se evidenciam como fatores de primeira grandeza:

> Esses desvarios são de todas as épocas: multidões de qualquer raça e clima, multidões romanas acusando os cristãos pelo incêndio de Roma ou por uma derrota da legião e lançando-os as feras, multidões da Idade Média acolhendo contra albigenses, contra os judeus, contra um herético qualquer as suspeitas mais absurdas, cuja propagação faz, para elas, as vezes de demonstração, multidões alemães de Munzer sob a Reforma, multidões francesas de Jourdan sob o terror, é sempre o mesmo espetáculo. Todas "terroristas por medo" como Madame Rland dizia de Robespierre. [642]

641 *Ibidem*, p. 185.
642 *Ibidem*, p. 166-167.

Tarde é bastante preciso neste ponto ao comentar que o "fator hereditário" tem uma importância menor nos ajuntamentos formados sob a influência de um sentimento forte e intenso. Perceberíamos facilmente, diz ele, "que a influência do clima, da estação, da raça, das causas fisiológicas, é pertinente, mas foi bastante exagerada". [643] Não somente não há clima ou estação que predestinem uma multidão à perversidade, como também "não há uma raça que seja viciosa ou virtuosa por natureza". [644] Cada raça é capaz de produzir indivíduos que, em um coletivo, se voltam ora para o mal, ora para a mais pura benevolência.

Sendo Nina Rodrigues leitor assumido de Tarde é possível imaginar o impacto que este discurso anti-determinista teve em suas reflexões. O médico maranhense não só concorda sobre a facilidade com que as paixões se transmutam em estados de excitação e violência a partir de múltiplos fatores, mas, para nossa surpresa, aponta para elementos além da predisposição e da hereditariedade para explicar a existência desses mesmos estados. Sobre os indivíduos envolvidos em acessos coletivos, Nina chega ao ponto de afirmar: "Não a trouxeram do berço". [645]

Esse curto trecho — deveras impactante, na medida em que é uma antítese do racialismo científico — é algo pontual e, não obstante, raro em seu texto. A raça, de fato, está presente no quadro teórico de Nina, é sem dúvida um dos seus pilares, porém não é tomada literalmente como o único fa-

643 *Ibidem*, p. 178.
644 *Ibidem*, p. 179.
645 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit.*, p. 99.

tor de explicação. Mariza Côrrea lembra com acuidade que Nina gradativamente deslocou "sua atenção dos aspectos fisiológicos para os aspectos psíquicos do comportamento humano". [646] Mas o fez, note-se, sem abrir mão do conhecimento pretérito adquirido, a única solução que encontrou para explicar a organização e o funcionamento das multidões. É neste domínio tensionado do conhecimento que o Nina racialista, comumente retratado nos estudos acadêmicos, encontra-se com um Nina incomum, aberto às novas teorizações advindas da sociologia, da psicologia e da antropologia social.

A leitura tardiana da problemática das multidões é tão marcante em Nina Rodrigues que este chama para si e para a sociedade à sua volta a parte devida de responsabilidade pelos fracassos ou sucessos do passado e, sobretudo, aqueles que se avizinham no horizonte republicano pós-abolição: "Antes de exultar pelo castigo, que em breve fulminará os culpados, façamos, pois, rigoroso exame de consciência e confessemos com Tarde que 'é um pouco culpa de todos nós, governo, oposição, opinião pública, que certas organizações poderosas tenham, como se diz, desgarrado para o mal'". [647]

Nina se refere ao texto em que Tarde afirma que a cada bomba que explode, a cada escândalo parlamentar que abala a opinião pública, "cada um de nós, mais ou menos, deve rezar a *meaculpa*; temos todos a nossa pequena parte nas causas do nosso alarme". Nina, entretanto, deixa claro que

646 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit*., p.113.
647 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 126.

isso deve ser feito "sem prejuízo do valor sempre incontestável do fator antropológico na determinação criminosa". [648] É um claro esforço de acrescentar aos "fatores naturais" de cada população, — entendidos aqui como predisposição e hereditariedade, isto é, raça — a influência do "ambiente social" e das "circunstancias políticas e culturais" como uma chave importante de entendimento das convulsões coletivas:

> Muito menos remota é certamente no caso presente a repercussão da malevolência e malignidade da opinião pública com a sua avidez, a sua sede insaciável de escândalos, que faz a fortuna dos panfletos violentos e desabridos; é a conseqüência dos ataques e das chamadas táticas políticas da oposição, que fazem da imprensa partidária o pelourinho em que expõem à execração pública os nossos homens de estado; é a ação indecisa dos governos ora fracos ora violentos, sacrificando a lei aos interesses partidários, combalindo a fé no direito e na justiça; são as transações pouco decorosas dos partidos, imolando tudo, princípios, coerência, dignidade, honra dos chefes, à ambição do mando, aos arranjos que levam ao poder, procurando aliciar o apoio da força armada, exaltando a sua missão, lisonjeando o seu amor-próprio, excitando os seus ódios. [649]

648 *Ibidem*, p. 127.
649 *Ibidem*, p. 126.

Não seria prudente, entretanto, identificar esses apontamentos de Nina com uma espécie de *neolamarckismo* que, de fato, entra em cena no Brasil nas duas primeiras décadas do séc. XX. Na Europa o ressurgimento do pensamento lamarckiano ocorria desde a década de 1870 e aqui no Brasil irá perdurar pelo menos até os anos 30 do século seguinte. [650] Cabe lembrar que Lamarck postulava que as mudanças induzidas de fora em um organismo eram transmitidas às gerações futuras, aumentando as suas chances de sobrevivência. A sua teoria da "hereditariedade dos caracteres adquiridos" ofereceu argumentos convincentes para o programa eugênico dos anos 1920 adaptado aos trópicos. [651]

Não se pode negar, entretanto, que nos anos próximos da abolição, existiu na Bahia, área de atuação de Nina, segundo a historiadora Anadelia Romo, duas correntes em disputa. De um lado médicos otimistas neolamarckianos, como Pacifico Pereira e Manuel Vitorino Pereira (1853-1902), que enfatizavam os benefícios que uma reforma sanitária poderia trazer à sociedade, e de outro uma vertente formada por especialistas, especialmente do campo da medicina-legal, que apesar da retórica reformista, restringia-se a temas específicos e atuava a partir de concepções racialistas, tal como Nina Rodrigues. [652]

---

650 SERPA JR., Octavio Domont de. O degenerado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010, p. 461; STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia. Raça, gênero e nação na América Latina.* Rio de Janeiro, editora Fiocruz, 2005, p. 178.

651 SERPA JR., Octavio Domont de; STEPAN. Nancy Levs. *Op. Cit.*

652 ROMO, Anadelia. *Brazil`s Living Museum. Race, reform and tradition in Bahia.* Chapel Hill: The University of North Carolina

Pacifico Pereira e Nina Rodrigues atuaram juntos na equipe de redação da *Gazeta Médica da Bahia*, o que é bastante revelador, pois representavam paradigmas em disputa:

> As the 1890s began, the Gazeta Médica found itself increasingly divided on the importance of race. A rift formed between those — such as the Pereira brothers — who insisted that race played a minimal role in shaping disease or behavior and those — most extremely Raimundo Nina Rodrigues — who argued that race was the most important factor in Brazilian life. [653]

Notemos, uma vez mais, que Nina afirma não ser possível entender o processo de gestação de uma multidão sem levar em conta "a comparticipação indireta do meio social e do momento político" — o que não significa — sublinha, com convicção — em diminuir a "responsabilidade direta e imediata dos criminosos". [654] Há, parece-nos, um esforço contundente de Nina na tentativa de mobilizar dois argumentos excludentes entre si. De um lado o fundo vicioso

---

Press, 2010, p.9.

653 "Com o começo da década de 1890, a Gazeta Médica encontrou-se cada vez mais dividida sobre a importância da raça. Uma fenda formou-se entre aqueles — como os irmãos Pereira — que insistiram que a raça desempenhou um papel mínimo na formação de doenças ou comportamentos e aqueles — mais extremamente Raimundo Nina Rodrigues — que argumentou que a raça era o fator mais importante na vida brasileira". In: *Ibidem*, p. 25.

654 RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. Cit*., p. 126.

e contaminado das raças mestiças e degeneradas, que faria delas se não as únicas, as mais propensas às epidemias coletivas de loucura; e de outro os agentes comportamentais, sentimentais, "culturais" que, no limite, tornariam possíveis tais manifestações em qualquer sociedade formada por qualquer substrato racial.

Anadelia diz com precisão que a criação de instituições médicas modernas, a necessidade de um sistema político harmônico e o estabelecimento de uma infraestrutura pública, foram fatores de preocupação para Nina Rodrigues que possuía, por seu lado, um pensamento "surprisingly multivalent: his anxieties often centered as much on these environmental factors as on matters of race". [655] Ainda segundo ela, as formulações de Nina são bem mais complexas e ambíguas do que tradicionalmente reconhecido. Afirma a autora: "As his warning about illegal attacks on Candomblé revealed, Nina Rodrigues often was a proponent for integration as much as segregation and for progressive health reforms as much as racially regressive policies". [656]

Todavia, talvez o que a nós pareça hoje uma discrepância, não o tenha sido para Nina Rodrigues. Pessimista convicto em relação aos negros e mestiços, suas certezas lentamente foram relativizadas quando toma conhecimento de uma Nova literatura sociológica, psicológica e antropológica, encorpada, sobretudo, em Tylor e Tarde, o que o tornou mais aberto às transformações que sociedades como a brasileira, marcadas pela "hibridização", poderiam vir a apresentar e suas eventuais consequências. Se, por um lado, seus

655 ROMO, Anadelia. *Op. Cit*., p. 29.
656 *Ibidem*, p. 31.

diagnósticos estavam fundamentados em determinismos de raça, por outro, não ignoravam o agenciamento político, as identidades negociadas, ou como queria Tylor, as mobilidades sociais pontuadas na escala de evolução.

Não fosse assim, Nina não teria dividido os mestiços em "superiores", "degenerados" e "comuns" / "instáveis". Ou, como demonstramos no primeiro capítulo, não teria separado os negros em inferiores e superiores — tal era o caso da primazia das lideranças sudanesas sobre os bantos no Brasil. Também não teria apontado o caso diferenciado de Lucas da Feira, um negro "creoulo" com aptidões mentais acima da média. E muito menos afirmado que a "paranoia" se manifestava tanto em brancos, como em negros, e que estes tinham a capacidade efetiva de alcançar um nível intelectual elevado que fornecia os elementos para um delírio "superior", complexo e sistematizado. Tal reorganização responde justamente a uma fórmula que possui duas variantes: a "biológica" (natural, racialista e hereditária) e a "cultural" (sociológica, psicológica, antropológica e evolucionista-social). Nina explica que

> A escala vai aqui do produto inteiramente inaproveitavel e degenerado ao producto valido e capaz de superior manifestação da actividade mental. A mesma escala deverá percorrer a responsabilidade moral e penal, desde a sua negação em um extremo, até a afirmação plena no extremo opposto. [657]

657 RODRIGUES, Raimundo Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*. Rio de Janeiro: editora Guanabara, 1894, p. 141.

Vale relembrar que os *mestiços superiores* consistem em homens de educação mental feliz, organização hereditária adequada à civilização e plenamente capazes de responder por seus atos perante a justiça. [658] Os *mestiços degenerados*, indivíduos com suas faculdades mentais e afetivas comprometidas, deveriam ter responsabilidades penais totais ou parciais. [659] Já os *mestiços comuns,* produtos "socialmente aproveitáveis", mas suscetíveis de crimes e ações anti-sociais, deveriam ter a sua responsabilidade ante a justiça atenuada.

À parte a questão das responsabilidades, percebe-se que ao dividir os mestiços em uma escala gradual, Nina mostra-se aberto às mobilidades e deslocamentos sociais - sensivelmente influenciado por Tylor - sem abrir mão plenamente do conceito tradicional de raça. De um lado, os mestiços superiores que, a despeito de sua carga hereditária, são capazes de façanhas invejáveis. Do outro, mestiços comuns e degenerados, cujo fundo atávico e vicioso, os tornaria incapacitados. Todos mestiços, porém.

A raça e o clima de um lado, e os regimes políticos, as tradições, entre outros fatores, de outro, são elementos importantes em sua equação — ainda que, do ponto de vista atual, mostrem-se incompatíveis — e possuíam, cada qual, seu devido lugar no plano de teorização que propunha. Segundo Anadelia, Nina definiu essa equação "in terms that moved between biology, culture, and the environment in often contradictory and interesting ways". [660]

Em algum ponto de sua trajetória acadêmica, Nina se dá conta de que a "raça" não era a única a oferecer subsídios ca-

658 *Ibidem*, p. 152.
659 *Ibidem*, p. 153 e 167.
660 ROMO, Anadelia. *Op. Cit*., p. 33.

pazes de explicar o funcionamento da sociedade, ou quando o era, poderia ser interpretada (e aqui vemos novamente a influência do evolucionismo-social tylorista) de uma forma não explicitamente fixista. Ao adotar esta perspectiva, assim como a sociologia tardiana, Nina coloca frente ao seu leitor uma miscelânea de referências que, em princípio, se invalidam reciprocamente. Afinal, como explicar em um mesmo plano teórico, Tylor, Tarde, Le Bon e Gobineau?

Para determinar melhor a perspectiva de Nina Rodrigues, poderíamos nos servir novamente do estudo de Anadelia que, ao comentar sobre *Os africanos no Brasil*, afirma que o livro "revealed all the contradictions of his thought" ou "revealed the multiple paradoxes of his beliefs". Anadelia acerta ao afirmar que Nina é um autor que desafia qualquer categorização simplória devido à complexidade de seus trabalhos. Mais do que isso, se por um lado a miscigenação é central em seu pensamento, Nina, como um *racialista vacilante*, remou no sentido contrário e foi capaz de dar um peso significante ao que ela entende por "cultural and social change", o que possibilitou, inclusive, a sua aproximação do espaço institucional dos serviços de reforma da saúde pública na Bahia e no Brasil.

Entendemos isso como uma fórmula conveniente e oportuna que Nina encontrou para compatibilizar o que muitos classificam como um "racismo científico dogmático" com as novas perspectivas sociais, psicológicas e antropológicas que emergiam com força na segunda metade do XIX. Por tentar incorporar visões de mundo tão dispares entre si, Nina fez de seus trabalhos um retrato fiel do momento de tensão, transição e inquietude por qual passavam intelectuais de sua geração.

Corrêa lembra que o autor maranhense chegou a um verdadeiro "beco sem saída", depois de uma expedição pelos desvios mórbidos da mentalidade, "em que o reconhecimento da intromissão do social na natureza lhe criara novos problemas e lhe abria novas perspectivas (...)". [661] Se ele de fato entrou, encontrou uma saída, por mais inusitada que fosse. Como tentamos demonstrar, sua solução foi tratar raça e, o que chamaríamos hoje de "cultura", como dois aspectos de um mesmo problema, duas faces de uma mesma moeda. [662]

"Nina Rodrigues pode ser lido, assim, um pouco na contramão", escreveu apropriadamente Schwarcz. [663] Conforme ele avançava sobre algumas das questões mais sensíveis de seu tempo, ficava cada vez mais nítida a dificuldade de se aplicar rígidos determinismos biológicos a uma população tão diversificada, como a brasileira. Surgiam evidencias de que as identidades sociais não eram, afinal, realidades fixas e permanentes, mas ao contrário podiam domesticar "realidades biológicas e até tradições" [664] — ainda que tudo o que aprendera durante sua formação como médico apontasse o inverso.

Edson Carneiro já apontava, em 1956, para tais incongruências, embora alimentando um nítido desejo de enxergar em Nina um humanista e cidadão preocupado com a condição dos negros baianos:

---

661 CORRÊA, Mariza. *Op. Cit*., p. 157.
662 *Ibidem*, p. 175.
663 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit*., p. 101.
664 *Ibidem*, p. 101.

> Sob discreta correção do cientista, o cidadão às vezes se apresenta, revelando convicções que destoam das teorias com que orientava o seu pensamento. Como compreender, por exemplo, o seu trabalho sôbre a *responsabilidade penal* de negros e índios dentro do esquema lombrosiano? (...) Poder-se-ia ver nisto uma crise de consciência, mas provàvelmente estamos diante de um forte indício de sua insatisfação ante a análise que a ciência do tempo lhe proporcionava. [665]

"Que Nina Rodrigues não tenha chegado a questionar o paradigma no qual tinha construído sua carreira não deve nos surpreender", afirmam Yvonne Maggie e Peter Fry na introdução da última edição de *O animismo fetichista dos negros baianos*. [666] Os dados que o pesquisador maranhense coletava para seus estudos contradiziam as correntes fatalistas que predominavam no meio científico de seu tempo. Nina, entretanto, não encampou uma reavaliação completa de seus esquemas teóricos. Dito de outra forma, ele manobrou uma aproximação, sobretudo, com Tylor, mas ficou a meio caminho desta empreitada.

O processo criativo de Nina Rodrigues assimilou propostas e visões de mundo, a princípio, dissonantes entre si. Diante de fenômenos supostamente ligados ao fundo dege-

---

665 CARNEIRO, Edisono "Nina Rodrigues". In: ____. *Ladinos e Crioulos. Estudos sobre o Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, pp. 210-211. (Retratos do Brasil, v. 28).

666 MAGGIE, Yvonne e FRY, Peter. *Op. Cit.*, p. 9.

nerativo das raças inferiores, a sociedade dos homens, com suas instituições e modos de viver, suas formas de sociabilidade e conduta, também influenciavam os destinos individuais e coletivos. Nina mostrou ser verdadeiro que no Brasil desta época, como diria Lilia Schwarcz "o argumento racial continuava oportuno, quando retiradas as conclusões mais radicais". [667]

O "radical do pessimismo", tal como Schwarcz o classifica, não foi capaz de incorporar inteiramente as teorias antropológicas culturais que emergiam em seu tempo, pelo menos no que toca seus trabalhos sobre as coletividades. [668] De fato, a sua obra é um "paradoxo" que se evidencia, "mesmo sem pretender". Mas é preciso apontar que a ambiguidade e a incongruência de seu pensamento se deram no contexto de um esforço pessoal, ainda que interpretado hoje como fracassado e mal direcionado, de formular um corpo teórico coerente e verossímil que reflete um encontro inesperado entre teorias divergentes.

667 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit*., p. 241.

668 SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nina Rodrigues: um radical do pessimismo". In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 98.

CONCLUSÃO

Nina Rodrigues encontrava-se na Europa, em Paris, no ano de sua morte, em 1906. Enfermo e debilitado, os médicos parisienses não conseguiram estabelecer um diagnóstico sobre a doença que lhe acometia. Cancro no fígado, dilatação do coração e da aorta, tuberculose pulmonar, foram algumas hipóteses alentadas, mas nunca comprovadas. [669] Falecia no dia 17 de julho daquele ano, reconhecido nacional e internacionalmente, após quase 20 anos de dedicação aos estudos acadêmicos e à participação nos serviços de saúde públicos brasileiros.

Nina Rodrigues deixou uma herança intelectual vasta e intrincada. Neste livro procuramos investigá-la, explorando as raízes de sua atuação não apenas como médico de formação, mas também como um agente ativo e exigente do Estado brasileiro. Os vínculos de Nina com uma geração de pensadores cuja ambição era a construção de uma sociedade liberal, educada e civilizada nos moldes ocidentais, muito embora por vias declaradamente autoritárias, fazia dele um personagem de tendências abertamente intervencionistas e tutelares, como demonstramos no capitulo 1.

Não fosse este o caso, dificilmente explicaríamos seu esforço para a centralização dos serviços sanitários ou para

669 RIBEIRO, Marcos A. P. A morte de Nina Rodrigues e suas repercussões. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 16, 1995, pp. 54-69.

ampliação do controle das epidemias de influenza, febre amarela, beribéri e lepra. Não seria possível dar sentido à sua intenção em reformar o ensino médico no Brasil; seu combate à liberdade profissional, à atuação livre de curandeiros, parteiras, rezadeiras, mezinheiros e charlatães em geral; explicar suas demandas por um serviço médico-legal que oferecesse meios adequados para a atuação da justiça; entender sua aspiração por um atendimento conveniente aos alienados; iluminar sua obsessão pelo recenseamento étnico da população, o papel desta nas multidões que se apresentavam como fenômenos novos e insondados, e por fim, exigir a proteção dessa população pelo Estado.

Todas estas questões prementes faziam parte do que chamamos do Brasil "real" que em fins do Império e início da República contrapunha-se ao Brasil "legal". O primeiro, era objeto de estudo homens como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Vianna, e muitas vezes, como no caso de primeiro, era alvo de ações práticas. O segundo, campo de experimentos de intelectuais como Tavares Bastos, Assis Brasil e Rui Barbosa, resguardava-se na letra da lei, nos códigos, normas, decretos, estatutos, resoluções, regulamentos de todo tipo.

A demarcação entre duas "frentes" de ação política e social é um recurso utilizado por estudiosos que enxergam determinadas vantagens ao investigar as "famílias intelectuais", suas continuidades e tradições. Enveredamos por um caminho semelhante, ao notarmos que Nina Rodrigues — ao contrário daqueles que só acreditavam em reformas no plano normativo ou idealista, em mudanças no perfil do governo ou do Estado — se mostrou comprometido com

uma verdadeira "dissecação" do meio social, revelando todo o seu pragmatismo, sua atenção voltada às peculiaridades do mundo urbano e rural, da sociedade civil, da população miscigenada, das relações raciais.

Não por acaso, ele demonstrou certa obsessão pelo recenseamento da população e pela identificação dos tipos étnicos. Começou pelo próprio Maranhão, sua terra natal, e logo depois expandiu o escopo de sua análise para todo o Brasil. Mas a falta de dados confiáveis, de estatísticas sobre economia, agricultura, educação, saúde e etc., somada às turbulências de um novo governo republicano que, em sua opinião, não encontrava estabilidade, o incomodava particularmente, pois comprometia análises mais acuradas sobre o perfil do brasileiro.

Nina não era oriundo dos estamentos senhoriais tradicionais, fossem aqueles ancorados na lavoura agroexportadora dos já decadentes engenhos de açúcar do Nordeste, ou das plantações de café do Vale do Paraíba. Ao estabelecer-se em Salvador, Bahia, no entanto, ele conseguiu posições de destaque ao se identificar com os anseios reformistas da "Geração de 1870" e, mais importante, entrar nos quadros da Faculdade de Medicina, instituição em que foi aluno e onde viria a fazer carreira. Sua opção pela medicina possibilitou que progressivamente fosse conquistando espaço entre as camadas privilegiadas da população.

A partir daí, Nina faz, reiteradamente, diversos diagnósticos, muitos dos quais calamitosos e alarmistas, sobre situações variadas que diziam respeito não só aos serviços higiênicos/sanitários e ao ensino médico, mas também à Medicina Pública em geral. No momento de reestrutura-

ção política, econômica e jurídica do país, Nina insurgiu-se contra um Estado descentralizado e ineficaz, denunciando situações que afetavam o atendimento à população e o controle de endemias. Aderiu também ao periodismo médico, meio pelo qual vinculava críticas às autoridades e divulgava seus estudos.

Em um artigo em que compara a organização sanitária do Brasil e dos Estados Unidos, por exemplo, afirma ele:

> (...) a falta de recursos, a pobresa dos municípios, a carência de instrução pública, e de pessoal habilitado, a influencia perniciosa de uma politica de pequenos interesses, tudo isso concorrerá fatalmente para que as mais urgentes e imperiosas necessidades hygienicas nunca passem de lettra morta nos regulamentos e nas posturas dos municípios.[670]

Sua ânsia reformista e renovadora, podemos afirmar, dá vasão a vários projetos pessoais que fogem, manifestamente, à visão pessimista e fatalista que lhe imprimiram ao longo dos anos, nos estudos de história e antropologia. Os ensaios sobre multidões, tratados no capítulo 2, nada mais são do que uma tentativa de compreender a gênese do que foi considerado um problema novo que se apresentava em várias regiões do país, especialmente no Nordeste.

É verdade que no Brasil não parecia haver, ao final do século XIX, uma preocupação tão significativa com a for-

670 RODRIGUES, Raimundo Nina. Os serviços de hygiene pública nos Estados brasileiros. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 10, abril de 1892.

mação de multidões, como na Europa. Talvez pelo fato de que por aqui, os movimentos sociais — sindicalistas, grevistas, sufragistas, comunistas, anarquistas etc. — não se encontravam tão organizados como lá. Eles existiam, sobretudo no seio do operariado nascente, mas não possuíam a mesma força e tradição. O médico francês Gustave Le Bon se pronunciava sobre a "força das multidões" no continente europeu em termos aflitivos:

> Sobre as ruínas de tantas idéias, outrora consideradas verdadeiras e hoje mortas, de tantos poderes sucessivamente derrocados pelas revoluções, essa potência é a única que se haja elevado e pareça dever em breve absorver as outras. Enquanto as nossas antigas crenças vacilam e desaparecem e as velhas colunas das sociedades vão sucessivamente caindo, a ação das turbas é a única fôrça que nada ameaça e cujo prestigio sempre cresce. A época em que entramos, será verdadeiramente, a era das multidões. [671]

Por aqui, em meio à caótica transição do regime monárquico para o republicano, a massa de ex-escravos que se espalhavam pelo país sem perspectivas de vida e trabalho, inevitavelmente, representavam para as elites um problema social dos mais sérios. Oprimidos pela crise econômica e social, a população, de modo geral, incluindo os ex-cativos, reagia com rebeliões populares contra a ineficácia dos servi-

671 LE BON, Gustavo. *Psicologia das Multidões.* Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1954, P. 6 e 7.

ços públicos, como transporte, saúde e moradia. Mas foram os movimentos populares como Canudos e Pedra Bonita (ao lado do Cangaço) que tomaram as manchetes dos jornais nacionais e locais, com análises de jornalistas e repórteres enviados para cobrir acontecimentos distantes das capitais. Restritos aos sertões, porém, ajuntamentos autônomos de tal grandeza não se estabeleceram em áreas urbanas.

A epidemia de dança de Itapagipe atingiu um dos subúrbios mais importantes da capital baiana em 1882 e a "histeria" de Taubaté, de 1885, também ocorreu nos limites desta cidade. Contudo, cabe lembrar, foram eventos efêmeros e suas consequências nem de longe alcançaram a devastação provocada pela intervenção militar na comunidade messiânica de Antônio Conselheiro. Todos eram considerados por Nina fenômenos inéditos, preocupantes, que pareciam fugir ao controle das autoridades e eram fruto de uma sociedade enferma. Essa condição mórbida era o reflexo de uma nação miscigenada, marcada pela mistura desigual de raças em diferentes estágios evolutivos.

Os casos de Canudos e Itapagipe impressionaram particularmente Nina, o que deu origem a seus estudos mais abrangentes sobre a temática das coletividades. No sertão baiano organizava-se um fenômeno em que um alienado típico, marcado por uma "vesânia latente", encontrou terreno fértil de ignorância e crendices populares. Era possível identificar o indutor das massas, Antônio Conselheiro, o *meneur*, e os fanáticos que o seguiam, os *menés*. Em Itapagipe, por outro lado, se não havia como determinar com certeza o ponto de origem da epidemia coletiva, tinha-se uma manifestação então inédita nas Américas, a *Dança de São Guido*, registrada (na proporção em que se deu) apenas na Europa.

Os estudos de Nina Rodrigues sobre as multidões não despertaram, ao que parece, interesse da academia por longo tempo — assim como muitos outros assuntos tratados por ele. Apenas Mariza Corrêa e Ana Maria Oda abordaram a questão, mas não fizeram dela algo central em seus trabalhos. Aliás, desde a primeira edição da obra *As Coletividades Anormais*, organizada por Arthur Ramos em 1939, este já insinuava que Nina "talvez não fosse lembrado, pela nossa pobre ciência nacional, tão esquecida dos precursores, como um dos pioneiros do movimento da psicologia coletiva". [672]

A proposta do capítulo 2 mostrou-se promissora não apenas pelo ineditismo do tema aduzido por Nina, mas também por todas as inferências que ele suscitou no médico maranhense. Como explicar a complicada relação entre o indivíduo e o coletivo? De que forma determinadas ideias, sentimentos, propósitos, fantasias se propagam em uma coletividade heterogênea? Que elementos contribuem para a formação e manutenção de um grupo de pessoas que, caso separadas, apresentariam comportamentos totalmente distintos?

Ele tentou encontrar algumas respostas no campo da Psicologia das Multidões que congregava um conjunto de pesquisas e autores, entre os mais destacados o sociólogo Gabriel Tarde, o criminologista Scipio Sighele e o já citado Le Bon. Nina então explora um universo de fenômenos e vivências caracteristicamente distintos não apenas dos ca-

672 RAMOS, Artur. "Prefácio". In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 10.

sos que havia conhecido enquanto aluno das tradicionais faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, assim como daqueles que testemunhara nos hospícios e asilos pelos quais circulou no Maranhão e Bahia.

Como bem colocou Tarde, tratava-se agora de situações em que as ditas coletividades tinham a capacidade de descer às profundezas da loucura e da "imbecilidade". Perversidades de todo tipo eram cometidas, "assassinatos e pilhagens por bandos armados, incêndios revolucionários, massacres, noites de São Bartolomeu, epidemias de venalidades e etc.". [673] Era preciso muito pouco para a formação desses fenômenos: "basta lançar uma pedra, dar um grito, entoar um começo de canto; prontamente todo o mundo irá atrás, e dirão depois que esta desordem foi espontânea". [674]

O novo quebra-cabeça não mais poderia ser resolvido com as soluções tradicionais, aplicadas a indivíduos considerados anômalos e desviantes, apartados do convívio social, isolados para estudo. O campo de batalha agora era nas ruas, nas praças, nos sertões, nos espaços sociais abertos, onde a *sugestão*, a *imitação* e o *contágio* se propagavam em larga escala. Do embrião da *Loucura à Dois* ao *Estado de Multidão*, foi preciso que Nina se inteirasse de uma extensa bibliografia que em parte fugia aos pressupostos mais cristalizados da medicina oitocentista.

Não à toa, a temática da religiosidade popular foi gradativamente tomando espaço em seus estudos. Atualmente, Nina Rodrigues é um nome consagrado na história da

673 TARDE, Gabriel. As multidões e as seitas criminosas". In: _____. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 144.

674 *Ibidem*, p.155

antropologia e da etnografia afro-brasileira, muito embora ainda seja tema de polêmicas dada a sua inegável implicação com o racismo científico. Foi na religião ou na "religiosidade mórbida" que ele encontrou o elemento que ao mesmo tempo denotava a especificidade brasileira — toda uma constelação de crenças e crendices populares sertanejas, afro-baianas, indígenas etc. —, e oferecia uma explicação coerente para a formação e composição das coletividades anormais.

Se, como havíamos dito, as devoções, os rituais, a fé, o fervor religioso foram causas próximas, imediatas, intempestivas, capazes de "dar liga" e causar a explosão de uma "histeria coletiva", não menos relevantes foram as causas distantes, diretamente relacionadas à raça e à hereditariedade. Nina chegaria à conclusão de que a matriz racial brasileira (a preponderância de negros e mestiços na população) era um dos fatores dominantes nos ajuntamentos coletivos. Mas esta matriz não era tão estável, fixa, imóvel quanto poderia se supor. Ao contrário, revelava-se movediça, inconstante, algo que se irradiava ao longo de uma escala evolutiva do desenvolvimento humano.

No capítulo 3, ao explorarmos a adesão de Nina à teoria tylorista de uma escala evolucionária, fica mais nítida a intenção deste em inserir a população afro-baiana e indígena na mesma progênie do homem branco. Inferiores, os negros e índios o eram, não havia dúvida ou questionamento, mas, assim como os alienados, precisavam da salvaguarda do Estado. Este, por sua vez, deveria criar leis para manter o equilíbrio em um país de desiguais. Tratar os desiguais desigualmente é o que Nina tinha em mente e tentou im-

plementar, por diversas vias, como, por exemplo, no âmbito das relações jurídicas, com suas propostas para os códigos civil e penal.

Se em alguns momentos Nina se mostra inteiramente descrente quanto à possibilidade de as raças inferiores alcançarem níveis de inteligência próximos ou iguais aos das superiores, sua interpretação evolucionista, todavia, permanece. Cada raça pertence a um determinado grau de desenvolvimento intelectual, moral e sentimental. Todas, portanto, na mesma trilha evolutiva. Por isso, era preciso não apenas compreender em que passo cada qual se encontrava, como também o que fazer para que esta população recebesse um tratamento adequado por parte do Estado.

Este posicionamento é fruto das leituras de Tylor que condenava de forma bastante eloquente o tratamento que os europeus dispensavam aos africanos, em especial os da Guiné, na costa ocidental do continente. Caçá-los nas selvas e nas savanas, como verdadeiras bestas-feras, era uma prática danosa e ilógica, não por motivos humanitários, mas porque impedia ao homem moderno acesso à cultura das tribos mais primitivas que sobreviveram à devastação étnica do neocolonialismo. Não há aqui questionamento em relação à superioridade do homem branco, civilizado e, no caso de Tylor, vitoriano, apenas a necessidade de preservação de modos de viver dos quais estes mesmos homens, em épocas remotíssimas, haviam ascendido.

A teoria das "sobrevivências" é aqui fundamental para este propósito, pois significava, em resumo, uma justificativa para o estudo das raças ancestrais e suas práticas culturais. Como formulou muito bem Castro, Tylor construiu uma espécie de "máquina do tempo" que oferecia ao etnó-

logo a possibilidade de observar o que ele considerava os princípios gerais das religiões selvagens. [675] Por apresentarem características coerentes e lógicas, Tylor supõe que estas eram a matéria-prima das religiões supostamente civilizadas, como o cristianismo. Em sua visão, as práticas de um exorcista, por exemplo, se assemelham à doutrina primitiva da possessão, o que apenas reforça sua teoria geral do evolucionismo social:

> Está claro, pues, que ritos horribles, de los que Europa apenas há conservado más que um confuso recuerdo, han seguido practicándose durante mucho tiempo, com su antiguo significado, en Africa, en Polinesia, e en Asia, entre razas que por su situación, ya que no por la cronologia, representan fases primitivas de la civilización. [676]

Nina encontra-se em uma posição sensivelmente distinta de Tylor, conhecido por ser um "antropólogo de gabinete". O médico maranhense, por outro lado, vive em um país cuja maioria da população é formada por negros e mestiços e assim sendo, poderia, como o fez, estudar *in loco* os cultos, as adorações, as idolatrias, as cerimônias em geral, praticadas por esta população. Tal possibilidade abria novas perspectivas. Na capital e no recôncavo baianos, em especial, o médico maranhense encontra um terreno fértil

675 CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural/textos de Morgan, Tylor e Frazer; textos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

676 TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977, p. 115.

de práticas "animistas" e "fetichistas", com terreiros de candomblé e umbanda espalhados por toda a parte, suas festividades e celebrações rotineiras, assim como as oferendas e despachos ocasionais, além dos rituais funerários, a mutilação cadavérica, entre outras práticas.

A ideia, basicamente, era observar, registrar e preservar os costumes das raças selvagens. Muitos etnólogos, sobretudo europeus, não acreditavam mais na possibilidade de se alcançar o "primitivismo" tal como existiu em suas origens, em tempos imemoráveis. Nina, inspirado por Tylor, não endossa esta premissa. Se, para o segundo, tal possibilidade era tão palpável que ele enxergava nos próprios camponeses e trabalhadores da Inglaterra vitoriana exemplares de homens e mulheres incultas, estacionados ainda nas primeiras fases do progresso humano, para o primeiro os "áfrico-baianos" eram "amostras" do que mais atrasado subsistia na sociedade brasileira, "espécimes" fidedignas dos primitivos que já haviam desaparecido havia tempo.

Tylor, uma vez mais, é bastante esclarecedor quanto a este ponto:

> La tesis general mantenida es la de que el mito surgió en la situación selvage predominante, en edades remotas, entre la totalidade de la especie humana y que continúa relativamente inalterado entre las modernas tribos primitivas que menos se han apartado de aquella situación selvage, mientras incluso grados superiores y ulteriores de civilización, en parte por conservar sus princípios reales y en parte por sostener sus resultados heredados en forma de tradición ancestral, la han prosseguido,

> no solamente por tolerância, sino como um honor. [677]

O fato é que a visão particular de Nina sobre "raça" o faz pensar nas possibilidades para os problemas que negros, índios e mestiços traziam à nação no crepúsculo do século XIX. Em alguns de seus textos, ele externou a inviabilidade do Brasil híbrido. É daí que se estabeleceu a tradição de um intelectual radical e intransigente, no que toca o racialismo. Contudo, Nina foi gradativamente relativizando esta visão de mundo. Os povos que se encontravam no estado mais baixo de desenvolvimento humano, o do selvagerismo, poderiam, dentro do quadro teórico tylorista, pretender alcançar o mais alto, o civilizatório.

Nina acreditava no papel educador e pedagógico do Estado brasileiro, capaz de acertar os ponteiros da história. Afinal, o descompasso entre os povos era enorme. Tão descomunal, aliás, que a desconfiança sobre o sucesso dessa empreitada pode ser sentida em seus textos. A despeito disso, tal como um representante fidedigno das camadas "esclarecidas" da população, ele propõe soluções verticais, implementadas de cima, do topo da sucessão hierárquica. Se a escala evolucionária era uma realidade, formada por etapas, ou melhor, degraus, os que já haviam subido ao cume tinham o poder de intervir, como agentes de um Estado centralizado sobre aqueles que se encontravam na base.

Tal colocação, em sua opinião, nada mais era do que uma atitude estritamente científica, "desapaixonada", imune às intempéries políticas do momento conturbado em que o

677 *Ibidem*, p. 270.

Brasil vivia. O desconhecimento sobre as culturas negras, indígenas e sertanejas eram prejudiciais para o desenvolvimento do país como um todo. O desprezo das classes mais abastadas e a repressão policial desproporcional voltados à essas populações impossibilitaria um estudo pormenorizado sobre as defasagens, os prejuízos que elas poderiam infringir à nação, sobre a dificuldade ou até a impossibilidade destas em civilizar-se, enfim.

A bem dizer, esta visão faz parte do repertório político do "autoritarismo instrumental", cujos adeptos desejavam a construção de uma sociedade liberal, não sem antes eliminar os problemas "reais" que requeriam um direcionamento centralizado do Estado. Oliveira Vianna recorda, entre outros, o próprio Nina Rodrigues, empenhado este em estabelecer a discriminação científica dos caracteres diferenciais das três raças que formaram a nacionalidade brasileira. Se o Brasil, tal qual um país tipicamente parental, clânico e gentílico necessitava, na esfera política, de um agente que pairasse acima dos clãs para quebrar o particularismo e impor a ordem pública, o mesmo pode ser dito quanto à situação da população civil, formada por raças segregadas, que careciam de uma atuação firme de um ente que, a longo prazo, acelerasse a evolução das raças atrasadas para que a nação se encontrasse na civilização.

Ocorreu-nos que esse processo se assemelha em muitos aspectos ao que Pierre Clastres classifica apropriadamente como etnocídio. Aqueles que se comportam como etnocidas admitem a relatividade do mal na diferença: os outros são maus, porém é possível aperfeiçoá-los até o ponto em que se adaptem ao modelo que lhes é imposto. Nina, parti-

cularmente, não tinha pretensões de eliminar os modos de vida e pensamentos das populações inferiores — pelo menos não diretamente. Mas o horizonte em que trabalhava conspirava para isso.

Seus valores estavam em sincronia com dois dos axiomas que definem a prática dos etnocidas: a hierarquia das culturas (inferiores e superiores) e a superioridade absoluta da cultura ocidental. [678] Segundo Clastres, "a alteridade cultural nunca é apreendida como diferença positiva, mas sempre como inferioridade segundo um eixo hierárquico". [679] Nesse eixo, o papel do Estado e de sua estrutura que alcança várias esferas da vida cotidiana é crucial para formação das tendências etnocidas.

Todo um conjunto de propostas de Nina e de outros médicos que compartilhavam de seus anseios voltava-se, de alguma forma para os povos "selvagens". Como protegê-los da violência institucionalizada, resultado de uma tradição cultural de séculos de colonização? De que forma os inserir nos moldes de uma sociedade em vias de civilizar-se, conflagrada politicamente, desorganizada socialmente, decadente em muitos aspectos? Como evitar as moléstias que os atingiam, incentivar seu aprendizado e ocupação profissional e convertê-los em cidadãos plenos, se é que isso era possível?

Tal visão também é corroborada pelas ideias de Tarde que via na formulação de leis, nas instituições nacionais, na riqueza ou pobreza de uma civilização, fatores que pode-

678 CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência. Pesquisas de antropologia política.* São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2004, p. 57.
679 Ibidem, p. 58.

riam desencadear ou evitar a formação de uma coletividade anormal. Cabia aos homens no comando da sociedade, a esta parcela "ilustrada" do povo, inserida em postos-chave dos governos, evitar os descaminhos por quais fatalmente uma nação poderia enveredar. Como disse Nina, "nossos homens de estado" têm papel fundamental no projeto de construção de um país e para isso era preciso ter fé não apenas na ação decorosa destes e dos políticos em geral, mas também no direito e na justiça.

Em vista desses apontamentos, classificar Nina como um pessimista radical, um obstinado pelo fatalismo, é um posicionamento parcialmente verdadeiro. Sua atuação proativa, suas sugestões para reforma na máquina estatal, seu papel como médico na luta contra doenças e enfermidades, sua incursão malsucedida no campo do direito, apontam para uma intervenção política do cientista no Brasil. Arriscamos dizer, apresenta-se como uma visão de futuro até positiva da sociedade. Impossível, entretanto, negar as várias facetas do médico maranhense. Se não podemos ignorar completamente seu pessimismo, ou atestar de forma definitiva seu otimismo, talvez seja sensata a afirmação de que Nina, enquanto racialista, titubeou, hesitou, enfim, vacilou, frente à realidade de um país complexo e imprevisível

REFERÊNCIAS

FONTES

AMORIM, Deolindo. Virgílio Damásio. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.* Salvador, v. 67, 1941, pp. 315-324.

BLOCQ, Paul Oscar. Sur une affection caracte´rise´e par de l'astasie et de l'abasie. *Archives de Neurologie*, Paris, n. 15, 1888, pp. 24-51 et pp. 187-211.

BUFFON, Le Comte. *Histoire Naturelle, Générale et Particuliere, avec la Description du Cabinet du Roy.* Paris: Imprimerie Royale, 1749.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões. Campanha de Canudos.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ELLIS, Havelock. Paranoia among Brasilian Negros. *The British Journal of Psychiatry*, 1904.

GAZETA Médica da Bahia. *Uma moléstia singular*. Salvador, ano XIV, n. 4, outubro de 1882.

GAZETA Médica da Bahia. *Choreomania. Parecer da comissão medica, nomeada pela camara municipal* ácerca *da moléstia que ultimamente appareceu em Itapagipe e que se tem propagado em toda a cidade*. Salvador, ano XV, n. 10, abril de 1883.

GOBINEAU, Le Comte de. *Essai sur l'inégalité des races humaines.* Paris: Librairie de Firmin Didot et Cie, Tome I & II, 1853; Tome III & IV, 1855.

LANNOIS, Maurice. *Nosographie des chorées*. Paris: Librairie J.- B. Ballière et Fils, 1886.

LASÈGUE, Charles e FALRET, Jules. La folie à deux ou folie comuniquée. *Archives générales de medicine*, septembre 1877.

LE BON, Gustavo. *Psicologia das Multidões.* Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1954.

LEITE, Souza. Études *de pathologie nerveuse*. Paris: G. Steinheil Éditeur, 1889.

LINS E SILVA, AUGUSTO. *Atualidade de Nina Rodrigues. Estudo bio-bibliográfico* e crítico. Rio de Janeiro: Cia. Editora da Leitura, 1945.

RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria-editora da Casa do Estudante do Brasil, 1956.

VIANNA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia*. Rio/São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1946. (Coleção Documentos Brasileiros, 55).

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. (Brasiliana, v. 280).

MAUSS, Marcel. Nina Rodrigues, L´animisme fetichiste

des nègres de Bahia. *Caderno Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 2, n. 4, jul.-dez. 2005, pp. 124-125.

MOREIRA, Juliano & PEIXOTO, Afrânio. A paranoia e as síndromes paranoides. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1905, pp. 5-33.

MOREL, Benedict-Augustin. *Traité des dégénérescences physiques, intelectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives.* Paris: Baillière, 1857.

RIBOT, Théodule Armand. *The psychology of the emotions.* Nova York: The Walter Scott publishing co., 1897.

SIGHELE, Scipio. *La coppia criminale: psicologia degli amori morbosi.* Turim: Torino Fratelli Bocca Editori, 1897.

_____. *A multidão criminosa. Ensaio de psicologia coletiva.* Rio de Janeiro: organização Simões, 1954. (Coleção Livros de Ontem e Hoje).

STARR, Frederick. L`animisme fétichiste des négres de Bahia. Dr. Nina Rodrigues; Metisage, degenerescense et crime. Dr. Nina Rodrigues; Des formes de L`Hymen. Dr. Nina Rodrigues. *The American Antiquarian and Oriental Journal*, Chicago, v. XXIV, march-april 1902, p. 30. (Book Reviews).

TARDE, Gabriel. *Las Leyes de la imitación: estudio sociológico.* Madrid: Editora Daniel Jorro, 1907.

_____. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Monadologia e sociologia - e outros ensaios.* São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva. Los Orígenes de la cultura (1)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977.

_____. *Cultura Primitiva. La religión en la cultura primitiva (2)*. Madrid: Editorial Ayuso, 1977.

_____. *Researches Into the Early History of Mankind and the Development of Civilization.* New York: Elibron Classics, 2005.

VIANNA, Francisco José Oliveira. *Raça e Assimilação.* São Paulo: Companhia Editora Nacional/Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1938. (Série Brasiliana, v. 4).

OBRAS DE NINA RODRIGUES

RODRIGUES, Raimundo Nina. *Das amyotrophias de Origem periférica.* These de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1887.

——. A nova agricultura e o regimen alimentar do norte. *Pacotilha. Jornal da Tarde,* São Luiz, 5, 9 e 18 de jun.-6 e 9 de jul. 1888.

_____. Myopathia atrophica progressiva. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XIX, n.10, abril de 1888.

_____. A Junta de Hygiene. *Pacotilha. Jornal da Tarde,* São Luiz, 1º de agosto de 1888.

_____. Um caso de surdez verbal com paraphasia. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XX, n. 12, junho de 1889.

_____. Contribuição para o estudo da lepra no Maranhão. *Gazeta Médica da Bahia,* Salvador, anno XX, n. 3 set. de 1888; anno XX, n. 5, nov. de 1888; anno XX, n. 7, Jan. de 1889; anno XX, n. 8, fev. de 1889; anno XX, n. 9, mar. de 1889; anno XXI n. 3, set. de 1889; anno XXI n. 35, nov. de 1889; anno XXI n. 6, dez. de 1889; anno XXI n. 10, abr. 1890.

_____. O beri-beri e as polynevrites: diagnóstico diferencial. *Gazeta Médica da Bahia,* Salvador, anno XXI, n. 12, jun. de 1890; anno XXII, n. 1, jul. de 1890; anno XXII, n. 2, ago. de 1890; anno XXII, n. 3, set. de 1890; anno XXII, n. 4, out. de 1890; anno XXII, n. 5, nov. de 1890; anno XXII, n. 6, dez. de 1890.

_____. A lepra no Estado da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXII, n. 8, fevereiro de 1891.

_____. Epidemia de influenza na Bahia em 1890. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXII, n. 12, Salvador, junho de 1891.

_____. Os aneurismas da aorta na Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIII, n. 1, jul. de 1891; anno XXIII, n. 2, ago. 1891.

_____. A organização do serviço sanitário no Brazil. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIII, n. 3, setembro de 1891.

_____. A febre amarela. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 7, janeiro de 1892.

——. Lentes sem concurso. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 8, fevereiro de 1892.

_____. Organização sanitária. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 8, fevereiro de 1892.

_____. A classe médica e a administração sanitária no Brazil e nos Estados-Unidos. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 9, março de 1892.

_____. Estudos de craniometria. O cranco do salteador Lucas e o de um índio assassino. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 9, março de 1892.

_____. Os serviços de hygiene pública nos Estados brasileiros. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 10, abril de 1892.

_____. A organização dos serviços de hygiene publica e de vaccinação, no Estado da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 2, ago. de 1892; anno XXIV, n. 3, set. de 1892.

_____. A vulvo-vaginite em medicina-legal: erros a que dá logar. Um caso de suposto defloramento. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 3, setembro de 1892.

_____. Exercício de medicina pública. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 4, outubro de 1892.

_____. As nephrites chronicas na Bahia: causas e frequência. Curiosidades clinicas. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno XXIV, n. 3, janeiro de 1893.

_____. Exercício de Medicina Pública. *Brazil* Médico, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1893.

_____. Carta da Bahia. *Brazil* Médico, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 6, fevereiro de 1894.

_____. Um caso de loucura lúcida. As providencias legaes reclamadas pelos alienados d`este genero no direito brasileiro. *Brazil* Médico, Rio de Janeiro, anno XVIII, n. 5, 1º de fevereiro de 1904.

_____. *Manual de autópsia médico-legal*. Salvador: Reis & Cia, 1901.

_____. Os progressos da medicina legal no Brazil no século XIX. *Revista dos cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, anno I, Tomo I, 1904, pp. 11- 54.

_____. 5ª Memória. A psychologia da mutilação cadavérica. O esquartejamento criminoso. *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, Salvador, Typographia Bahiana, ano II, Tomo II, 1904, pp. 157-199.

_____. O crime de homicídio. No ponto de vista da legislação e da jurisprudência pátrias. Estudo medico-legal. *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, Salvador, Typographia Bahiana, ano II, Tomo II, 1904, pp. 73-118.

_____. A reforma dos exames medico-legaes no Brasil. Appello ao congresso de unificação das leis processuaes. *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*,

Salvador, Typographia Bahiana, ano III, Tomo III, 1904, pp. 9-52.

_____. *A Medicina Legal no Brasil. Homenagens aos juristas de São Paulo pelo Dr. Nina Rodrigues.* Bahia: Typographia bahiana, 1905.

_____. Considerações sobre a Liberdade Profissional. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. XXXVIII, n. 3, setembro de 1906.

_____. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933.

_____. *O alienado no Direito Civil brasileiro.* São Paulo: Companhia editora Nacional, 1939.

_____. Memória Histórica apresentada pelo professor Nina Rodrigues à Egrégia Congregação da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia em 29 de março de 1897. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 73, outubro de 1976, pp. 11-30.

_____. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,* São Paulo, ano VII, n. 2, jun. de 2004, pp. 161-178; ano VII, n. 3, set. de 2004, pp. 131-158; ano VII, n. 4, dez. de 2004, pp. 217-239.

_____. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

_____. *O animismo fetichista dos negros baianos.* Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006.

_____. Mestiçagem, degenerescência e crime. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos,* Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, 2008, pp. 1151-1180.

_____. Atavismo psíquico e paranoia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, dezembro 2009, pp. 766-789.

——. *Os Africanos no Brasil.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

RODRIGUES, Raimundo Nina *et al.* Serviço demografo-sanitario no Estado da Bahia. Parecer do Conselho Geral de Saúde Pública. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, ano XXV, n. 7 e 8, jan.-fev. 1894.

DISSERTAÇÕES E TESES

ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. *"Uma fábrica de loucos". Psiquiatria X Espiritismo no Brasil (1900-1950).* 232 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP, 2007.

BARBERIS, Daniela Silvia. *Indivíduo e personalidade na psicologia fisiológica francesa do final do século XIX*. 318 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

DIAS, Olívia Biasin. *Olhares estrangeiros: impressões dos viajantes oitocentistas acerca da Bahia, sua diversidade racial e seu potencial para alcançar a civilização*. 226 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal

da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, Bahia, 2013.

JABERT, Alexander. De médicos e médiuns: medicina, espiritismo e loucura no Brasil da primeira metade do século XX. 312 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2008.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. 458 f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Campinas, SP, 2003.

PAULA, Richard Negreiros de. *Paciente duplicado: psiquiatria e justiça no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1890 e 1910.* 283 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

YEATES, Lindsay Bertram. *James Braid: Surgeon, Gentleman Scientist, and Hypnotist.* 829f. Thesis (Doctorate in Philosophy). Faculty of Arts & Social Sciences, University of New South Wales, Sydney, Australia, 2013.

LIVROS, CAPÍTULO DE LIVRO, ARTIGOS EM PERIÓDICO E CONFERÊNCIAS

ACKERKNECHT, Erwin H. Anticontagionism between 1821 and 1867. *International Journal of Epidemiology*, n. 38, 2009, pp. 7-21.

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. "Escravismo de Circunstância: o repertório moral do escravismo e do abolicionismo brasileiros". In: *Seminário Sociologia, Política e História*, PPGS-USP, em 30 de maio de 2011.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ARTEAGA, Juan Manuel Sánchez. La racionalidad delirante: el racismo científico en la segunda mitad del siglo XIX. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, Madrid, 2007, v. XXVII, n. 100, pp. 383-398.

_____. La biología humana como ideología: el racismo biológico y las estructuras simbólicas de dominación racial a fines del siglo XIX. *Theoria*, n. 61, 2008, pp. 107-124.

_____. Las ciencias y las razas en Brasil hacia 1900. *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, v. LXI, n. 2, jul.-dic. 2009, pp. 67-100.

BACELLAR, Jeferson Afonso. Nina Rodrigues: um intelectual do mundo (Sociologia de um intelectual baiano). Bahia: Julho de 1977, *mimeo*, pp. 1-20.

BANTON, Michael. *The idea of race*. Colorado: Westview Press, 1978.

BARRETO JUNIOR, Jurandir Antonio Sá. *Raça e degeneração. Análise do processo da construção da imagem*

dos negros e mestiços, a partir dos artigos publicados na Gazeta Médica da Bahia (1880-1930). São Paulo: Biblioteca 24horas, 2010.

BARROS, Pedro Motta de. Alvorecer de uma nova ciência: a medicina tropicalista baiana. *História, Ciências, Saúde - Manguinbos*, v. IV, n. 3, nov. 1997-fev. 1998, pp. 411-459.

BARROS, Regina Duarte Benevides de e JOSEPHSON, Silvia Carvalho. "A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência". In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal e PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs). *História da Psicologia. Rumos e Percursos*. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013, pp. 501-522.

BARROWS, Susanna. *Distorting Mirrors: Visions of the Crowd in Late Nineteenth Century France.* New Haven: Yale University Press, 1981.

BARTLETT, Robert. Medieval and Modern Concepts of Race and Ethnicity. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, Duke University Press, v. 31, n.1, winter 2001, pp. 39-56.

BASTIDE, Roger. *O candomblé na Bahia.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. (Brasiliana, v. 313).

BASTOS, José Augusto Cabral Barreto. "Nina Rodrigues". In: _____. *Incompreensível e bárbaro inimigo: a guerra simbólica contra Canudos.* Salvador: EDUFBA, 1995, pp. 81-103.

BENOÎT, Marpeau. *Gustave Le Bon. Parcours d´unn intellectual*. Paris, CNRS, 2000.

BIRD-DAVID, Nurit. "Animism" Revisited: Personhood, Environment, and Relational Epistemology. *Current Anthropology*, v. 40, n. 1, february 1999, pp. 67-91.

BORGES, Dain. "Inchado, feio, preguiçoso e inerte": A degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. *Teoria e Pesquisa*, n. 47, jul.-dez. 2005, pp. 43-70.

BOSC, Olivier. De la folla delinquente à la folla cultura : Scipio Sighele et Pasquale Rossi prophètes italiens de la modernité au tournant du siècle. *Laboratoire italien. Politique et societé,* Lyon, n. 4, 2003, pp. 37-56.

BOTELHO, André. Seqüências de uma Sociologia Política Brasileira. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, 2007, pp. 49 a 82.

BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento politico brasileiro. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, 2005, pp. 231-269.

BRITTO, Antonio Carlos Nogueira. A Faculdade de Medicina da Bahia na Época de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76, 2006, supl. 2, p. 63-79.

BROWN, Howard Mayer. Emulation, Competition, and Homage: Imitation and Theories of Imitation in the Renaissance. *Journal of the American Musicological Society*, v. 35, n. 1, Spring 1982, pp. 1-48.

CAPONI, Sandra. Magnan e a classificação das patologias psiquiátricas. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2011, pp. 167-182.

CARNEIRO, Edson. *Ladinos e Crioulos. Estudos sobre o negro no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CARROY, Jacqueline e PLAS, Régine. The origins of French experimental psychology: experiment and experimentalism. *History of the Human Sciences*, Londres, Sage (London, Thousand Oaks and New Delhi), v. 9, n. 1, 1996, pp. 73-84.

CARROY, Jacqueline, OHAYON, Annick e PLAS, Régine. *Histoire de la psychologie en France. XIXe-XXe siècles.* Paris, La Découverte, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. A utopia de Oliveira Viana. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, pp. 82-99.

CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural/textos de Morgan, Tylor e Frazer.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência. Pesquisas de antropologia política.* São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2004.

COCHART, Dominique. As multidões e a Comuna: Análise dos Primeiros Escritos sobre Psicologia das Multidões. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, n. 20, mar.-ago. 1991, pp. 113-128.

COELHO, Edmundo Campos. *As Profissões Imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930.* Rio de Janeiro, Record, 1999.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

_____. Raimundo Nina Rodrigues e a "garantia da ordem social". *Revista USP*, São Paulo, n. 68, dez.-fev. 2005-2006, pp. 130-139.

_____. Os livros esquecidos de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76, 2006, supl. 2, pp. 60-62.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos.* São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CRAIG, Cairns. Introduction: Race, Scripture, Science. *The Journal of Scottish Thought*, University of Aberdeen, v. 2, n. 1, 2009, pp. 1-33.

DALGALARRONDO, Paulo. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, n. 34, supl. 1, 2007, pp. 25-33.

DALGALARRONDO, Paulo; SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos; ODA, Ana Maria Raimundo. A psiquiatria transcultural no Brasil: Rubim de Pinho e as "psicoses" da cultura nacional. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 25, n.1, mar. 2003, pp. 59-62.

DANTES, Maria Amélia M. "Os Positivistas Brasileiros e as Ciências no final do Século XIX". In: HAMBURGER,

Amélia Império *et al*. *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996, pp. 49-63.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol e SÁ, Magali Romero. "Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX". In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.). *A recepção do darwinismo no Brasil.* Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003, pp. 97-123.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DURO, Paul. The surest measure of perfection: approaches to imitation in seventeenth-century French art and theory. *Word & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*, v. 25, n. 4, 2009, pp. 363-383.

EDLER, Flávio Coelho. O debate em torno da medicina experimental no segundo reinado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, jul.-out. 1996, pp. 284-299.

_____. "A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais". In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Acces, 2001, pp. 97-122.

_____. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro*, v. 9, n. 2, mai.-ago. 2002, pp. 357-385.

_____. A medicina no Brasil imperial: fundamentos da autoridade profissional e da legitimidade científica. *Anuario de Estudios Americanos, EEHA*, Sevilha, 2003, v. LX, n.1, pp. 139-156.

_____. *Ensino e profissão médica no Brasil de Pedro II*. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014.

FERES JUNIOR, João. For a critical conceptual history of Brazil: Receiving Begriffsgeschichte. *Contributions to the History of Concepts*, v. 1, n. 2, 2005, pp. 185-200.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2013.

FERREIRA, Luiz Otávio. "Uma interpretação higienista do Brasil Imperial". In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Acces, 2001, pp. 207-223.

_____. "O ethos positivista e a institucionalização das ciências no Brasil". In: LIMA, Nísia Trindade e SÁ, Dominichi Miranda (Orgs.). *Antropologia brasiliana: Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto.* Belo Horizonte: editora UFMG, 2008, pp. 87-98.

FERRETTI, Sergio F. O centenário da morte de Nina Rodrigues. São Luiz: *Boletim da CMF*, n. 34, junho de 2006.

_____. Nina Rodrigues e a religião dos Orixás. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76, 2006, supl. 2, p. 56-61.

_____. Nina Rodrigues e as religiões afro-brasileiras. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 10, n. 1, jan.-iun. 1999. pp. 19-28.

FIGUEIREDO, Elysio Gomes de. *Associações morbidas.* Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1916.

FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis.* Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

FRY, Peter. Politics, Nationality, and the Meanings of "Race" in Brazil. *Daedalus*, Massachusetts, v. 129, n. 2, spring 2000, pp. 83-118.

_____. *A persistência da Raça.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FONSECA, Pedro Henrique Miranda. O sanitarista Nina Rodrigues. *Suplemento Cultural da Associação Paulista de Medicina*, São Paulo, n. 99, jul. 1995.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GARCÍA-AREANL, Mercedes Y LEROY, Béatrice. *Moros y judíos en Navarra en la Baja Edad Media.* Madrid: Hiperión, 1984.

GAHYVA, Helga. *O inimigo do século. Um estudo sobre Arthur de Gobineau (1816-1882).* Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2012.

GINNEKEN, Jaap Van. The 1895 debate on the origins of crowd psychology. *Journal of the Hisiory of ihe Behavioral Sciences*, v. 21, october 1985, pp. 375-382.

GOMES, Luiz Antônio de Castro. As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização Conservadora na Bahia durante a Primeira República. Rio de Janeiro, *Dados,* v. 41 n. 3, 1998.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Estudos sobre desenvolvimento humano no século XIX: da Biologia à Psicogenia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 134, mai.-ago. 2008, pp. 535-557.

HALLER, John S. The Species Problem: Nineteenth-Century Concepts of Racial Inferiority in the Origin of Man Controversy. *American Anthropologist*, v. 72, Issue 6, 2009, pp. 1319-1329.

HOFBAUER, Andreas. O conceito de "raça" e o ideário do "branqueamento" no século XIX – bases ideológicas do racismo brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, n. 42 e 43, jan.-jul. 2003, pp. 63-110.

JANSEN, Justo. Nina Rodrigues (Notas intimas). *A Revista do Norte*, São Luiz, anno V, n. 12, agosto de 1906, pp. 182-186.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Nina Rodrigues, Psiquiatra: Contribuições de Nina Rodrigues nos Campos da Psiquiatria Clínica, Forense e Social. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno 140, n. 76, supl. 2, 2006, pp. 11-22.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro e CARVALHO, Fernando Martins. Nina Rodrigues, epidemiologista: estudo histórico de surtos de beribéri em um asilo para doentes mentais na Bahia, 1897-1904. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, mar.-jun. 2001, pp. 113-32.

JASMIN, Marcelo Gantus. "História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 57, 2005, pp. 27-38.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.10, 1992, pp. 134-146.

KURY, Lorelai B. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n. 41, 2001, pp. 157-172.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico.* Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Raça e história". In: *Antropologia estrutural dois.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 328-366. (Biblioteca Tempo Universitário, 45).

LIMA, Estácio de. *Velho e novo "Nina"*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1979.

LIMA, Lamartine de Andrade. *Roteiro de Nina Rodrigues*. Ensaios e Pesquisas 2, Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, abril de 1984, pp. 1-12.

LIMA, Nísia Trindade e Hochman, Gilberto. "Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto

pelo movimento sanitarista da primeira república". In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996, pp. 23-40.

_____. "Pouca Saúde, Muita Saúva": sanitarismo, interpretações do Brasil e ciências sociais". In: HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego (Orgs.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2004, pp. 493-533.

LOH, Maria H. New and Improved: Repetition as Originality in Italian Baroque Practice and Theory. *Art Bulletin*, v. 86, n. 3, september 2004, pp. 477-504.

LOWIE, Robert. H. Edward B. Tylor. *American Anthropologist,* v. 19, n. 2, apr.-jun. 1917, pp. 264-265.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo "degeneracionista". *Revista USP*, São Paulo, n.75, set.-nov. 2007, pp. 68-75.

MACHADO, Roberto *et al*. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MAGGIE, Yvonne e FRY, Peter. "Introdução". In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006, pp. 9-26.

MAIO, Marcos Chor. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica. *Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro*, v. 11, n. 2, abr.-jun. 1995, pp. 226-237.

MARQUES, Astôlfo. Dr. Nina Rodrigues (Da Selecta maranhense). *A Revista do Norte*, São Luiz, anno V, n. 12, agosto de 1906, pp. 186-190.

MASSIMI, Marina. "O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX". In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda leal e PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs.). *História da Psicologia: rumos e percursos.* Rio de Janeiro: Nau, 2013, pp. 181-190.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema. A formação do Estado Imperial.* Rio de Janeiro: Access, 1994.

MONIZ, Edmundo. *Canudos: A Guerra Social.* Rio de Janeiro: Elo Editora, 1987.

MUNANGA, Kabengele. "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia". In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.). *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira.* Niterói: Eduff, 2004, pp. 17-34.

_____. "Negros e mestiços na obra de Nina Rodrigues". In: ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A. & FERRETTI, Sérgio F. (Orgs.). *Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues.* São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 15-35.

_____. Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo. *Cadernos PENESB*, Niterói, n. 12, 2010, pp. 169-203.

MUNNÉ, Frederic. *La construcción de la Psicología Social como ciencia teórica.* Barcelona: Alamex, 1989.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle* Époche *Tropical. Sociedade e cultura de Elite no Rio de Janeiro na virada do século.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. History, Race, and the State in the Thought of Oliveira Viana. *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 75, n. 1, feb. 1995, pp. 1-30.

NIRENBERG, David. El concepto de raza en el estúdio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media*, Espanã, n. 3, 2000, pp. 39-60.

_____. "Was there race before modernity? The example of 'Jewish' blood in late medieval Spain". In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin and ZIEGLER, Joseph (Orgs). *The Origins of Racism in the West*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009, pp. 323-364.

NITCHIE, Elizabeth. Longinus and the Theory of Poetic Imitation in Seventeenth and Eighteenth Century England. *Studies in Philology*, v. 32, n. 4, October 1935, pp. 580-597.

NOVINSKY, Anita Waingort. Reflexões sobre o racismo (Portugal, séculos XVI-XX). *Revista USP*, São Paulo, n. 69, mar.-mai. 2006, pp. 26-35.

NYE, Robert. *The origins of crowd psychology: Gustave Le Bon and the crisis of the mass democracy in the Third Republic*. London: Sage, 1975.

_____. *Crime, madness and politics in modern France: the medical concept of national decline*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Nina Rodrigues e a loucura epidêmica de Canudos. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 3, n. 2, junho de 2000, pp. 139-144.

_____. Sobre o diagnóstico diferencial entre a histeria e a beribéri: as epidemias de caruara no Maranhão e na Bahia, nas décadas de 1870 e 1880. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VI, n. 4, dez. 2003.

_____. Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: A paranóia nos negros, de Raimundo Nina-Rodrigues. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, junho de 2004, pp. 133-144.

_____. Passado e presente na psicopatologia da paranoia. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, dezembro de 2009, pp. 759-765.

_____. Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia de Kraepelin (Brasil, 1905). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dezembro de 2010, pp. 495-514.

OLIVEIRA, Carlos Francisco A. de; DALGALARRONDO, Paulo e NOGUEIRA, Alexandre. Evolução das classificações psiquiátricas no Brasil: um esboço histórico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 6, 2003, pp. 433-446.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional.* São Paulo: editora brasiliense, 2012.

PACHECO, Maria Theresa de Medeiros. A Medicina Legal na Bahia. Início e Evolução do Ensino. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 77, n. 2, jul.-dez. 2007, pp.139-157.

PEARD, Julyan G. *Race, Place, and Medicine: The Idea of the Tropics in Nineteenth-Century Brazil*. Durham: Duke University Press, 2000.

PELLING, Margareth. "Contagion/germ theory/ specificity". In: BYNUM, W. F. e PORTER, Roy (Orgs). *Companion Encyclopedia of the History of Medicine*. London and New York: Routledge, 1997, pp. 309-333.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. A loucura como fenômeno transindividual: sobre a folie-a-deux, segundo Lasègue e Falret. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano IX, n. 4, dezembro de 2006, pp. 709-713.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo.* São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

PESET, José Luis. "On the History of Medical Causality". In: YES, Corinna Delkeskamp-ha e CUTTER, Mary Ann Gardell (Eds.). *Science, technology, and the art of medicine:*

European-American dialogues. Germany: Springer Science+Business Media, 1993, pp. 57-74.

PETITJEAN, Patrick. "Ciências, Impérios, Ralações Cientificas Franco-brasileiras". In: HAMBURGER, Amélia Império *et al. A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950).* São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996, pp. 25-39.

_____. "Science and the "Civilizing Mission": France and the Colonial Enterprise". In: Benediky Stutchey (Ed.). *Science Across the European Empires - 1800-1950*. Oxford University Press, 2005, pp. 107-128.

PETRUCCELLI, José Luis. Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 7, dezembro de 1996, pp. 134-149.

PIGMAN III, George W. Versions of Imitation in the Renaissance. *Renaissance Quarterly*, v. 33, n. 1, Spring 1980, pp. 1-32.

PINHO, Alvaro Rubim de. Aspectos Históricos da Psiquiatria Folclórica no Brasil. *Universitas*, n. 29, jan.-abr. 1982, pp.15-30.

RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria-editora da Casa do Estudante do Brasil, 1956.

RAMOS, Jair de Souza. Ciência e racismo: uma leitura crítica de Raça e Assimilação em Oliveira Vianna. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, mai.-ago. 2003, pp. 573-601.

_____. "O Brasil sob o paradigma racial. Sociologia histórica de uma representação". In: PENA, Sergio D. J. (Org.). *Homo Brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, pp. 131-148.

RATNAPALAN, Laavanyan. E. B. Tylor and the Problem of Primitive Culture. *History and Anthropology*, v. 19, n. 2, 2008, pp. 131-142.

ROMO, Anadelia. *Brazil`s Living Museum. Race, reform and tradition in Bahia.* Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2010.

ROSA, Frederico Delgado. Edward Tylor e a extraordinária evolução religiosa da humanidade. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, 2010, pp. 297-308.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SALVADOR, Luc-Laurent. "The mechanical and universal nature of imitation". In: *Workshop Agents in interaction - Acquiring competence through imitation.* Minneapolis/St. Paul, may 10-13, 1998.

SAMPAIO, Consuelo Novais. Repensando Canudos: o Jogo das Oligarquias. *Luso-brazilian Review*, v. 30, n. 2, 1993, pp. 97-113.

SANSI, Roger. Feitiço e fetiche no Atlântico moderno. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, n. 1, 2008, pp. 123-153.

SANTANA, Antônio Samarone de *et al*. *Dicionário biográfico de médicos de Sergipe: séculos XIX e XX*. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

SANTOS, Itazil Benício dos. "Nina Rodrigues: criador e chefe de escola" In: _____. *Vultos e fatos da medicina brasileira*. Rio de Janeiro: editora Pongetti, maio de 1962, pp. 59-64.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Décadas de Espanto e uma apologia democrática*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. *Afro-Ásia*, n. 18, 1996, pp. 77-101.

_____. "Raça como negociação. Sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil". In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil Afro-brasileiro.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 11-40.

_____. "O espetáculo da miscigenação". In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003, pp. 165-180.

_____. "Nina Rodrigues e o Direito Penal: Mestiçagem e criminalidade". In: ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A. & FERRETTI, Sérgio F. (Orgs.). *Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues.* São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 37-52.

_____. Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre Antropologia Criminal e Mestiçagem na Obra de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, anno 140, n. 76, supl. 2, 2006, pp. 47-53.

_____. "Nina Rodrigues: um radical do pessimismo". In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 90-103.

SKIDMORE, Thomas. Brazilian intellectuals and the problem of race, 1870-1930. *Occasional Paper*, Vanderbilt University, n. 6, 1969, pp. 1-8.

_____. Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 79, novembro de 1991, pp. 5-16.

_____. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

SERAFIM, Vanda Fortuna. Os conceitos "fetichismo" e "animismo" no discurso de Nina Rodrigues. *Em Tempo de Histórias*, Brasília, n. 15, jul.-dez. 2009, pp. 63-74.

_____. Edward Burnett Tylor e a contribuição inglesa ao estudo das religiões. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano VI, n. 16, maio de 2013, pp. 173-198.

SERPA JR., Octavio Domont de. Degenerescência: queda, progresso e evolucionismo. *Cadernos IPUB*, Rio de Janeiro, UFRJ, n. 8, 1997, pp. 22-39.

_____. O degenerado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010, pp. 447-473.

STRATHERN, Marilyn. Out of Context: The Persuasive Fictions of Anthropology [and Comments and Reply]. *Current Anthropology*, v. 28, n. 3, Jun. 1987, pp. 251-281.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo: editora Brasiliense, 1983.

SICROFF, Albert A. *Los estatutos de limpieza de sangre. Controversias entre los siglos XV y XVII*. España: Taurus Ediciones 1985.

SILVA, José Calasans. *Canudos na literatura de Cordel.* São Paulo: Ática, 1984.

_____. "Canudos não euclidiano". In: SAMPAIO NETO, José Augusto Vaz *e outros*. *Canudos. Subsídios para a sua reavaliação histórica.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, pp. 1-23.

_____. *O Império de Belo Monte: Vida e Morte de Canudos.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. *Canudos, Cartas para o Barão.* São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antonio Conselheiro.* Salvador, EDUFBA, 2013.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia. Raça, gênero e nação na América Latina.* Rio de Janeiro, editora Fiocruz, 2005.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, n. 23, 1999, pp. 87-144.

SULLIVAN, Dale L. Attitudes toward imitation: Classical culture and the modern temper. *Rhetoric Review*, v. 8, n. 1, 1989, pp. 5-21

SMITH, Albert James. Theory and Practice in Renaissance Poetry: Two Kinds of Imitation. *Bulletin of the John Rylands Library*, n. 47, 1964, pp. 212-243.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2013 pp. 21-34.

STOCKING JR., George. W. Matthew Arnold, E. B. Tylor, and the Uses of Invention. *American Anthropologist*, v. 65, v. 4. August 1963.

_____. "Cultural Darwinism" and "Philosophical Idealism" in: E. B. Tylor: A Special Plea for Historicism in the History of Anthropology. *Southwestern Journal of Anthropology*, New México, v. 21, n. 2, Summer 1965, pp. 130-147.

_____. *Race, Culture and evolution. Essays in the history of anthropology.* Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

TAVARES-NETO, José. Sobre a "Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina na Bahia". *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 1, n. 76, jan.-jun. 2006, pp. 113-117

THEMUDO, Tiago Seixas. *Gabriel tarde. Sociologia e subjetividade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

TORRES, Eduardo Cintra. A multidão religiosa de Lourdes em Zola e Huysmans. *Análise Social*, v. XLII (184), 2007, pp. 733-755.

TORRES, Max S. Hering. "Raza": variables históricas. *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá, Colombia, n. 26, abril de 2007, pp. 16-27.

_____. "Limpieza de Sangre" ¿Racismo en la Edad Moderna? *Tiempos Modernos*, n. 9, 2003-2004, pp. 1-16.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 8, agosto de 1999, pp. 1-12.

_____. Sefardismo africano no século XVII. *Afro-Ásia*, Salvador, n.47, 2013, pp. 399-406.

VARGAS, Eduardo Viana. A microssociologia de Gabriel Tarde. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 27, 1995, pp. 93-110.

_____. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2001.

_____. Multiplicando os agentes do mundo: Gabriel Tarde e a sociologia infinitesimal. *Revista brasileira de Ciências*

Sociais, v. 19, n. 55, São Paulo, junho de 2004, pp. 172-176.

VENÂNCIO, Ana Teresa Acatauassú. "O diálogo entre Nina Rodrigues e Juliano Moreira: do racismo ao anti-racismo". In: FRY, Peter; MAGGIE, Yvonne; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Divisões Perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 67-73.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANNA, Luiz Werneck. Americanistas e Iberistas: A Polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, 1991, pp. 145-189.

WALLER, John. *A time to dance a time to die. The extraordinary story of the dancing plague of 1518*. Londres: Icon Books, 2009.

_____. Dancing plagues and mass hysteria. *The Psychologist*, v. 22, n.7, july 2009.

DADOS SOBRE O AUTOR



Filipe Pinto Monteiro

Doutor pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) da Casa de Oswaldo Cruz (2016), Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011); é Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Fez estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará (2022). Atualmente é Professor de História do Brasil e História Contemporânea na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Passos. Atua nas áreas do Pensamento Social Brasileiro, com ênfase no debate racial do século XIX; nas discussões sobre racismo científico como discurso abrangente entre os intelectuais brasileiros dos oitocentos; e no domínio da História Regional e Local de Minas Gerais na Primeira República.

E-BOOK

O "RACIALISTA VACILANTE":
NINA RODRIGUES SOB A LUZ
DE SEUS ESTUDOS SOBRE MULTIDÕES,
RELIGIOSIDADE E ANTROPOLOGIA
(1880 - 1906)

Este livro foi composto no formato 15,0 x 21,0 cm,
fonte Minion Pro (texto principal e títulos).
Em novembro de 2026.

Este livro se concentra nos trabalhos científicos escritos por Nina Rodrigues, muitos dos quais ignorados ou "esquecidos" pela academia ao longo do século XX. O médico maranhense viveu em um tempo de incertezas, de caos administrativo, no momento de transição da Monarquia para a República. Membro da prestigiada Faculdade de Medicina da Bahia, Nina tornou-se voz ativa entre os seus pares exigindo reformas em diversas áreas da Medicina Pública. Construiu sua trajetória profissional a partir, sobretudo, das áreas da medicina-legal e da etnografia afro-brasileira. Contudo, ele também foi o primeiro a investigar, no Brasil, manifestações coletivas complexas – como o movimento de Canudos (1893 a 1897) ou a epidemia de histeria de Itapagipe (1882) – que desafiaram o conhecimento tradicional dos oitocentos. Tomando como eixo de reflexão tais trabalhos o livro tenta desvendar o seu intricado pensamento, no qual por um lado, o racismo científico mantém-se como matriz de reflexão, mas por outro, é relativizado em diversos momentos, quando o autor entrevê na população mestiça brasileira não motivo para fatalismo, mas uma possibilidade para o progresso do país. O médico-antropólogo recorreu a uma bibliografia atualizada que chegava da Europa, em especial de autores como o sociólogo Gabriel Tarde, do antropólogo Edward B. Tylor e o criminologista Scipio Sighele, para fazer uma leitura específica e complexa da realidade brasileira reexaminada pelo autor.

ISBN: 978-65-83341-54-9

Editora zarte